3 1761 07152638 8

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

I

Figuras e scenas antigas

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54
1898

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

I

FIGURAS E SCENAS ANTIGAS

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira — editor
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1898

DP
756
G8
V.1

Typographia e Stereotypia Moderna — Apostolos, 11, 1.º — LISBOA

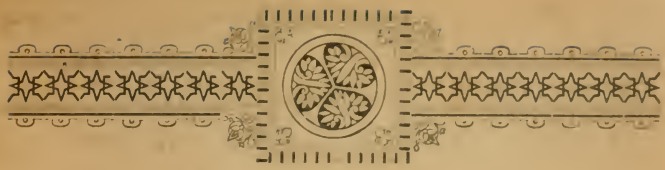
PALAVRAS EXPLICATIVAS

O presente volume é constituido por artigos que publicámos no "Correio da Manhã„ no "O Correio da Manhã„ e no "Diario da Manhã„. N'elles procurámos traçar, fugitivamente, algumas figuras e algumas scenas da "Lisboa d'outros tempos„. Para a sua confecção colhemos informações de pessoas auctorisadas, consultámos as collecções de jornaes da Bibliotheca Nacional de Lisboa, os papeis da antiga Intendencia Geral de Policia, guardados no Real Archivo da Torre do Tombo, e diversos documentos e publicações que citamos nos logares competentes.

Estes artigos, destinados ás folhas volantes do jornalismo, não podiam formar um livro que

se recommendasse pela unidade e pela ordem dos livros que obedecem a um plano preconcebido. Confessamos a inanidade do nosso trabalho. Será, apenas, um feixe de notas d'escoteiro "dilettante„ litterario em viagem pelas regiões da historia anedoctica.

Pinto de Carvalho.



I

D. João de Menezes

Falemos de D. João de Menezes. O sr. D. Thomaz de Mello contou, em tempos, no *Correio da Manhã* (em artigo de que tive a honra de receber a dedicatoria) a vida extremamente *movimentada* e alegre de D. João de Menezes. E' filho de D. Antonio Maria de Portugal Menezes, moço fidalgo da Casa Real, senhor das casas de Lavre e da Flôr da Murta, morgado de Soure e Ponte de Sôr, capitão de cavallaria, condecorado com as medalhas da guerra peninsular e d'Albuera; e de D. Anna Mafalda da Cunha, filha dos condes da Cunha. Teve um irmão, D. Antonio Pedro de Menezes, que casou com uma filha dos condes da Lapa, e que falleceu, victima da tuberculose, em 1856; e uma irmã, D. Maria do Carmo, depois marqueza de Sabugosa.

Sua mãe passou a segundas nupcias em 1834, com Martinho Teixeira Homem de Brederode, que fôra tenente de cavallaria durante a guerra peninsular, carreira que abandonou para seguir a magistratura, ex-Corregedor do Bairro Alto, morgado de Mirandella, e descendente d'uma das principaes familias transmontanas. Era uma figura distinctissima, que rivalisava com

a do barão do Pombalinho, o supra-elegante. A familia compunha-se mais: d'um irmão de Martinho, o Luiz Teixeira Homem de Brederode, juiz da Relação, do filho, Antonio Xavier, fidalgo da Casa Real e conselheiro da Fazenda, do filho d'este, o janotissimo Martinho de Brederode, e de mais duas filhas, uma casada com D. José Coutinho, e outra com o 1.º visconde da Lançada.

D'este ultimo houve dois filhos: Ignacio, depois 2.º visconde da Lançada, e Antonio, actual duque de Palmella.

Ambos elles foram officiaes de marinha, mas o segundo serviu como voluntario na armada britannica. Por occasião da guerra com a Russia fez parte da esquadra do Baltico, embarcando primeiro na nau *Prince Regent*, depois na *Neptune*, onde o almirante Laury Corry o encarregára dos signaes das esquadras, e, no anno seguinte, na fragata *Arrogant*. Assistiu ao bombardeamento das fortalezas de Bomarsund, Sweaborg, Viborg, e Frederickshann, sendo condecorado com a medalha do Baltico, *Baltic medal*, e regressou á patria em 1856. Por occasião do *ultimatum* de 1890, devolveu aquella condecoração ao governo da Grã-Bretanha.

Uma neta do abastado capitalista Ferreira Sola, um dos fundadores de S. Carlos, filha do commendador João Ferreira Sola, e pupilla do padrasto de D. João de Menezes, consorciou-se em 1856, nas Salesias, com D. Francisco d'Almeida, hoje já fallecido. D. João de Menezes casou em primeiras nupcias com Judith Rugalli, filha de Izabel Rugalli, cantora de S. Carlos em 1828, e em segundas nupcias com a filha do finado general Azevedo. O padrasto de D. João morreu em 1856, poucos dias antes da morte desastrosa do D. Alvaro Romo.

Os Menezes moravam na rua do Poço dos Negros, e occupavam o palacio chamado da Flôr da Murta, que

fôra construido por D. João V para uma das suas concubinarias. D. João de Menezes contava dez annos quando perdeu o seu importante patrimonio, que estava depositado n'um banco americano. Seu irmão D. Antonio teve, porém, um bom morgadio, hoje pertencente a seu filho D. Manuel de Menezes. Em Abril de 1847, D. João, ainda imberbe, diz adeus ás lições de latim do padre Francisco — o capellão da casa — e abala para Portalegre, indo se apresentar ao conde de Mello, ao qual acompanhou como ajudante d'ordens até ao Alto do Viso. Seu irmão D. Antonio e Lopes de Mendonça já haviam partido para Santarem. O conde de Mello communicava depois á familia dos *pequenos*, que ambos se haviam portado valorosamente.

D. João de Menezes nasceu para as lides tauromachicas n'uma tourada que o marquez de Niza deu na quinta da Foz. Pouco depois, em agosto de 1848, dava-se outra corrida no pateo da casa do conde de Vimioso, do Campo Grande.[1] Foram cavalleiros D. João de Menezes e o visconde d'Almeidinha, que se estreou; capinhas eram Bulhão Pato, o Cazuza, o irmão de D. João de Menezes, Paiva d'Araujo, o grande perdulario que casou com a celebre *cocotte* parisiense madame de Paiva, e que se suicidou em 1873 com um tiro de rewolver, o conde de Belmonte, e os dois Ferreira Roquetes; moço do curro era o escriptor Mendes Leal, e, entre os forcados, estavam José Horta e Lopes de Mendonça. Presidiu a infanta D. Anna de Jesus Maria, casada com o duque de Loulé, e dirigiu o combate o conde da Figueira. A infanta professava ideias politicas contrapostas ás de seu marido; elle era um assanhado *patuléa*, ella uma exaltada *cabralista*. A belleza da infanta sobredourava-se d'uma espantosa correcção de fórmas.

---

[1] *Memorias*. Bulhão Pato. Tomo I, pag. 109.

Durante a corrida houve dois episodios curiosos. O primeiro quando Bulhão Pato ia a collocar um par de bandarilhas n'um novilho, e o conde de Vimioso lhe gritou da trincheira: «Se marras não pico!» o que produziu hilaridade geral, porque havia ahi uma fina allusão á poesia *Se córas não conto*, que o illustre poeta acabára de publicar, e graças á qual entabolára relações com Alexandre Herculano em casa de José Estevão [1].

O segundo quando Lopes de Mendonça se arrojou, com denodo, a um garraio, e fez uma péga de cara. Mendonça feriu-se na mão esquerda, e, ao retirar-se da arena, algumas senhoras commoveram se. Não assim a infanta, que, no seu odio inveterado aos *patuléas* — porque Lopes de Mendonça era *patuléa* retinto — exclamou: — «Deixem correr, é sangue *patuléa*. Não se perde nada». Lopes de Mendonça ouviu a phrase, e commentou-a depois, ao fazer uma apreciação do divertimento, no folhetim da *Revolução de Setembro* de 22 d'agosto: — «Endurece o coração ás senhoras quando são muito repetidos... endurece! E um coração ainda mesmo que tenha palpitado uns bons cincoenta annos, deve enternecer-se, embora se faça algum esforço... Enternecem-se tantas coisas, porque se não ha-de enternecer tambem o coração?... Domesticam-se as leôas, ha até uma d'esse genero na quinta das Laranjeiras: porque não havia uma certa *leôa*, que todos nós conhecemos, uma *leôa* de lei, a unica que satisfaz ás qualidades de que resa Frederico Soulié, calar na mente uma expressão menos reflectida que lhe sahiu dos labios?... *Acommoda-te leôa!* Ha certas vozes esganiçadas que não chegam ao ceu, nem mesmo ao purgatorio, cahem na terra, na terra que é a morada dos peccadores, e dos pobres de espirito!... Triste leôa! em breve gosarás da immortalidade do

---

[1] *Revista Contemporanea*. Tomo I, pag. 549.

leão de Lafontaine que se deixou açaimar... e desdentar... por amor! E quem amou, e quem ama tanto, não devia ser tão feroz...»

A dama de sangue azul revoltou-se contra a transparente allusão, e correu, segundo se contava, a casa de seus dois genros, os condes de B. e de L, a quem pediu para a desaffrontarem. Foi ao ultimo que tocou, em sorte, esse espinhoso encargo, e, encontrando Lopes de Mendonça, liquidou a questão n'uma scena de pugilato. [1]

*

Em 1848 organisou-se uma commissão formada por José Estevão, Anselmo Braamcamp, Teixeira de Vasconcellos, Vital Pereira Forjaz, e D. Alvaro Romo, commissão que tinha por fim promover um beneficio a favor das familias dos *patuléas*.

Decidiram dar uma tourada no Campo de Sant'Anna, a qual se realisou em 13 de junho com os seguintes lidadores: cavalleiros o conde de Vimioso e Victo Moreira; bandarilheiros Bulhão Pato, D. José de Mello e Castro, o *Cazuza*, Luiz Maria Telles de Mello, M. Rodrigues Martins, F. Monteiro Grillo; forcados José Horta, Luiz Forjaz, Teixeira Mourão, Gomes Belford, Luiz Soares, A. J. de Sousa Almeida; moços de curro D. Alvaro Romo, Augusto Talone, D. T. de Carvalho, Luiz Aranha, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, irmão de José Estevão, F. Raposo Espragosa, Lobato Pires: moços de touril Francisco Carneiro Zagallo, e D. Luiz de Mello e Castro; netto Antonio do Canto e Castro, e andarilhos. Dirigiu a corrida o barão d'Almeirim. Annunciava-se, porém, mysteriosamente um intervallo.

Depois de ter brilhado o conde de Vimioso, que, dizia Lopes de Mendonça, nunca foi tão feliz, excedeu a

---

[1] *Memorias*. Bulhão Pato tomo I, pag. 117

propria reputação,—depois de Luiz Forjaz ter realisado uma magnifica péga de cara, e José Horta uma péga de cernelha, entraram na arena D. João de Menezes e D. José de Mello e Castro, *O Cazuza*.

Ambos vestiam d'Alcides com *maillot* côr de carne. O de D. João de Menezes desenhava-lhe perfeitamente as fórmas belvederianas, que se viam tremer como gelatina a cada esforço empregado. Do hombro esquerdo pendia-lhe uma pelle de leopardo.

A sua figura cesareana, a sua correcção linear, o seu perfil, a um tempo delicado e energico, como os perfis de certos imperadores romanos gravados nas medalhas antigas, a sua pallidez que lembrava a do colorido de Ribera, feriam a attenção publica. O ceu azulejava n'uma pulverisação de luz como um ceu de missal miniaturado n'uma folha de ouro, as notas metallicas da banda morriam no ar quente e pesado da tarde, e, nos camarotes, as senhoras remexiam-se impacientes, as meninas apontavam os binoculos com um geito petulante e ávido.

O grande armorial, que correra ao appello, estylava, n'uma afinada elegancia de parisianismo, as frescas *toilettes* da Levaillant, da Lombré, d'Aline, da Elisa, d'Adéle, e, sobre os cabellos em bandós puritanos — como os das virgens dos modernos pintores symbolistas — anediados pelo Baron, pelo Huguet, pelo Henry, floriam os chapeus de palha com plumas e as mantilhas á hespanhola; o *blanquet* e o branco perola das carinhas aristocraticas vozava ao sopro dos leques sabiamente manejados como os das heroinas de Molière.

E esse sportivo divertimento nacional — que é a glorificação da força alliada á destreza, como os jogos olympicos na antiga Grecia — tambem soube fallar aos espiritos subtis, ás naturezas delicadas.

D. João de Menezes montava um cavallo em pello, e as redeas consistiam n'uma simples fita de seda dando volta na lingua do animal.

Substituamos agora a nossa prosa hirta, desenxa-

bida, pela prosa malleavel, scintillante de D. Thomaz de Mello: — «A vozearia emmudeceu como por encantamento. O sobresalto e a surpreza calaram o espectador. Dir-se-hia que o receio de os perder de vista um só momento lhes impedia o recebel-os em ovação. N'um recolhimento intimo, só havia olhos para os admirar! De repente, um bravo estridulo e prolongado de Domingos d'Ardisson despertando-os d'aquelle extase os chamou á vida para immediatamente irromperem n'uma salva de palmas unisona e prolongada. Picaram brilhantemente; a ovação foi enorme! De um lenço bordado enleando um ramilhete de rosas e que foi bater no peito de D. João de Menezes, a quem fôra dirigido, me recordo eu; e melhor ainda a pessoa que lh'o atirou!

«Olhos negros e pisados que n'esse instante choravam de commoção, que é feito do vosso mysterioso poder? Brancas mãos pequeninas que palmeavam tontas d'amor e d'enthusiasmo, que é do branco rosa da vossa cutis? Coração que tão seu foste, em que ninho de corvos palpitam hoje as vossas arterias? Doce visão d'aquelle tempo de ouro, sumiste-vos da terra para o seio do desconhecido? Não; vives, dormes, alimentaste, e a tua figura esbelta e franzina, tomando depois proporções avantajadas, serviu, ha poucos annos ainda, para o modelo do chocolate Mathias Lopez — *despues de tomarlo.*» (1)

Gentil-homem em toda a extensão da palavra, valente como poucos e elegante como nenhum, tornou a picar n'uma tourada no campo de Seteaes, em Cintra, em setembro de 1853. Trajava á Luiz XIV, e, certamente, aristocrata algum, desde o grande Condé ao duque de Beaufort, ostentaria mais garbo, mais gentileza, ninguem manejaria com mais arte o seu ginete.

---

(1) Artigo do sr D. Thomaz de Mello, publicado no *Correio da Manhã*, de 14 d'agosto de 1893.

A cabelleira empoada moldurava-lhe artisticamente a physionomia, em que havia a suavidade de traços da de Luiz XIII, os seus olhos de meridional scintillavam mais ardentes quando fitavam o touro.

Era uma figura de Van Dyck sahida viva do seu quadro, affirmava um folhetinista.

Não o podemos comparar com os cavalleiros actuaes, porque tambem, seja-nos licito dizer, não se compára a Venus de Millo com a primeira femea que nos apparece.

No dia immediato ao da corrida, o pintor Petit tirou-lhe o retrato a oleo, que existe hoje em poder da familia Villa Real.

D. João de Menezes e o conde de Vimioso ainda serviram como cavalleiros nas touradas do campo de Seteaes em 4 e 5 de setembro de 1855, a que assistiram D. Pedro V e D. Fernando. Serviu de *netto* o José Pedro Nunes.

D. João de Menezes e o *Cazuza* eram, depois do conde de Vimioso, os melhores calções. D. João possuia tal denodo e pericia, tal graça e correcção na arte da gineta applicada ao toureio, que, decerto, fariam estremecer os manes do marquez de Marialva, que foi o typo dos picadores e toureiros, como dizia o marquez de Rezende.

Ninguem monta agora com mais *aisance*, nem mesmo os mais abalisados amadores sportivos, cujos lazões galopam elasticamente na Avenida das Accacias ou em Rotten-Row. Nos salões sabia alliar a doçura requintada de Céladon á malignidade espirituosa de Scapino. E conhecia, em tanta maneira, o suave itinerario do *pays du tendre*, decifrava com tanta subtileza os enygmas galantes, que, se vivera no seculo XVII, mademoiselle de Scudéry disfarçal-o hia n'um personagem do seu vaporoso romance *Clélia*, e madame de Rambouillet abrir-lhe-hia, de par em par, as portas do seu salão azul na rua de Saint-Thomas du Louvre.

A D. João de Menezes nem mesmo lhe faltou a rubra nota bellica do duello. N'um baile dado em casa de D. Antonio da Camara appareceu a linda A. F., encantadora como as princezas da côrte de Luiz XIII, perturbante como as modernissimas parisienses de Gyp, d'uma suggestividade endiabrada como as *soubrettes* de Marivaux, o subtil analysta « que pesava, preciosamente, nadas em balanças de teias d'aranha.» D. João e D. Luiz d'Andrade, um hespanhol, sentiram os corações tomados d'assalto, os nervos tocados como por caricias electricas. Ambos disputaram a preferencia, e, d'este conflicto d'amores, derivou um duello. Cruzaram as bellas laminas de Toledo, e D. João, que conhecia tão a fundo a esgrima da espada como a esgrima do *flirt*, feriu o adversario. *Amour! amour! quand tu nous tiens...*

*

Abordamos agora uma ordem de acontecimentos em que D. João tem, mais uma vez, occasião de manifestar as suas tendencias de combatividade, o seu temperamento vulcanico de peninsular. Em 1854 appareceram em S. Carlos as dançarinas francezas Lisereux e Fleury.

Menezes foi o capitão da hoste que defendia Fleury, a flor viva. Affirmava-se até que a sympathia de Menezes encontrára echo no coração da deliciosa bailarina. Lisereux era o *tacquetè* gracioso e agil, Fleury o *ballonné* rasgado.

Damos agora a palavra a Lopes de Mendonça: — «Mademoiselle Lisereux é uma fada, é um *feu-follet*, é o Tribly de Charles Nodier, e quando deslisa pelo palco, agitando graciosamente os braços, e descrevendo curvas caprichosas no saltitante compasso de dois pésinhos feiticeiros, sente-se crescer a vontade de a apanhar, como uma borboleta que adejasse sobre as flôres d'um jardim... Mademoiselle Fleury fórma um perfeito contraste com a encantadora dansarina. Mademoi-

selle Lisereux approxima-nos das candidas superstições da Edade-Media; mademoiselle Fleury das ridentes invenções da mythologia. Uma podia beber na fonte dos leões da phantastica Alhambra; a outra, com o seu busto altivo e magestoso, com o seu corpo esbelto e arrogante, podia offerecer a amphora aos labios sequiosos de Pericles ou Alcibiades, os dois grandes *roués* da antiguidade.»

Na epocha de 1855-1856 veiu o mesmo corpo de baile do Saint-Léon, mas a Lisereux e a Fleury já não despertaram o mesmo enthusiasmo, porque a maioria dos suffragios coube á Lequine e á Clavelle. No entretanto, deu-se um duello á pistola entre o Pedro d'Alcantara Gomes Fontoura e mr. Puig, director do jornal de theatros *Lutin*, que tinha como redactor a João Ferreira Alves. Fontoura, porém, a quem coubera a sorte d'atirar primeiro, negou-se a fazel-o.

N'essa mesma occasião esteve imminente outro duello entre D. João de Menezes e o Pires, director do *Seculo*, provocado por um artigo d'este contra a Fleury. Este jornal quebrava lanças pela Clavelle. A formosura e as formas opulentas das bailarinas — um bando de francezas appetitosas — despertaram grandes enthusiasmos, e a tal grau subiram, que a auctoridade, indignada, quiz ordenar que as dançarinas... usassem calças.

Onde estão agora as pateadas ruidosas de S. Carlos, os raptos atrevidos de dançarinas, as aventuras galantes de bastidores, os rasgos de bravura? A rapaziada modernista apresenta a linha esticada da elegancia, cavalga — com mais ou menos correcção — os puros sangues de estampa rara, dança solertemente o *pas de quatre*, e tambem sabe admirar, com a admiração de feminista, as carnações nevadas entrevistas sob sedas de *frou-frous* lascivos; mas falta-lhe a veia engenhosa, a graça espumante, o masculo espirito da aventura, a petulancia sanguinea, o musculo acerado, a decisão energica e rapida, a arte d'ousar, como diria Mirabeau.

*

Temos ainda um derradeiro traço da audacia de D. João de Menezes. Veiu a Lisboa fazer umas ascenções aereostaticas Madame Bertrand Senges. Pouco tempo depois appareceu o aereonauta Mr. Poitevin, que em 16 de novembro de 1857, anniversario natalicio de D. Pedro V, realisou a primeira ascenção na praça do Campo de Sant'Anna. Mr. Poitevin perguntou se havia alguem que quizesse partir com elle para o sereno azul. D. João de Menezes, que assistia ao espectaculo, desceu á arena, e diz D. Thomaz de Mello, «levantou a perna esquerda, depois a direita, e entrou para o cesto, com a mesma serenidade de animo com que entravamos á noite para os cestos do balanço na Floresta Egypcia». Acompanhou-os Madame Poitevin, que baixou n'um pára-quedas sobre a quinta do *Esteiro Furado*, na Outra Banda. O balão foi cahir na quinta de Rangel de Quadros, no sitio de Sarilhos Pequenos, perto de Aldegallega. Mr. Eugenio Poitevin publicou depois uma carta na *Revolução*, na qual, descrevendo o seu passeio pelas regiões sidereas, diz: — «em todos os periodos d'esta admiravel viagem aerea, que foi frequente em todos os generos d'emoções, o sr. D. João de Menezes, meu nobre e intrepido companheiro de viagem, portou-se com um sangue frio e com uma tranquillidade de coração e de espirito, que honram o caracter d'um nobre e portuguez». Na segunda ascenção já houve mais quem quizesse acompanhar Mr. Poitevin. Foram os dois irmãos Assis: um, alferes de caçadores 5, e outro, segundo tenente de marinha. Mas este atemorisou se e, a meio do rio, desceu sobre um mastro da barca *Figueiredo*. Na terceira ascenção Mr. Poitevin foi montado n'um touro.

D. João de Menezes perdoou sempre, magnanimamente, todas as offensas que o visavam; para elle, eram como aquellas coisas minimas, de que o pretor romano não se occupava.

Tal foi o summo elegante *de la nuque au talon*, o esgrimidor de nervos vibrateis a todas as notas do heroismo, o amoroso de grande sensibilidade cardiaca; tal foi o janota de fibra leonina, cujos feitos deveriam ser descriptos em phrase lapidada como um brilhante, e que hoje, creio bem, ha de sentir os olhos lustrados de lagrimas ao desenrolar-se, em quadros prismaticos, o formosissimo panorama da sua recordação; mas que ha de sorrir ao encarar o enfatuado *gommoso*, que, coitado, enfreia a phantasia, e gandaia n'uma mediocre elegancia de meias tintas, de *nuances* mortas, d'apagamento...

II

José Vaz de Carvalho

José Vaz de Carvalho era um dos maiores combatentes de S. Carlos. Tambem era um dos mais intrepidos. Teve dois duellos. O primeiro com um tenente de cavallaria chamado Joaquim d'Athayde, por alcunha o *Mouco*, da familia dos Athaydes, de Leiria. Esgrimiram no Campo Grande, sendo padrinhos o Domingos Ardisson e o João de Sá, irmão do marquez de Sá. José Vaz cahiu redondamente, ferido com um golpe de sabre na cabeça, e o ferimento gravissimo levou-o á beira da sepultura. O segundo duello teve um equivoco por causal. Havia uma segunda bailarina de S. Carlos, a A., prima da actriz C. F., que, se não se distinguia pela arte, distinguia-se pela sua boniteza d'anjo cahido do céo n'uma cambalhota.

A intuição esthetica de José Vaz propellia o a admirar, não a bailarina, mas a mulher, a *croqueuse de cœurs*, cuja serenidade de linhas brilhava sob os flammejamentos do gaz, cuja cabeça airosa merecia o argentino capacete alado das walkyrias, cujos pésitos japonezes documentavam um afinamento de raça.

Uma noite, após a distracção plastica do bailado, quando a massa das casacas negras applaudia as pi-

ruetas academicas, a agitação tumultuante de pernas torneadas e de braços roliços e alvos como braços de bébé, o encanto synthetico d'um grupo de mulheres decorativas, — ouviu-se o ruido secco d'uma bengala ferindo o sobrado. Era o hespanhol D. José Urquiola, capitão negreiro, que chegara a Lisboa no dia anterior, e que applaudia á ingleza, isto é, batendo com a bengala no chão. Este successo intercorrente aziumou Vaz de Carvalho; suas faces tocaram-se do pallido brilho que dá a inquietação. Voltando se para traz, perguntou ao negreiro qual o motivo por que pateava.

O capitão respondeu que estava no seu bom direito, e que, portanto, não tinha satisfações a dar. Então, José Vaz, n'uma fervura de sangue, n'uma guina colerica, escarrou-lhe na cara. O capitão tirou o lenço da algibeira, e, vagarosamente, limpou a cara, ao mesmo passo que os nervos se lhe crispavam como os d'uma rã galvanisada, que uma baba raivosa lhe espumava nas commissuras dos labios impotentes, e que os zygomaticos se encarquilhavam com a violencia do odio.

O acontecimento produziu enorme sensação na sala. Assistia ao espectaculo a familia real, o Alcalá Galiano, ministro de Hespanha, o Ulloqui, consul de Hespanha, e a sr.ª Ulloqui, uma estremada belleza, que passou com esplendor meteorico pelo firmamento da elegancia lisbonense, mas que, apesar da fugacidade, apaixonou loucamente um homem que era uma das aguias da tribuna e da politica nacionaes. Incidentalmente diremos que o Ulloqui foi transferido de Lisboa para a Haya, na qualidade de ministro plenipotenciario, mas o governo provisorio que se seguiu á revolução de 18 de setembro de 1868, apeou-o de seus cargos e honrarias, e Ulloqui morreu pobre, vendo-se sua mulher na triste necessidade de estabelecer um hotel em Vigo, onde ainda residia ha poucos annos.

Quando findou o espectaculo, D. José Urquiola pediu ao sr. D. Luiz Breton y Vedra — dignissimo consul do

Mexico —, e a João Blanco, aos quaes elle apenas conhecia de vespera, para lhe servirem de testemunhas n'um duello de morte com o José Vaz. Este, por seu turno, nomeou o sr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, e outro cavalheiro. O hespanhol queria o combate a pistola e a distancia das pontas de lenço. José Vaz declarava, com admiravel desgarro, acceitar todas as condições. As testemunhas consultaram o sr. D. João de Menezes e o marquez de Niza, e foi em casa do primeiro — então morador na travessa da Parreirinha, defronte do Gremio Litterario — que todos se reuniram. Ahi combinou-se que o duello seria a rewolver de seis tiros, que os combatentes dispararíam successivamente. Taes condições, porém, soffreram alteração, e o combate á pistola realisou-se na manhã seguinte em Valle de Pereiro. A José Vaz coube a sorte de atirar primeiramente. Este, cuja galhardia pleiteava compitas com a sua generosidade, disparou o tiro para o ar, não obstante o hespanhol insistir, tenazmente, para que o matasse. Referiu-nos o sr. Breton y Vedra que o hespanhol depositou, previamente, nas suas mãos uma bolsa com 25 onças d'oiro, prevenindo o caso de elle ficar ferido ou morto, e tornar-se preciso fazer despezas.

No momento da reconciliação, Urquiola tirou algumas balas que levava na algibeira, e deu-as a José Vaz, dizendo :— *Guarde usted estas balas, pues aun le pueden vir a ser necessarias.*

O capitão viera a Lisboa afim de receber cartas recommendatorias para a Africa.

*

Já que estamos em maré de casos tetrico-galantes, contaremos outro acontecido com o marquez de Niza. Chegara a Lisboa um homem, que se intitulava conde de Nain, e era casado com a filha de uma franceza que vivia com o Claranges Lucotte, o primitivo concessionario do caminho de ferro de Cintra.

A tal condessa era um bonito exemplar do aquarium parisiense, e o marquez de Niza, que, em questões amorosas, era opportunista, decidiu confiscal-a em seu proveito.

Del dicho al hecho hay gran trecho, diz o proverbio castelhano. Mas este proverbio não tinha significação para o marquez de Niza, que conhecia bem o instante psychologico em que as mulheres cahem... como as folhas no outomno. Tomada a resolução, pol-a immediatamente em pratica, refugiando-se no hotel Victor, de Cintra, onde a Leda se abandonou ás caricias d'aquelle cysne... do Chiado. O francez, sabedor da *catastrophe*, correu áquella localidade. e quando o Niza esperava que lhe viesse propôr um duello, vinha, simplesmente, propôr-lhe uma *transacção.* A transacção fez-se, e a mulher foi cedida... por um conto de réis.

Ella, por seu lado, não se amotinou com a prosa da grosseirona combinação commercial, que lhe trazia a poesia tangivel dos diamantes e dos setins. O cingulo dos seus abraços, o viatico dos seus beijos, as incandescencias do seu olhar, sagravam um amor eterno. Por morte do marquez de Niza, a franceza voltou a Paris, onde falleceu em circumstancias muito precarias.

Temos agora um outro relance de temeridade de José Vaz de Carvalho. Viera a Lisboa um luctador, Mr. Charles, que se propunha mostrar a tenacidade do seu biceps herculeo a quem desejasse medir forças com elle. O Hercules — que era simplesmente um burlão — tratou d'ensaiar as arlequinadas a uns quatro ou cinco mariolas, n'uma sala do hotel Europa, em que se hospedava.

Os pobres homens receberam a lição, competindo ao Antonio Serrate — que fazia parte da companhia da Tournour — o deixar-se cahir no momento aprazado. Este levava mascara.

A sessão annunciou-se para a praça do Salitre, e o

luctador offerecia um conto de réis a quem o derrubasse.

O dinheiro foi entregue á guarda dos srs. D. João de Menezes, João Blanco e Jorge O'Neill, que estavam n'um camarote. O obeso mr. Charles — cujo pizar brutal estremecia o chão, como succedia com o gladiador romano que passava n'um fremito d'aço — paspalhou a sua força e... a sua arte; os chamôrros apanharam a tareia... do contracto. O publico, porém, não deixou bigodear assim a sua credulidade, e, quando findou o espectaculo, fez enorme assuada ao homemsinho, que retirou n'uma tipoia de praça acompanhado de José Vaz. Quando chegaram ao Rocio eram seguidos por mais de duas mil pessoas. Então, José Vaz lançou-se fóra da carruagem, que se esgueirou com mr. Charles, estadeando os seus grandes ares senatoriaes e os seus bigodes imperativos, emquanto aquelle arrostava, com desplante, as investidas ferinas do lebréo popular, que, infallivelmente, o espatifava, se não acodem algumas patrulhas de cavallaria municipal. N'essas epocas barbaras — em que não se improvisavam heroes — os casos d'este jaez não soiam voar ás orelhas circumspectas da Baixa nas azas da prosa esmaiada da reportagem.

Annos depois, mr. Charles voltava aqui, a expôr uma mulher de grandes barbas propheticas, que Lisboa em pezo corria a admirar nas lojas do palacio Regaleira, a S. Domingos. O sr. D. João de Menezes reconheceu o farçante — embusteiro como um politico — e foi então que este lhe pediu para não divulgar... a metamorphose que havia soffrido!

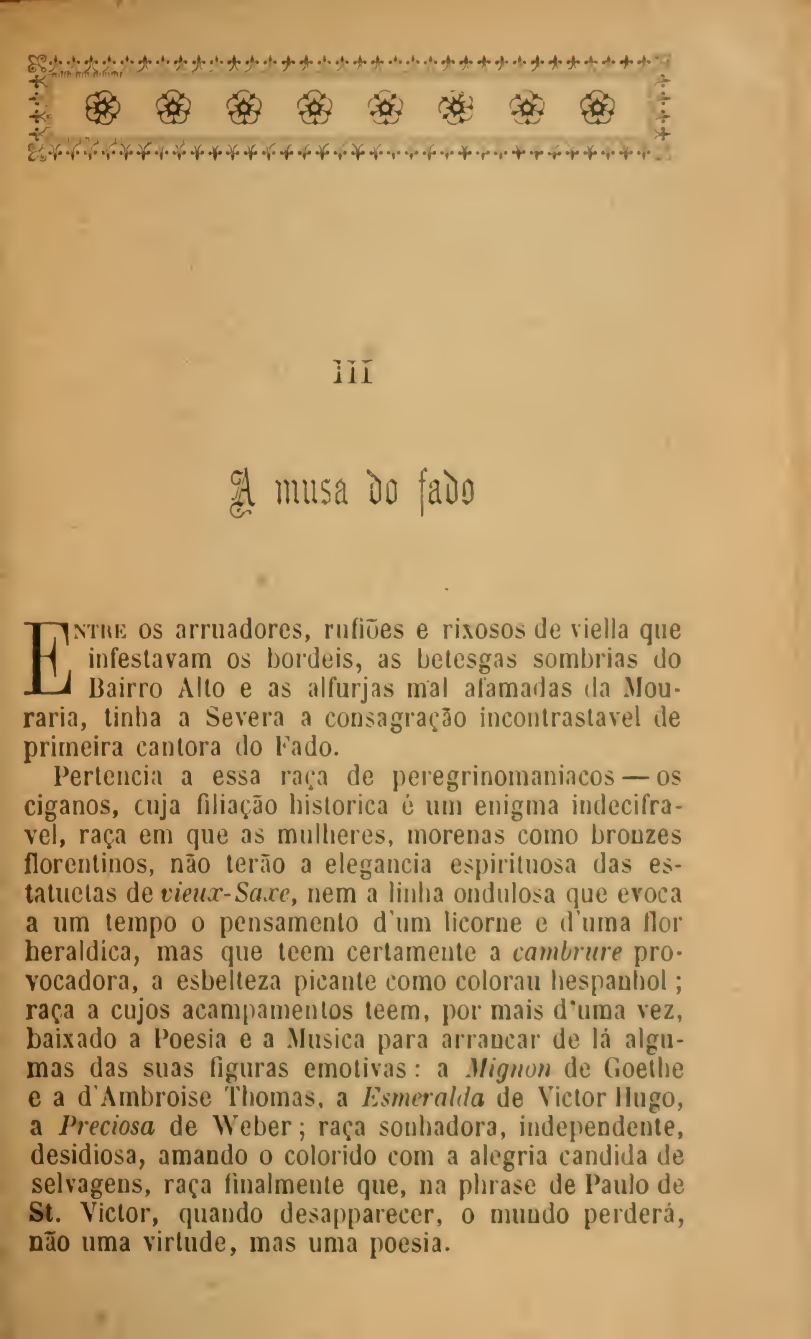
*

José Vaz de Carvalho não viu fluir a vida no quietismo amollentador d'um buddha bochechudo, pachor-

rentamente occupado na contemplação extatica do seu umbigo.

Foi um façanhoso, quebrando os musculos em combates multiplicados e violentos; um arrebatado, gastando os nervos em percorrer, d'alto a baixo, toda a gamma das sensações; um forte, cujas veias, palpitantes d'ardente vitalidade, nunca foram viciadas pelos microbios virgulados do receio ou da poltroneria. Morreu moço.

Mas o lugubre cortejo das desillusões ainda chegou a tempo de lhe fazer a sua visita.



III

A musa do fado

Entre os arruadores, rufiões e rixosos de viella que infestavam os bordeis, as betesgas sombrias do Bairro Alto e as alfurjas mal afamadas da Mouraria, tinha a Severa a consagração incontrastavel de primeira cantora do Fado.

Pertencia a essa raça de peregrinomaniacos — os ciganos, cuja filiação historica é um enigma indecifravel, raça em que as mulheres, morenas como bronzes florentinos, não terão a elegancia espirituosa das estatuetas de *vieux-Saxe*, nem a linha ondulosa que evoca a um tempo o pensamento d'um licorne e d'uma flor heraldica, mas que teem certamente a *cambrure* provocadora, a esbelteza picante como colorau hespanhol; raça a cujos acampamentos teem, por mais d'uma vez, baixado a Poesia e a Musica para arrancar de lá algumas das suas figuras emotivas: a *Mignon* de Goethe e a d'Ambroise Thomas, a *Esmeralda* de Victor Hugo, a *Preciosa* de Weber; raça sonhadora, independente, desidiosa, amando o colorido com a alegria candida de selvagens, raça finalmente que, na phrase de Paulo de St. Victor, quando desapparecer, o mundo perderá, não uma virtude, mas uma poesia.

A Severa, uma *Venus Vulgivaga*, cuja vida se desenrolou sem as saudades lancinantes do *hontem*, nem as preoccupações tormentosas do *ámanhã*, era bem o purissimo producto d'aquella raça bohemia, em que a mulher parece haver soffrido no berço a mordedura da cantharida.

Vivendo na atmosphera ardente do vicio como a salamandra póde viver entre chammas, a ella caber-lhe-hia á maravilha o proverbio arabe, que diz ter a mulher espirito d'azougue e coração de cera. Conseguiu facilmente uma celebridade popular, não só de momento, mas que logrou a consagração do livro, e que se perpetuou pela tradicção oral e pelo seu *fado*, um dos mais correctos e tocantes. Em volta do seu nome condensou-se a caligem d'uma legenda fadista, coisa que esteve muito longe de consegnir qualquer das notabilidades congeneres suas contemporaneas ou que lhe succederam, como foram: a Joaquina dos Cordões, a Scarnichia, a Conceição Capellista ou *madama Ostra*, a Amalia Bexigosa, a Anna da Touca, o Cavallo Ardente, e outras estrellas de lupanar.

Era d'altura regular, magra, nervosa, o porte altivo, morena sem resaibos de bismutho ou vermelho vegetal, olhos de diamante negro dardejando raios que nos envolviam como uma onda de luz excitante, cabellos em caprichosas volutas attrahentes como uma pavêa de peccados, os labios repuxados pela *smorfia* zombeteira, cantando em todos os tons, sob a embriaguez torturante dos beijos, a Marselheza do amor illicito. Desconhecendo por completo o uso dos velludos, dos setins laminados d'espelhamentos e a sabia esgrima do leque, trajava ampla saia de chita, lenço de ramagens na cabeça, chinellas de polimento, e, quando engrifada e arremangada, era das que não tinham papas na lingua,

Pas bégueule
Fort en gueule,

tal qual a Senhora Angot.

Batia o *fado* com petulancia nervosa, gesto lascivo, uma graça tão pessoal, que ninguem em tempo algum a igualou, assim como nunca tiveram substitutas aquellas formosas dançarinas Jonias, filhas de Mileto, tão gabadas na antiguidade, nem as dançarinas de Herculanum ou Pompeia, que apparecem nos vasos artisticos destacando brancas d'alabastro sobre fundo d'azeviche, os pés resaltando como frechas d'aço sobre folhas de marmore, os braços recurvos como ansas, acompanhando os movimentos choreographicos com crotalos d'ouro, nem mesmo, pela sua graça serpentina, as filhas da velha Cadix outr'ora levadas a Roma, e tão elogiadas por Marcial e Petronio.

De guitarra na mão, improvisando com pasmosa facilidade no seu calão pittoresco, bem adubado de sal e pimenta, arregalando os olhos como se estivera sob a acção da atropina, voz melancholica de meio soprano, a Severa, essa *diva* do Bairro Alto, cantava todos os fados, desde o *rigoroso* ao mais *variado*, mas com tantissima arte, com um tal sainete, ferindo tão delicadamente a nota azulina do sentimentalismo vadio, que toda a gente parava a escutal-a, quer estivesse nas hortas reclinada sob as latadas de pampanos, que deixam entrever losangos de cobalto, ou sob os castanheiros coando resteas de sol pela trama da ramaria, quer fôsse nas esperas de touros onde apparecia montada á garupa, quer abancasse nas espeluncas sombrias entre goliardos pelintras, quer quebrasse o silencio das ruas escusas do seu bairro, garganteando com *fiorituri*, onde pareciam voar spasmos d'amor, paroxismos de febre erotica:

Tudo quanto o fado inspira
E' o que só me entretem;
Pois quem do fado se tira
Não sabe o que é viver bem.

E essa quente melodia ensombrada de tristezas, que

parece dar á nota um perfume de saudade e ao peito um suspiro de amor, despertar no espirito um cardume de sensações adormecidas, derramar sobre as palpebras cerradas o pó d'ouro dos sonhos suggestivos, commovia intensamente, fazia encontrar a extremidade d'aquelle novello de linha a que se refere Goethe nas *Affinidades Electivas*, e que cada um traz no fundo da sua alma...

O seu pendor naturalmente trocista levava-a a alfinetar as proprias collegas; a sua zombaria, em que vivacidade e audacia se davam gentilmente a replica, fez correr muitos fios de perolas em faces de nacarrosa.

Assim mimoseou duas amigas com estas quadras improvisadas:

Eu já vi n'uma tourada
A Joaquina dos Cordões,
Mal viu dar dois trambulhões
Ficar logo desmaiada! [1]

Um ratão dado ao deboche
E do fadinho já farto,
Encontrou a Scarnichia
A' porta, no Bairro Alto.

Adorava em extremo a arte tauromachica, mas não adorava menos o seu eximio cultor, o conde de Vimioso, que lhe pagava na mesma moeda. Este glorioso triumphador do *redondel* despertou uma paixão tão forte n'aquella flor do monturo, que ella o acompanhava obediente, cantando a seu lado toda a gamma das voluptuosidades, como os prisioneiros acompanhavam em Roma as quadrigas de marfim e ouro que conduziam os vencedores á sagração do Capitolio.

---

[1] Folhetim do sr. Alberto Pimentel, publicado no *Diario de Noticias* de 12 de julho de 1893.

Uma congestão poz termo áquella vida devassa e turbulenta. A Severa morreu com vinte e seis annos apenas. A musa popular apoderou-se d'ella e cantou-a, assim como os amores d'essa Manon com aquelle Desgrieux:

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu.
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Frisava tambem o profundo sentimento que o conde de Vimioso experimentara ao saber da morte da sua amada:

O conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu.
Quando lhe foram dizer:
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura
O seu corpo ainda vê:
Adeus, oh! minha Severa,
Bôa sorte Deus te dê!

Celebrava a benemerencia, a pericia com que ella batia e cantava o fado:

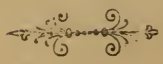
Lá n'esse reino celeste
Com tua lanza na mão,
Faras dos anjos fadistas,
Poras tudo em confusão.

Até o proprio S. Pedro
A' porta do ceu sentado,
Ao vêr entrar a Severa
Bateu e cantou o Fado.

Finalmente relatava o pesar que ia nos arrayaes da fadistagem pela perda d'aquella figura insubstituivel:

Ponde nos braços da banza
Um signal de negro fumo,
Que diga por toda a parte
O Fado perdeu seu rumo.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa se finou,
O gosto que tinha o Fado
Tudo com ella acabou.



IV

Duarte de Sá

Duarte de Sá, *calembourista-mór* d'estes reinos, nasceu em 1823, e fez a sua educação em Paris. Filho de Duarte Cardoso de Sá, tambem acirrado cultor do *calembourg* e da arte dramatica, mais uma vez confirmou o antigo proloquio—filho de peixe sabe nadar.

De volta a Portugal e sendo o que podemos dizer —um bonito rapaz, cantando com um impeto meyerbereano a cavatina da juvenilidade, alistou-se, com o seu carcaz attestado d'epigrammas, sob os estandartes relumbrantes dos *strugglifers* de salão, e viveu na intimidade dos mais illustres membros do patriciado litterario: Castilho, Mendes Leal, Silva Tullio, Antonio Pereira da Cunha, e Garrett, quando este escrevia o *Frei Luiz de Souza*. A sua distincção afinada até ao aristocratico, e os seus olhos arabes grangearam-lhe muitas *bonnes fortunes* no tempo em que a mulher nacional não fazia do coração mealheiro para toda a homenagem sonante, desconhecia o *chic*, esse apanagio das raças finas, e nem sequer sonhava com a sciencia d'orchestração wagneriana da grande opera do *Amor moderno*...

O pae de Duarte de Sá habitava na quinta do Pinheiro, a Sete Rios, onde deu famosos saraus dançantes, e onde fizera construir um theatro, que pleiteava compitas com o das Laranjeiras, cujo proprietario, *grand veneur* da Moda, dava n'esse momento a nota crepitante do fino gosto no meio d'aquella sociedade um tanto aferrada ainda ao hieratismo glacial da velha tradicção elegante, mas desartificiosa, forte de varonilidade sem alarde, tão outra da sociedade epicurista que para ahi se esphacela no bandalhismo pelintra, no sportismo parrana, e no torpe realismo das morbidas volupias perfumadas a *parisina*, brilhando no falso luzente da gala espalhafatosa, para illudir ao longe, como as pinturas theatraes. Se a primeira pertence á historia, a segunda, arvorando em principio inquebrantavel o *truc for life*, entrará, quando muito, no dominio da anedocta.

Quando, em 23 de fevereiro de 1843, o conde de Farrobo deu nas Laranjeiras a grande festa dedicada a D. Maria II, D. Fernando, e imperatriz D. Amelia, festa para a qual até mandou vir creados de Paris, subiu á scena n'esse theatrinho a opera *Duque d'Olonne*, de Auber, onde já o Duarte de Sá teve um papel. Mezes depois, a 4 de julho, dava-se *em primeira* no theatro do Pinheiro, o *Fr. Luiz de Souza*, ensaiado pelo proprio auctor, que n'isso muito se comprazia. A Duarte de Sá coube o papel de *Miranda*.

O *Fr. Luiz de Souza* foi escripto para a Emilia das Neves, que nunca chegou a represental-o, do que o auctor se lamentava.

Duarte de Sá foi o primeiro que, em Portugal, representou scenas comicas, para o que elle possuia um largo taiento d'actor-imitador, e Paulo Midosi quem primeiro as escreveu. As derradeiras vezes que representou foram nas duas ultimas recitas, que se deram nas Laranjeiras. Levaram em francezas *Pattes de Mouche*, de Sardou, uma deliciosa *bluette* que mais tarde subiu á scena em D. Maria II com o titulo *Por causa d'uma*

carta. N'essa comedia finissima, em que a alegria salta como o Champagne d'uma garrafa Clicquot, encarregaram se dos papeis de damas Madame Olga de Katackasy — esbelteza imperial, e Madame de Hortega, cuja formosura mereceu as mais apaixonadas arias aos tenores da chronica, e obrigou os alfagemes da litteratura mundana a açacalarem as espadas de peleja nos *mentideros* folhetinisticos.

Como diziamos, Madame Olga encarregou-se d'um papel, o mesmo feito depois pela mallograda Manuela Rey, esse vigoroso talento artistico que tão admiravelmente percorria a gamma do sentir humano.

Longe de possuir as aptidões d'esta, Madame Olga afivellava ainda assim com alguma distincção a mascara livida de Melpomene ou a mascara *fardé* de Thalia, e tinha uma tal gracilidade elastica de franceza á Meilhac, uma elegancia graphica de parisiense á Roqueplan, que lhe careavam sympathias, e que, em suas graciosissimas evoluções sob a nervosa perquisição binocular, obrigavam a não mais olvidal-a, como immorredoira se converte a lembrança d'uma linha energica de Velasquez, ou da eurythmia d'um contorno esculptural de Praxiteles. Se estivera liberta de todos os liames, livre como a livre Grã Bretanha, mais d'um herdeiro de nobres raças deporia a seus pés o brazão dourado, mais d'um principe altaneiro repetiria de boamente o bolero francez:

Ah! si j'étais le roi d'Espagne
Tu serais reine sur ma foi!

Duarte de Sá teve nas *Pattes de Mouche* o papel de excentrico da peça, o mesmo que o actor Santos depois desempenhou. N'esse, como em qualquer *bout de rôle*, sabia dar a nota nacarina da sadia alacridade.

Quando em 1850 elle ensaiou duas peças no theatro de D. Fernando fez prodigios; e attrahiu meia Lisboa ao Gymnasio quando ahi levou uma pecita *Os trabalhos*

em vão, que delicadamente se balançava sobre o *calembourg* como em fulcro de diamante. Escreveu e imitou varias peças apostilladas pela sua graça pessoal, que repulsava os ataques importunos da melancholia, compellindo os espectadores a rirem ás escancaras como as queixadas *réclames* ás portas dos dentistas. Taes foram: *Uma hora no Cacem, Um prato d'ovos mexidos, Duas lições em uma só, Os dois primos* — um dos triumphos do Taborda —, *Maria da Fonte ou a Bernarda na rua*, etc.; e traduziu a opera burlesca *Vie Parisienne* com o titulo *Viver de Paris*, por elle mesmo ensaiada na Trindade.

Primava na palestra acidulada pela graça sonantemente gauleza, quando nos contubernaculos dos casquilhos os *whisteurs* cruzavam as cartas e os charutos cantavam sob os dedos; primava ainda na maneira incomparavel como recitava as suas poesias, e na facilidade extrema de *calembourisar*, a tal ponto que, se vivera no seculo passado em França, seria um digno emulo do marquez de Biévre.

Seu espirito risonhamente juvenil, brilhante como um dobrão d'oiro entre um punhado de pintos falsos, collocou-o varias vezes na embaraçosa situação de Talleyrand, quando este n'um celebre jantar pedia o sal, a pimenta ou a mostarda, e os convivas se encostavam meditativos, procurando descobrir o epigramma, que elles suppunham envolto nas palavras d'esse habilissimo tecelão da teia de Penelope, intitulada — carta da Europa.

Nomeado director do Conservatorio, e conscio das responsabilidades que lhe impendiam, Duarte de Sá publicou um methodo de declamação para servir aos alumnos. Trabalho em vão! Os alumnos desmiolados fugiam d'alli como se fôra o antro de Trophonius!

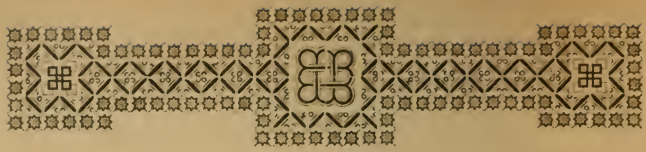
Alto, sêcco, trigueiro, olhos negros, cabello escuro, espirito illustrado, conseguiu triumphar nos *clubs*, nas salas e nos *boudoirs*, o que me parece não é dizer pouco.

Quantas victorias não obteve a sua franzina elegancia, n'esse tempo em que, no amor ou no odio, não havia *nuances*...

Como o actor Queiroz dizia na *Vie Parisienne*, traduzida pelo mesmo Duarte de Sá — elle não era esse major!

Desgostoso com o trabalho inglorio a que se votara n'este cantinho dominado pelo vulgarismo mazorral, adormeceu nos braços nevados da Morte em 31 de Agosto de 1876, sem que ninguem o podesse acoimar, ao menos, de commendador, tendo elle vivido na zona climaterica dos titulares e dos condecorados.

A penna primorosissima do sr. Pinheiro Chagas fez a seguinte apreciação de Duarte de Sá: «Educado na melhor sociedade, creado na convivencia de todos os grandes homens da forte geração que então se erguia do berço, dotado das mais raras aptidões, mordente e enamorado, não se sabe ao certo quem fez mais victimas, se os seus finos epigrammas, frisantes e bem contornados, se os seus olhos negros e grandes, cheios de malicia e de brilho. O romance da sua vida faz pensar em Gautier e em Mürger, os poetas das loucas aventuras, a sua historia podia ser escripta por Legouvé ou Janet, os philosophos do lar.»



V

Uma cortezã celebre

Ao lado da Musard, da condessa de Brimont, de Cora Pearl, de Margarida Bellengé, enfileirava *Madame* de Paiva... sem que perturbasse a formatura.

A vida d'esta femea é um romance. Branca Lachmann — seu verdadeiro nome — era polaca, e casada com um alfayate russo, que ella deixou a coser pelles, no paiz dos rublos, para vir a França correr á redea solta como aquelle Mazeppa do poeta inglez. [1] Algum tempo depois d'ella chegar a Paris, o celebre pianista Henri Herz dava um concerto. Alguem lhe pediu para n'elle figurar a formosa Branca — que talvez n'uma existencia anterior se chamasse Cleopatra ou Semiramis — mas Herz recusou abertamente, allegando ter já regeitado pedidos identicos. Muito instado, porém, sempre disse: — «Só se tocar commigo os trechos que tenho reservados.»

Na manhã do concerto, Herz ensaiou-a, e, á noite, a bella polaca alcançava um enorme triumpho, não só no publico, mas no coração do pianista.

---

[1] Camillo Castello Branco. *Bohemia do Espirito.*

Herz apaixonou-se por ella, e juntos partiram para Londres, onde apresentou como sua mulher essa *flor fatal*, perante quem os bretões se levantavam, como os velhos sentados ás portas Scéas se erguiam quando passava Helena, a filha de Tyndaro.

Pierre de Lano escreve que a Paiva se matrimoniou com o celebre pianista, e que um dos padrinhos do casamento foi o diplomata portuguez conde de V.,[1] o que é uma inexactidão.

Um bello dia abandonou Londres, o piano e o Herz, e, como toda a *cocotte* que se preza, parte a fazer conquista... da America. Em 1850 reinstallava-se em Paris, aterrando todas as *dégrafées* com o seu luxo insolito. e com a sua formosura em plena maturidade. Encontra então o portuguez Paiva de Araujo, a quem preferiu, entre todos os amorosos que gravitavam á sua volta, e com quem se matrimoniou em 1851, porque o aljubeteiro moscovita se prestára a marchar d'esta para melhor vida.

Ella contava vinte e cinco annos, elle dezenove. Era um rapaz alto, moreno, sympathico, de intelligencia angusta, mas tendo o espirito como o fato talhado á ultima moda. Lano chama-lhe marquez de Paiva!

Seguiram para Lisboa onde vieram passar a lua de mel.

Estando no hotel Victor, em Cintra, foi alli um amigo do marido visital-o. A polaca, encontrando se n'um momento só com o amigo de Paiva d'Araujo, perguntou-lhe, manejando o *face-à-main*, e sem desmanchar a linha senhoril, nem apagar o seu arsinho de romance: — O seu amigo é muito rico?

O interrogado ficou aturdido com a pergunta á queima-roupa, e hesitante na resposta, até que se atreveu a dizer:

---

[1] Pierre de Lano. *Les Bals Travestis et les Tableaux Vivants sous le second Empire.* Illustre de vingt-cinq acquarelles hors texte par Leon Lebègue. Paris. H. Simonis Empis, Editeur. 1893.

— Creio que sim.

De Lisboa foram para o Porto, onde se hospedaram em casa da mãe de Paiva de Araujo. Ahi é que ella teve uma completa desillusão. Era uma casa onde havia boas mobilias, bellas louças da India, e ricas colchas de seda bordadas a oiro, mas onde faltava o dinheiro.

De facto, Paiva d'Araujo tivera uma fortuna de quatrocentos contos de réis, que n'essa epocha estariam reduzidos á decima parte.

A polaca regressou a Paris, e como seu marido constituia um empacho aos seus embelêcos e astucias, requereu a separação.

Por nostalgia da grande vida, por infrene bulimia do oiro, madame de Paiva regressa ao exercicio profissional do galanteio, ao trafico vil dos beijos, ás artimanhas felinas de *charmeuse*. Torna a pôr em bateria a sua belleza fulminante, e o artificio pyrotechnico do seu coquettismo; volta a carmear os papalvos endinheirados, a valorisar as suas graças, a vêr cahir sobre as alcatifas orientaes da sua alcova parte da lista civil de mais d'uma testa coroada.

Branca estatueta, em torno dos hombros de neve adejavam-lhe os madrigaes iriados como estranhas borboletas de saphyra com azas d'esmeralda.

Vivera ella nos tempos fabulosos, em que a alma voluptuosa de Pan se misturava ás sensuaes caricias do ar, e todos diriam ser o fructo dos amores impudicos d'algum cysne branco com alguma deusa de cabellos côr de junquilho, e que teria nascido sob o portico d'um templo da Venus Aphrodita, quando o luar amoroso se desatava em catadupas, e as *menadas* ebrifestivas cabriolavam pelos bosques sagrados...

Arredada do marido, essa flôr do asphalto ligou-se a um riquissimo conde prussiano, filho de principes, que a encontrou no casino de Baden-Baden jogando o *baccarat*, preciosamente envolta no velludo de Genova, que a detalhava toda, e agazalhada n'uma peliça de marta zibelina. O conde, que abandonára uma amante n'aquelle

dia, sentou-se proximo de madame de Paiva, e emprestou-lhe dinheiro para continuar o jogo. E quedou-se absorto, n'uma contemplação que se fazia extase.

Fixou-lhe os olhos enigmaticos, laminados de filamentos d'oiro, a bocca sangrenta, viva flôr de cactus, a nacarada brancura de naiade slava; admirou-lhe as linhas d'estatuetinha loura, a riqueza insolente do seu peito *en parade*, os seus largos conhecimentos da vida *noceuse*, a sua alma cheia d'alegria oxigenada e de feminis caprichos... O prussiano conhecera os olhos de saphyra pallida das viennenses, os de pervinca das berlinezas, os olhos d'onix das filhas de Pesth, os de nickel lantejoulado das de S. Petersburgo. Comparou, e achou melhor. E em vez d'ir tomar o absintho da solidão, julgou preferivel tomar aquella nova amante.

Sahiram de braço dado sob as caricias do luar que subia... No dia seguinte, o tal conde deixava em casa de madame de Paiva uma carteira contendo 24:000 francos. Quando ahi voltou ella disse-lhe:

— Esqueceu-se da sua carteira...

— E' verdade, respondeu o conde, com um aprumo episcopal. E, tirando alguns papeis d'importancia, deixou ficar o dinheiro na carteira, que collocou sobre o marmore do fogão. Os fundos da polaca subiam novamente. Esta regressa a Paris, onde o novo querido lhe compra um esplendido palacio por dois milhões de francos, pagos em quatro prestações.

Ahi conduzia elle a vida *à grandes guides* quando a familia o interdisse por prodigalidade, impediu de pagar a quarta prestação, e reduziu a mezada a sessenta mil francos... apenas. Não chegaram a celebrar o anniversario do primeiro beijo, electrisante, talvez, como um contacto de tremelga. Acharam-se pobres e separaram-se. O amor da *cocotte* descia nas horas de crise, como o nivel do mercurio barometrico quando o tempo se embrusca... O conde retirou-se para um *entresol* dos Campos-Elyseos, onde os moveis de preço se accumulavam, mas onde elle se encontrava tão pouco á von-

tade, que dizia a Teixeira de Vasconcellos, a quem mostrava a casa:

— Veja ao que minha familia me reduziu! [1]

O palacio de madame de Paiva, adornado e pintado por Paul Baudry, era um ninho digno da sua belleza bestificadora, deliciosa de graça perversa.

Tão sumptuoso era, que a proprietaria abandonava-o todos os annos, durante alguns mezes em que ia ao estrangeiro, para elle estar exposto.

Este palacio, quasi historico, foi vendido por dois e meio milhões de francos em 1891, e n'elle se installou depois o *restaurant Cubat*, onde em 1897 se realisou o esplendido baile das *demi-mondaines*. Emilio Blavet descreveu-o no *Gil Blas*, e, aproveitando o ensejo, referiu a vida da antiga proprietaria, de quem fôra commensal.

Eugène Pelletan, na *Nouvelle Babylone*, descreve a habitação maravilhosa d'essa antecessora de Cora Pearl, habitação que só mais tarde teria *pendant* na de Hortense Schneider, estrella da operetta... e do galanteio. Diz Pelletan: — «Eis um pequeno palacio que faz honra ao gosto do architecto, é fechado por portas de bronze, coberto de telhas antigas; o pavimento é ornado d'um mosaico, a mobilia é copiada sobre o estylo de Pompeia; acha-se a cada passo uma *exquisita* gaiatice do museu secreto de Napoles, sob a fórma de tripode de candelabro. Ao centro do edificio, e sob uma gaiola de vidro pintada de azul, para lhe dar uma falsa apparencia de raio de luar, o architecto dispoz um *boudoir* com esta inscripção latina sobre a porta: *Venereum*. Em um nicho do sanctuario collocou a estatua da deusa, isto é, da dona da casa disfarçada em Venus.

Como ella se approxima dos quarenta, ornou o seu *Venereum* de duas pinturas da sua imaginação: A Primavera e o Outomno.

---

[1] *Diario Illustrado*, 1885.

A primeira figura, peito ao vento, semeia rosas a plenas mãos; a segunda sonha, a cabeça inclinada sob um livro semi cerrado. Comprehendeis a allusão.

Mas a sala de banho, se devo acreditar na legenda, sobrepuja ainda o *boudoir;* é a obra prima da voluptuosidade moderna. Nem Petronio em toda a sua gloria, nem Bebbiena com a assistencia de Raphael, tiveram semelhante inspiração.

Fez-se da estufa uma cousa de duplo significado: collocou-se a banheira no meio da relva, ou antes um tanque sempre cheio d'agua quente para dois e occulto sob uma abobada de palmeiras das Antilhas e de camelias; jactos d'agua conduzidos pelas folhas das plantas exoticas distillam, n'um dado momento, uma chuva d'agua de cheiro, que cahe em orvalho sobre o tepido crystal da banheira. Um negro vigoroso, simplesmente adornado com a tanga de rigor, faz o serviço da estufa, sempre mantida á temperatura asiatica d'um harem. Sabeis a quem pertence este palacio? A uma *lorette*, uma *lorette* alforriada, é verdade, por ter esposado um *hidalgo;* agora usa o titulo de condessa, mas despediu o marido.»

Esta casa — um escrinio de joias — foi ponto de reunião da aristocracia do intellectualismo: Theophilo Gautier, Pelletan, o bibliophilo Jacob, Emilio de Girardin, Arsène Houssaye, Emilio Augier, Emilio Blavet; e, assegurava-se que, em 1870, fôra tambem um centro de espionagem allemã.

Pelos seus salões archi-mundanos passaram todas as personalidades masculinas e eminentes do Segundo Imperio.

A chronica boulevardista affirmava que algumas damas da côrte tentaram ser admittidas n'essas recepções. O proprio imperador foi uma noite a casa d'ella. E' Pierre de Lano quem o assevera.

O certo é que foi um bordel de primeira classe. Pelletan, referindo-se áquella deidade de lupanar, conta o seguinte:

« — Ha poucos dias, depois d'uma orgia romana, uma *lorette* deu ordem para lhe trazerem a banheira e para a encherem com vinho de Champagne; tomou um banho de quinhentos francos em presença dos seus convivas, deu depois o banho, ainda effervescente, a beber aos seus dez amantes.»

As rivaes, ao verem-n'a languidamente cahida como uma fôfa trouxinha de sedas no canto da sua caleche de flécha e oito molas, sentiam os rebates da inveja, e feriam n'a... a golpes de luneta, desfechados com rancor.

Depois da separação, Paiva d'Araujo voltou a Portugal, conservando-se algum tempo no Porto.

Mais tarde ainda tornou para Paris, d'onde, de quando em vez, vinha ao Porto visitar a mãe.

O heroe d'um dia, o *flirtador* que conhecera de perto o setim das mais bellas epidermes e o velludo cereja dos mais bellos labios, luctava com os ultimos recursos pecuniarios quando se suicidou, em 1873. Ainda tentára uma reconciliação com a mulher, mas esta, cujo caracter bravio, acutangulo, não conhecia commiserações, repelliu-o.

Elle então, marfado com tal procedimento, pôz ponto final na vida com uma bala de rewólver. Foi o ministro portuguez quem pagou o coche funebre, que conduziu o corpo ao cemiterio do Père La-Chaise. Aquelle neurasthenico tivera como principio, que reputava de supra-elegancia, nunca ter usado calça de listra, nem gravata de côr.

Quanto á mulher, essa lá foi levada n'esse galope infernal que se chamou a vida do Segundo Imperio. Tambem, a seu turno, foi uma habituada das famosas *redoutes* de Arsène Houssaye, cuja habitação, na Avenida Friedland, era o capharnaum d'um bricabracomano, d'um *bibeloteur* de genio. Madame de Paiva proseguiu a sua derrota zig-zagueada, até que harpoou o conde de Henckel Donnesmarck, grão-senhor prussiano e primo de Bismarck.

Quando rebentou a guerra de 1870, Henckel e a Paiva partiram para a Silesia, onde viveram algum tempo retirados. Assignada a paz, o conde foi nomeado governador da Alsacia-Lorena. Depois voltou a Paris, e a sua presença aqui esteve a ponto de provocar um conflicto diplomatico, fallando-se mesmo em expulsar do territorio francez o conde e a sua amante. Mas, graças a Thiers, o facto não foi consummado, e os dois amantes, renunciando a antiga habitação, foram residir na Maison Blanche, no bosque de Bolonha, outr'ora moradia de Haussmann, quando Prefeito do Sena [1].

A sua residencia em Paris foi de curta duração. Regressaram á Prussia, onde a Paiva casou em 1875 com o seu desvelado protector.

A proterva carcassa caiada ainda foi encerar aquelles bigodes com os seus dedos ultrajosamente pesados de anneis diamantinos. Pelo terceiro matrimonio recebeu em dote bastantes milhões de florins, e retirou definitivamente para o seu castello, cujas grimpas se recortavam airosas no azul electrico do céo da Silesia, e que ella mandára construir, diziam, sob um risco imitado das Tulherias, afim de se vingar de a haverem expulso d'este palacio, onde a levára o pianista Herz no tempo de Luiz Filippe. Henri de Villemessant contou no *Figaro*, por occasião do casamento, a vida anfractuosa d'esse ornamento prostibular, que elle conhecera de perto; e mr. Drumont escreveu, ha dois annos, o seu romance, marginado de notulas picarescas.

Quando, n'uma noite do inverno de 1885, os *elfos* dançavam a sua ronda macabra nas florestas, e os torreões do castello de Newdeck, immoveis como phantasmas de ballada allemã, se banhavam no frio luar germanico, morria a condessa de Henckel-Donnesmarck,

---

[1] Pierre de Lano. *Les Bals Travestis*, etc. Pag 86.

victimada por uma febre cerebral consequente a um rheumatismo cardiaco.

Os jornaes parisienses arrancaram então o titulo nobiliarchico ao cadaver d'essa *vieille-garde*, e foram encontrar por debaixo um nome de que todo Paris se recordou, e que Lisboa e Porto tambem conheceram — madame Paiva d'Araujo.

VI

A Letroublon

Esta sim, esta é que lembra maravilhosamente a bohemia de Murger, a epocha do romantismo desconsolado em que se adorava Lisette, e Musset cantava o vestido de Mimi-Pinson:

Mimi Pinson est une blonde
Une blonde que l'on connait...

Delicada e gracil, fresca e viçosa como um *bouquet* colhido de manhã, sabendo desenvoltamente atirar com a sua touca por cima dos moinhos, possuindo a fina *verve* — uma coisa que difficilmente póde filhar n'este sólo — adivinhava-se que em suas veias estuava o sangue francez. Sua mãe, madame Jules, tivera hospedaria ao caes do Sodré [1] e depois na rua da Prata.

Emilia Letroublon escripturou-se no Gymnasio, no *theatro do barracão*, viveiro dos mais gloriosos actores portuguezes, e foi ahi que o seu talento fez eclosão, ao tempo da empreza de Manuel Machado, o Apollo

---

[1] Julio Cesar Machado. *Apontamentos de um folhetinista.*

Musagete d'aquelle Olympo da travessa do Secretario de Guerra.

Ganhava doze mil réis no primeiro mez, no segundo já ganhava sessenta e era o *bout-en-train* d'aquelle templo da arte.

Fez as suas primeiras armas na peça *Como se transforma um caloiro* — na qual tambem entrava o Taborda — depois desempenhou a *Namorada do principe*, e a seguir um *travesti* da comedia do Bayard *o Netto*. Era n'esta comedia que o actor Moniz tinha um estribilho que se converteu n'uma *scie* popular: Cada qual tem o seu systema! Distinguia-se Letroublon por sua formosura e elegancia, e então não eram poucas as que pisavam o palco tendo esses predicados. Basta citar Emilia das Neves, a *linda Emilia*, a Josephina, cujos elegantes contornos lembravam os desenhos de Gravelot, o grande vinhetista do seculo XVIII, e cujo amor pôz a cabeça á razão de juros ao Miró, auctor da operetta *A Marqueza;* a Fortunata Levy, uma judia, a Emilia Candida ou Emilia Varêta, a esse tempo graciosa, mas sêcca como uma fatia de pão, e a Carolina Emilia do Normal.

A belleza da Letroublon sollicitava os vestidos rastolhantes de seda betada e de brocatel, as cadeias de pedrarias scintillando como recamos de luz, as radiações dos diamantes-rosas e os fogos dos rubis prismando o collo, toda a *toilette* maravilhosa do seculo XVI.

A sua mocidade cheia de graça estava a pedir que a modelassem na malachite, no porphyro negro de Mantinéa ou no *electrum*, o metal tão querido dos antigos; seu perfil seductor que o talhassem na cornalina ou nos quartzos hyalinos; seus olhos resplandecendo com scintillações de marcassita, e onde umas vezes fluctuava o sonho, outras brilhava a ironia, que os fixasse a paleta d'um pintor genial; sua correcção linear levava-nos psychologicamente á intuição d'esses debuxos descobertos nas ruinas de Pompeia...

O tempo implacavel alterou todos esses encantos, e o que resta agora d'elles? Ao corpo, polido pelos beijos de Phebus, deu a doença, ao rosto as rugas, ao espirito amarellentas idéas que brotam como flôres de crepe, o riso exsolveu-se em lagrimas, ás rosas substituiu-se a neve...

E sobre uma erradia juventude, que se coroava d'auroras, vestia de lyrios, banhava d'aromas, e em cujo louvor mais d'um tetracordio farfante vibrou com apaixonados accentos, tem a mésta Realidade de vir derramar — á maneira das antigas Coephoras sobre os cadaveres — a sua urna votiva! [1]

Do grupo d'actrizes que então brilhava no tablado, a maioria jaz sob as campas, outras recolheram-se á quieta pousada da vida intima, e as poucas que por ventura ainda arrostam a scena, apenas dão ao publico, na melancholica expressão de Bossuet, *les restes d'une voix qui tombe!*

Letroublon, dando redea larga á phantasia, fartou-se de pregar pirraças á empreza do Gymnasio. Uma noite estava o theatro cheio, e, no momento de começar o espectaculo, procuraram-n'a, mas não appareceu, porque batera as azas; e durante um mez ninguem d'ella deu fé, nem mesmo o Canarim, que tinha ordem para a prender. Andava em folia por Cintra, acompanhada do conde d'Alva e d'outros amigos, gosando as poeticas noites do *delicioso eden*, em que a luz opalina do luar parece prestar ás ameias do castello da Pena vagas scintillações d'arestas de feldspatho argentina, e em que, a horas de feitiço, as tentações d'amor passam no fremito das folhas, na phosphorescencia dos pyrilampos, na doçura do ar, na infinita musica do silencio...

De regresso a Lisboa, todas as noites sahia do seu

---

[1] Este artigo foi publicado no *Correio da Manhã* de 7 de junho de 1894. Letroublon falleceu em sua casa, na Avenida D. Carlos, pela uma hora da madrugada de 6 de julho de 1895.

ninho — que se alcandorava no segundo andar da casa em frente do actual theatro da Trindade — disfarçada em trajo de marujo adquirido n'um jubeteiro. Uma noite ia ella com Paulo Midosi e Diogo Forjaz, quando, no largo de S. Roque, encontraram o Manuel Machado, que a não conheceu.

Contava ella depois que tivera a intenção de dar uma gebada no chapéo alto do Machado, mas que Midosi lh'o impedira, para que a não descobrissem. Paulo Midosi acabou por intervir e por apresentar a foragida no theatro.

Perdoada a felonia, tratou-se de desempenhar tudo que Letroublon puzera em mãos d'um Shylock com loja de carvoeiro na rua dos Douradores. E á merecida reprimenda ella soube, como o soldado de Scribe, callar-se sem murmurar. *Tout est bien ce qui finit bien.* O banquete da concordia realisou-se uma noite em sua casa, assistindo vinte convivas. No momento solemne dos brindes inebriativos, lançaram-se tres caixas de garrafas de Champagne dentro da tina em que ella se lavava, e onde se metteu em camisa, e foi d'alli que beberam o vinho.

Houve porém dois convivas recalcitrantes, que se negaram a esta scena final ultra realista...

O temperamento da Letroublon, impetuoso, ardente como um toque de trombetas de guerra annunciando aos porta-estandartes as cargas heroicas, não lhe permittia a vida remanchona, incolor, das suas collegas.

A breve passo fugia ella para o Porto-Brandão em companhia d'Augusto Fournier, D. José d'Almada, José Nobre e Villar Perdizes, onde foi servido, entre o ramalhar sonoroso do arvoredo, um jantar opiparo fornecido pelo Matia, em que soou valentemente o carrilhão dos copos, e em que a vaporisação das cassarolas fazia revirar os afiados colmilhos aos catraeiros.

Eram duas horas da noite quando novamente cortavam o espelho crystallino do Tejo, cantando uma barcarolla perlada por suspiros de flauta á claridade si-

lente das estrellas e da lua, que resplandecia como um bracelete d'oiro aberto na serenidade do cariz celeste, fazia brilhar as espaduas de prata das ondinas e cahir dos remos collares desfeitos de aljofares, emquanto a viração soprava languida como os galernos zephyros nascidos sob as azas brancas dos cherubins...

E a essa hora lá andava por valles e alcantis da Outra-Banda, em cata d'aquella sylphide, o bom do Manuel Machado, que no *seu theatro* via a independencia futura como S. João entre os nevoeiros de Pathmos divisava a sua Jerusalem ideal!

Passados dias Letroublon apresentava-se no Gymnasio, onde afinal de contas a sua graciosidade, gentileza, e, *tranchons le mot*, o pouco atreita a inliçar se nas conspirações que se urdem entre os bastidores, tudo lhe faziam perdoar.

Bem diz Gondinet n'uma comedia: Oh mulheres! tendes uma fraqueza herculea!

O pacto da amizade sellou-se em um jantar em casa do Theotonio na calçada de Carriche. Quasi no fim da festa appareceu o Thomaz Collares e o Madureira, que tinha loja de quinquilharias á Ribeira Velha, acompapanhados d'uma formosissima oleira com loja tambem n'aquelles sitios.

Algumas phrases reticenciadas provocaram questão, e a Letroublon atirou com uma garrafa de Porto á cabeça da oleira, que, se a apanha, dava cabo d'ella.

Poucos mezes depois foi Manuel Machado advertido pelo porteiro do theatro, que a Letroublon todas as noites ficava no camarim. Uma manhã o emprezario batia lhe á porta.

— E's tu, Liborio? perguntou ella julgando ser o porteiro.

— Não senhora, sou eu, responde o emprezario.

Então ella appareceu e confessou haver cinco dias que não tinha casa, porque vendera tudo o que possuia.

O que não obstava a que, a curto trecho, se reca-

chasse do perdido, batendo todas as noites para Carriche, terminado o espectaculo.

Tudo isso, digamol-o sem rebuço, estava na logica da sua idiosyncrasia e do seu caracter original, bizarro. O que tambem a levava a ter pouco a miude o coração em ferias...

Foi por essa epocha que o famoso barytono Beneventano — que quando não estava em S. Carlos estava no Gymnasio — cantou n'este theatro, com Taborda, o duetto do *Moysés no Egypto*, com que o publico riu a bandeiras despregadas.

Letroublon, sempre voluvel *qual piuma al vento*, passou para o theatro de D. Maria onde se demorou alguns annos, e quando Offenbach, o *maestrino* zombeteiro, irrompeu na scena portugueza, estava ella no Principe Real. Aqui foi pela primeira vez, na noite de 29 de fevereiro de 1868, a *Gran Duqueza de Gerolstein*, a operetta que maior successo obteve no nosso theatro.

A sua musica cahiu em moda, e toda a gente ria com as grotescas figuras do truculento general Boum, do barão Grog, do principe Cornelio Gil, e trauteava o enamorado quartetto da leitura das cartas:

Na carta que eu tive, Amelia formosa,
Me disseste, amor,
Que a vida p'ra ti tem sido horrorosa,
De bem negra cór!
Porém, deixa estar, vae ser cór de rosa,
Quando eu pr'ahi fôr!

Oh! carta adorada,
Por mim decorada,
Vaes ser conservada
Qual mimo d'amor.

Embora declivando já, ainda Letroublon arrancou applausos sinceros no papel de *Gran-Duqueza*, que em França fôra creado pela Schneider, uma das musas do segundo imperio. Vestindo a jaleca á *hussard* sobre o

apertado justilho de seda, saia d'amazona e barretina com penacho, cantando o *rondó*:

Tanto amor por elle eu senti,
Mal que o vi,
Tanto amor me traz delirante...

via-se bem que ella ainda temperava o seu espirito nativo com o perrexil da graça saltitante d'outr'ora, que fazia pensar n'aquellas *filles de marbre* desenhadas pelo lapis escarninho de Gavarni, de fino talhe, o chapim dançando na ponta do pé nú, cabellos cahidos, e cabeça lançada para traz, seguindo com os olhos a espiral azul do fumo do seu charuto da Havana...

Ferida pelos eculeos da existencia, cancellou a derradeira pagina da sua vida artistica, abandonando o palco — onde ficavam sepultadas as suas chimeras — com a mesma saudade pungitiva, com que Maria Stuart lançava o supremo adeus ás terras de França.

O passado será hoje para ella como que a recordação d'um sonho eburneo, em que via os philauciosos admiradores, que affloravam pelo camarim, curvados a seus pés, e os invalidos de Cythera — conforme se dizia — procuravam com boas traças captar lhe o favor, emquanto os timidos se detinham absortos no limiar da porta como as almas do Dante paravam em extase á entrada do paraizo...

VII

O avô dos janotas

Um janota aos noventa annos! Como se ririam agora os Alcibiades da Casa Havaneza, que não calçam o cothurno com talão dourado, não usam flôres da Glycère, não trajam o manto roçagante levando uma codorniz escondida nas suas dobras, mas que, em compensação, vestem os *péplon* do Amieiro, e penetram os recessos nada desconversaveis d'aquella Attica do Chiado, onde se haurem estilas de mel... politico, e onde, a subitas, nos apparecem as Laïs modernas, cingidas pelos velludos flacidos e pelas sedas crepitosas.

D. José Coutinho de Lencastre, *o avô dos janotas*, descendendo de familia de nobre extracção, nascera em 1794 e tinha-se como genuino representante do grão Magriço.

A epocha em que D. José Coutinho brilhou como elegante, apparece já a nossos olhos tão envolta em nevoeiros de mysterio, tão outra d'aquella de desentoada artificialidade em que vivemos, que, quem a tentasse historiar, quasi precisaria possuir o ramo d'oiro da fabula para baixar aos seus limbos, e poder depois descrevel-a com segurança.

D. José Coutinho, não sendo jámais um faccioso politico, foi sempre um faccioso do dandysmo; não sendo, em tempo algum, um luctador nos campos de batalha, foi sempre um combatente nas rudes pelejas da platéa de S. Carlos, seu campo d'acção, e nas campanhas incruentas do amor. Cumprindo o preceito de Talleyrand — «Nunca fui apressado e sempre cheguei a tempo,» viamol-o subir o Chiado com o movimento vagaroso de quem se propõe a executar um minuete de Lulli, mettido em *toilette* acurâda, o collarinho alto sublimhando a physionomia dura, a face direita eternamente torcida por um *tic* nervoso, o bigode branco virgulando a bôcca fina, atravez de cuja fisga espreitava um sorriso malicioso, os pollegares enfiados nas cavas do collete, o vencedor monoculo criticista perdido entre as rugas e semelhando um O coroado pelo accento circumflexo das sobrancelhas contrahidas pelos musculos flexores. Admirava-se n'elle a grandeza decadente do arbitro das elegancias longiquas e abolidas, conservando fiel a velha tradicção, a *crânerie* elegante dos leões de 1830, retardando se propositadamente no seu querido passado.

A' volta dos quarenta annos dera balanço á fortuna, e dividira o que lhe restava pelo numero trinta, suppondo não viver mais de setenta annos. O calculo porém falhou, e suas irmãs procuraram persuadil o que elle apenas tivera errado a operação arithmetica. Aos sessenta e tres annos teve a ultima paixão! Na mocidade, quando as suas amantes, tendo no olhar o fulvo raio dos ardores sensuaes, lhe sorriam com labios de granada onde cantavam todas as notas das melodias mysteriosas, quando em torno do seu leito de celibatario esvoaçavam as voluptuosidades com azas vermelhas, quando o seu espirito fluctuava no azul dos sonhos, escutando estranhas canções feitas de beijos, aureas estrophes cinzeladas pelo amor, e as bacchantes ebrias lhe tomavam a mão e o obrigavam a entrar no coro erotico, então sim, então teriam cabimento

as paixões. Mas n'aquella edade eram já um pouco serodias, embora o poeta diga:

Le coeur est toujours jeune et peut toujours saigner.

D. José Coutinho não se seduzia com as mulheres macissas, d'exhuberancias acoguladas, que lembrassem a robusta corporatura das filhas de Sybaris, dançando nuas a bibase no cume do Taygeto, as matronas romanas, ou as fortes patricias de Veneza. Bem ao contrario, apenas adorava as que tivessem a fragil elegancia do lyrio, a distincção vibratil, a graça felina. Em 1856 veio para S. Carlos, com o tenor Nery-Baraldi e o barytono Beneventano, a De Giuli-Borsi, um soprano algum tanto avariado, mas de grande expressão no canto. Era uma mulher alta, magra, nervosa, convulsa, d'olhos feiticeiros como os das naiades que fascinam os transeuntes para os affogar...

Exaggerada nas expansões do riso e da dôr, toda a scena parecia pouca para ella. No segundo acto da *Lucrecia Borgia* estendia por tal fórma os compridos braços que Deus lhe dera, que tomava quasi todo o panno de fundo, para o duque não transpôr a porta pela qual dera fuga a Gennaro. No momento de cahir o panno sempre se ouvia um *bravo* isolado, que precedia as palmas da platêa. Era o de D. José Coutinho. Quando a De Giuli-Borsi partiu para Italia convidou-o, á despedida, a que fôsse almoçar com ella a Milão. E, no dia seguinte, elle fazia as malas e seguia-lhe no encalço, notando no seu *carnet* de D. Juan esta paixão absorvente, quiçá a ultima.

A De Giuli-Borsi morreu ha muitos annos; sua filha fez parte da companhia do nosso theatro lyrico em 1878, junto com a Biancolini, a Brambilla, e a Trisolini.

Da geração de velhos janotas que ás portas do Marrare e do Toscano apreciavam o *grain de peau* de todas as bellas que pisoteavam o Chiado, passavam os

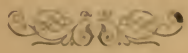
acontecimentos politicos pelo laminador da critica e almotaçavam as notabilidades lyricas, elle era talvez o ultimo. Quando todos os do seu tempo haviam desapparecido, quando tudo ruira em volta de si, quando percebeu que os modernos tafues encanudados e arrequifados, com os seus *sports* athleticos, o seu cyclismo e a sua *pose* epica das grandezas magestaticas, pretendiam sustentar o alto ideal d'uma elegancia que não comprehendiam, á maneira d'aquelle fidalgo italiano que se batia pelo Dante que nunca lera, quando, pelo tanto, se compenetrou que estava desempenhando o papel ambiguo d'aquelle personagem de Piron:

Il n'y fait rien, et nuit à qui veut faire

julgou chegado o momento opportuno de partir, e, sem remordimento, partiu para não mais voltar.

Aos 22 de novembro de 1884, com noventa annos feitos, morria na sua casa da travessa da Amoreira, a S. Francisco de Paula.

Na leiva indifferente do cemiterio dos Prazeres, o avô dos janotas não terá, talvez, uma arregaçada de violetas depostas por mãos amigas, mas só os raios prateados do luar, joeirados pelas franças dos cyprestes, que a virão beijar amoravelmente nas noites serenas...



VIII

A Zamacois

A Zamacois! Quando em 1866 veiu a Lisboa, pela primeira vez, que enthusiasmo, que loucura não produziu...

Ainda havia uns restos d'aquella tradicção bellicosa de S. Carlos, quando eram moda as batalhas theatraes, os combates da paixão, e se citavam como chefes ousados, o Niza applaudindo a Olivier, o D. Alvaro a Schira, com aquellas palmas formidaveis que só elle sabia dar, o Augusto Talone a dançarina Bussola, cujos pés *eruditos* demonstravam a inutilidade da palavra, o Polycarpo Machado a Polletti, o Antonio Schwalbach a cantora Marietta Arrigotti, que diziam filha do rei Fernando VII, e tinha um respeitavel nariz de familia tão digno de ser cantado por Bocage como o da estanqueira do Loreto.

A Zamacois foi considerada a musa da *zarzuela* com habitaculo no Olympo do circo de Price. Era todas as noites um delirio, onde não faltavam os chapéos e os lenços no ar, quando ella cantava a canção da *Juanita*, o *Nadie se muere hasta que Dios quiere* e as *peteneras* entresachadas dos *Ai Jesu!* suspirosos.

No mez de maio representou em S. Carlos, entre outras, as zarzuelas: *Jugar con fuego*, *En las hastas del toro* e *Las Amazonas del Tormes*.

Para nada lhe faltar, teve a consagração das cavacas e dos charutos, que tomaram o seu nome.

Julio Machado entrava uma noite no circo, quando o porteiro o avisou de que a Zamacois lhe queria fallar.

Chegando ao camarim, ella disse-lhe apressadamente: *Mañana un bautisão... Caes Sodré... médio dia... No falte usted... Adios! me voy...*

No dia seguinte lá estava no caes o bom do Julio Machado, vestindo a casaca solemne por baixo do *sobretudo*. D'ahi a pouco chega a Zamacois acompanhada por tres cavalheiros.

— *Al otro lado del rio!* exclama ella.

— E a creança onde está? perguntava o Julio.

— *No és un niño*, retrucou a Zamacois, *és un bote!*

Era realmente um bote, que ia ser baptisado com o nome d'ella! [1]

Quantas paixões não despertou... nos gabinetes reservados, quantos desvarios não se praticaram então por causa d'essa mulher, em que, segundo affirmavam, tudo era elegante e suggestivo desde os cabellos sumptuosos até aos calcanhares... Lisboa cahiu ajoelhada a seus pés, e offereceu lhe em taça de perolas a ambrosia dos deuses... do Chiado.

Egual *aura populi* só obteve depois a cantora franceza Margarida Preziosi, que tambem fez andar a cabeça á roda a meia cidade.

Zamacois fórma ao lado das cantoras hespanholas que, em Lisboa, foram mais festejadas: a Maldonado, a Moriones, a Pocovi, a Dolores Cortez, a Angela Nadal.

---

[1] Folhetim de J. C. Machado, *Diario de Noticias*, 1878.

Castelar, fallando um dia no parlamento entre Olozaga e Echegaray, começou o seu discurso dizendo: — «Cabe-me a palavra entre uma saudade e uma esperança...» Na mesma situação se encontrou a Baixa quando a Zamacois aqui voltou em 1878. A que tornava era a *saudade*, a d'outr'ora era a *esperança*. Zamacois vinha com mais treze annos, mais seriedade e muito menos voz, motivos pelos quaes não poude ser comprehendida pela *Casa Havaneza*...

Tem o agri-doce da saudade relembrar o passado, que nos apparece, em imaginação, arrastando o seu manto d'illusões desfeitas, e que accorda no espirito uma florescencia de visões radiosas. A' maneira que avançamos na vida vão-se as illusões desprendendo do coração como as folhas se desprendem das arvores ao vento frio do outomno. Oh Espronceda! como tinhas razão ao cantar em tua lyra de ouro:

Hojas del arbol cahidas
Juguetes del viento son,
Las illusiones perdidas
Ai! son hojas desprendidas
Del arbol del corazon.

IX

Dois jornalistas

José de Sousa Bandeira, o *Braz-Tizana*, foi d'essa notavel phalange de jornalistas portuenses, a que pertenceram: Sebastião d'Almeida e Brito, distincto tribuno forense, e membro da Junta do Porto; o espirituosissimo Evaristo Basto, Nogueira Soares, Damazio, Parada Leitão, Lobo Gavião, Custodio José Vieira, do *Echo Popular*, Camillo Castello Branco, do *Portuense*, Araujo Taveira e Ricardo Guimarães, cuja palestra scentelhante era a encantação da sociedade *fashionable* que confluia á *Assembléa Portuense*, e dos frequentadores da livraria Moré e do café Aguia d'Ouro, na qual se entrechocavam os gomis acogulados do espumoso licôr da pura graça, e corriam aposta os ditos espelhantes como punhaes venezianos com lamina de crystal, que, se por vezes quebrava nas feridas, nem por isso se deixava d'amirar a primorosa cinzeladura do cabo.

Bandeira começou a jornalisar aos trinta e sete annos, em 1826, redigindo o *Azemel*, de Guimarães.

Partidario fervoroso das idéas liberaes, acceitou de bom animo a sua defesa, e poz, com generoso esforço, peito a combater ardentemente o governo absolutista,

á hora em que essa instituição decrepita semelhava já assistir, ainda viva, aos proprios funeraes, como Carlos V assistiu aos seus.

Teve porém, mau grado seu, de curvar a cerviz ante as partasanas aggressivas dos archeiros do cezarismo. Preso primeiro na cadeia da Relação do Porto, foi d'ahi transferido para a torre de S. Julião, chegando a dar as voltas á roda da forca, quando, em 24 de julho de 1833, a Liberdade entoava o hossana festival, e apeava do solio o poder obnoxio que tinha na espada a representação concreta dos direitos populares. Pouco depois, em 1835, era redactor principal do *Artilheiro*, e, mais tarde, escrivão da Relação do Porto.

Dotado de vocação litteraria, a par da jornalistica, tambem por vezes cavalgou o Pegaso. Escreveu o *Sino das duas horas*, comedia em cinco actos, e uma tragedia em cinco actos, em verso, que se representou no Porto em 1839.[1]

Em 1837 fundou o *Periodico dos Pobres*, do Porto, onde elle escrevia as suas cartas, publicadas em folhetim e assignadas com o pseudonymo de *Braz-Tizana*, jornal que fundou em 1851, e eram encabeçadas com o titulo: «Cartas de Braz Tizana, boticario em Lisboa, ao barbeiro,» fechando com a seguinte formula: «Saude, patacos e fraternidade. Sou, em nome da Nação e da Rainha, Seu Amigo *Le citoyen* Braz-Tizana »

D'esta folha eram redactores, além d'elle, Arnaldo Gama, o romancista, e Guerra Leal; e correspondente em Lisboa o sr. J. Lopes Carreira de Mello, director do collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Este periodico adquiriu uma enorme popularidade, não só no Porto e norte do paiz, mas na capital, onde era recebido e lido com alvoroço em todos os cafés, desde a *Casa da Neve* no Terreiro do Paço, e do Mar-

---

[1] *Dicionario Bibliographico*, de Innocencio F. da Silva.

cos Philippe no Pelourinho, até ao Marrare das Sete Portas e ao Gonzaga do Rocio, onde se reuniam os actores do Normal.

Chamavam então ao *foyer* d'este theatro — o caes do Sodré.

Um escriptor illustre disfarçava as maguas da ausencia, escrevendo aos artistas uma carta, de que as seguintes estrophes pintam bem o que era o *Caes do Sodré:*

Parece-me ainda assistir
A's nossas sessões famosas,
Onde se vão discutir
Cem materias espinhosas
E termina tudo a rir.

Quando o Tasso por magano
Nos arruma quatro pêtas,
E o Vianna todo ufano
Mente mais que dez gazetas
Escrevendo todo um anno;

Quando o Sargedas zangado,
Questionando nas finanças
Vê, maldizendo o tablado,
Irem-se as suas esp'ranças
N'algum drama pateado;

Quando o Theodorico ensina
Certos contos as pequenas,
Quando o Epiphanio combina
A sorrir do palco as scenas,
Scismando em scena mais fina;

Quando o Felner surrateiro
Franze a bocca, alça o chapeu,
E, todo cumprimenteiro,
Inda os bons dias não deu
Disse um epigramma inteiro;

Quando o Rebello de pé
Defendendo conclusões,
Sócca o ventre, fuma e crê
Resolver altas questões
No nosso Caes do Sodré!

José de Sousa Bandeira casou tres vezes, e era um fumador verdadeiramente notavel, porque não passava um dia sem dar fim a trinta charutos. Como que se deleitava com as caricias longas e quentes do fumo do havano, ao traçar essas paginas da vida cantante, que fizeram d'elle um escriptor popularissimo n'aquella épocha. O publico sympathisou deveras com o Braz-Tizana, porque o publico assemelha-se á Martinha do *Medico á força*, adora o Sganarello que o toze. E a corrente veloz dos acontecimentos politicos tambem não pedia uma Ophelia que lhe atirasse flôres...

Velho já, sempre reportado em suas ambições e cercado de bons amigos, constantemente enlevado no sonho eterno e na idéa immortal, nunca se animou a abandonar a sereia que toda a vida o seduzira com o seu canto, e lhe colmara todos os desejos — o jornalismo. Assim passou, *à noble allure*, jovial combatente, entre o zangarrear dos invejosos e dos linguarudos. Se a vida lhe foi longa, mais longos ainda foram os trabalhos. Tudo é longo na vida... excepto a vida, escreveu Aurèlien Scholl.

Sua filha, D. Maria da Gloria Bandeira, auxiliava-o na tarefa de, todas as manhãs, escolher, rasgar ou queimar, as cartas e informações que recebia de procedencia varia: dando-lhe noticias, descompondo-o, aconselhando-o, felicitando-o, ou recommendando um concidadão aos carinhos da sua prosa.

Foi jornalista conceituoso, tendo intrepidez de penna, facilidade de concepção, sabendo apresentar os homens e as coisas com a nitidez d'um *cliché* instantaneo, e applicando, com admiravel technismo, o microscopio ao exame das bacterias da politica sua contemporanea.

Não o ornava, é certo, nenhum dos dotes dos mais graduados jornalistas da épocha.

Seu estylo não tinha o brilhantismo do de Rebello da Silva, puro e sonoro como crystal de rocha, ondeado e scintillante como um vestido de *moirée* lilaz; a sua prosa não se assemelhava á prosa duellistica de Sam-

paio, tersa, energica, como um rasgo tribunicio de Mirabeau. Era um estylo cheio de ledices como uma garrida tricana de Aveiro, temperado, em sabia dosagem, pela ironia, que varava a tolice humana como uma flecha. Tinha o riso dicaz dos olympicos, gargalhando, ebrios de nectar, sobre seus thronos de pedrarias. Mas esse finissimo espirito gaulez, ferindo apenas *à fleur d'épiderme*, era-lhe completamente desconhecido.

N'aquella epocha e n'aquelle meio, exigir tal, seria o mesmo que pedir a Aristophanes a fineza de baixar dos Elyseos a esta bola volteante, e escrever uma revista do anno para chancear do Rodrigo da Fonseca, ou impetrar das tarascas Musas a amabilidade de descerem dos *boudoirs* divinos, e, sofraldando as tunicas com o desembaraço gymnastico da Rigolboche, virem lançar-se nos turbilhões endiabrados d'uma quadrilha no baile da Guia.

*

* *

Francisco Xavier Pereira da Silva, o Xavier *dos Touros*, ou o Xavier *dos Cartazes*, foi em sua mocidade empregado no Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço.

Aos trinta e cinco annos, em 1833, sahiu d'ahi em virtude dos acontecimentos politicos d'aquella epocha. Começou então a sua vida de jornalista um pouco *à la diable*. Fundou em 1837 o *Ramalhete*, no qual collaborava seu irmão João, folha que se publicou de 23 de novembro d'aquelle anno a 15 de junho de 1844.

Em 1841 creava uma outra gazeta intitulada *Os Serões Romanticos*.

Escreveu varios entremezes, dois dos quaes fizeram epocha: *O Morgado da Ventosa* e a *Velhice Namorada*, com musica do Miró, peça em que o Taborda usou sempre ao pescoço um lenço de risquinhas encarnadas, primeiro presente que Paulo Midosi lhe fez. D'esse

lenço do grande actor se fallou em Lisboa, como em França foram falladas as gravatas de Lafont e as gollas de Frédéric Lemaitre. Ainda escreveu *Um arrayal em Loures*, comedia representada em D. Maria II, e traduziu o *Casal das Giestas*, peça soporifera.

Depois abandonou o jornal, e limitava-se a cultivar a *litteratura* dos cartazes. Até á sua morte, quasi cacochymo, em 1866, [1] teve o exclusivo dos cartazes dos touros, e foi isso que o celebrisou. Tambem os confeccionou para os theatros, mas os dos touros foram sempre aquelles que lhe mereceram mais desvelos. Para elles compunha umas quadras, com tal sainete comico, que se tornaram o gaudio da janotária toureira dos tempos famosos do Vimioso, Cazuza, Bettencourt, Sedvem, morgado Cabral, Roberto Schiappa, D. Bernardo, Luiz Forjaz, todos esses valentes que tinham a coragem como a primeira virtude do coração, e que considerariam attentatorio da dignidade humana o raconto d'aquelle atarantado personagem do *Pepe Hillo:*

El toro haciendome el bú
Bramaba, rezando yo...
Santa Maria! Móoo...
Santa Dei genitrix!... Múu...

Quando, em 1860, o marquez de Niza propoz na camara dos pares a suppressão das touradas, o que levantou escarceu na imprensa, Xavier mimoseou-o logo com quadras allusivas no cartaz:

Se ás vezes algum pretende mostrar-se
Ao mesmo adverso, não dá a razão.
E só por excentrico procura inculcar-se,
Não diz o que sente no seu coração.

Xavier foi um dos mais illustres membros d'essa longa serie de fabricadores de cartazes impressos, que,

---

[1] *Os Excentricos do meu tempo.* L. A. Palmeirim.

desde o seculo XVI, se teem succedido, e cujos mais velhos representantes se vão encontrar na antiguidade romana, na qual, como se descobriu em Pompeia, se annunciavam os jogos da arena e o theatro por meio de cartazes apresentando as scenas mais commoventes (o mesmo que ainda hoje fazem os nossos theatros de genero e os coliseus), ou por meio de cartazes graphicos, escriptos a pincel, com tinta vermelha, nas paredes dos sitios mais frequentados.

X

O "cavalheiro" da Gama Machado

Entre os excentricos portuguezes occupava o primeiro logar o *cavalheiro* da Gama Machado. Não realçando pelo emphatismo parisineo como Jeronymo Condeixa — a *coqueluche* das guapas —, não se tornando notavel pelas dissipações de *viveur*, como Paiva d'Araujo — que, á maneira do Beltram del Bornio no Inferno do Dante, parecia trazer a cabeça nas mãos em vez de a trazer entre os hombros —, não fazendo relevo pela distincção paradoxal, pela fria polidez diplomatica, como o visconde de Paiva, que chegou a ser socio do barão de Haussmann, o transformador de Paris e o descobridor do talento de Rochefort, — o perfil luzitanico de Gama Machado foi, ainda assim, o mais saliente dos perfis portuguezes na galeria dos conhecidos do *Tout-Paris*.

Tão pouco foi, como os outros, um feminista, um adorador das que figuram nos quadros bellicos de Cythera; nunca se encaprichou a delapidar a fortuna, só para ir estancar a sêde d'amor no calice rosa d'uma bocca attrahente, ou para ver desabrochar sonoras flô-

res nos labios em que vive a mocidade e morre o desejo...

Era um excentrico de primeira ordem, não, porém, á maneira de Manuel Brown, o quintessenciado janota portuense, que expirou victimado pelo delirio alcoolico, praticando loucuras inconcebiveis; nem como Brummel que acabou doido e pobre aos 72 annos, mandando descerrar as portas de casa para offerecer bailes imaginarios á nobreza britannica, accender os lustres, que não passavam de modestos candeeiros de azeite, e abrir as mezas do *whist* para jogadores que nunca appareciam.

O traço dominativo do exotismo de Gama Machado foi o calidissimo enthusiasmo com que se dedicou á phrenologia e á ornithologia, sobretudo a esta, que cultivou com uma inquieta curiosidade zoologica. Das apparentes antinomias do seu espirito resaltam a excentricidade e a bondade, equilibrando-se como pratos d'uma balança.

Debalde procurariam nos seus apartamentos de *clubman* os retoques pretenciosos d'um luxo alto e grave: os muros forrados de sedas, as laminas polidas dos espelhos venezianos refulgindo com a luz dos lustres, que desabrochassem no tecto como luxuriantes florescencias de crystal; os lambrequins ornamentaes, o apainelamento das panoplias carrancudas e aggressivas, os tapetes espessos e brandos como almadraques arabes, as cadeiras de setim por cujas espaldas marinhassem, á americana, pernas atticas de *lorettes* e pernas lineares de *leões*, as poltronas e canapés, largos, baixos e fôfos, estendendo amistosamente os braços e como que convidando aos extases mudos do amor...

Não o encontrariam, a miude, nas ceias *champagnisadas*, nem nos theatros consagrados ao anacreontismo, admirando a Léontine Fay, a Jenny Vertpré, a graça hermaphrodita da Déjazet; nem ainda nos thea-

tros da *grande arte*, admirando a Rachel, essa tragica eminente que sabia arrancar ao teclado da alma humana as suas notas mais *emocionantes*, ou a Mademoiselle Georges, corpo androgyno que tomára da mulher as extremidades delicadas, e do homem o torso d'athleta, apto para carnalisar as personagens extra-humanas do mundo phantastico da tragedia, que a linha flammejante da ribalta separa do mundo real. Não o veriam, com frequencia, curvando-se em contumelias nos salões em que *traînes* sussurrantes se abrem em leque, e ligeiros pésitos escondidos em ninhos de setim rodopiam nas danças.

Ninguem vá suppor, porém, que o cavalheiro da Gama Machado era um misogyno. Ninguem vá suppôr, egualmente, que era um estudioso entrincheirado no immobilismo acido do erudito *spleenático*.

Soube sempre conciliar os prazeres do mundano com os do lettrado.

Amador do sportismo hippico, Gama Machado foi um dos quatorze socios fundadores do Jockey-Club de Paris, junctamente com o principe de Moskowa, os duques d'Orleans e de Nemours, o conde Demidoff, Lord Henry Seymour, Charles Laffite, o conde de Cambis, Maximo Caccia, Delamarre, Fasquel, Ernest Leroy, de Normandie, que religiosamente observavam o velho proloquio: — Paris é o inferno dos cavallos e o paraizo das mulheres—, e que se devotavam á dura tarefa de converter os primeiros em exemplares osteologicos, e as segundas... em animaes de luxo.

José Joaquim da Gama Machado nascera em Lisboa na freguezia de S. Paulo em 1776, e fôra para Paris, quando apenas contava oito annos d'edade, sendo internado no collegio Harcourt, dirigido pelo abbade Coesnon, o mesmo a quem, posteriormente, foi confiada a educação dos filhos de Toussaint-Louver-

ture. Era primo do fallecido visconde de Benagazil.

Viajou muitissimo até que fixou residencia em Paris, onde sempre viveu, conquistou notoriedade pelas suas extravagancias de vida, pelos estudos a que se entregou, e pelos trabalhos que publicou, os quaes lhe grangearam o dipioma de socio da Academia das Sciencias de Lisboa, e d'outras sociedades scientificas, o titulo de conselheiro da legação portugueza em Paris, e a commenda de Christo. Dotado de poderosa originalidade, Champfleury começou por elle o seu livro *Les Excentriques*, prestando, comtudo, a devida homenagem aos seus incontestaveis méritos. Francisque Michel, no seu trabalho *Les Portugais en France et les Français en Portugal*, tambem se occupa de Gama Machado, cujas investigações de naturalista tiveram em França um predecessor portuguez, José Joaquim Soares de Barros, que, após larga residencia n'esse paiz, se dedicou a estudos astronomicos, e depois á estatistica.

Mas a originalidade de Gama Machado é exactamente o predicamento, que mais concita a attenção.

Entrega-se, com amor, ao estudo da historia natural, reune uma admiravel collecção d'aves e d'animaes de varias especies, cujos habitos e inclinações observa com todo o cuidado de naturalista, junta uma collecção de craneos para estudar a *cranioscopia* de Gall, ou a *phrenologia* como lhe chamou Spurzheim, publica a sua *Theoria das Parecenças*, cuja primeira parte sahiu em 1831, a segunda em 1836, a terceira em 1844 e a quarta em 1858.

A obra, não menos original do que o auctor, tinha bellas gravuras coloridas, e vendia se em Paris nas livrarias de Treutel et Wurtz, rua de Lille, n.º 10, e de Delaynan, no Palais-Royal. [1]

---

[1] Existe um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Ahi por 1830 e tantos, enceta as suas reuniões dominicaes á noite.

No seu gabinete de trabalho, onde as serpentinas banhavam com macia luz os diccionarios e os retratos que forravam as paredes, recebia elle os seus amigos d'esse tempo, graves, ponderativos, trajando á Gavarni ou á Balzac: gravata azul e collarinho alto, calças *collantes* ás pregas e com presilhas, o fraque á Restauração com golla de velludo e botões d'oiro, os cabellos frisados a ferro, e o respeitavel chapeu alto.

N'aquellas reuniões conversava-se, principalmente, d'assumptos anthropologicos, litterarios e philologicos. Apezar do seu caracter susceptivel como uma aza de borboleta adormecida que o menor sopro agita, a tolerancia de Gama Machado corria parelhas com a sua urbanidade. Era o que os francezes chamam *un homme charmant et comm'il faut*. Antes que se servisse um precioso chá acompanhado de *brioches*, *babás*, ou dos ligeiros *crescentini*, então muito usados, e por cima do chá um crystallino Xerez, Malaga ou Madeira, o amavel Gama Machado costumava dizer: *Messieurs, la société des dictionaires va commencer*. Os seus aposentos — uma *bonbonnière* tepida — davam para o Louvre, lado do Norte, mas sempre tão bem aquecidos por caloriferos, que, no inverno, reinava ahi uma temperatura permanente de 14 a 15 graus, quando na rua, envidraçada de neve, havia 10 a 12 graus abaixo de 0, que obrigavam a tiritar os burguezes nas suas *fourrures*.

Egual temperatura existia nas salas, em que viviam innumeros passarinhos, alguns tão graciosos que soltavam seus cantos quando ouviam as parlendas dos *academicos*, outros tão domesticados que vinham debicar nos bolos e nas migalhas da meza.

A casa de Gama Machado era frequentadissima pelos missionarios e bispos da China, de quem gostava

d'escutar as interessantes narrativas, e que o presenteavam com optimo chá, ricos tapetes, os velludos de lã de Chen-si, os xarões espelhantes de Nankin, os cofres em laca vermelha e em madeira de camphora de Ningpo, as faianças japonezas, as chinezerias d'*étagère*, toda a pueril missanga dos artefactos mongolicos. Tambem lá iam, frequentemente, algumas irmãs de caridade, no numero das quaes se via a sobrinha da duqueza de Duras — senhora riquissima e que teve um dos mais bellos salões da Restauração — a qual apenas tinha como herdeira essa sobrinha, que preferiu ser filha da caridade no hospital de *Val de Grâce*, a fazer um bello casamento com um fidalgo francez. Machado visitava-a, a miude, no hospital, e dava-lhe largas esmolas para os pobres.

Em sua obra, fructo de grande leitura e de aturados trabalhos, deixou as mais evidentes provas da singularidade de suas opiniões, contrastando com a dureza, que, por vezes, manifestava para com o mundo. Como fervoroso discipulo de Gall negava o livre-arbitrio nos homens e nos animaes; mas, apesar de se mostrar materialista e fatalista, era extremamente tolerante. A sua obra, não obstante a excentricidade, deu-lhe um certo renome em França.

Todos os animaes de que tratava almoçavam com elle, e, na sua obra, referia-se especialmente a um estorninho velhissimo que fazia parte da sua familia. Conta que tinha as pernas e os pés inchados, e que padecia de rheumatismo gottoso, molestia dos velhos, e de que tanto pódem padecer os homens como os animaes, porque as parecenças, conforme a sua theoria, existem até nas molestias que affligem a humanidade e os irracionaes. Tratava a sua ave com banhos aromatisados, magnetisando-a primeiro para a conservar quieta no banho.

O seu querido estorninho merece-lhe uma referencia muito carinhosa: «O meu estorninho, diz elle, conversa como qualquer pessoa; quando entro em casa

sou obrigado a entreter-me com elle por alguns instantes, aliás não me deixa descançado. Fala com tanta clareza como o papagaio, canta e assobia tão bem como o rouxinol, conhece os costumes da casa, e, a qualquer hora da noite, quando a senhora o chama, responde-lhe com um canto particular; é a mais alegre de todas as aves, e, ao mesmo tempo, falador e grande cantor. Sustentei-o, durante muitos annos, sem lhe dar carne; hoje, que está debilitado pela edade, dou-lhe do pastel do meu rouxinol (coração de vacca e farinha de grão).»

Quando andava em viagem levava um periquito seu predilecto. Na diligencia, na carruagem do caminho de ferro, ou no vapor, o periquito não deixou um unico dia de pedir o almoço, dando um grito sempre á mesma hora com uma precisão mathematica, como se fôra um chronometro. Gama Machado seria um espirito extravagante, mas era tambem um bom coração. Luiz Veuillot escreveu algures que a grande difficuldade n'este seculo é de ser serio. Pois elle conseguiu salvar essa difficuldade, e ser respeitadissimo em Paris.

Machado offereceu a sua obra ao patriarcha de Lisboa, fr. Francisco de S. Luiz, que lhe merecia particular consideração, e de quem elle conservava o retrato no gabinete, offerta que foi acompanhada da seguinte epigraphe: *En dehors de l'intelligence routinière, le génie, chez l'homme, ne trouve pour récompense que les injuries, la persécution, le cachot, et la mort.*

Gama Machado appareceu morto na cama na manhã de 9 de Junho de 1861. Contava oitenta e seis annos d'edade. [1]

O seu testamento era curiosissimo, como não podia deixar de ser, pertencendo elle a um excentrico d'alto jaez. Dispoz que o enterrassem ás 3 horas da tarde,

---

[1] *Jornal do Commercio.* 1861.

hora a que os corvos do Louvre vêm comer; que o mettessem no caixão que estava na sala de jantar, o qual tinha dentro uma mortalha; que no caixão collocassem com elle um volume das obras de Lucrecio, o seu auctor preferido, e um pequenino mausoleo com passaros mortos havia annos, e que estava egualmente na sala de jantar; que o caixão fosse levado ao *Père La Chaise* na tumba dos pobres, cujo desenho tambem se encontrava na sala de jantar, e que, atraz da tumba, fossem os seus cavallos *que tantas vezes sustentou no Bosque de Bolonha*, seis coches d'estado, vinte meninos da eschola christã, e vinte das escholas de S. Nicolau, e que a cada creança se dessem vinte francos. Não quiz armação na egreja, nem que se dirigisse convite a pessoa alguma. Gama Machado possuia no *Père La Chaise* um tumulo, que deu logar a largo pleito com a municipalidade, porque elle teimava em collocar alli, em vez dos emblemas usuaes, um menino sahindo d'um ovo!

O seu perfil celebrisou-se no Paris orleanista e imperialista, n'esse meio em que ainda se julgariam redivivas as tradições almiscaradas da Regencia, na qual, para se ser matriculado elegante, urgia haver enriquecido um *rat musqué* da Opera, applicado uma estocada d'espadachim, arruinado um uzurario, ou commettido uma extravagancia audaz.

Não foi um casquilho preguiçoso, um peralta sedentario, vendo perder o seu tempo, esteril e fugitivo.

Quiz deixar alguma coisa que attestasse ao futuro a sua illustração a par da sua excentricidade. E a *Theoria das Parecenças* foi o seu *Exegi monumentum.*

XI

O Barão de Catanea

Um grande amigo e protector da pretalhada que inçava Lisboa era o barão de Catanea, D. José Bonetti (*Gazeta*, 1829), que, da sua residencia ás Janellas Verdes, n.º 50, fizera senzala e mocambo para as carapinhas catingueiras. Este excentrico já estava em Lisboa em 1822, como se vê do annuncio inserto no *Astro da Luzitania* de 21 de Fevereiro, em que offerece os serviços na sua residencia, então na rua do Cura, a Santos-o-Velho, n.º 22, 2.º andar. O annuncio dava-lhe o nome de barão da Castanha (textual).

O sr. Feliciano Alves d'Azevedo, proprietario da pharmacia Azevedo, affirmava que o barão de Catanea tinha vindo para Lisboa como rabequista de S. Carlos. Um aviso do conde de Basto, datado do Paço de Queluz aos 27 de junho de 1830, e enviado ao barão de Sande, dizia que o Catanea era formado em medicina e cirurgia na cidade de Messina, na Sicilia, e que, attendendo ás numerosas curas que havia feito, como provava, El-Rei auctorisava-o a exercer essas curas, da mesma fórma que praticava no tempo de seu augusto pae, D. João VI. (1)

---

(1) *Avisos e Portarias*. Maço 68.

A *Gazeta* de 1832 publica dois annuncios d'agradecimento ao barão de Catanea, D. José, pelas curas que fizera; e a de 1833 insere um outro do mesmo barão, indicando um especifico que sanava a molestia epidemica.

A's vezes appareciam cartazes mandados pôr pelo barão de Catanea. Contaram-nos que, n'uma esquina da Pampulha, appareceu um, encimado por uma grosseirissima gravura, que representava uma mulher moribunda, deitada na cama, e o barão de Catanea, em pé, tendo uma pistola apontada para a Morte, que vinha entrando. Por baixo havia o seguinte distico: — «Barão de Catanea mata a Morte e dá vida á mulher.» Os annuncios do charlatão obrigaram a mexer as auctoridades; e o Intendente de Policia enviou um dos annuncios affixados nas ruas ao conde de Basto, o qual ordenou que, ácerca do referido, se consultassem o physico-mór, barão de Sande, e o cirurgião-mór, Antonio Joaquim Farto. [1]

O *Nacional* de 27 de junho de 1838 ainda traz um annuncio, mediante o qual o barão de Catanea se offerecia para curar e vestir os inglezes pobres «porque acompanhára o pae da rainha d'Inglaterra, e para que o Omnipotente désse paz e união entre todos os portuguezes.»

Este é que era bem um typo das ruas de Lisboa.

Aos balcões da casa do barão, ás Janellas Verdes, assomavam carantonhas côr de tinta de escrever, olhos roliços como bolas de loto, bocaças de carranca com belfos grosseirões, pondo em exposição dentes alvos como um teclado de piano... sem os sustenidos.

Especimens da venustade preta que levariam a scismar em folias creoulas de moleques moquencos á sombra fresca dos coqueiros, em graciosidades faceiras de mestiças cheias de quindins, em lunduns de cabôclo

---

[1] *Int. Coll. vinda do Min. do Reino*, L.º VI, pgs. 219.

muito regamboleados, em pipocas cariocas muito repenicadas de cafunés, em farandulas de capangas trouxas, em sapateados patifes de cafusas, em rêdes de sinhá roceira suspensas nas mangueiras das chacaras e balouçadas por mãos macias de mocambas, em modinhas d'um pico brazileiro, muito dengues...

N'um pateo interior da casa de moradia, o barão de Catanea mantinha grande numero de papagaios e de macacos, que, segundo contavam as más linguas, elle ia vender ao *José da Barca*, da praia de Santos. Quem penetrasse no cadoz do excentrico curandeiro teria de levar a mão ao nariz, tal devia ser o nauseabundo olôr a catinga, esse olôr particular ao negro.

Citavam-se curas milagrosas do charlatão, apontava-se a dedo o apocalyptico rocim em que chouteava, um *misero cavallo lazarento* que, mercê das tizanas e beberagens, elle conseguira revigorar, tornando-o n'uma grua apresentavel. Sua attitude acurvada, a barba escanhoada a dar-lhe uma cara lisa d'ephebo, a casaca preta, o sombreiro de copa alta, o gigantesco guarda-sol entalado debaixo do braço, o ar meditativo de quem reflexiona, de quem rumina, de quem se recolhe em si-mesmo como um tubo de telescopio, tudo o impunha á perquisitiva curiosidade, á pasmaceira do indigena basbaque, que sempre teve um fraco pela charlatanice *bien-mise*, videira, rabiga.

Viveu, fartou-se de medicar, quem sabe lá quantos faria abalar para o dominio das toupeiras, mas a auctoridade é que não interveiu, fechou-se á banda como ouriço cacheiro.

Morto o barão de Catanea — sem ser de morte macaca — desappareceu um dos typos mais curiosos da Lisboa antiga, uma das figuras esquipaticas frechadas pela mangação popular, pela chacota acintosa dos muchachos, como eram o José *das Caixinhas*, as manas *Acerta o passo* (predecessoras das *Perliquitetes*), o *Escalado*, o morgado das Cebollas, o côxo do Terreiro do Paço (um tratante, um receptador de roubos), o

Francisco dá cá..., o Paixão fiel de feitos, e o Roberto *Pim-Pim*, um pobre diabo em que todos malhavam como em centeio verde, um lunatico de quem o Taborda cantava na scena comica :

Nem pistolas, nem pedradas
Nem espadas com telim,
Nem cacetes mettem medo
Ao grão Roberto Pim-Pim.

XII

O actor Santos

Ali está um cuja vocação se manifestou desde a meninice com uma força irresistivel — José Carlos dos Santos. Seu pae, como outros de seus parentes, tivera loja de mercador, mas Santos não quiz seguir a carreira commercial, porque sentia dentro em si o enthusiasmo sagrado pelas coisas do theatro. A vida sedentaria não se compadecia com o seu temperamento de inquieto. Emprehendeu a ardua tarefa do *b a ba* no collegio de Santo Agostinho estabelecido no predio que faz esquina para a rua da Bitesga e para a dos Fanqueiros, com accesso pela escada onde esteve o homem da cal, e agora está um esparteiro.

O velho actor Matta, que tinha loja de sapateiro n'uma travessa da Baixa, e que fornecia calçado para a familia do Santos, censurava-o asperamente pelo seu desejo em seguir a arte dramatica. Mas o rapazote, de sangue na guelra, recebia o conselho com o ar constrangido d'um consulente em casa do seu dentista.

Sahido das Merceeiras principiou então a dar-se com uma escolhida roda de rapaziada: os Silveiras da Motta, Julio Machado, Luiz d'Araujo, José Esteves Costa,

alcunhado do *Petit janota* (sobrinho do barão das Picôas, que foi director do Banco de Portugal e senhor d'importante fortuna), Antonio Augusto d'Aguiar, Pedro Maria da Silva Costa, filho d'um official de marinha, José Augusto da Gama, filho do mercador Faustino da Gama com loja na rua do Ouro no predio chamado do convento dos frades do Espirito Santo (hoje Montepio Geral e Armazem Grandella). [1]

A primeira vez que Santos pisou um palco foi em casa do dr. Silveira da Motta, que então morava no predio que faz esquina para a travessa nova de S. Domingos e para a rua do Amparo. Ahi representou n'um drama, que o proprio *debutante* penejára em siglas impenetraveis como os caracteres demoticos. Depois proseguiu em theatros d'amadores, o ultimo dos quaes foi o do Aljube, então sob a directoria do padre Lopes Carreira, irmão dos Carreiras retrozeiros.

O *menino prodigio* dava azo a que lhe applicassem a exclamação da marqueza de Noailles nas *Premières armes de Richelieu:* Já não ha creanças!

Apezar de tudo, a sua declamação deixava muito a desejar. Era pomposa, emphatica, por ser esse o genero cultivado nos theatros de curiosos.

Santos estudou, leu muito e aprendeu o francez. A familia deixava-o emfim seguir o genero de vida, que livremente elegera. Francisco Gomes d'Amorim, seu desvelado protector, ainda tentou alistal-o no, já então numeroso, exercito dos empregados publicos, mas elle odiava, com todas as veras d'alma, não só *o vulgar profano*, mas tambem a manga d'alpaca.

Davam-se, por esse tempo, em D. Maria as peças de grande espectaculo: *O Templo de Salomão*, *O Alcaide de Faro*, *A Prophecia;* chegavam as companhias francezas para o theatro D. Fernando: o Dargis notavel no *Marquez de La Seiglière*, o chistoso Thiébault, a linda

[1] *Diario de Noticias*. 1886.

Paulina Chevalier, Mademoiselle Lobry, a *ingenua* seductora. Amorim apresentou Santos ao Garrett, e pediu ao Epiphanio para o admittir como discipulo em D. Maria, onde entrou ganhando sete vintens diarios, e... uma vella de cêbo. Diderot, se o vira, diria logo que *quelque chose lui battait sous la mamelle gauche*. Garrett, mirando o apresentado, disse-lhe sem ambages: — «Parece-me que o pupillo tem muito sangue na guelra, e que ha de fazer a barba ao mestre! A pinta é boa!»

O poeta formulava assim opinião com aquella franqueza rude, que era caracter typico da epoca.

Gomes de Amorim, que puzera ao Santos a alcunha de *Pitorra*, alcunha que ficou, escreveu um drama, *Ghigi*, propositadamente para estreia do seu protegido. Na noite de 31 de maio de 1851 estreiavam-se em D. Maria II um como auctor dramatico, e outro como actor.

Depois do *Ghigi* — que salto! — debitava as nugacidades d'um papel de diabo na peça espectaculosa *A Fada do Fritz*.

Santos *Pitorra*, quando rapaz, dizia muitas vezes a Julio Machado «que o seu ideal era uma casaca azul de botões amarellos, n'um papel de rapaz corajoso, intelligente e elegante.» Passados annos, n'uma peça que escreveu para o theatro D. Fernando, Santos concedeu-se uma casaca azul. Do D. Maria foi para o theatro D. Fernando, que estava no predio agora occupado pelo hotel Pelicano, no largo de Santa Justa.

Quando no Gymnasio faltou o Vasco, que foi, talvez, o primeiro *diseur* que tivemos — na ordem chronologica — Santos veiu preencher a falta. N'esse theatrito, onde esteve alguns annos, revelou melhor as suas faculdades artisticas. Os criticos mais precatados e abstemios nos dithyrambos dramaticos libavam ao novel actor. N'elle se conservava quando, em 1863, foi pela primeira vez a França, a expensas d'el-rei D. Luiz.

N'essa viagem acompanhou-o Tasso, o grande comediante, do qual se affirmava, que, ninguem, como elle, vestia uma casaca. Julio Machado recommendara-lhes vivamente que fossem ver o grande palhaço Debureau.

Santos sacrificou uma estampilha ao seu enthusiasmo, e dizia em carta que, em realidade, fôra elle o maior artista que por lá vira. [1]

Com a creação do Principe Real, Santos associou-se a Antonio Gonçalves Pinto Basto, e tomou a empreza, sob a qual se deram pela primeira vez em Lisboa as operettas: *Gran-Duqueza*, *A Ponte dos Suspiros*, e a *Flor de Chá*.

A empreza viu coroados os seus esforços, porque se succediam as casas *á cunha*, como se diz no jargão de bastidores.

Depois tomou a do D. Maria junto com José Joaquim Pinto, actual emprezario do Gymnasio, e, havendo-a largado em 1877, foram ambos para o Gymnasio unir-se com a do Polla & C.ª, que a conservava desde 1875.

Santos empregou sempre o grande estylo na primeira e na mais bella das bellas artes, que, no juizo do Garrett, é a *toilette*.

Costumam citar muito a *redingote grise* de Bonaparte, os punhos de renda de Buffon, as gravatas de Sir Georges Brummel, o guarda-chuva de Luiz Philippe. Pois deviam citar tambem o monumental chapeu do Santos, que punha uma nota aguda na gamma da sua elegancia.

Actor de grande raça, os *fracs* dos personagens que encarnava talhou-os, com sciencia delicada, no mais fino estofo romantico.

Caloroso, apaixonado, enthusiasta, tinha a sensibili-

---

[1] Referido por Julio Cesar Machado n'um dos seus folhetins.

dade irritavel dos poetas, a magestade vigorosa dos grandes mestres do palco. Para elle — que rechaçava como impertinente a graça escurril, desabotoada — só existia a phrase de luva *gris-perle*, a alta espiritualisação artistica.

Lançando o dinheiro e a vida a todos os ventos do acaso, era prodigo como Kean, grande como Kemble ou Lekain, elegante como Lafont, fino e espirituoso como Grandval

Ao seu feitio d'estouvado, ao seu ar de romance, quadrava bem a prodigalidade, que já era apanagio d'esses que diriamos seus ancestraes, os *petits-maîtres* da Fronda, que tiveram a gloria duplice de serem capitaneados pelo famoso Condé, e de receberem, á queima-roupa, os olhares de todo o grande armorial femineo, do damismo aristocratico, incluindo as archi-deliciosas Mmes de Longueville e de Chevreuse.

O seu typo era o d'um perfeito meridional: cabeça alta como a de quem sóbe a um assalto, olhos grandes, reluzentes como um setim vivo, sobrancelhas crespas, nariz ancho, tez bronzeada, voz sufficientemente poderosa para dar a nota explicativa das violentas crises psychologicas, dos grandes movimentos do coração.

Como o *Saint-Preux* do genebrez, sabia conquistar corações *à grands coups de phrase*, o que, afinal de contas, é segredo dos grandes *virtuosi*. Janota era-o de primeira agua, não, porém, na accepção que a palavra teve no seculo passado, porque *janota* vem de Janot, typo creado por um comediante do reinado de Luiz XVI, e convertido na representação do *esprit-bête* da patetice.

Perante esse requinte de sensibilidade, que se chama distincção, a curiosidade ironica embatucava, e alguns cavalheiros conspicuos murmuravam, com um ar ex-

hausto, que o Santos estava constantemente a representar... E um aroma *chic* de cosmopolitismo, os retoques caprichosos d'uma elegancia fina, eram para elle, em todas as conjuncturas, uma questão capital.

Dois mezes depois de se ter associado á empreza do Gymnasio, Santos perdia a luz dos olhos. Já cego, ainda foi ensaiador no theatro dos Recreios com a empreza de Emilia Adelaide.

Depois só de longe a longe o viram assomar á scena para recitação d'uma ou outra poesia: *A Caridade* e *As visões do actor*, de Pinheiro Chagas, *A bengala*, de Garrido, *O amanhecer*, de Thomaz Ribeiro... Ah! mas as grandes illuminações do triumpho no *Antony*, no *Pedro*, no Alberto de Magalhães da *Magdalena*, no *Marquez de Villemer*, na *Vida d'um rapaz pobre*, essas haviam desapparecido para sempre.

Entre o seu espirito e o agro aspecto das coisas punha, então, de permeio, uma macia nevoa azulada. Entrevia formosissimas chymeras a collear na fumaraça, que, do seu eterno charuto, subia lentamente em espiraes. Mas ai! agora, immerso nas sombras da cegueira, a alma forrada de negro, impossivel era despertar em seu coração os echos dormentes dos paraisos perdidos, revocar á vida as illusões amortalhadas no funebre sudario do desengano.

Não mais tornariam as noites festivas em que se sentia envolto n'uma nuvem de palmas, emquanto, nos camarotes, os corpetes das damas offegavam commovidos, e phreneticamente palpitavam os leques, d'onde voava, como um pó d'azas de borboleta, uma impalpabilidade d'iris e de *veloutine*.

O actor Santos conhecia, como poucos, a historia do theatro, e, como poucos tambem, tinha ácerca d'elle uma boa provisão d'idéas cortadas em angulos vivos.

O velho cabelleireiro Baron, quando lá ia offerecer-se-lhe algum official, deixava-o enumerar todos os seus

meritos, tecer o proprio louvor, contar todas as suas prendas artistico-capillares, e, depois de haver admirado a facundia do Figaro, tirava de dentro da gaveta uma velha escova, quasi sem barbas, e dizia seccamente : — Ponha papelotes n'isso ! — Se o official pestanejava, hesitava em pôr os papelotes nas comidas barbas da escova, o Baron regeitava-o por incompetente. Santos é que jámais hesitou em pôr os papelotes dramaticos nos personagens de que se fazia cargo — por mais senis, por mais abstrusos que fossem — identificando-se com elles, dando lhes, á expressão e á palavra, a exacção photographica e a flagrante justeza stenographica.

Quantas canceiras, quanta habilidade quasi diplomatica, para empolgar essa cousa fugace, de que o principe dos nossos folhetinistas escreveu algures : — «A gloria em Portugal é como o ananaz, que só rebenta a poder de cuidados, e medra entre dois espinhos !...» Aquella figura d'actor notavel vae-se, pouco a pouco, obliterando na penumbra rosea da recordação, porque a distancia chronologica tem isto de commum com a distancia geometrica : esbate as linhas, boleia os angulos, esfuma os contornos. E uma ou outra phrase dos seus papeis mais bellos, ainda volta, com intonação exacta, a cantar-nos ao ouvido, como se fôra reproduzida por mysterioso phonographo...

XIII

A sociedade de 1840

A sociedade de 1840 quão differente não era da que para ahi vegeta no somnambulismo d'um tedio innarravel, n'uma compungitiva elegancia patara- .. Festas alegres como uma verbena, onde se reunia tudo que agrada á vista, excita os nervos, electrisa e faz amar! Luzidos bailes que iam pedir ao seculo das elegancias o segredo da graça redundante, da seducção estonteadora!

No torvelinho dos salões cantava — n'uma *bariolage* que era o regalo dos olhos — toda a gamma estridente das côres, desde o azul cobalto, o *gris* pallido, o escarlate cochonilha e o negro d'azeviche, até ao branco polar, ao violeta manganesio, ao verde glauco, e ao amarello incandescente.

A luz alta e violenta dos lustres, a acção magnetica dos espelhos, incitavam a uma lucta de gentilezas, convidavam ao exhibicionismo dos insolentes decotes — escancarados como flores que se abriam — mostrando a galba correctamente grega de hombros candorosos como uma tenra pasta de camelias, o encanto despo-

tico, o sereno esplendor de meios dorsos alvos com agathisações azuladas; losangos de fresquissimas carnações rubenescas ou giorgionescas, tocadas pelo *creme d'Iris* ou pelos polvilhos do branco de baleia, dolencias de pescoços côr de lyrio orvalhado, collos gloriosos que floresciam n'esse meio atmospherico como as rozas ao calor da primavera, fórmas que desabrochavam com as linhas ricas d'amphoras vivas, e que davam uma sensação paradoxal de neve quente.

Sob sedas flacidas adivinhavam-se seios arrogantemente erectos como escudos de marmore, globos voluntariosos arvorando uma ponta de rubi, e que, ao tocar, seriam duros e suaves como bolas tepidas de metal polido.

Era o convulso poema da carne que cantava as suas harmonias perturbadoras...

Como a walkyria Brunehild da Illiada teutonica, parecia que todas essas mulheres, gracis, cheias de raça, possuiam os encantos avassallantes, os sortilegios, a seducção plastica, que levavam a loucuras d'erotismo os Wolker, os *preux* menestreis, ahi *travestidos* com um luxo lampejante: as casacas azues, côr de pinhão, ou verde bronze, com botões de oiro e abas estreitas forradas de seda branca; os colletes de setim côr de perola lavrado a *soutache* de oiro, ou bordado a prata, phosphorescente como ramificações de mercurio ao luar, os de velludo com flôres bordadas a seda branca ou a matiz, os de pellucia e de cachemira branca com riscas encarnadas e botões d'oiro; as calças de casemira preta *meia cossaca*, ou de lemiste, justas do joelho para baixo e formando meia pala sobre o sapato de verniz, as gravatas altas ou os lenços de setim; os *cabo-chons* d'agatha *rubanée*, de cornalina vermelho-sanguinea, de granadas montadas em prata, os botões d'oiro picado pelas scintillações mordentes dos diamantes, os de perolas aureoladas de crystallisações mimosas, destacando, irritantemente, sobre os peiti-

lhos de cambraêta encanudados, ou bordados e espelhantes como couraças de prata damasquinada.

Para a sahida estylavam a capa á Lord Byron com mangas e grande golla, o albornoz em estamenha d'Argel — d'uma gravidade de habito monacal —, o albornoz de casemira alvadia, as capas azues forradas de velludo carmesim.

Mas, no meio d'este luxo torturado, como o de Lord Byron no retrato de Philips, tambem vibrava a nota comica ministrada pelas amplas cabelleiras á *san-simoniense*, e pelas barbichas grotescas, que o *Mercurio* de 1838 frechava com epigrammas azeirados, chamando-lhes *barbinhas de bóde, e peras imitando os pinceis de papo de perú velho*.

Havia, é certo, uma elegancia de minucioso rigor nos detalhes, porque, afinal de contas, são estes que constituem o perfeito *chic*. Soprava um vento d'epicurismo, mas os homens parece que tinham algo do temperamento, dos caracteres physiologicos, do atavismo, que confluiam na idiosyncrasia d'aquelle Marco Antonio — o guindado janota romano: eram sybaritas para os gozos do bem viver, stoicos para aguentar os revezes.

Nas incomparaveis festas de que nos occupamos, emquanto as narrativas elegiacas dos clarinetes, as *fiorituri* dos flautins, e as doçuras dos violinos, voavam alto com o pó em turbilhões, os vestidos arrepanhavam-se nas ondulações das danças como papoulas que a brisa sacode, os desejos corriam em fremitos ao longo das nucas...

No turbilhonar hypnotisante das contradanças francezas, agitavam-se nymphas que deixavam d'ondular preguiçosas como cysnes brancos no liquido crystal, para virem deliciar-se com o prazer esthetico d'accender paixões entre os homens. A sua graça e a sua magestade, que deveriam ser envolvidas em petalas de lyrios, ou em nuvens tecidas no rosicler das auroras,

moldavam-se nos mais pintalgados *costumes* da Levaillant, da Lombré, da Isaure, da Véron, da Elise, soberanas legisladoras da moda que decretavam o bom gosto, como a Convenção Nacional decretava o triumpho: vestidos em *grôs* da India, real, e de Tours, em velludo verde myrto, azul marinho, ou *gaufré*, talhados á Maria Stuart; em damasco *Luis*, em setim lilaz com barras de setim roxo, em setim alfazema com tunica de cachemira branca, em setim escuro com desenhos de grinaldas de madre-silva verde clara, e abotoados por botões de *marcassita*; em *reps* verde claro ornado de lacêta de setim branco formando avental; em filó *illusion*, em levantinas, em alcyones, em seda com bordaduras e debruns de perolas, a recordarem os da imperatriz romana Lollia Paulina; em setim côr de canna com laços pretos nos hombros presos por alfinetes de pedra escarlate e aro d'oiro, em setim com avental bordado a oiro reluzindo como cardumes de pyrilampos; em *pekin* Fontanges, e em crepe rosa.

Cabellos côr de sol, de bruma nuançados d'oiro, de noite tenebrosa, do loiro veneziano, todos, indistinctamente, apresentavam caprichosos penteados: o toucado de blonde com flores, e o de velludo rôxo, com pennas brancas: o turbante de velludo verde guarnecido de franjas de prata e um marabú, e o de setim *á Fatima*, ornado de filó bordado d'oiro; o penteado *á Polka*, *á Izabel*, á ingleza ou *á D. Maria II*, ornado de grinaldas de rosas ou de rosêtas de setim escarlate, o enfeitado com myrtos e marabus, o *á Sévigné* e o *á Judia*, ornado de pedras, o toucado de setim verde enfeitado com duas borlas de perolas pendentes para o lado direito, e o de setim bordado a matiz com franjas e borla de prata; os bandós muito achatados n'um excesso de *botticellismo*, e envernizados como azas de passaros; os penteados muito altos com flores, perolas, e pedras raras, scintillando como pequeninas chammas.

Os vestuarios realçavam com os ornatos complementares: os *pince-nez* d'oiro, os leques de oiro ou de prata esmaltados ou marchetados, de xarão reluzente, de madreperola ou de marfim arrendado ou palhetado d'oiro, as ventarolas de pennas d'uma brancura leitosa; os ramos de camelias, de rainunculos, de rosas de musgo, ou de rosas do Japão, segundo a moda; as finas joias polvilhadas de brilhantes como d'uma poeira astral, as portentosas gargantilhas de perolas de Ceylão, de diamantes-rosa em combustão, os *agrafes* de turquezas e topazios, os altos pentes de tartaruga relampejando com pedras d'arestas fulgidas, os pendentes de severas amethystas, de frias opalas, d'innocentes esmeraldas; os broches em camapheus sobre quartzos-agathas nos tres planos da esculptura, e em efflorescencias com scintillações prismaticas, productos cabalisticos da rubida phantasia dos joalheiros; os diademas magestosos salpicados d'um pollen diamantino, os medalhões de girasoes, de beryllos de sinopla, de saphyras tremeluzentes; as pulseiras de fios de perolas com fechos de diamantes, simples como as manilhas perladas de Delhi, as solidas pulseiras d'oiro com camapheus, os lascivos braceletes colleando em helices de fogo nos pulsos debeis; gemmas que pareciam sangue vivo onde almas encerradas continuavam uma existencia, carbunculos magicos attrahindo o amor como o abysmo attrahe o corpo, pedrarias d'um dardejante brilhantismo zodiacal, d'uma poetica luminosidade estellar, d'um esbrazeado esplendor de constellações...

Os novos pareciam haver bebido o supremo absyntho da alegria, que lhes dava a *crânerie* juvenil, que lhes gerava a rebeldia tyrannica do sangue, a fermentação cerebral das paixões, que lhes punha uma kermesse na alma; os velhos sentiam palpitar electricamente o coração, remoçavam, como se lhes houvessem insufflado sob a epiderme um elixir de juventude, sen-

tiam installar-se-lhes no corpo esse maganão de mau gosto, que tem no appendice caudal a differencial dos homens e dos deuses, e a que chamamos, *tout court*, o Diabo. Ah! Se o esquecimento é a morte das coisas que vivem no coração, como quer Alphonse Karr, os que sobreviveram a essa épocha singular devem-lhe uma lembrança e um sorriso.

XIV

As festas do Farrobo

Joaquim Pedro Quintella do Farrobo, 1.º conde de Farrobo por decreto da regencia do duque de Bragança, em 1833, 2.º barão de Quintella, par do reino, 2.º senhor da villa do Prestimo, 2.º alcaide-mór da villa da Sortelha, grã-cruz da ordem da Conceição e commendador da de Christo, Inspector geral dos theatros e espectaculos publicos, coronel de cavallaria nacional de Lisboa, abastado proprietario e capitalista, nasceu em Lisboa a 11 de dezembro de 1801.

Casou em primeiras nupcias, em 1819, com D. Marianna Carlota Lodi, filha de Francisco Antonio Lodi, antigo emprezario de S. Carlos, e de D. Joanna Barbara Cazemira Machado, do qual matrimonio houve sete filhos; e em segundas nupcias, com *mademoiselle* Maria Magdalena Pinault, a 7 de fevereiro de 1869, na egreja da Encarnação, de cujo matrimonio houve tres filhos. Esta senhora desposou, depois, a José Mendes de Carvalho Junior (hoje fallecido).

O seu casamento com a filha do Lodi deu logar a varias peripecias. O curador do Quintella contrariava esse matrimonio, e incumbiu um espião de lhe participar todos os passos que dava o joven barão. Duas

cartas do tal espião (José João de Moraes) diziam que o Quintella costumava sahir a cavallo, acompanhado d'um criado, dirigindo-se ás Laranjeiras, e que passava sempre, entre as 3 e as 5 horas da tarde, pelo largo do Pelourinho, onde morava o Lodi.

O curador chegou a fazer com que o Corregedor dos Romulares aconselhasse providencias taes, relativamente á pessoa do menor, que, em aviso de 21 de Maio de 1817, dizia João Antonio Salter de Mendonça que taes providencias não podiam ter logar, visto que elle, menor, se achava com licença para ir á côrte beijar a mão de Sua Magestade.[1]

*

* *

Os serviços que o filho do 1.º barão de Quintella prestou á causa da liberdade foram relevantissimos e inescureciveis, porque, sem o seu concurso monetario, certamente teria naufragado a aspiração de D. Pedro IV. O conde de Farrobo estivera primeiro sob as bandeiras legitimistas, mas, quando o governo usurpador decretou em 12 e 18 de Novembro de 1831 o emprestimo forçado, no qual o Farrobo tinha a quota parte de vinte contos de réis, elle recusou-se a contribuir com tal quantia, e declarou-se liberal, pelo que foi exauctorado de regalias e privilegios.[2] Na plenitude culminante do seu poderio fez dois emprestimos ao duque de Bragança. N'uma extensa carta publicada por

---

[1] Archivo da Torre do Tombo. Intendencia Geral de Policia. *Avisos e Portarias*. Maço 35.

[2] Por resistirem a pagar as quotas, que lhes haviam sido ordenadas, para as despezas do exercito, foram intimados a sahir de Lisboa, no prazo de 24 horas, Joaquim Pedro Quintella, José Ferreira Pinto Basto, Paulo Jorge e Francisco de Souza Lobo. Refugiaram-se a bordo das embarcações francezas, que estavam no Tejo. (*Avisos*, etc. Maço 73.) João Bernardo, administrador da

Lodi no *Jornal do Commercio* de 26 de setembro de 1869 refere-se que, quando os ministros desembarcaram em Lisboa, dirigiram-se a casa do conde de Farrobo, onde José da Silva Carvalho disse á condessa: — O paiz, minha senhora, deve ao seu marido os maiores serviços, porque, se não fossem os auxilios por elle prestados, não sei onde estariam as nossas cabeças; pelo menos, livrou nos d'uma terceira emigração.

Tudo isto, e, afóra isto, os continuos estillicidios da bolsa para as suas prodigalidades insupputaveis, e o diuturno pleito sustentado com Manuel Joaquim Pimenta, no qual baldadamente chamou o governo á auctoria, carrearam o completo descalabro da sua casa. A sua vida foi um regirar furial de walsa, em que, á maneira da Magdalena no *Amaury* de Dumas, elle parecia dizer para o seu par: *Plus vite, plus vite encore!*

E o 2.º conde de Farrobo, o filho do Rothschild portuguez, que bizarreara seus cabedaes em sublimidades de fausto, em primores d'arte, em festas que eram perfeitos assaltos d'elegancia e de pompa, teve d'acceitar a modestissima pensão de 1:200$000 réis, que a liberalidade governamental lhe concedeu em 1878, como remuneração dos serviços pecuniarios e pessoaes prestados por seu pae á causa liberal.

*

* *

O conde de Farrobo, o semi-deus do bom-tom, traz-

---

casa do Quintella, foi preso para o Limoeiro, e d'ahi transferido para a Torre de S. Julião da Barra, onde o acompanharam uma escolta e o Miguel Alcaide, que por fim apresentou uma conta de 65580 réis de despezas de transporte. (*Correspondencias dos Ministros dos Bairros*. Maço 133.) Já anteriormente, em 1829, houvera denuncia de que se deviam vigiar, por suspeitas, a quinta das Laranjeiras e a quinta do Pinheiro. O Corregedor d'Andaluz recebeu ordem para as vigiar. (*Correspondencias*, etc. Andaluz).

nos sempre á idéa aquelle artigo em que Heine descreve os deuses olympicos forçados a abandonarem seus celestes coxins de nuvens, depois do advento triumphante do christianismo, e obrigados a entregar-se a occupações e a disfarces compativeis com o prosaismo da nova era. Tambem o Farrobo se viu, *malgré tout*, compellido a descer do seu pedestal de diamantes, para acabar levado nos rolos da onda do esquecimento. Tocou o zenith da gloria, deu vibração aos multiplos echos mundanos, e, como o *virtuose* que passeia o arco febril sobre a rabeca, fez cantar todas as notas passionaes com a sua maestria de *viveur* sabio; mas, infelizmente para elle, conhecendo a psychologia do amor, não conheceu a psychologia da sociedade em que viveu.

Soou a hora amarga... E no palacio das Laranjeiras, outr'ora immerso na tepidez do luxo, cheio da calida luminosidade e do alegre zumbido de festins que diriamos gerados pelas amplificações do sonho, passou simplesmente a ouvir-se a gelida canção que golpeava a noite e parecia vir das estrellas, ao mesmo passo que as arvores e as plantas do parque derramavam funebres lagrimas, e os echos reclamavam em vão o estrepito das antigas elegancias...

Never, oh, never more!

No palacio da rua do Alecrim poucos bailes se realisaram.

O ultimo foi o que o conde offereceu a D. Pedro IV e aos officiaes do exercito triumphador, logo depois da sua entrada em Lisboa em 1833. E' sabido que o primeiro barão de Quintella hospedara principescamente a Junot e ao seu estado maior n'aquelle palacio. Contou-nos o sr. visconde de Charruada, que o general francez não esqueceu os obsequios recebidos, porque, mal chegou a Paris, remetteu um admiravel serviço de Sèvres ao seu fidalgo hospedeiro.

O palacio da rua do Alecrim foi mandado edificar por Joaquim Pedro Quintella. Algumas parcellas de terreno n'aquella rua foram arrematadas pelo Dezembargador Luiz Rebello Quintella (tio d'aquelle) em 2 de Junho de 1777, e o palacio do marquez de Valença, com um terreno ao fundo, por Joaquim Pedro Quintella em 24 de novembro de 1788. (*Tombo da Cidade*. L.º 5.º Bairro Alto. fl.s 85 v., 86, 86 v. e 87.) Na escriptura d'instituição do vinculo, lavrada em 23 de Junho de 1801, apparece a casa nobre (em que morava o instituidor) com jardim, pateo e mais pertenças, na rua do Alecrim ou Duas Egrejas, da parte do Nascente, avaliada em 24 contos de réis, e, além d'outras, a casa da mesma rua, da parte do Poente, e que chega até á rua das Flores, avaliada em 6:700$000 réis. A quinta das Laranjeiras figura com o valor de 24 contos de réis. (Archivo da Torre do Tombo. *Tombo do Morgado do Farrobo*. Tomo I.)

*

* *

O nome do conde de Farrobo é inseparavel do das Laranjeiras.

Nos seus salões *movimentados* e sonoros pareciam dar-se *rendez-vous* intangendas bellezas de Murillo, typificações florentinas de Bronzino, immarcessiveis modelos de Reynolds, fidalgas gentilezas de Lawrence, seraphins de Klopstock. A cadencia harmoniosa das orchestras, rescendente a *poudre d'Iris*, evocava, n'uma phantasmagoria hypnotica, um turbilhão de talões vermelhos e saias *à panier* n'um reflexo de Watteau!

As festas ahi realisadas eram o *clou* da elegancia d'aquelles tempos. O que ellas foram conta-nol-o em sua prosa colorida a penna brilhante do visconde de Benalcanfor: — «Do mesmo modo que em Trianon e nos jardins de Versailles de Luiz XIV — cujas festas eram allumiadas pelo genio de Molière, pelos versos de

Quinault, e pelas melodias faceis de Lulli, e a que davam prestigio seductor a frescura de *mesdemoiselles* de Rohan e de Liancourt, e a belleza soberana de *madame* de Longueville e de *madame* de Mortemart — assim nas Laranjeiras do conde de Farrobo se reuniu durante vinte annos tudo quanto havia de mais distincto em Lisboa, pela elegancia, pelo talento, pela riqueza...

Reis e principes assistiram a mais do que uma d'essas festas magnificas, que a opulencia e o bom gosto do conde de Farrobo tornaram afamadas entre as mais grandiosas da Europa.» [1]

O fino sentimento mundano, a alta comprehensão das conveniencias ahi observadas, faziam naturalmente lembrar aquella empavoada côrte do rei-sol, d'esse mesmo rei, que, havendo Lauzun quebrado a espada na sua presença, exclamando: Não quero servir mais um rei que falta á sua palavra! — lhe respondera atirando a bengala pela janella, e dizendo: Nunca se dirá que bati n'um gentilhomem!

A esta esplendida estancia das Laranjeiras chamou Oliveira Martins, no *Portugal Contemporaneo*, «um eden de mercieiro rico»; mas semelhante qualificação, ao que nos parece, pecca por injusta, porque não foi a fofice do argentario, mas um fino amor d'artista, que presidiu á sua creação. De Farrobo poderiamos dizer possuir aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal*, de que falla Garrett. O conde de Farrobo era um homem muitissimo illustrado, um eximio conhecedor dos principaes idiomas europeus, um profundo sabedor de litteratura e de musica, um admiravel executante de trompa, violoncello e contrabaixo, e um insignissimo atirador, um *shooter* inegualavel nos tiros atravessados e nos *doublés*.

Se o seu espirito eleito se perdia, por vezes, na di-

---

[1] *Phantasias e Escriptores Contemporaneos.*

vagação cerebral dos sonhos discordantes, se se embebia nos extasis do fausto, no gozo agudo das pompas ruidosas, tambem sabia adorar o Ideal com o amor d'um noivo, e o enthusiasmo d'um estheta. Nas turbulencias do seu imaginar — em que as idéas phantasistas se baralhavam como pedaços de vidro multicores n'um kaleidoscopio — sobresahe, de continuo, aquella adoração, da mesma maneira que, nas operas wagnerianas, o motivo fundamental se ergue imperiosamente no meio d'uma instrumentação apopletica.

Entrando na vida sobre as azas da Felicidade, nem só a arte o seduziu com seus attractivos, nem só o luxo o fascinou com seus encantos, tambem a industria lhe mereceu attenções e lhe entreteve os ocios. O seu nome, garante de exito, ficou vinculado a muitas emprezas uteis: as dos theatros de S. Carlos, Rua dos Condes e Salitre, a da barra da Figueira, a da fabrica da Marinha Grande, a fabrica da Fiação de sedas a vapor, a de productos chimicos da Verdelha, as minas de carvão de pedra, as companhias Bonança e União Commercial, a fundição Vulcano, a empreza dos caminhos de ferro de Norte e Leste, a companhia do Gaz, a do Alto Douro, a das Pescarias, a dos Omnibus, a das Louças, a de Artefactos, a da ponte pensil sobre o Douro e outras.

O theatro de sala tem sido, desde o seculo passado, um entretenimento do grande mundo.

Vemol-o de Versailles, onde a flôr da moda declamava, e do theatro de Maria Antonietta, até ás tragedias representadas atraz de biombos de seda na Restauração, e aos *proverbes* representados pelo aristocracismo no fim das ceias de Compiègne, durante o Segundo Imperio. Mas entre nós — tirante a casa Cruz Sobral onde se cantaram algumas operas — é ao 2.° barão de Quintella que cabe a honra d'inaugurar essas espiritualisantes festas, onde confluiam todos aquelles que tinham esse *quid* de superioridade chamado o *chic*,

a sociedade de fina raça ahi arvorada em definitorio musical, em concilio artistico.

E' a elle que pertence, de direito, a gloria de dar os bailes mais soberbos, onde as harmonias da orchestra se conjugavam, n'uma concordancia amavel, á musica muda d'um maravilhoso concerto de mulheres, melodiosamente animadas nos curveteados da contradança e nas circumvoluções da walsa. De taes festas, nem sequer formará uma longiqua ideia a moderna geração enkistada no amanuensado das secretarias, *civilisada* (pelo *Turf* e pelo Gremio, diplomada pela Havaneza e pelo Martinho...

*

* *

O theatro Farrobo começára em 1820 n'um palco improvisado no palacio das Laranjeiras, no qual, de 1825 a 1827, se cantou opera. Em 1833 recomeçavam as recitas nas Laranjeiras.

Depois de 1820 lançaram-se os fundamentos d'um theatro, que foi reedificado em 1843, por occasião da grande festa offerecida á rainha D. Maria II, e que veiu ainda a soffrer bastantes alterações. Theatro e palacio foram illuminados a gaz em 1830, vinte annos antes de Lisboa o ser por esse meio. [1]

No *tohu-bohu* das grandes festividades — a que presidiam o genio d'Auber, e a musa agil de Garrett, e onde a alegria era temperada pelo atticismo atheniense e pela *verve* gauleza — reluziam as gentlemanisantes

[1] Antonio Patricio Pinto Rodrigues requereu á Junta do Governo do Reino, em 1820, para que lhe concedessem a illuminação da cidade por meio do gaz hydrogeneo, para o que propunha varias vantagens. (*Avisos*, etc. Maço 38).

Romão Fernandes apresentou outro invento, em 1825, com o mesmo fim, mas não foi acceito. (*Idem*. Maço 51.)

suissas *á Flavio* da fidalguia de nomes sonoros, os empinados bigodes da tafularia lustrados pela cêra-mostacha domingueira; appareciam os acrobatas politicos, o heraldico feminismo de mais brandos retoques de flexura nervosa, o *bas bleuisme* prompto sempre a discutir theses d'àmor com uma volubilidade espiritual capaz de derrotar todas as discipulas de Mademoiselle de Scudéry.

Para esse theatro composeram musica distinctos maestros, alguns dos quaes vieram aqui expressamente convidados pelo Farrobo. Cital-os-hemos. Pedro Antonio Coppola — fallecido em 1878 no logar de director do Conservatorio de Catanea — que escreveu as seguintes operas que foram em S. Carlos, e algumas nas Laranjeiras: *Ninna louca por amor*, em 3 actos, *Joanna de Napoles*. *Ignez de Castro*. *A Filha do Espadeiro*, *Fingal*, *os Illinezes*, *Stefanella*, *O Annel de Salomão*, com letra de Mendes Leal. Mercadante que fez para as Laranjeiras a *Testa di bronzo*. Daddi — que nascera no Porto em 1814, e foi discipulo do professor Caetano Marinelli — que compoz as operas: *O Salteador*, *O Organista*, e *Um Passeio pela Europa*. Vicente Schira, nascido em Madrid em 1802, director de S. Carlos sob as emprezas Antonio Lodi, Porto, e Farrobo, e que fez as operas: *O Fanatico pela Musica*, para as Laranjeiras, e os *Cavalleiros de Valença ou Isabel de Lara*, para S. Carlos. Lodi que escreveu a musica do *Somnambulo*. Angelo Frondoni, vindo em 1838, auctor de *I profugi di Praga*, *Gengiskan*, *Una desabitada*, e a pequena *burletta Um terno ao loto*. Escreveu mais a musica da farça *O Beijo*, para as Laranjeiras, a d'outras peças para o Gymnasio e Trindade, concorrendo ainda para a hymnologia lusitana com o hymno da Maria da Fonte. João Jordani, fallecido em 1860, compoz um bailado para as Laranjeiras, e muitos para S. Carlos, a cuja orchestra pertencia como 1.º violoncello, instrumento que tocava pri-

morosamente. Era filho d'um musico italiano, que veio para a orchestra que inaugurou S. Carlos, e nascera em 1794.

Além d'estes temos outro bastante notavel, mas de que poucos se lembrarão. Fallamos d'Antonio Luiz Miró, filho d'um hespanhol, musico regimental, e que nascera em Granada, mas que recebera educação em Lisboa. Este maestro, cujo cerebro era apto para conceber todas as maravilhas da Harmonia, todas as bellezas do Rythmo, teve por mestres a João Domingos Bomtempo, e a Fr. José de Santa Ritta e Silva, de que tambem foram discipulos: Innocencio, Cazimiro, Migone, Bertoche, Sassetti, Vieira, padre João, etc. [1]

Miró teve dois filhos: o pianista José Miró, que estudou em Paris, e deu um concerto em S. Carlos aos 17 d'agosto de 1842, e o joven tenor Joaquim Miró, que se estreou cantando *A Traviata* na *Assembléa Phylarmonica*, na mesma noite em que tambem se estreou a notabilissima amadora D. Carlota O'Neill, então de vinte annos apenas, e que foi um dos ornamentos do theatro das Laranjeiras. [2]

O tenor Miró cantou pela primeira vez em S. Carlos, na *Linda de Chamounix*, a 22 d'outubro de 1845, noite que ficou assignalada por um *charivari* monumental. O publico pateou o *debutante*, e o pae, indignando-se, abandonou a cadeira de chefe d'orchestra, rasgando ao mesmo tempo o papel da musica. O novel cantor desmaiou, e a platéa levantava-se então ameaçadora, obrigando a intervenção de D. Carlos Mascarenhas, que restabeleceu a ordem.

O maestro Miró partiu mais tarde para o Brazil e Buenos-Ayres, onde ainda o foi encontrar o brilhante

---

[1] *Os Musicos Portuguezes*. Joaquim de Vasconcellos.
[2] *O Real Theatro de S. Carlos*. F. da Fonseca Benevides.

maestro Sá de Noronha. E por lá ficou esse distincto artista, que fôra apotheosado nos commentos folhetinaes pelas pennas que constituem o quinto poder litterario. Casára com a formosa e fria Josephina Santos, actriz do antigo Gymnasio, e que hoje, velha, tropega, e quasi cega, arrasta a acabrunhante vida n'uma loja da rua d'Atalaia.

Foi no theatro das Laranjeiras que, pela primeira vez, se mostrou á luz da rampa a notabilissima actriz Delphina Perpetua do Espirito Santo — primeiramente bailarina de S. Carlos — a viva encarnação da prisca graça portugueza, da bravia e picante chalaça nacional, a *soubrette* do *Peão Fidalgo*, a D. Antonia do Menino de Deus do *Camões do Rocio*, a Maria do *Mineiro de Cascaes*, aquella de quem Garrett dizia, commentando a sua estreia no theatro do Salitre: — Não faz boquinha.

Nas Laranjeiras fizeram eclosão muitas vocações artisticas, ao deante consagradas pelo criticismo de nervo e polpa:

D. Francisca Romana Martins (tia do conselheiro Annibal Achilles Martins, ajudante do Procurador Geral da Corôa), D. Carolina Joanna O'Neill, cantora *d'élite* que ahi desfiou, uma a uma, as perolas do seu precioso collar de notas, D. Carlota Damasio, D. Ermelinda Sandman, D. Francisca Augusta da Fonseca, D. Josephina Tuvo d'Almeida, D. Carlos da Cunha Menezes, tenor, Eduardo Bourgard, baixo, Theodoro Rei, conde de S. Leger da Bemposta, Guilherme de Roure, Nicolau Klinghoefer, Sebastião Costa, Carlos Munró, D. Manuel Alva, Alfredo Duprat (depois consul portuguez no Cabo e em Londres), seu irmão Armand Duprat, e outros da alta roda, ao tempo ainda não contaminada pela invasão bacillar da *meia-tigella*.

Ahi se representou em portuguez, francez, italiano e inglez. Ahi se cantaram as operas:

Olivo, *D. Pasquale*, *D. João*, de Mozart, *Muda di Portici*, *Roberto do Diabo*. *Cenerentola*, etc.; as operas-comicas: *L'Auberge d'Auray*, de Herold, *Dominó Preto*, *Duque d'Olonne*, e *La Part du Diable*, d'Auber, *Os Salteadores*, imitada pelo Farrobo, *Une nuit à Seville*, de Barbieri, *Les quatre fils d'Aymon*, de Balfe, *Le diable à l'école*, de Boulanger, *A Barcarolla*, etc. N'uma opera, cantada em 1826, *Os aventureiros*, de Cordella, para o bailado da qual escreveu a musica o Jordani, figurava um corpo de baile composto d'oito dançarinas e outros tantos dançarinos da sociedade, que não se furtava a sacrificar sobre os altares da Choreographia. No numero d'aquellas viam-se: D. Paulina Moser (que veiu a casar com Christiano Klinghoefer, banqueiro no Rio), D. Emilia Moser (mais tarde casada com o general Fava), D. Carolina Auffdiner, D. Anna e D. Marianna d'Amorim Vianna, Elena Ruquese, D. Maria Benedicta e D. Maria José d'Andrade Calvet; e no numero d'aquelles: Roussado Gorjão, Travassos Valdez, Wegner, etc. Entravam nos córos: D. Julia Sá Vianna, D. Clarisse Duprat (mãe da viscondessa de Valmôr), baroneza de Quintella, conde de Cêa, Vieira Pinto, Euzebio de Freitas Rego, etc. [1]

As recitas davam-se quasi sempre aos sabbados. O guarda-roupa era em grande estylo, d'uma sumptuosidade impressionante: no velludo liso, damasquinado, *frappado*, em ramagens, no setim cahindo em bellas prégas laminadas de brilhantismos metallicos; as plumas exoticas, os recamos d'oiro, as fivellas esmaltadas, os adereços caros; *toilettes* que eram engenhosissimos poemas de modista, fatos que eram perfeitas epopeas de *costumier*.

E se a rubrica da peça indicasse que se devia quebrar louça de Sèvres, como aconteceu no *vaudeville Em-*

---

[1] *O Real Theatro de S. Carlos*. F. da Fonseca Benevides.

brassons nous Folleville — era realmente Sèvres que se fazia em bastilhas.

Garrett ensaiou muitas vezes, mas, ultimamente, o ensaiador habitual era o grande actor Izidoro, que, por vezes, tomou parte no desempenho, e que o Farrobo convidára para aquelle cargo, propenso, como sempre foi, a proteger a arte e os artistas.

Os scenographos eram: o professor Fonseca, o Rambois, e o Cinatti, que viera para aqui em 1836, escripturado para S. Carlos, pela empreza d'Antonio Lodi.

Cinatti casou em 1837 com Maria Rivolta, d'uma familia milaneza residente em Lisboa, e associou-se a Rambois, que, desde 1834, se encontrava entre nós. Cinatti e Rambois constituiram uma firma artistica, cujos magistraes productos scenicos foram admirados por tres gerações nos palcos de S. Carlos e de D. Maria. A collaboração d'esses dois artistas produziu, durante quarenta e dois annos, mais de seiscentos scenarios. Alguns notabilisaram-se. Basta citar o panorama do Mississipi na *Cora*, a scena final do *Frei Luiz de Sousa* em D. Maria, e o *grand décor* da *Aida*, posta em scena em 1878, o qual, pelo fino sentimento historico, pela nitidez, por assim dizer, daguerreotypica, nos trazia á idéa as sabias reconstrucções archeologicas de Hamon, do *pompeista* Gérome, e de Lawrence Alma-Tadéma.

Que esplendorosas festas se déram na quinta das Laranjeiras, por elegantes noites de inverno, nas quaes — ao mesmo tempo que as serpenteantes caudas casquinavam risadas de seda nos passos elasticos das quadrilhas — a orchestra da sala misturava suas sonoridades ás notas doloridas arrancadas por Eolo ás harpas do arvoredo...

Que representações tão distinctas, que bailes tão deslumbrantes, então que se manifestava um como movimento regressivo ás suggestivas *décollettages* do Trianon e do Directorio, aos sumptuosos decotes que proclamavam

galantemente a liberdade dos seios, pondo a nú turgidas carnações de setim alambreado, estrelladas de brilhantes e camapheus, listradas pelos rocaes de perolas, cylindrados hombros d'uma brancura lunar, a claridade magnetica d'espaduas riscadas em triangulo pelo hiatus dos corpetes ..

E, emquanto a ampla e magnifica luz dos lustres fazia scintillar as pedrarias, que fustigavam os olhos como um granizo de fogo, o jubilo perlava de sons argentinos as frescas boccas femininas, como uma mesma corrente pondo em vibração muitas campainhas electricas...

*

* *

Ha annos, discutindo-se na camara alta a lei abolicionista dos morgados, affirmava um prócere que não havia na sala veias limpas de sangue africano. Se esta affirmativa já baixou da nebulosa esphera conjectural á região fria e serena da verdade scientifica, não menos certa nos parece a asseveração de que o sangue da velha fidalguia estava inquinado pelo veneno do dillettantismo artistico-litterario. Honrando as artes e as lettras, n'um afinado espiritual, viamos: o conde de S. Lourenço, celebre pela sua memoria prodigiosa, o conde de Sabugal, poeta e homem de espirito, o marquez de Rezende, um insigne latinista e um venerador da sã linguagem portugueza, o visconde de Menezes e o conde de Mello, apreciaveis pintores, o marquez de Niza, um espirito cultissimo e uma boa voz de tenor, os Farrobos e os Atalayas, musicos distinctos, o conde de Cêa, pae do misogyno conde de Cêa, um torneiro de merecimento; a baroneza de Almeirim, pintora de merito, a espirituosissima marqueza de Niza (irmã da condessa de Mello), a velha marqueza de Valiada, (filha dos Lavradio), latinista e anglicista tão notavel como seu filho o recem-defuncto marquez de Vallada,

a viscondessa de Balsemão (D. Catharina de Souza), poetisa cujos trabalhos ficaram, na maior parte, ineditos, mas de que ha publicados alguns sonetos e apologos, e cujo flexivel arco de graça facetissima estava afeito ás mais difficeis pontarias; a marqueza de Vianna, a duqueza da Terceira, as Bellas, bordadoras, D. Marianna Ponte, notavel artista dramatica, as O'Neill, Mesquitellas, Fronteiras, Ribeira Grande, Santa-Irias, Palmellas, cantoras afamadas, a condessa da Ribeira e D. Eugenia Palmella, grandes pianistas, D. Maria Kruz, actriz primorosa que na *Fille de l'Avocat*, representada no *Thalia*, foi admiravel de chiste, de fina penetração, e cujo salão litterario da rua Formosa recebeu todas as summidades da epocha.

Pena foi não haver um Eugenio Lami, que — como o francez que pintou o mundanismo parisiense de 1830 — fixasse na tela essa sociedade lisbonense de 1840, um pouco frivola, talvez, mas sempre seductora.

*

* *

Em 10, 16 e 23 de Fevereiro de 1835 deu o conde de Farrobo tres recitas nas Laranjeiras destinadas a beneficiar as familias dos martyres da liberdade. As mais concorridas foram a segunda e a terceira.

Os programmas soavam como um carrilhão de festa. A do dia 16 principiou pelo serviço de chá ás 6 e meia, seguindo-se a dança que se prolongou até ás 8, e terminando com a recita.

Tocou toda a orchestra de S. Carlos sob a direcção do maestro Jordani. Representou-se primeiramente a opera *Il Somnambulo*, de Miró, desempenhada por D. Constança Lodi, D. Maria Joaquina Quintella, Guilherme de Roure, N. Klinghoefer, F. Lodi, conde de Farrobo, Antonio Ganhado Vieira Pinto, e D. Manuel de Sousa Coutinho.

D. Constança Lodi estava deslumbrantemente vestida: um precioso *bandeau* de brilhantes ornava-lhe a fronte, uma fita de brilhantes serpenteava-lhe na trança, e uma grande cruz de brilhantes pendia-lhe d'um grosso colar de perolas. Fortunato Lodi representou e cantou primorosamente a parte de tenor *Adolpho*, e D. Manuel a parte do baixo.

A ultima scena do 1.º acto foi brilhantissima, porque figuravam n'ella 56 pessoas ricamente trajadas: pescadores, juizes, guerreiros, etc. O scenario e o vestuario eram de riqueza inexcedivel. Havia uma vista admiravel pintada pelo Rambois, a qual representava uma sala de justiça. Seguiu-se o *Hydrophobo*, graciosa *bluette* desempenhada por Francisco Damasio, Cunha Menezes, e Duarte Cardoso de Sá, que creou um papel esplendido pela mimica, fazendo estalar risos metallicos, d'um toque argentino.

A comedia era destinada a ridicularisar o romantismo exaltado. Acabada a comedia dançou-se até depois das 4 horas da manhã.

Na festa do dia 23 subiu á scena a farça italiana *O fanatico pela musica*, de Schira, que tinha alguns alegros lindos. Foi cantada por D. Carolina O Neill, pela voz timida, mas suave, de D. Maria Joaquina Quintella, por Fortunato Lodi, Sousa Coutinho e conde de Farrobo, que preencheu o papel de Fanatico com uma arte e uma graça incomparaveis. Foi applaudidissimo no *Bobo do Principe*, em que se apresentava como actor e auctor. O fingimento e a graça do papel de velha encontraram em D. Maria Quintella uma dignissima interprete. Repetiu-se a comedia franceza *Mr. de Plessis*. A *Guarda Avançada*, jornal da epocha, ao descrever estas festas das Laranjeiras dizia: — Tudo alli é grandioso, é rico, é magnifico. —

Em 4 de dezembro de 1838 deu-se um baile, onde a mais rica *toilette* que appareceu foi a da duqueza da

Terceira, em velludo preto, rendas e frocos côr de rosa com remates de brilhantes. Houve recita theatral com a peça italiana *O desertor por amor*, na qual sobresahiu D. Carolina O'Neill, e com uma farça portugueza em que entraram o conde de Farrobo e sua filha, Guilherme de Roure e Cunha Menezes.

No dia 4 de março de 1842, *soirée* phylarmonica nas Laranjeiras. Orchestra, composta de cincoenta amadores, sob a direcção de Caetano Jordani. Executou-se a symphonia do *Dominó Preto*, d'Auber, a aria da opera *Adelia* por D. Marianna Quintella, duo concertante para duas trompas pelo conde de Farrobo e Garcia, aria da opera *Belisario* por F. Lodi, cavatina dos *Puritanos* cantada por Carlos da Cunha Menezes, *morceau* concertante para quatro rabecas por J. Quintella, Saint-Martin, Ziegler e Mazzoni.

Na segunda parte houve: symphonia da *Muda*, *rondó* do *Pirata* por D. João Mesquitella, variações sobre o melophone por J. Quintella, aria da *Favorita* pela condessa da Lapa, *duo* da *Prisão d'Edimburgo* por D. Carolina O'Neill e sua filha D. Carlota O'Neill, a *Malibran portugueza*, introducção da *Gemma de Vergy* por D. Rodrigo Linhares e Lodi. Na 3.ª parte houve symphonia da *Zampa*, aria da *Catharina de Clèves* por D. Luiz Mesquitella, cavatina do *Torquato Tasso* por D. Maria Joaquina Quintella, *duo* da *Zulmira* por madame Lodi e D. Palmira Quintella com acompanhamento de piano e melophone, aria da *Lucrecia* por D. Rodrigo Linhares, aria de *Bianca e Fernando* de Bellini por D. Carlota Quintella, acompanhada ao piano pelo signor Carrara. Em 11 de Março repetiu se a *soirée* musical tocando mais os seguintes amadores: Ignacio Miguel Hirsch, e Daddi, no piano; George Titel no clarinete; Fortunato Lodi na corneta *à pistons*; e Francisco Damasio no trombone contralto, executando estes dois ultimos o *duo* do *Belisario*.

Foram acompanhados ao piano pelo Carrara. Cantou

D. Miguel do Canto e Castro, e executou varios *morceaux* o quintetto composto de dois violinos, dois altos, e um violoncello.

O conde de Farrobo possuia o segredo de communicar a todas as suas festas um singular encanto de mundanidade, assim como só os grandes esculptores sabem pôr no marmore ou no barro a seiva d'uma vida mysteriosa, encarnando-lhe a perpetua mocidade, o ridente amor, o infinito sonho, a belleza immortal!

*

* *

A mais bella de todas as festas realisadas nas Laranjeiras foi, indubitavelmente, a de 26 de Fevereiro de 1843, offerecida a D. Maria II, D. Fernando, á imperatriz, e á infanta D. Anna. A rainha, que ouvia fallar muito das representações das Laranjeiras, manifestou ao conde de Farrobo o vehemente desejo que tinha em assistir a uma d'ellas. O conde, então, convidou-a para uma festa, que se realisaria no domingo gordo, deixando a escolha da peça á rainha, que indicou o *Duque d'Olonne*, em francez.

A's 7 horas da noite serpeava pela estrada das Laranjeiras uma longa fila de seges d'aluguel e de carruagens particulares. Principiavam a chegar os convidados. A's 8 horas era tanta e tão selecta a concorrencia que só no Paço se veria egual. O dia conservara-se humido, tristonho; a tarde cahira elegiaca, penetrada de melancholia, n'um desmaio doce, como aquelles crepusculos suavissimos de Claudio Lorreno; á noite chuviscava, o vento gemia como um accorde de flauta. Eram 8 e meia horas chegavam os reis, sendo esperados á porta do jardim pelos donos da casa e convidados. Os ministros, altos dignitarios e grandes do reino abriam o solemnissimo cortejo, que desfilou

entre duas alas de creados com ricas librés de velludo e oiro, e com brandões na mão, visto a chuva haver prejudicado a illuminação *à giorno* do jardim.

O cortejo entrou no palacio chispando scentelhas das fardas bordadas, das condecorações, dos punhos dos espadins, das joias implacavelmente mordidas pela luz crúa do gaz. N'esse momento retiniam, n'uma irradiação argentina, as notas marciaes do hymno da Carta.

Durante mais d'uma hora, vira-se a crême feminil subindo as sonoras escaleiras do palacio, que faziam lembrar a de Jacob trepada pelos anjos. Notavam-se, *au hasard de la lorgnette*, as Palmellas, Santa-Irias, condessa da Ega (Maria Magdalena), D. Sophia Martins, D. Constança Lodi, D. Josephina Athayde, a baroneza da Regaleira, a graça viperina e os cabellos côr de trigo de Madame Barrow, ministra dos Estados-Unidos, Lady Howard, D. Maria Innocencia O'Neill, D. Maria Kruz, Madame de Sousa Botelho, condessa da Lapa, Mesdemoiselles Carlota e Virginia O'Neill, e quantas mais que conservavam vetustissimos pergaminhos nos seus tombos genealogicos, quantas sobre quem a loira Hebe de bom grado espargiria as rosas da primavera...

Um jornal descreveu assim o aspecto das salas: «As innumeraveis luzes de gaz que illuminavam esses salões, as ricas *toilettes*, e as magnificas pedrarias de que ellas faziam valer todo o brilho; os uniformes, as insignias das ordens, e os trajes da côrte, de que os mais eminentes personagens, tanto portuguezes como estrangeiros, se tinham revestido; os espelhos gigantescos nas molduras douradas, que enchiam os muros multiplicando os objectos; os florões do tecto, tão delicadamente desenhados e d'uma douradura admiravel, d'onde pendiam tres soberbos lustres; os ornamentos, os vasos de flôres, e a galeria circular, que, pela altura da sua cornija, parecia coroar todas estas maravilhas; essa reunião d'objectos seductores dava logar ás mais deli-

ciosas sensações, e admirava-se, ao mesmo tempo, que esse palacio de *Armida* estivesse cheio dos gosos mais reaes e mais palpaveis.»

O theatro fôra renovado sob o risco de Fortunato Lodi, que lhe fez duas galerias, podendo assim comportar seiscentos espectadores, e que o tornou bonito e *pimpant* como uma *toilette* de baile do seculo XVIII. O pintor Fonseca encarregara-se de pintar as figuras da sala de baile e do theatro; Rambois e Cinatti pintaram as decorações da peça com um brilhantismo, que fazia reviver as riquezas dos paços dos antigos reis castelhanos; os dourados das cornijas e das molduras dos espelhos foram restaurados, em menos de dois mezes, pelo Margotteau e seis aprendizes. A despeza total montou a sessenta contos de réis. Era assim a bizarria do homem, que acabava de deixar a sua empreza de S. Carlos com perda de quarenta contos de réis,[1] e sem que nunca tivesse manifestado uma só d'aquellas hesitações, que levavam um autocrata russo a dizer á Malibran, que lhe pedira sessenta mil francos para cantar: — *Os meus marechaes ganham apenas trinta mil.* Ao que tambem a espirituosa prima-donna replicara: — *Sire, faça-os cantar!*

Foi durante aquella mesma empreza do Farrobo, que se notaram muito os amores d'este com mademoiselle Clara Lagoutine (depois madame Maywood), a linda Helena do 3.º acto do *Roberto*, a vaporosa bailarina, de cuja formosura e senhoril distincção fallaram largos annos os velhos *diletantti*.

Entrada a côrte no palacio, serviu-se o chá. O conde tomou das mãos d'um creado um rico *plateau*, sobre o qual havia uma só chavena, e offereceu-a á rainha. O mesmo fez com os outros augustos personagens.

Depois abriu-se o baile com uma quadrilha, dançando

---

[1] *O Real Theatro de S. Carlos.* F. da Fonseca Benevides.

a reinante com o marquez de Fronteira, e el-rei com a infanta D. Anna. Terminada ella, sahiram do salão para o theatro.

Na sala, borbulhante de lumes, desenrolava se um apparato luxuosissimo, o golpe de vista era maravilhoso, *féerico*. As galerias estavam cheias de senhoras, resplandecendo na pallidez ideal das carnaduras retocadas a bismutho, na alvura glacial dos vestidos espumados de rendas d'Inglaterra, e guarnecidos de perolas e esmeraldas, na coloração ardente do *gródenaple*, da escumilha, do *grós* da India, nos penteados faiscantes de pedras preciosas e de pentes d'oiro, sobre os quaes ondulavam, victoriosamente, plumas de *marabout*. Mexiam-se, curiosas, essas leves cabecitas, que se preoccupavam menos com os triangulos de Villela e as algebrizações de Francoeur, do que com as linhas geometricas do decote e as curvas da *crinoline*.

O agitar nervoso dos leques de marfim, de madreperola, e de pennas brancas, punha na sala uma palpitação viva de enormes borboletas.

Na platéa, as ricas bordaduras das fardas, os recamos dos colletes á moda, e os crachás, formavam um pequenino mar phosphorescente, onde faziam mancha os peitilhos anilados, e as casacas azues com botões de metal dourado e lavrado.

O panno subiu mansamente, n'um *ruge-ruge* setineo, e, na tepidez da sala perfumada como um *sachet*, espalhou-se mais um aroma de suprema elegancia artistica, emquanto os binoculos variamente calibrados se assestavam interrogativos para a scena.

A opera comica *O duque d'Olonne*, letra de Scribe e Saintine, musica d'Auber, foi superiormente desempenhada por D. Carlota O'Neill, conde de Farrobo, D. Maria Joaquina Quintella, D. Marianna Quintella, Carlos da Cunha Menezes (Lumiares), Joaquim Pedro Quintella, Duarte de Sá, Alfredo Duprat, H. Juel, e E. Bourgard.

Durante os intervallos — que duravam uma hora — o baile retomava o seu *élan*, os pares deslisavam ligeiramente, como que arrebatados no ar pelas sandalias d'oiro das Nymphas, circulavam os refrescos e os gelados, apresentando todas as gradações das tintas. Finda a representação serviu-se uma sumptuosa ceia volante, regada pelo oiro liquido do *Porto*, pelo *Champagne* louro e leve como o espirito gaulez, pelo *Rheno* côr de canna, sobre cuja espuma volteiam com berzeguins de prata os Elfos e as nixes germanicas...

Bailou-se febrilmente até ás 6 horas da manhã, mas a familia real retirou ás 4 e meia, depois de haver tomado parte n'uma quadrilha, em que D. Maria II dançou com o conde de Farrobo, e el-rei D. Fernando com Madame da Cunha Menezes.

A condessa, que fez distinctamente as honras da casa, ostentava um vestido de renda *à deux volants*, por cima d'outro em setim cereja, e o penteado ornava-se com pennas e com brilhantes preciosissimos.

Em quadro tão opulento de colorido nem mesmo faltou a branca nota da caridade.

O conde mandou distribuir dois contos de réis em esmolas, e convidou toda a pobreza de Lisboa para um grande bodo.

Esta festa repetiu-se, sem a assistencia dos reis, em 28 de Fevereiro. A estes bailes, que o publico chamou *europeus*, mas que bem mereciam o nome *d'asiaticos*, assistiram dois mil convidados!

Passados dezenove annos, theatro e sala de baile eram destruidos por um incendio, que se manifestou á uma hora e meia da tarde de 9 de Setembro de 1862, motivado pelo descuido d'um operario que soldava uma claraboia.

*

* *

Em junho de 1848 escrevia Lopes de Mendonça: — Entretanto as reuniões das Laranjeiras não experimentaram a influencia do terror politico, continuaram, do mesmo modo, offerecendo uma das mais apreciaveis diversões da estação. Correu todavia que a policia calçara luvas, para apprehender, com toda a elegancia, um individuo compromettido que appareceu nas salas. Esta noticia ia fazendo seriamente soffrer a reputação da policia, que, como todos sabem, não quer, nem por sombras, pertencer ao mundo elegante. — Realmente assim foi. A agitação politica não impediu que o Farrobo désse, n'aquelle anno, uma serie de festas apreciaveis, nas Laranjeiras. Na noite de 23 de abril de 1848 subiu á scena no theatro Thalia o drama em 5 actos *Marie Jeanne*, de Dennery e Mallian, desempenhando o papel de *Jeanne* a D. Emilia Kruz, o de *Remy* o sr. Guerreiro, e o de *Bertrand* o sr. Francisco de Sá.

A direcção da festa pertenceu á filha do conde, D. Maria Carlota. Na noite de 30 o mesmo espectaculo sob a mesma direcção, e nas noites de 7 e 14 de maio sob a direcção de D. Constança Lodi. Além d'aquelle drama foram as farças *Roque* e *Lucas*, arranjadas pelo Farrobo, e o *Carrilhão de Mafra*. Esta, que ia então no Gymnasio, teve desempenho pela condessa da Lapa, e D. Maria Magdalena Quintella.

Novas recitas se deram em 28 de maio e 4 de junho, mas agora sob a direcção de Duarte de Sá.

D'elle disse Julio Machado n'um folhetim: «Nunca se fallava das Laranjeiras sem se fallar logo de Duarte de Sá. N'aquellas festas de grande elegancia e de grande novidade, figurava elle como uma novidade tambem.» Esta apreciação é justa. Os Sás eram verdadeiros artistas.

N'estas duas recitas foram o *Pacto de amor*, comedia em 3 actos de Marc Michel, traduzida pelo conde, e representada por Francisco de Sá, D. Genoveva Augusta da Motta e Silva, *debutante*, e D. Maria Carlota Quintella. Seguiu se o *vaudeville L'enfant de la maison* desempenhado por Duarte de Sá, e pela condessa da Lapa, uma completa actriz. Nas noites de 11 e 18 de junho pertenceu a direcção a Fabio Maximo Carrara. Cantou-se a *Mademoiselle de Merange*, opera comica de Frondoni, desempenhada pelo conde de Farrobo, Carlos da Cunha Menezes, e E. Tonnelier, e pelas sr.as D. Maria Carlota e D. Maria Joaquina (Quintellas); e representou-se a comedia *Le caquet du couvent*, de H. Potier, desempenhada pela condessa da Lapa, Tonnelier e Carlos da Cunha. Durante o intervallo, o conde de Farrobo e Carlos da Cunha cantaram um duetto dos *Quatre fils d'Aymon*. Em 25 de junho e 2 de julho coube a direcção a Alexandre Magno de Castilho. Foi a comedia *A mulher dos dois maridos*, traduzida por elle, e desempenhada pelas sr.as Mottas e por Antonio do Canto, a opera-comica *Mademoiselle de Mérange*, e a comedia *Le caquet du couvent*. Duarte de Sá fez uns engraçados intervallos.

Reunião escolhida. Profusão de bellas *toilettes* das modistas mais em voga: Levaillant, Lombré, Aline, Adéle; penteados dos cabelleireiros da moda: Baron, Amable, Godefroy, Filisbert.

O rei e a rainha assistiram a todas as recitas n'um camarote improvisado do lado esquerdo da scena. Findas ellas, dançava-se até depois das 3 horas da manhã.

N'uma noite de outubro de 1853, noite poetica em que o pallido luar lustrava as folhas das arvores, dando-lhes reflexos d'estanho polido, e as aguas do Tejo, prestando-lhes scintillações de prata liquida, offereceu o conde uma recita na sua quinta de Villa-Franca, em

cujo theatro cantaram o *Barbeiro de Sevilha*. D. Maria Quintella fez a parte de *Rosina*, o conde de Farrobo a de *D. Bartholo*, e D. Carlos da Cunha Menezes a de *Figaro*. Depois da representação serviu-se uma bella ceia, e os convidados passaram o resto da noite no palacio, para o que estavam preparadas oitenta camas.

*
* *

Voltemos mais uma vez ao ponto centrico da moda, visitemos, novamente, o logar em que, como em nenhum outro, resoava a estridencia do alto luxo, o espirito explodia como uma crepitação de foguetes, estrallejava o Champagne, ritornellava a alegria — as Laranjeiras. Em 17 de maio de 1856, anniversario natalicio do conde de Farrobo, houve *soirée* dramatica nas Laranjeiras. Subiram á scena: a farça *Um calculo mallogrado*, e a peça franceza *Saint Robert*. A primeira foi desempenhada por Augusto Cesar d'Almeida, Azevedo e D. Magdalena Farrobo. No baile dansaram a primor a condessa (D. Eugenia), madame Carolus, ministra belga — a esbelta flexibilidade de talhe das duquezas de Van-Dyck, o perfil delicado das mulheres de Watteau, o pizar fôfo da Margarida do Fausto cruzando o jardim — D. Cecilia Wanzeller, viscondessa da Luz, Cantagallos, Silvãs, etc. Notavam-se o Fontes, o Saldanha e o banqueiro mr. Prost que viera a Lisboa combinar uma operação sobre caminhos de ferro. Abundavam as casacas onde um setestrêllo de diamantes punha uma refulgencia de constellação, ou a roseta d'uma ordem militar collava uma estampilha nobiliarchica.

A carne dos seios decotados, preluzindo entre as rendas, como a neve viva das ondinas entre os nenuphares, perfumava o ambiente; olhos ardentes de eternos desejos e de perturbativas suggestões embriaga-

vam os valsistas, como se estes houvessem bebido os mais alcoolicos vinhos do sul.

Dançou-se até ao ultimo suspiro das velas, até á walsa da aurora. Rompia a madrugada no seu furor silencioso; as estrellas, mortas de somno, iam cerrando as palpebras...

A 29 de junho nova *soirée* dramatica nas Laranjeiras, com a opera-comica *Une nuit à Séville*, e a comedia em 1 acto *Um plano mal traçado*. Na primeira, D. Cecilia O'Neill deu ao papel de *Sephora* todas as graças do seu talento artistico e da sua voz em seda.

Em 14 de julho recita e baile, a que vieram El-Rei D. Fernando e o infante D. Luiz. Representou-se a mesma opera-comica e a comedia *Un caprice*, de Musset. Foi esplendido o desempenho da primeira, confiado a D. Cecilia O'Neill, mr. Messier, Carlos Menezes, e conde de Farrobo, que vestia á hespanhola. A segunda foi desempenhada por Mademoiselle Détry, filha do engenheiro do gaz, e por D. Maria Kruz, e Cunha Menezes. Graciosa, delicada, com uma suspeita d'ironia no dizer, elegante e modesta na acção, Détry representou, ás mil maravilhas, o mimoso papel de *madame* de Chavigny.

Possuia uma voz com ardores claros de metal, uma alta intelligencia dramatica. Em nossos tempos poderia corporalisar o papel da meia-virgem, tal o ideou Prévost. D. Maria Kruz deu ao papel de *madame* de Lery a graça e o encanto que seduzem o espectador.

O ensaiador foi o Duarte de Sá. A' uma hora principiou o baile. A concorrencia era enorme.

D. Fernando dançou primeiro com a infanta D. Anna, e depois com D. Amalia Figueira; D. Luiz dançou com a ministra da Belgica. A sala era um jardim, onde, entre as mais formosas flôres, destacavam as Payants, as Wanzeller, Regaleira, Joanninha Silvã, D. Christina

Sampaio, Hortas, Shannons, Moura Valdez, Palhas. Estavam 150 damas. Madame Seissal trazia um vestido exaggerado, mas esplendidamente rico, e que, aos amadores de comparações classicas, podia lembrar, n'um esforço de retrospectividade, a chlamyde preciosa que Aggripina levou á festa de Claudio no lago Fucino. O espirito perdia-se no vago dos sonhos sublimados, onde as flôres são labios coralinos, os cantos são beijos e onomatopeias d'amor, as estrellas olhos de mulher, as nuvens cabelleiras fluctuantes, vastas como brisas, olorosas como jardins...

Durante a ceia, o Sá *Bregeiro* bebeu á saude *d'Ella*. Todos perguntavam, intrigados, quem era *Ella*, quando uma voz, partindo da galeria da sala, exclamou: *A' baroneza de Quintella!* E foi no meio dos mais ruidosos applausos, que todos brindaram á deusa da casa, como, na velha Roma, os janotas, frisados, perfumados, e de *moscas* ao canto dos olhos e da bocca, erguiam as taças trasbordantes de vinho aromatisado, e libavam aos deuses lares, offerecendo lhes o espirito d'aquella sociedade.

Cumpre agora fazer uma referencia ao Détry, cuja filha excellentemente representou nas Laranjeiras. Foi elle que mandou vir a companhia franceza para o theatro D. Fernando. Era dirigida pelo Dumesnil, grande admirador d'Emilia das Neves, a quem chamava a *Rachel portugueza*.

A essa companhia, que fez epocha, pertenciam o Dargis, o Hardy, a Desgranges, e a Pauline Chevalier — formosa a produzir cephalalgias — que mereceu as boas graças d'um alto personagem, e que tambem, parecia, não desprezava as cortezanias d'um dos maiores elegantes da epocha, D. J. de M. Entre outras peças, representaram *Les Filles de marbre*, que depois foi desempenhada em portuguez pela Luiza Fialho.

*

* *

O conde de Farrobo, com aquelle altissimo gosto que o caracterisava, offerecia uma *soirée* nas Laranjeiras em 26 de maio de 1858. Ahi estiveram D. Pedro V, a rainha D. Estephania, o rei D. Fernando, o principe Leopoldo, os infantes D. Luiz e D. João. Deram-se duas comedias: *O Tyranno Domestico*, em portuguez, e *Les toilettes tapageuses*, em francez. Nos intervallos tocou o celebre trompista Vivier. Surprehendeu pela valentia do som, e pela pasmosa facilidade com que dava os meios tons, coisa admiravel na trompa, mas o que mais admirou ainda foi sustentar duas notas ao mesmo tempo, o que fazia por meio d'um artificio só d'elle conhecido. Vivier trouxera uma carta de recommendação de Rossini.

Conta-se a seguinte anedocta a respeito do tocador de trompa Vivier.

Depois de haver mostrado seus meritos nas Laranjeiras, o conde de Farrobo presenteou-o com uma caixinha contendo tres botõesinhos de brilhantes para camisa.

Vivier achou pouco, e devolveu-os ao conde acompanhados das seguintes linhas: — «O artista Vivier toca de graça para os seus amigos, mas, em não sendo para os seus amigos, o preço porque toca é quarenta libras.» O conde mandou-lhe as quarenta libras e os botões, dizendo-lhe simplesmente n'um bilhete: — «Ahi vae o dinheiro para si e os botões para o seu creado.»

Vivier, que tinha grandes parecenças com Napoleão III, ainda é vivo, e passa os invernos em Nice. (*Gil-Blas* de 18 d'Outubro de 1897).

Foi encantadora a festa dada na quinta de Villa

Franca, em 1860. O conde de Farrobo, já no decadentismo da fortuna, offereceu uma bella representação dramatica no theatro d'aquella vivenda. Combinaram, então, que as mesmas pessoas que haviam entrado n'ella a fossem repetir no theatro de D. Maria, em beneficio das viuvas das victimas do rio Loge, em Angola.

Encarregou-se de distribuir os bilhetes Mr. Ozeroff, ministro da Russia. A 11 d'Agosto dava-se essa recita primorosa, composta da comedia *Le Caprice*, de Musset, por Madame de Katackazy, Mr. Hernandez e Mr. de Katackazy, secretario da legação russa; *Les Inconsolables*, de Scribe, por Madame de Katackazy, baroneza de Hortega, Mrs. F. de Sá, e Katackazy; *duo* do *Elixir d'Amor*, pela baroneza e pelo conde de Farrobo.

A selecta concorrencia — onde se viam os ornamentos da fina flôr alfacinha, e os representantes das potencias, que, a uma simples *grimace* das chancellarias fazem trovejar a morte — riu perdidamente com a delicada veia comica do conde.

As festas dadas na quinta do Farrobo (em Villa-Franca) em 8 e 9 de agosto de 1863 ainda foram esplendidas. N'essa poetica estancia, as auras, como as da mythologia, pareciam coroar-se de rosas, para transformarem a vida no sonho d'uma noite de verão. Mais de cem pessoas, incluindo vinte e cinco senhoras, passaram esplendidamente aquelles dois dias no magnifico solar do conde. A todos hospedou com a grandeza e affabilidade que se tornaram proverbiaes. Em ambos elles houve caçadas ao veado na tapada annexa ao palacio, nas quaes o conde patenteou a sua pericia de atirador. Na noite de 8 foi á scena no theatro a comedia *O auctor da peça*, traduzida do francez pelo conde de Farrobo, e representada por mademoiselle Maria Pinaud, e sua irmã mademoiselle Julia Pinaud, pelos actores Taborda e Izidoro, e pelos amadores Torres e Rocha. A comedia conquistou um *succès d'estime*, sobresaindo no desempenho mademoiselle Maria Pinaud,

que revelou dotes de completa artista e captivou o auditorio.

Sua irmã Julia, n'um pequeno papel, contribuiu para o bom exito, e o amador Torres, na parte de creado, apresentou-se com apropriada desenvoltura.

Em seguida á comedia, mademoiselle Maria Pinaud cantou a walsa *O Beijo*, de Luiz Arditi, o compositor da walsa *Parla*.

Estas duas walsas são as favoritas de Adelina Patti. O auctor d'ellas morreu na Italia em Janeiro de 1896. Mademoiselle Pinaud executou-a primorosamente, com bella intonação, agilidade, e força de voz. Da farça em musica *Les jolis chasseurs*, do maestro Barges, foi protogonista o conde de Farrobo, entrando tambem no desempenho o actor Taborda. Provocaram hilaridade logo que entraram em scena, sendo applaudidissimos tanto nas coplas como nas scenas declamadas, e repetidamente chamados ao proscenio. Era magnifica a vista do bosque coberto de neve, scena pintada por Rocha.

No dia 9, principal da festa, o sr. Rey, prestimano amador, executou varias sortes de magia branca. Houve jantar soberbo. A' noite cantou-se a opera comica *Les Désespérés*, e a farça *Les jolis chasseurs*. Na primeira entraram mademoiselle Marie Pinaud, o conde e o Taborda. O conde foi inimitavel na parte de lord, e mademoiselle Pinaud cantou com infinito mimo e foi uma actriz graciosissima. O auditorio, enthusiasmado, pediu a repetição da walsa *O Beijo*.

*

* *

O 2.º conde de Farrobo (Joaquim) tambem deu dois concertos nas Laranjeiras em 1866, em que tomou parte Maria Martinez Ponce de Leon, uma cantora de côr, que era natural da Havana, e a que chamavam a

Malibran preta. Alli a escutaram muitas pessoas da sociedade, que ficaram encantadas com a sua voz, o seu talento, a sua conversação animada e espirituosa. Casára com um official hespanhol, filho d'um coronel que estivera emigrado em Lisboa. Tinha voz de meio soprano, harmoniosa, meiga, egual e afinada. A *Malibran preta* cantou em casa do marquez de Pombal, em Oeiras, e deu um concerto no salão de S. Carlos, no qual tambem tocou viola na perfeição. A Volpini cantou a walsa *Les gardes de la reine.*

Foi na quinta das Laranjeiras que se fez, em 7 d'abril de 1867, a experiencia da nova espingarda de precisão apresentada por mr. Benet. Congregaram-se varias damas e cavalheiros. No numero d'aquellas viam-se: a condessa D. Marianna, *maîtresse de céans*, a condessa D. Eugenia, a condessa do Prado e Selva, e a marqueza de Pombal. Depois da experiencia houve *lunch* fornecido pelo Matta, servido em nove mezas artisticamente dispostas n'uma alameda d'annosas arvores. O sol, joeirado pela trama da ramaria, filtrado pelos rasgões da folhagem, estampava arabescos ephemeros, caprichosos debuxos instantaneos sobre as *toilettes*, as toalhas, os vidros e a louça das mezas. O *lunch* finalisou perto das 6 horas. A tarde cahia maravilhosa, n'uma gloria magica, hallucinante, colorida de longiquos reflexos d'estranhas pedrarias, como que accendendo faiscas na poeira dos atomos. Era o bello astro que queria prestar as suas mais opulentas tonalidades, os seus coruscantes esplendores regios, pulverisando d'oiro as frondes balouçantes á briza, osculando com volupia as flôres, dando cruas faiscações de pedras preciosas á agua dos tanques, pondo em braza as vidraças do palacio, embriagando n'um festim de luz o ultimo festim das Laranjeiras.

A' noite passaram a uma das salas, elegante e fina como uma moderna *boîte à bonbons* de Pihan ou de Boissier, dançaram contradanças, fizeram charadas figuradas, jogaram o *whist*. Foi a derradeira festa, foi

o canto do cysne. Como na Escriptura — tudo estava consummado!

Dois e meio mezes depois — ás 7 horas da tarde de 23 de Julho de 1867 — o conde de Farrobo lançava o *aeternum vale* a sua mulher, a condessa D. Marianna, que morria victima d'uma *angina pectoris*.

As Laranjeiras fecharam, cerrou-se o templo das artes. E o seu novo proprietario [1] mandou arrancar o lemma que ornava o portão de ferro: *Otia Tuta*... Onde gorgeava o idyllio, suspirou depois a elegia. As musas fugiram espavoridas, soffraldando as tunicas. E se alguma ainda vagueia perdida nos recessos umbrosos das Laranjeiras, é, decerto, a musa *craintive* de Millevoye.

*
* *

Referimos, succintamente, os motivos do abatimento da casa Farrobo. A Nemesis politica que, então, ainda não era a bacchante desgrenhada e descomposta da actualidade, mas a mesma que forjou os jambos vingadores de Barbier, e dictou as paginas ferreteantes do pamphletario Courrier, e os artigos tersos de Veuillot, tambem o feriu com seus dardos pungentes.

E o homem que vivera, até certo tempo, n'um mundo de crystal e oiro banhado de rosea luz, mergulhava por fim na caligem da morte, levando comsigo os ultimos echos da velha elegancia lisbonense.

O conde de Farrobo morria ás 6 e meia da tarde de 24 de Setembro de 1869, exactamente no dia, e poucas horas depois, d'aquelle em que, havia 35 annos, se finara em Queluz o seu amigo, o duque de Bra-

---

[1] O sr. José Pereira Soares.

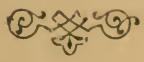
gança, ao qual abrira a bolsa para manter as tropas liberaes.

E morria na sala *Chineza*, do seu palacio da rua do Alecrim, n'essa mesma sala em que recebera e banqueteara os ministros do rei-soldado.

Quem dispendêra dinheiro, com uma largueza epica, e vivera uma vida de poema, nem sequer acabava na *dourada mediania* tão querida do poeta...

O caracter do conde de Farrobo era mixto: epicurista para o luxo do viver, stoico para arrostar com a adversidade. Pobre, esquecido, vendo os seus direitos postergados, mas calmo, imperturbavel, correctamente desdenhoso, elle soube morrer cumprindo o aphorismo d'Epicteto:

Sustine et abstine — Soffre e abstem-te! —



XV

Os bailes dos marquezes de Vianna

O 2.º conde e 2.º marquez de Vianna, D. João Manuel de Menezes, nascera no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1810, foi official de marinha, e casou com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, filha dos condes da Cunha, e neta paterna dos 1.ºs barões de Quintella, a qual pouco mais contava de doze annos.

A segunda marqueza de Vianna falleceu em 5 de novembro de 1888. O segundo conde de Vianna foi uma das mais esbeltas figuras da côrte de D. Miguel, junto do qual exerceu as funcções de official ás ordens.

Tambem cultivou a arte dramatica, chegando a desempenhar um *travesti* de mulher n'uma representação no theatro real de Salvaterra. [1] Figura proeminente d'aquella geração, brilhou ao lado dos mais nobres miguelistas, como o 2.º marquez de Bellas, tambem ajudante do rei, o conde de Basto (ministro em 1824 e 1828), o conde de S. Vicente (coronel de milicias da Lisboa occidental e dos voluntarios realistas), D. José Manuel (Tancos), o conde de S. Vicente, um dos me-

---

[1] *A Ultima côrte do absolutismo em Portugal.* Alberto Pimentel.

lhores officiaes da nossa cavallaria, soldado intrepido das tres campanhas peninsulares, ajudante de Beresford, ministro da guerra de D. Miguel e socio da Academia; o conde de Belmonte, capitão de cavallaria, o conde de Pombeiro, official da mesma arma, o formoso D. Bernardo d'Almada (Carvalhaes), o actual conde da Lapa, tenente da cavallaria nacional de Lisboa, e que veiu a casar com a filha dos marquezes de Borba (D. Francisca de Paula), que apenas contava quinze annos, mas cuja belleza fascinante, cuja elegancia quasi levada á vaporisação, a tornaram a primeira dama da côrte miguelista; os duques de Cadaval e de Lafões, o conde de Povolide, ajudante d'ordens do governo das armas da côrte e provincia; o 1.º barão e 1.º visconde de Queluz, filho d'um rico padeiro do Campo de Sant'Anna, e que, diziam, fôra barbeiro do soberano e enfermeiro do hospital de S. José, mas que desempenhou o cargo de secretario do rei, medico da Guarda Real de Policia e de numero da Casa Real, que depois acompanhou a D. Miguel no exilio, e chegou a matrimoniar-se com a princeza Malvina de Loewenstein (divorciada do conde d'Isembourg); Luiz de Palma Furtado de Castro do Rio de Mendonça, um acirrado absolutista, o conde de Soure, intimo amigo de D. Miguel, vedor da Casa Real, e cuja mãe, a condessa de Soure, fôra uma dama de formosura arrebatadora, digna do pincel de Prud'hon, o desenhador da graça.

No palacio dos marquezes de Vianna no largo do Rato, onde circulava um perfume de côrte, succediam-se os bailes, os jantares, os concertos, cuja recordação se vae apagando sob a camada fuliginosa do tempo... Ahi, as noites passavam velozes como o relampago, e, como no *Cortejo das Horas* de Guido Reni, todas as horas eram bellas e espargiam no ar o seu olor embriagante... Subia-se ao Eden das legitimas alegrias, o espirito balouçava se nas azas impalpaveis dos sonhos azues...

A' hora de principiar a festa, as carruagens armorejadas d'escudos, e as seges do José Maria Cabelleireiro, do Conceição, do Mulato, e de outros segeiros celebres, entralhavam-se á porta do palacio, emquanto os basbaques pasmavam para as janellas jorrando luz peneirada pelas cortinas, e para o peristyllo, onde creados empoados se perfilavam como alabardeiros no Paço, e, ao fremir das sedas, um luxo d'altissima estylação ascendia em cadencia.

Estava-se na epocha em que Luiz Filippe dava os grandes bailes nas Tulherias, para um dos quaes, o de 12 de fevereiro de 1833, convidou 3:800 pessoas.

Luiz Filippe não dançava, nem gostava do apparato militar, mas regosijava-se com aquellas funcções. Tambem Napoleão I não dançava, mas occupava-se da etiqueta e dos menores detalhes dos seus esplendorosos bailes das Tulherias, onde os marechaes do imperio, Ney, Bessières, Macdonald, Davoust, trajando pequeno manto e calção, faziam *chassé-croisé* nas quadrilhas com as mais lindas mulheres do antigo e do novo regimen, nos seus vestidos de longa cauda e irreductiveis mangas *bouffantes*, luvas em pregas, altas, a todo o comprimento do braço, grandes decotes quadrados e circuitados por *berthes* de rendas ou de diamantes, patenteando aos olhares profanos a graça luminosa e casta de fortes carnes cleopatrinas, *exquisitas* paisagens d'uma tonalidade clara e fresca, toda uma orographia maravilhosa desconhecida dos geographos...

Em dezembro de 1840 davam os marquezes de Vianna um sarau musical, em que se cantou um duetto de tenor e baixo, executado pelo marquez de Niza e por D. Carlos da Cunha Menezes, cantando mais a condessa de L. e S. e D. Maria Joaquina Farrobo. O marquez de Niza possuia uma voz muito apreciavel, e tocava rabeca com maestria. Foram seus mestres: de canto, o famoso Rubini, o primeiro tenor da epocha, e de rabeca, o muito celebre Paganini. N'este sarau apparece-

ram, pela primeira vez em Lisboa, as roupinhas ou jalecos á grega de velludo violeta, fechados por presilhas de torsal, que foram apresentados pela marqueza de Niza e pela condessa de L. e S.

Em 5 de janeiro de 1841 deram novo sarau em que se fizeram ouvir a condessa na cavatina da *Astarthea*, D. Maria Joaquina Quintella na da opera *Belisario*, e D. Manuel de Sousa Coutinho e Carlos da Cunha Menezes no duëtto dos *Puritanos*.

Em 3 de janeiro de 1842 offereciam um brilhantissimo baile, a que assistia toda a fidalguia de mais empoeirados pergaminhos gothicos, a elegancia *pourrie de chic*, a creme militante, e trescalante a *pat chouli*.

Os salões rivalisavam em opulencias decorativas, os moveis eram riquissimos. Paris e Londres forneceram, á compita, os mais adoraveis objectos.

Edições de luxo e bellos albuns cobriam as mezas dos differentes *boudoirs*, mas o que mais attrahia a attenção eram as esplendidas collecções de *camelias japonicas*, que ornavam a sala de jogo, e cujas hastes quasi chegavam ao tecto.

No luxo luminoso das *toilettes* destacavam se as da infanta D. Anna, marqueza de Vianna, condessas de Farrobo, Anadia, Ponte, Lavradio, Vimioso, Pombeiro, a da condessa da Lapa, perfumada de belleza e d'*espièglerie*, as das baronezas de Varenne, da Regaleira, e de Campanhã, M.lles Pontes e Lumiares, madame Maria Kruz Brito do Rio, com seu rosto delicadissimo que se nos afiguraria cortado no veio branco d'uma agatha, com seus opulentissimos cabellos d'ebano, com seus olhos peninsulares, com a mobilidade nervosa da sua bocca sardonica onde se engastavam perolas de Ceylão, e onde o espirito corria com pés furtivos.

O seu salão da rua Formosa, em que se congregava a flôr das lettras e da politica regeneradora, tinha uns vislumbres — guardadas as differenças de *meio* e de época — d'aquelles salões litterarios de madame de

Tencin, madame de Geoffrin, e madame Récamier, no seculo passado.

O baile prolongou se até á madrugada, e, emquanto os corpos enlaçados deslisavam na languidez das danças, saltavam leves como cinza, os ouvidos como que se sentiam embalados por divinaes orchestras, em que os instrumentistas eram anjos, e as musicas eram risos, retinindo com frescas vibrações de crystal...

*

* *

Todos os bailes foram supplantados pelo de 25 de janeiro de 1843, anniversario natalicio do marquez. A elegancia subtilisada, a sociedade que tinha brazões com timbres e paquifes altaneiros gravados no nobiliario, correu ao convite. O salão de jogo e leitura, havia pouco terminado, abriu pela segunda vez. Formava ao centro uma meia lua, sustentada por duas bellas columnas, e estava forrado de papel *moiré* amarello, e ricamente mobilado. Emquanto os homens se empenhavam nas combinações estrategicas do xadrez, ou a fazer alguns *robbers* de *whist*, as damas cincavam no jogo de cartas, sob os discos de luz loura projectada nos tapetes verdes pelos *abat-jours* dos candelabros. Era um jogo de entretenimento, uma jogatina sem consequencias. Não fazia recordar, nem por sombras, aquellas partidas loucas de Marly e de Versailles, onde a Montespan jogava forte, ou aquelle jogo phantastico da côrte de Carlos II, onde Lady Castlemaine — que nunca arriscava menos de 25 a 40 mil francos n'uma carta — ganhou 375 mil francos n'uma noite.

Nos restantes salões, egualmente sumptuosos, admirava se um vaso de bronze dourado, cheio de flôres e cercado de vellas, e um toucador de *vermeil* trabalhado em relevo, e de prata dourada, no estylo que o

milanez Albertoli renovou em Italia no seculo XVIII. Sobre elle viam-se trinta objectos d'oiro primorosamente cinzelado, destinados a serviço de *toilette*. Estas preciosidades pertenceram, originariamente, á rainha D. Marianna d'Austria, e foram offerecidas por ella a uma das suas damas, a quem dedicava grande amizade. Depois de terem varios donos vieram parar ás mãos da marqueza de Vianna. Eram dignas de admiração as porcelanas, e talhas japonezas, a mobilia marchetada de metal e tartaruga da sala dos retratos, os sumptuosos cortinados, e o lustre de 140 vellas. Causava espanto a decoração e a variedade de mobilias, em que havia o luxo macisso do passado: as poltronas Regencia, sobre as quaes muito agradavelmente se refestelaria o *petit-abbé* da epocha; os espelhos á Pompadour, proprios para reflectirem as cabeças empoadas das marquezas do seculo ultimo; os canapés, as consolas, os *bonheur du jour*, os tremós, os *fauteuils* de medalhão, e as pendulas, em estylo Luiz XVI; as poltronas em velludo *épinglé* á Luiz XIV, proprias para a magestade dos *guarda-infantes*, para a amplidão das saias *á panier;* as *marqueteries* d'André Carlos Boule, com folheados de tartaruga, guarnições de bronze dourado, e illuminuras de Watteau; a mobilia Imperio, em acajú ornamentado de pyras, de tropheus, de cysnes; os tapetes variegados, os artisticos esmaltes, os solidos bronzes, as frageis faianças, as pinturas a oleo, os guachos, as aguas-fortes, as *trouvailles* da arte longiqua e requintada, as finas estatuetas fallando d'amor com uma eloquencia incomparavel, as figuritas de *biscuit* executando *clownerias*, exercicios d'alta acrobacia.

Admirava-se egualmente a bandeira de seda que o velho marquez recebera de D. João VI, depois d'este regressar do Brazil na nau *D. João VI*, commandada por aquelle titular. A antiga camara do senado de Macau, reconhecida á dedicação que o soberano sempre manifestara por aquella colonia, mandou fazer um estandarte com as armas reaes ricamente bordadas, e

deu-o de presente ao rei o qual o acceitou com tanto apreço, que se serviu d'elle na sua acclamação no Rio de Janeiro, e o collocou como pavilhão real na nau *D. João VI*, em que volveu á patria em 1821. Foi esse pavilhão que elle offereceu ao 1.º marquez de Vianna.

A sala de jantar era dividida em columnas, e tinha as paredes forradas de marmore de côres. A' esplendida baixella da casa ligava-se uma historieta.

Referia-se que um nosso embaixador na Russia attrahira a sympathia da grande imperatriz Catharina, que lhe offereceu aquella preciosissima baixella em prata lavrada e cinzelada. A affeição, pura talvez, foi vivamente censurada, e o nosso embaixador obrigado a retirar-se da côrte. De volta a Portugal, recolheu-se a uma quinta nas proximidades de Coimbra, onde, ralado pelas saudades, expirou beijando um retrato querido. Por sua morte foi a baixella vendida aos ourives Monge, a quem a comprou o primeiro barão de Quintella. Por matrimonio de sua filha com o conde da Cunha foi-lhe dada em dote a mesma baixella, e, por fallecimento da condessa, veiu a possuil-a a marqueza de Vianna.

As damas expunham á morbida curiosidade investigativa dos *lorgnons* as mais perfeitas *toilettes* da *Levaillant*, suprema mestra que sabia *piocher le chic*, que comprehendia, com Hogarth, que a belleza está toda na linha curva. Distinguiam-se a da infanta D Anna em tulle azul e branco, grinalda de flôres da mesma côr na cabeça, soberbo collar d'esmeraldas ornado com folhas d'oiro; a da marqueza de Vianna em tulle branco com grinaldas d'oiro e flôres, e penteado onde um admiravel diadema de brilhantes punha uma nota aguda; a da condessa da Lapa em *organdi*, cuja alvura tão bem dizia com a angelica expressão do seu rosto branco como as geleiras scandinavicas, e cujo decote á Du Barry, mostrava uma carnação de *col-cream* e neve;

a de D. Marianna Ponte em tarlatana branca, *bella bianca vestita*. D'ella dizia uma folha litteraria que, se Raphael ressuscitasse, e quizesse pintar a innocente amante do *Ange* de Lamartine, escolheria mademoiselle Ponte, cujos encantos ingenuos, como os d'um anjo, fallavam ao coração. Notavam-se ainda as *toilettes* das mesdemoiselles Farrobos, das quaes as de D. Carlota e D. Marianna eram em crepe rosa guarnecido de ramos d'oiro, e a de D. Maria Palmyra era de crepe azul pallido com ramos d'oiro. Chamavam lhes *as tres graças*, como ás tres lindas filhas do velho marquez de Marialva na côrte de D. Maria I. Sob os lustres da sala de baile, os pares listos, joviaes, espalhavam no ar perfumes excessivos, pulavam como sombras elyseas brincando em raios de lua. E os cabellos das damas referviam n'uma ebullição de fulgores, como se estivessem toucadas d'elytros d'insectos brilhantes.

No domingo gordo d'este anno realisava-se um *bal masqué*, que em nada cedeu aos outros. Appareceram costumes ricos e originaes: as doze figuras de cartas hamburguezas, os pretos de S. Jorge, e um grande castello ambulante guarnecido de todo o seu material de guerra. As damas que mais se notabilisaram foram: a marqueza vestida de *Paquet*, a condessa da Lapa de vivandeira, D. Carlota O'Neill de Diana Caçadora (Luiz XV), D. Marianna Farrobo de napolitana, sua irmã D. Maria Palmyra de chineza, magnifico *costume* enviado do Celeste Imperio ao conde de Farrobo. Entre as figuras grotescas encontravam-se as *manas acerta o passo*, duas figuras comicas que então vagueavam pelas ruas de Lisboa. Estavam admiravelmente imitadas.

Entre todas as festas dos marquezes de Vianna houve uma, que teve mais assignalado brilho. Foi a de 19 de janeiro de 1843, dada em beneficio do Asylo de Mendicidade. Organisou-se um bazar para o qual forneceram prendas os principaes personagens da côrte. Entre os lotes viam-se: um *fauteuil* gothico feito pela

rainha, um tamborete e outros objectos pela imperatriz, uma collecção de gravuras compostas por el rei D. Fernando, um *écran en tapisserie* pela infanta D. Anna, dois coxins pela marqueza de Vianna, um *fauteuil* gothico bordado em arabescos sobre fundo negro pelas proprias mãos do marquez de Vianna, que, affirmava um jornal, poderia rivalisar com os gentis-homens do seculo XVIII na arte de escolher e *nuançar* as sedas; um quadro, representando S. Pedro, pintado por madame Osorio Tavares, um *sachet* para lenços com bordado em relevo a oiro e seda por madame Kruz, etc.

As principaes *toilettes*, devidas á alta comprehensão esthetica da Levaillant, *artiste ès modes*, eram: a da marqueza, em tunica de tulle azul, por cima uma saia de tulle branco presa por flôres, e magnifico adereço de brilhantes; as de D. Carlota e D. Virginia O'Neill, madame Sousa Botelho, D. Maria do Carmo Portugal (Valença) e condessa da Lapa, nimbada de candura e de magnetico encanto, a ideal espiritualisação da elegancia.

Em seguida ao bazar houve baile. A's 3 horas serviu-se uma profusa ceia. Repontava a manhã, ainda esses verdadeiros caprichos choreographicos saltitavam no torvelinho do baile, leveiros como os corpos que se alam no ether na *Transfiguração* de Raphael, voando com azas de seda e de gaze ao clarão dos lustres, como borboletas d'azas reticuladas entre as flôres do Hybla.

Em 25 de janeiro de 1855 houve uma *sauterie*, para que foram convidadas, entre outras pessoas, a grande cantora Alboni, e Constantino, o *Rei dos floristas*, que viera a Lisboa.

Nos fatos de senhoras distinguia-se o de madame Bumley, bordado a ouro e prata, e o penteado com

marabús. A sala de baile apresentava um bello lustre, que acabára de vir de França e que era de crystal, ornado de ramos de palmeira em metal dourado.

Abriu-se uma nova sala mobilada *á Renaissance*, e a sala de bilhar apresentava novos quadros francezes.

Mas o mais deslumbrante de todos os seus bailes foi o do entrudo de 1855. A elle assistiram D. Pedro V, D. Fernando, o infante duque do Porto e a infanta D. Anna. Tambem esteve a Alboni (condessa Pepoli). A familia real foi recebida á porta do palacio por uma commissão formada pelo marquez de Vianna, duque da Terceira e barão de Sarmento. Reunião escolhida, toda a aristocracia, a *royalty*. Andava se sobre o almanach de Gotha.

D. Fernando dançou com a irmã do dono da casa, D. Pedro V com a marqueza de Vianna, e o infante D. Luiz com a duqueza da Terceira. Decididamente, nos bailes Vianna reuniam-se todos os encantos, como no branco se reunem todas as côres do prisma...

*
* *

E' sabido que essa poderosa casa decahiu, depois de varias accidentações, até se anniquilar de todo. Apesar de tudo, a marqueza de Vianna ainda continuou a evidenciar-se nos nossos salões pela opulencia das *toilettes*.

N'um baile de caridade promovido pela condessa de Farrobo (D. Marianna), e dado no salão da Trindade em 1867, apresentou-se a marqueza ostentando um custoso vestido de seda cinzenta com rendas pretas, um opulento adereço de brilhantes e um original penteado com agulhetas d'ouro de grande valor, sobretudo pelo artistico trabalho a cinzel. E n'um baile do Club Lisbonense, n'esse mesmo anno, apresentou-se trajando um precioso vestido de setim lilaz com *pe-*

plum de velludo, que era o *dernier cri* da Raymond, a grande modista parisiense, a laureada antecessora da Laferrière, de Doucet, de Rouff, de Félix, de Redfern, a emula de Worth, o singular *couturier* inglez, que, de simples empregado da casa Gagelin, subiu a fornecedor da imperatriz Eugenia, graças á protecção da duqueza de Persigny e da condessa Walewska. Foi elle quem gizou os mais admiraveis vestidos que flammejaram nos *bals déguisés* da princeza de Léon, hoje duqueza de Rohan, nas *redoutes* da princeza de Metternich, nos *cotillons* das Tulherias, e nas festas de Compiègne, onde, segundo o depoimento de Prosper Merimée, se viam muitas ligas nas valsas. Imperatrizes, rainhas e princezas, coroadas de florões, de rosas ou de louros, todas lhe foram pedir a graça dos seus adornos.

As nymphas de Vaux choraram a desgraça de Fouquet. as nymphas lisboetas deviam ter chorado a decadencia da casa Vianna...

XVI

As festas do conde de Carvalhal

Um dos principaes acontecimentos da Lisboa mundana de 1849 foi a inauguração do theatro do conde de Carvalhal. Vamos contar cómo é que nasceu esse theatro, e o que eram as esplendentes récitas e finissimas *sauteries* d'essa casa, Estava, por esse tempo, espairecendo em Caxias a familia do conde de Carvalhal. E um dos seus despôrtos estivaes consistia na leitura de obras dramaticas, quando, por noites mornas, Cynthia deixava, campos além, suas pégadas de merencoria luz, e o Tejo arrendava de neve a faixa ruiva da praia, onde morria n'uma lamentação meiga, emquanto, ao largo, se mosqueava de pingentes prateados, tremeluzindo como um cardume d'estrellas boiantes á flôr d'agua.

Na noite de 28 d'outubro de 1849 leu-se a *Mademoiselle de Belle Isle*, drama em 5 actos, de Alexandre Dumas, pae, peça á Luiz XV, pela primeira vez representada no Theatro Francez em 2 d'Abril de 1839. Assistiam á leitura o visconde d'Athouguia, sua filha D. Sophia Jervis, uma das mais formosas meninas d'aquella epocha, a viscondessa d'Asseca, Garrett, e D. Luiz da Camara Leme e Carlos Henriques da Costa, dois dos mais endiabrados rapazes de então.

Finda a leitura, disse o velho visconde d'Athouguia:

— De hoje a um mez é o anniversario natalicio de D. Thereza Botelho. Proponho que, em homenagem ao dia, se leve á scena a *Mademoiselle de Belle-Isle*.

Alguns dos presentes apontaram os obices, as difficuldades, notaram a pouquidade de tempo.

O sr. D. Luiz da Camara objectou immediatamente:

— Mais faz quem quer do que quem póde.

Começou logo a traducção do drama, que, tres dias depois, estava concluida, e cuja vernaculidade mereceu os encomios de Garrett.

No dia seguinte principiava se a construcção do theatro, para o qual deu o risco o sr. D. Luiz da Camara Leme. Este cavalheiro e D. Antonio da Camara foram a uma estancia, onde adquiriram a madeira necessaria, e fizeram-n'a transportar para a rua de S. Felix.

Sem delonga metteram mãos á obra no pateo grande, contiguo ás salas. Trabalharam n'ella: D. Luiz da Camara Leme, D. Antonio da Camara, Carlos da Costa, Luiz Aranha, Antonio de Mello Corrêa e Francisco Palha.

De manhã eram os ensaios da peça, e, pelo dia adeante, labutava-se na construcção da sala d'espectaculo. Os elegantes mesteiraes deram-se a perros para não verem mareados os seus creditos e desluzidos os seus prestimos. E, no mesmo logar que muitos supporiam apenas azado para modesta almuinha com seus alfobres e canteiros, ou a que outros dariam a destinação de simples aviario, onde gallinaceas cacarejassem e palmipedes chapinassem como em marnel lamacento, erguia-se, passado um mez, o theatro do conde de Carvalhal. Construiram-n'o de maneira que a galeria quasi se nivelava com o andar, duas janellas do qual foram rasgadas para servirem de portas. N'ella havia logar para 600 a 700 pessoas.

À inauguração do theatro foi a 28 de Novembro de

1849. Tocou á l'arma nos arraiaes da elegancia primaz. Eram 9 horas da noite quando se collocava o ultimo banco na platéa, e eram 9 horas e um quarto quando a orchestra rompia com a peça da abertura, que foi a symphonia da *Semiramis*. A platéa alegrava-se de semblantes onde se estampavam as frescas tintas dos lyrios e das rosas, de correctas casacas azues ao ultimo figurino, de peitilhos retesos de gomma e lustrosos á luz; a galeria aformosentava-se de grinaldas de damas com *toilettes* garridas, de côres louçãs, picadas por pyrilampisações de gemmas em engastes de metaes preciosos.

Enxergava-se, de relance, linhas espirituosas de perfis curvados, dentinhos que eram colares d'aljofares, frageis pulsos manilhados d'ouro, dedos afilados brincando nos cabos dos leques, manejos d'espaduas coquettemente estudados ao espelho, rythmos de gargantas no rasgado dos decotes, carinhas miudas, gracis, mostrando-se de frente, de perfil ou de tres quartos, vidros redondos dos binoculos de nacar e de marfim, apontados por mãos enluvadas de pellica branca, ou por mãos pallidas constelladas das scintillações diamantinas de anneis riquissimos.

A *Mademoiselle de Belle-Isle* foi magistralmente desempenhada por D. Sophia Jervis, D. Thereza Botelho, viscondessa d'Asseca, D. Luiz da Camara Leme, D. Antonio da Camara, Francisco Palha, Lourenço Aboim, Carlos Folque Possolo e Antonio de Mello Corrêa. Os fatos eram a rigor, das mais finas, das mais ricas fazendas; e os figurinos foram fornecidos pela eminente actriz Emilia das Neves.

As scenas foram pintadas pelo Rocha, scenographo dos theatros do Gymnasio e das Laranjeiras.

O toucador que serviu era guarnecido das mais bellas rendas de França, e o serviço era de prata antiquissima. Parece-nos que pertencia á viscondessa de Asseca. A peça foi ensaiada por Garrett e Joaquim Lar-

cher, cunhado do visconde d'Athouguia e actor consummado.

Larcher já representára com Garrett e José Maria Grande no chamado theatro dos Coutinhos, de Coimbra, nos annos de 1817-1818. *(Memorias Biogr. de Garrett.* F. G. d'Amorim).

O papel de protogonista foi desempenhado por D. Sophia Jervis. E a maneira superior porque o fez collocou-a em fóco. Garrett disse que lhe parecia vêr a grande actriz Emilia das Neves. Tendo uma belleza peregrina *et la grâce plus belle encore que la beauté,* foi o ponto de mira de todos os olhares; o seu alto talento de comediante fez estalar trovoadas d'applausos. O cavalheiro Raul d'Aubigny foi feito pelo sr. D. Luiz da Camara Leme, que se identificou maravilhosamente com o personagem do drama de Dumas. O desempenho de Madame de Brie pertenceu a D. Thereza Botelho, e o de Richelieu a D. Antonio da Camara.

Representaram soberbamente. Foi tão profunda a impressão produzida, que Garrett exclamou: — No *Theatro Francez* não se representa melhor!

Os brilhantes triumphadores não se reclinaram, como Annibal, sobre os laureis da sua Capua; não foi necessario vir um Maharbal lembrar-lhes que aproveitassem os fructos opimos da victoria. As representações proseguiram nos invernos seguintes, tomando tambem parte n'ellas as duas irmãs de D. Antonio da Camara: D. Izabel e D. Thereza. Esta ultima era surprehendente nos papeis de *soubrette.* Além da *Mademoiselle de Belle-Isle* representaram-se: *Trop heureuse, Pas de fumée sans feu, Marido da Viuva,* etc. A companhia alargou-se e chegou a rivalisar com a do theatro *Thalia,* uma das mais fidalgas sociedades de então.

No theatro *Thalia* representavam: D. Emilia Kruz, condessa da Lapa, D. Maria d'Azevedo, D. Carlota O'Neill, Redinhas, D. Luiz da Camara Leme, Carlos Lumiares, Sá *Bregeiro* e filhos, Garrett, conde de Farrobo, Antonio Pereira da Cunha, etc. Ahi subiram á

scena algumas *burlettas* litterarias de Garrett, escriptas de proposito para os actores como: *Fallar verdade a mentir*, *Prophecias do Bandarra*, etc., e outras traduzidas tambem por Garrett.

A que obteve maior exito foi *O Diplomata*, original de Scribe. N'ella tomaram parte: a condessa da Lapa, D. Luiz da Camara Leme (protogonista), Sá *Bregeiro*, etc.

As festas de D. Thereza Botelho eram seguidas de bailes esplendorosos. Presidia a infanta D. Anna. No numero das senhoras mais distinctas viam-se: D. Izabel da Camara (a Izabelinha), irmã mais nova de D. Antonio da Camara, D. Thereza da Camara, graciosa, gentil como as pastorinhas de Madame Deshoulières e de Florian, D. Mathilde Montufar, que depois foi condessa de Carvalhal, sua irmã a viscondessa da Luz, D. Christina Sampaio, que foi uma das mais formosas meninas da epocha, e que era deslumbrantissima na sua *toilette* rosa pallida e velludo preto, a encantadora condessa de Mello, D. Henriqueta Pinto, viuva de Augusto Pinto de Moraes Sarmento, uma viuva de grande frescôr, e uma sécia á antiga, d'uma polidez assucarada como uma compoteira de doce. Tinha um collo admiravel, branco como as neves do Himalaya, e tão branco que perguntando-lhe uma amiga porque não usava um soberbo rocal de perolas, que possuia, respondeu: — Ora, tolices que dizem...

— O que dizem então? acudiu a amiga.

— Tolices, tolices, replicou ella. Dizem que as perolas em mim não se vêem... [1].

Quem transpozesse os humbraes das portas d'aquella casa, julgaria que as vaporosas figuras de Reynolds, de Rossetti, de Lawrence, se haviam animado, e fugido da dourada prisão das suas molduras, para virem pisar as alcatifas d'essas salas.

---

[1] Referido por *Francilia de Miravelhos*. (*Novidades*. 1893).

Entre os homens encontravam se os principes da litteratura e da politica, e os que melhor conheciam as rodagens do mechanismo da elegancia: Garrett, José Estevão, Sant'Anna e Vasconcellos, Francisco Palha, D. José Coutinho de Lencastre, *o avô dos janotas*, D. Pedro Loulé (actual duque de Loulé), D. Luiz da Camara Leme, o sympathico e bondoso D. Fernando da Camara Leme, e seu irmão D. José da Camara Leme (ambos officiaes de granadeiros da rainha), Antonio da Cunha, com a sua casaca azul de botões d'oiro e as eternas flôres na botoeira. *Francilia de Miravelhos*, chronista das *Novidades*, contou (em 1893) que n'um baile dos marquezes de Vianna, em Cintra, —baile a que assistiram D. Maria II, D. Fernando, os principes e o archi duque Frederico—Antonio da Cunha e João Mesquitella (depois duque d'Albuquerque) apresentaram-se tão cheios de flôres, que alguem disse: — Se houvesse dois taboleiros, era já mandal os para a banca da Sé.

Nos bailes de D. Thereza Botelho valsava-se freneticamente.

Havia então valsadores notabilissimos: Eduardo Wanzeller, José Cantagallo, D. Luiz da Camara Leme, Chico Bellas, Alexandre Villar Perdizes, João Carlos do Amaral Osorio (visconde d'Almeidinha).

Na mesma epocha em que brilhava o theatro Carvalhal brilhava tambem o theatro da familia Palha, no Dáfundo, onde representavam: a condessa da Foz, D. Luiz da Camara Leme, Francisco Palha, Antonio Pereira da Cunha, etc. D. Laura Blanco, irmã de João e Antonio Blanco, e depois casada com Antonio Palha, ahi cantava as *seguidillas* hespanholas com toda *la sal de Jesu*. As peças para esse theatrinho eram feitas por Garrett, que, depois da Maria da Fonte, dividia as suas horas d'ocio pelas familias Palha, Kruz, Farrobo, Duarte de Sá, Jervis, marquezes de Vianna, Larcher, Rodrigo

da Fonseca, etc. Quando passou a estação balnear de 1848 na Cruz Quebrada, emprehendeu largos passeios pelas cercanias. Por ahi *viveu* as suas *Folhas Cahidas*, por ahi amou, e na quinta dos Palhas escreveu um pequeno proverbio, *O noivado no Dáfundo*, ou *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, que elle mandou depois, de Caxias, acompanhado d'uma espirituosa epistola a Francisco Palha [1].

No Dáfundo se deram famosos *pic-nics*, onde Garrett recitava versos, e as Kruzes, as Botelhos, as Palhas e outras fidalgas damas faziam charadas figuradas, onde se jogavam jogos de prendas deliciosos, e se cantavam modinhas ao gosto da epocha [2].

Garrett adorava as amenidades d'aquelles sitios como Sallustio e Lucullo amaram os verdejantes suburbios da antiga capital romana, como Cicero e Hortensio as frescuras de Tusculum, d'onde se admiravam as rosadas montanhas da Sabina, as lagoas Pontinas, o anil do mar Tyrrheno; como Horacio amou os pomares do Tibur, Virgilio as ribas do Pausilippo, Catullo a elegantissima Baias, a Royat da Roma classica, onde folgava a mocidade dourada dos tempos de Julio Cesar e d'Augusto.

[1] *Memorias Biogr. de Garrett.* F. G. d'Amorim.
[2] Cartas de Augusto José publicadas no jornal *O Tempo*.

XVII

Os bailes dos condes de Penafiel

Os bailes Penafiel já foram o debil arremêdo, o pallido reflexo das magnificencias antigas. Outros eram os tempos, outra a sociedade. As grandes fortunas haviam-se parcellado ou esgotado, as tradicções da nobre elegancia iam-se obliterando, o brilho dos velhos ideaes embaciara, diversos eram os intuitos, differentes as aspirações.

Tudo cambiou, tudo foi alterado. A antiga aristocracia passava a figurar no segundo plano. Se no velho galeriano do prazer dominava o coração, n'este, agora, dominava a cabeça. Poder-se-hia repetir o que madame de Tencin dizia a Fontenelle, collocando-lhe a mão sobre esse orgão chiquitito em que se transfundem o sangue e os sentimentos: — O que tendes ahi não é o coração, é o cerebro, como na cabeça.

Os bailes, d'uma grandeza pharaonica, d'uma sumptuosidade oriental, foram substituidos pelos *raouts* d'uma pobreza dourada, pelos *five o' clock tea* risivelmente macaqueados dos costumes inglezes, pelos bailaricos chinfrins, pelos *salsifrés* obrigados ao chá e torradinhas pelintras; os salões, onde a scintillante

conversação tinha um altar, foram substituidos... pelo telephone. E' a photographia desthronando a pintura a oleo, Reutlinger fazendo rolar no solo o diadema de Watteau.

As festas que o conde de Penafiel deu no seu palacio na rua Nova de S. Mamede, aos Caldas, embora não tivessem a estampilha artistica, ficaram notadas nos registos mundanos.

No pequeno pateo da entrada, as carruagens — ao scintillar dos ferros, ao ranger dos guarnecimentos dos *steppers*, ao tinido claro das cadêas e barbellas — abriam-se como estojos de preciosidades. As janellas do palacio palpitavam como olhos que pestanejam. Os creados empoados formavam alas. Nos salões, inundados de luz, via-se um enxame de mulheres, muitas d'ellas de fórmas firmes e bem plantadas, com ancas de linhas ondulosas, seios rijos e brancos como maçãs de prata fazendo eclosão nos decotes muito chanfrados; outras, d'altos pescoços em columnello, de talhe franzino, quadris estreitos, lineares, nevroticas, lembrando aquelles typos de mysterio imaginados pelos pintores preraphaelitas, accusando a aristocratica anemia das raças extremamente apuradas; outras, ainda, impondo-se pela envergadura e pela magestade da sua elegancia, passeando como cysnes na sua paz branca e symbolica, na sua lentidão fria e cerimoniosa, arrastando os seus vestidos bordados, que brilhavam de scintillas fulvamente metallicas como saias lhamadas de dançarinas apparecendo entre os raios incendiantes d'uma lampada de magnesio. Os cabellos em aneis sobre a testa projectavam uma vacillação de sombra até ao arco das sobrancelhas Sob as fimbrias de bellas rendas — aquelle *ar tecido* de que fallava Petronio — apontavam malleolos finamente torneados, terminando em pés de rã moderna. Ao abrigo dos leques cruzavam-se olhares, ora meigos, velludosos, como promes-

sas d'amor, ora energicos e frios como declarações de guerra. Fluctuavam tepidos aromas de carnes femininas, animalmente estimulantes, acres perfumes de verbena e de *pó á marechala*, de *veloutine* e de Chypre, de jasmin e de leite de morango, um mixto indecifravel mesmo ao olfacto educado d'um Rimmel ou d'um Atkinson.

O sangue corria nas veias, mais vivo e mais quente; accendia-se o lustre dos desejos, a orchestra parecia executar uma symphonia em *amor maior*, envolvendo-nos n'um penumbra crepuscular de delicias.

Sob casacas pretas do Keil e do Catarro, sob plastrões de bretanha luzidia como porcelana, encontrava-se mais d'um mr. de Camors, d'um Antony, e d'um Rastignac.

No baile de 11 de fevereiro de 1865 estiveram mais de 1:500 pessoas. A sala de baile era forrada de seda branca, tinha ornatos dourados, e os reposteiros de seda azul tecida a crystal. A sala amarella estava forrada a seda d'esta côr, tinha mobilia riquissima, e ornavam-lhe as paredes dois grandes espelhos ovaes. Uma outra sala apresentava um relogio (que fôra feito para a imperatriz Eugenia) tendo figuras allegoricas douradas que representavam a Noite e o Dia, e as quatro estações. O relogio assentava n'uma primorosa banqueta de pedra azul de elevado valor. A sala da ceia estava forrada de cassa branca em cortinados, suspensos por cordões escarlates e brancos com grandes borlas, que prendiam a corôas de camelias; um lustre soberbo — fabricação portugueza de José Maria Salema — estava adornado por 2:560 camelias, e tinha dentro um ramilhete que terminava pela corôa de conde; havia mais quatro lustres pequenos do mesmo gosto, tendo todos 176 vellas de stearina.

A sala da ceia tinha, ao todo, 418 lumes. Uma grande meza rodeava a casa, e, ao centro, havia outra

mais pequena com oito candelabros dourados vestidos de camelias. Sobre as mezas estavam ricas louças de Sèvres, objectos de crystal e metal, e sobre os aparadores, nos vãos das cinco janellas, a grande baixella d'oiro e prata.

Ao fundo da sala um grande vidro de 3^{m} por 2^{m} tendo pintadas as armas dos Penafiel, e nas paredes os retratos dos avós da dona da casa. Para a ornamentação vieram do Porto dezeseis mil camelias na importancia de 600$000 réis. Proximo havia uma sala esplendidamente mobilada que servia de vestiario, e mais outra forrada de damasco amarello com barras de setim branco.

Algumas *toilettes* esplendidas.

A da condessa (depois marqueza) de Penafiel era composta de vestido de cambraia franceza com corpete e sobresaia de setim escarlate, borrifada de diamantes.

Nas outras damas predominava o azul e o côr de rosa.

Tocavam duas orchestras. Das 10 ás 11 horas serviu-se o chá, das 11 á 1 serviram-se os refrescos, e da 1 ás 4 da manhã realisou se a ceia, aspergida pelos melhores vinhos e licores: Madeira, Rheno *frappé*, Malvasia, Porto, Bordeaux, Champagne *frappé*, *Anisette* de Bordeaux, marrasquino de Zara, Chartreuse, Kumel de Riga, Cognac, Curaçao, e todas as bebidas amsterdamezas. A luz do gaz e da stearina, incidindo sobre os crystaes Bohemia e Baccarat espalhados pela meza, punha lhes notas irisadas, jovialissimas. Dentinhos miudos trituravam as *mayonnaises* e os *croquettes*, com a mesma facilidade com que triturariam as fortunas e os corações. Os vinhos capitosos punham nos olhos agudas brilhaturas de phosphoro. Sobre as cabeças masculinas, penteadas á Capoul, soprava uma rajada bacchica. A imaginativa levar nos-hia á Roma da ancianidade, aos repastos de Lucullo no seu pala-

cio do Pincio, illuminados a tochas de cera, servidos em baixellas d'oiro fulvo e de prata repuxada, e onde os convivas gorgolejavam, em tragos férvidos, os vinhos da Grecia e da Sicilia, par calices de crystal com duas azas negras envernizadas, e por taças de agatha, de lapis-lazzuli, d'um custo doido...

O *cotillon* principiou ás 5 horas e acabou ás 7 da manhã. As camelias ornamentaes pendiam tristes como as flores que soluçam sobre as pedras mortuarias; Morpheu derramava o seu pó d'oiro sobre as palpebras dos convidados...

Em 1867 a casa Penafiel deu uma serie de bailes. No de 20 de fevereiro a condessa de Penafiel apresentou um vestido de seda preta recamado de folhos de tulle preto, magnifico collar de brilhantes, de que pendia uma cruz formada de cinco brilhantes de grande valor.

Mas a *toilette* que teve as honras da noite foi a da marqueza de Vianna, que trajava, sobre uma saia de riquissimo estofo branco guarnecida de larga barra encanudada, uma especie de tunica de setim escarlate, aberta por diante, mas justa no corpo, á maneira do *strophium* gaulez, terminando por uma larguissima renda preta. Na cabeça dois rolos de velludo escarlate, semeados de estrellas de brilhantes, e, sobre o *chignon,* uma cinta de agathas em fórma de discos encrustados de rubis. A baroneza d'Almeirim usava vestido *moiré* rosa, sobre que cahia segunda saia de renda branca, e tinha o cabello empoado.

A serie dos bailes fechou com chave d'oiro. No ultimo estiveram mais de mil pessoas.

No salão vermelho do primeiro andar, onde as *toilettes* sobresahiam com mais vigor, formavam-se grupos pittorescos em volta do grupo de Fantachiotti, allegoria a um dos mais bellos predicados do sexo fragil. A condessa trajava vestido de setim azul coberto

de rendas brancas, o corpo do vestido enfeitado de perolas e o adereço de brilhantes; o penteado alto, com *chignon*, completava a *toilette*. Notavam-se mais: a marqueza de Pombal, de branco, sendo o vestido salpicado de raminhos lilaz, adereço de brilhantes, e penteado empoado á Maria Antonietta; a marqueza de Vianna em vestido de seda *gris cendré*, com rendas pretas, e um adereço de brilhantes totalmente differente do que levara aos outros bailes.

A sala da ceia apresentava um gradeamento ornado das rosetas carmezins das bougainvilias, que forravam toda a grande barraca em que estava armado o bufete; e no centro da rotunda, sob o lustre, um repucho corria na cascata em fórma pyramidal, e ia fornecer um tanque redondo, guarnecido de conchas, plantas aquaticas e stalactites.

A's 4 horas da manhã dançava-se o *cotillon*, e, na sala da ceia, ouvia-se a tinição dos pratos, e via-se mais d'uma mão, de florentina elegancia, empunhando a taça colorida pelo Champagne regulamentar. Perante o *punch à la romaine*, o *foie gras*, as iguarias revolucionarias, e as saladas de guerra, faziam a paz os desavindos, congraçavam se os dissidentes.

Estava então a França em plena orgia imperial, que, em muitas partes, se procurava imitar por obediencia á moda. Celebravam-se as festas de Compiègne, a que a electricidade trazia a luz em suas azas ethereas, e onde, no fim das ceias, as aristocratas semi-nuas representavam *proverbes* feitos sobre anedoctas obscenas, e dançavam o famoso bailado dos *Elementos*, disfarçadas em nayades e salamandras; davam-se as celebres *redoutes* da imperatriz Eugenia e da deslumbrante Princeza de Metternich, com as suas quadrilhas das *nações* e das *abelhas*, tão decantadas como já o haviam sido os bailados das Tulherias, executados por damas do grande mundo, vestidas á Watteau, e presididas

pela marqueza de Galliffet, uma formosura transcendente, de fórmas ondeantes como chammas.

Os bailes Penafiel, em 1867, fecharam o cyclo dàs grandes festas lisbonenses.

Seis annos depois, as salas do palacio deixavam de resoar com as walsas de Strauss e de Waldteufel, para echoarem com a voz roufenha do leiloeiro...

XVIII

Na Côrte de D. Pedro V

O primeiro baile real que se deu, depois da morte da rainha D. Maria II, foi o de 5 de Fevereiro de 1855 no paço de Belem. Dedicaram-n'o ao principe de Gotha, que, havia pouco, chegara a Portugal. Para Belem bateram, pois, as principaes equipagens particulares, e as tipoias de praça, que, então, principiavam a transformar-se de traquitanas em caleches, *tilburys* e *coupés*, sendo um dos primeiros que operou a transformação o Gomes, de S. Roque. Este homem fôra official da officina de carruagens pertencente ao Rodrigues, na rua da Horta Secca, quasi defronte do palacio do Manteigueiro. O primeiro *landau* que Lisboa viu foi o que em 1812 apresentou o negociante inglez João Fletcher, pae do sr. João Fletcher Senior, e avô do illustre escriptor sr. D. Thomaz de Mello. Esta carruagem viera de Londres, e custara quatrocentas libras sterlinas.

Em 1855 já ia longe a epocha das seges do Coqueijo e do Barateiro, perfeitas capoeiras atadas com cordas, onde chovia como na rua, puchadas por cavallos transparentes, e guiadas por bolieiros de niza azul e bota amarella, gemendo sob o peso d'um chapeu de pello

de lebre, tendo a fórma d'um sino de bocca para cima; já ia longe a epocha das seges chamadas do *Assembléa*, que pouco melhores eram do que aquellas; já ia longe o tempo do cocheiro *facareno*, que trabalhava com o *rato* e com o *polaco*. O principe de Lichnowsky, no seu livro *Portugal, recordações do anno de 1842*, descreve assim aquellas viaturas: «Imagine-se uma caixa meio fechada, pendendo, ou para melhor dizer, balanceando violentamente entre duas enormes rodas, vindo a ser uma especie de termo medio entre o *droschke* berlinez e o *fiacre* parisiense; horrivel termo medio, na verdade.»

Na entrada do Paço enfileiravam-se os impavidos archeiros, com suas fardas alagartadas e riscadas transversalmente pelos talabartes, os bicornios, as rechonchudas pantorrilhas da ordem e as alabardas solemnes, mas virginaes. A infanta D. Anna de Jesus Maria fez as honras da casa. As mais balsamicas flores animadas constituiam um ramilhete delicioso, orvalhado por crystallisações faiscantes como lagrimas da aurora. N'esse ramilhete destacavam as condessas de Belmonte e das Antas, as viscondessas de Tavarede, da Luz e de Charruada, madame Bastos Seisal, D. Maria Domingas (Vianna), D. Amelia Cantagallo, *esthetical beauties*, que passavam cercadas por um envoltorio d'encantos. Quantos prodigios de thesoura e de agulha não realisaram as modistas...

Como *orfèvre és-rimes*, compozeram pequeninas obras poeticas, d'uma belleza geometrica, d'uma impeccabilidade de linhas.

Notavam-se pela riqueza das fardas o Ozeroff, ministro da Russia, e o elegante Petterson, seu secretario, que veiu a casar com a gentil Maria Ozeroff, e, pela extrema simplicidade, o ministro dos Estados-Unidos, que trajava, assaz democraticamente, a calça larga de cazemira branca, o collete branco, o frack negro, e um chapeu affectando a fórma d'um *puding* — fatinho de passeio.

O João Cantagallo estava de calção e meias brancas, como Napoleão III usava então nos bailes das Tulherias; o conde de Farrobo de calça de cazemira branca com galão dourado; o janota Corrêa Godinho com o seu collete de setim branco bordado a prata; o Duarte Cardoso de Sá, o *Sá Bregeiro*, com o uniforme de coronel de antigas milicias do Termo; o Petit, mestre d'armas, estava de casaca; e o Antonio da Cunha, o *principe da Cunha*, estava tudo o que havia de mais Chiado, de mais *comm'il faut*.

O abbade de Castro luzia a sua casaca de respeito, a capa abbacial, véstia de seda bordada, chapeu negro com borlas verdes, segundo a pragmatica, e volta lisa — um typo rigoroso, verdadeiramente classico e cortezão. Sua perrenguice, seu afêrro ao antigo trajo, fazia lembrar o do dr. Luz, medico do Limoeiro desde o tempo de D. Miguel, e que fallecera um anno antes, em 1854. Até ao ultimo dia da vida usou o rabicho empoado, as meias de seda preta e os sapatos de fivela.

Grupos de senhoras *très en toilette* como que formavam collossaes *corbeilles* de vestidos multicolores, de Malines subtis como nevoeiros, d'escumilhas, de taffetás, de requifes, de nervuras de canotilhos, de cocáres de plumas encrespadas a ferro, de ramos de flores sobre fundos de seda, picadas pelos scintillamentos movediços de pedras estranhas, e de crystaes de lunetas presas por trancelins, e fincadas, com feminil arreganho, por manitas calçadas em luvas côr de canario.

Despediam-se miradas de candida simpleza, havia olhares vibrados com um desprezo circular, havia-os altos, nobres, d'*aplomb*, havia-os que tinham a obliquidade desdenhosa d'um repto.

Abanicos, ligeiros como azas de gaivotas rastejando pelo esmalte diaphano do mar, roçavam á flôr d'angelicos ovaes coloridos pelo carmim da puberdade, e de physionomias emaciadas, angulosas, frustes, das *engei-*

tadas de Venus ou demittidas do serviço do amor, como se dizia no alvorecer do seculo. Corpetes á Lúiz XV, com fôfos de fitas e peitilhos de rendas, esticados como cintos, despertavam vagas reminiscencias de bellas plaquêtas em papel japão, mordiscado por *aguas-fortes* d'uma nitidez glyptographica; *corsets* tão justos que trahiam as rigidas barbas de baleia, e que, a muitos, pareceriam uma blindagem contra as arremettidas do amor, faziam entresonhar bellezas anatomicas, academias harmoniosas, estatuas feitas pelas mãos d'um deus...

Os *costumes* vibravam em symphonias estridorosas de côres, cujos motivos fundamentaes eram o *branco maior* e o *lilaz bemol.*

O diabrête, de que as coquettonas se achavam possessas, fazia-as viravoltar aos compassos impulsivos dos *rigodons,* como um bando de pardaes, esvoaçando com sybariticos fremitos d'azas, entre a ramaria. A movimentação rumorejante d'esses vestidos larguissimos — com mangas *pagode* e segundas mangas de renda — os halitos perfumados a *cresson du Pará* e a *mastic ciment* do Vitry, as mornas emanações dos cabellos bezuntados a pomada *Chatelaine* do Baron, o cheiro capitoso das essencias do Laborde, as exhalações carnaes, espalhavam relentos mysteriosos, provocativos, no ambiente, punham uma pontinha de poesia na prosa do baile.

Ao passo que as senhoras coquetteavam de leque, com a graça fascinante que caracterisou a elegantissima condessa d'Assumar no reinado de D. Maria I, os erotomanos, os fraldeiros victoriosos nas conjuras de toucador e de camarim, farejavam triumphos rapidos, decisivos, n'esse conflicto vital das elegancias. Os velhos legionarios, os antigos exploradores das grutas cythereanas, lançavam-se no *sport* sedentario da cavaqueira amena, e, debruçando-se na janella da recordação, narravam archeologicas aventuras, casos emocionaes dos tempos do *rei chegou* e da Patuléa; os mais taciturnos

ensimesmavam-se, recolhiam-se no silencio discreto, como tartarugas suspicazes na crusta defensiva.

Accendiam-se asperos brilhos de metaes nas charlateiras, nas agulhetas, nas fivelas dos boldriés, nos copos das espadas, nas veneras dos militares, e nos botões amarellos reluzindo como pregagens de cadeiras de Moscovia; os talins tilintavam marcialmente, as largas rosetas das esporas soavam como minusculas pandeiretas bascas; berrava o escarlate das librés dos moços fidalgos; cantava, de manso, o azul dos uniformes e das fardas apassamanadas dos orçamentivoros.

No baile de 10 de Fevereiro, entre as damas trajadas de *moiré antique*, cachemira d'Escossia, taffetá *glacé*, seda Pompadour, e gaze com raminhos de *ne m'oubliez pas*, distinguiam-se a Bastos Seisal, a condessa da Ribeira Grande pelo seu vestido com rendas de França, e a condessa de Tavarêde, que todos diziam ser a rainha do baile.

N'este baile de côrte, distinguiu-se, entre os dansantes, mr. Saint-Robert, secretario de França.

Pés mongolicos encerrados em sapatos de setim do Stellpflug, do Eugenio, do Manuel Lourenço, regiravam nos *molinetes*, deslisavam nos *glissés* do baile palaciano. Rugiam as sedas, ferviam as espumas de rendas, agitavam-se as grandes caudas como azas d'immensos goelanos.

A' luz, que cahia do alto, os cabellos tomavam côres de cobre, de purpura inflammada, de prata fusca, de tinta de escrever, de verniz dourado.

Quando se serviam os refrescos e as trouxinhas d'ovos do Bineli, deu-se um facto altamente comico.

Um capitão da guarda nacional, depois de tomar um sorvete, tocou no hombro d'um sujeito que viu proximo de si, e fez menção de lhe entregar o covilhete e o copinho vasio. O sujeito estremeceu, como se houvera

recebido a descarga de uma botelha de Leyde, e, olhando para o capitão com o ar altaneiro que teria um philosopho do Portico, respondeu-lhe: — *Merci, monsieur.*

O capitão resmungou por entre dentes: — Muito brutos são estes creados!

Um assistente explicou depois ao official, que ainda conservava o covilhete na dextra — que o tal sujeito era... o ministro dos Estados-Unidos.

XIX

As touradas de fidalgos

As touradas de fidalgos constituiam um dos mais interessantes numeros do programma do mundanismo.

Aos 15 de Julho de 1858 realisava-se uma grande corrida de touros no Campo de Sant'Anna, em que entravam os seguintes lidadores: cavalleiros, o conde de Vimioso e D. João de Menezes; neto, o Antonio Galache; andarilhos, D. Joaquim de Mello Silvã e D. Luiz de Sousa Barreto; bandarilheiros, Francisco Manuel Fragoso, José Fragoso, Manuel Estanislau Fragoso, conde da Vidigueira, Miguel Carlos de Sousa, Frederico Augusto Pereira Nunes; moços de forcado: Luiz Pereira Forjaz de Lacerda, João Fragoso, D. Manuel Telles da Gama, Roberto Augusto Schiappa, José dos Santos P. d'Almeida, Antonio Tavares Barreto, Antonio Eleutherio Dias, M. T. da Silva, D. Bernardo da Costa (Soure); abegão, Frederico Ferreira Pinto Basto; moços de curro: Antonio de Mello Correia, José Augusto Galache, Reynaldo Ferreira Pinto Bastos, Luiz Malheiros de Vasconcellos, José F. da Fonseca, Augusto de Vasconcellos, J. J. Trigueiros d'Athayde; carecas, D.

Fernando d'Almeida e Vasconcellos e N. N.; guarda-portão, Adriano de Sousa Ferreri.

Antonio Galache vestia á Luiz XV, de velludo carmezim bordado a ouro, e capa de seda azul clara. O conde de Vimioso trajava á Marialva, de velludo carmezim bordado a ouro, calção egual, e bota de montar, chapeu armado e pennacho. D. João de Menezes trazia um fato de mosqueteiro francez, em velludo preto, e chapeu com plumas encarnadas. Os bandarilheiros vinham á hespanhola: jaqueta de seda ornada de cordão, e, na cabeça, a môuha á andaluza.

Os forcados traziam jaqueta de damasco encarnado com flores amarellas, collete branco atacado com cordões escarlates, camisa sem gomma, conforme o uso, gravata e cinta encarnada, e chapeu castorênho.

Tanto o conde de Vimioso como D. João de Menezes foram immensamente victoriados, sobretudo o ultimo, que se houve com singular impavidez. O morgado Cabral, de Setubal, que não vinha no programma, saltou á praça e fez uma valente péga de cara. O conde da Vidigueira picou a cavallo, mesmo vestido de bandarilheiro. A tourada — a que assistiram D. Fernando, as infantas e os infantes — foi presidida pelo conde da Figueira. Os cavalleiros fizeram as ultimas cortezias a galope.

Aos 28 d'Agosto de 1859 dava-se outra tourada de fidalgos na praça do Campo de Sant'Anna, promovida por uma commissão de que era presidente D. Pedro Brito do Rio, e destinada a beneficiar os infelizes do archipelago açoriano. A praça estava vistosamente armada de damasco escarlate, com sanefas de terciopelo da mesma côr, relevado d'arabescos dourados. Eram cinco horas e meia, quando se deu principio ao combate. Havia uma algazarra medonha, atroadora. Os vestidos do povo que enchia as bancadas davam uma impressão castelhana de vermelho e amarello, como

n'uma vigorosa aguarella hespanhola; nos camarotes vibrava toda a gamma do arco-iris da vestiaria, desde o *ut* voluptario do cocodettismo ao *si* casto do aristocracismo; riam os chapéos floridos como suspensos jardins de Semiramis; as mantilhas, brancas e leves como espuma de sabão, espalhavam como que um vapor sobre os rostinhos de muitas damas. Quatro bandas marciaes arrojavam ao ar quente d'esse dia claro e azul as suas notas festivas, hilariantes, mas que produziam a cacophonia incommodativa d'uma musica de feira.

Sahiu, primeiro, o *neto*, Adriano Ferreri — filho do, então, ministro da marinha, — que vinha gentilmente vestido á Luiz XV, e montado n'um soberbo cavallo de manejo. A cada lado seguia um andarilho: os meninos José Ferreira Pinto Bastos e Manuel Ferreira Pinto Bastos.

Findas as cortezias do *neto*, este trocou o cavallo de manejo pelo de combate, e appareceu sem o chapéo de plumas e sem o espadim, indo receber as ordens do director da corrida. Sahiu então a azemola das farpas, lindamente adornada, e conduzida á mão pelo Luiz Forjaz, e rodeada pelos moços de forcado: D. Manuel Telles da Gama, D. Luiz Lobo da Silveira, Celestino Claudio da Fonseca, Luiz Antonio Rodrigues, André Forrester, Miguel de Sá Nogueira, José Augusto Galache, e José Vicente Noronha Torrezão. Depostas as caixas das farpas no sitio devido, e havendo se retirado os forcados e a azemola, sahiram os cavalleiros que eram o conde de Vimioso e Frederico Ferreira Pinto Bastos, acompanhados pelos capinhas (antiga designação), moços de forcado, campinos de cavallos á redea, moços de curro, e carecas, que formavam por filas; atraz de todos vinham os cavallos de combate conduzidos á brida pelos respectivos palafreneiros. Os capinhas eram: conde da Vidigueira, Frederico Augusto Pereira Nunes, chamado o *Frederico de cavallaria*, Mi-

guel de Sousa, Francisco Grillo, José de Mello e Dionisio de Menezes. Os moços de curro eram: D. João de Menezes, Reynaldo Ferreira Pinto Bastos, Luiz Malheiros de Vasconcellos, Manuel Homem de Noronha, e Estevão d'Oliveira, que fornecera o gado para a corrida. Os carecas eram: Antonio de Brederode, e Eduardo Ferreira Pinto Bastos.

Os cavalleiros trajavam á Marialva — trazendo um gravata branca e o outro lenço preto, — e montavam esplendidos cavallos ricamente ajaezados; os forcados vestiam jaqueta de damasco, calção de seda, meias de seda, e chapéos de castor; os bandarilheiros tinham ricos fatos de seda bordados; os moços de forcado trajavam de panno fino, e os *carecas* de branco; os campinos traziam o tradiccional fato, composto de dois colletes, sendo um branco e outro encarnado com enfeites pretos, calção, cinta vermelha, meias brancas, sapato com salto de prateleira, e espora no pé direito, e barrete verde com lista encarnada.

A vista era admiravel, o espectaculo imponente. Estavam de pé todos os espectadores. O sol escorria em fios de luz pelos broslados e espiguilhas dos fatos dos bandarilheiros, pelos douramentos das capas ricas chispando como dalmaticas sacerdotaes, e pelos agaloados dos enfeites da praça; as plumas dos chapeos armados dos cavalleiros palpitavam vivas, espertas, como flabellos; e a sombra, projectada pelos cinzentos sombreiros de feltro, debuxava uma meia mascara nas physionomias varonis dos moços de forcado. Os cavallos caracolavam, piaffavam, tocados pelas puas rectas dos acicates de prata, ligados por correias de polimento aos contrafortes das botas com saltos de prateleira á Marialva.

Terminadas as cortezias, os cavalleiros abandonaram a arena, bem como os palafreneiros com os cavallos, os campinos tomaram logar sobre o curro, e os res-

tantes lidadores occuparam os respectivos postos. Então o *netto*, obedecendo ao director, transmittiu as ordens para principiar a corrida. Os cavalleiros foram applaudidissimos, a ponto dos chapeos dos enthusiastas voarem das trincheiras á arena. Nos capinhas sobresahiram o Frederico *de Cavallaria*, e o conde da Vidigueira, que fez bons passes de capa.

Dos forcados, os que se portaram com maior valentia foram: Luiz Forjaz, D. Luiz Lobo, André Forrester, e o Galache.

O Estevão d'Alcochete, moço de curro, fez uma péga com o maior denodo.

D. João de Menezes, que tomou parte n'esta corrida, e que foi uma das figuras primaciaes, e o mais formoso e garboso rapaz da epocha, estreara-se nas lides tauromachicas n'uma famosa tourada que o marquez de Niza offereceu na sua quinta da Foz (perto de Salvaterra) pelo S. João do anno de 1845, quinta que o marquez vendeu depois a Antonio Palha e que hoje é propriedade do sr. José Pereira Palha Blanco.

D. João de Menezes contava apenas 15 annos de edade.

N'essa corrida tomaram parte: D. João de Menezes, conde de Vimioso, D. João de Mello e Castro, o *Cazuza*, Luiz Roquette (depois barão de Salvaterra), José Chrisostomo Velloso e Horta, morgado Cabral, Francisco Zagallo, Luiz Forjaz, Marciano d'Azevedo (mais tarde redactor do *Asmodeu*), e Salles, appellidado *o Patuscão*.

O conde de Vimioso fez-se acompanhar da mãe da Severa, com quem tambem manteve intimas relações, e que, mais tarde, viveu com o cavalleiro tauromachico D. H. B.

Affirmava-se que o seu corpo estava coberto de *tatuagens*, *chrismas*, ou *marcas*, representando o escudo d'armas do Vimioso, o nome do seu apaixonado, cruzes, etc.

Ambos se metteram n'um fôsso, e ahi estiveram toda

a noite tocando e cantando o fado, fazendo com que muitos convidados não pregassem olho só para os ouvir. O facto foi-nos narrado por uma testemunha presencial.

Os convidados passaram a noite na quinta. O marquez levantou-se logo pela manhãsinha, e, mesmo em camisa e de chinelas de mouro, como usava, chegou á janella do quarto, empunhando uma pistola.

Defronte pascia um rebanho d'ovelhas. O marquez disse então ao sr. João Fletcher, que era um dos convidados: — Se qualquer d'aquellas ovelhas levantar o rabo, metto-lhe uma bala... De repente, uma ovelha fêl-o, e o Niza, zás! metteu-lhe a bala no sitio indicado.

Parte dos convidados regressaram a Lisboa n'um escaler da Cordoaria, de que era mestre o João Rascaço. A' noite, reuniram-se no caffé *do Nobrega* (hoje Aurea Peninsular), na rua do Ouro, e ahi combinaram um passeio a Cintra, para o que fizeram vir dois *landaus*. N'um d'elles foi como sota o *Cazuza*.

No grupo iam: João Fletcher, Bernardino Martins, Pinto Carneiro (que morreu general de divisão), e Thiago Horta. Os cavallos pegaram-se na subida de S. Sebastião da Pedreira, e, tornando-se impossivel continuar, os excursionistas dormiram em casa do marquez de Niza, que, então, morava ás Laranjeiras.

Na manhã seguinte proseguiram na jornada, e, ao passarem em frente da quinta do Saldanha, em Cintra, viram o José Bernardo da Costa Cabral, a quem fizeram grande assuada, que elle fingiu não perceber.

XX

O Vimioso e a Severa

O conde de Vimioso foi a primeira figura do sportismo hippico, foi o lidimo herdeiro das nobres tradicções do velho marquez de Marialva, o grande mestre da equitação, estribeiro-mór de D. José I, e, segundo muitos, o auctor da *Luz da liberal e nobre arte de cavallaria*, impressa em 1790.

O conde de Vimioso, D. Francisco de Paula de Portugal e Castro, nascera em 28 de julho de 1817, e morreu em 9 de julho de 1865, havendo sido casado com D. Maria Domingas de Castello Branco, condessa viuva de Belmonte, dama da rainha D. Maria II, e filha dos segundos marquezes de Bellas.

O conde de Vimioso succedeu no pariato a seu pae, o 5.º marquez de Valença e 12.º conde de Vimioso, par do reino desde 1826, ministro d'estado honorario, e brigadeiro do exercito. Mas o *redondel* é que foi a arena dos seus combates, e o Capitolio das suas glorias. Apesar da sua estatura meã, era elegantissimo a cavallo, onde se mantinha firme, erecto, como um busto de bronze florentino sobre uma columna de marmore de Carrara. Cavalleiro de *haute encolure*, subjugava o mais fogoso cavallo, que, debalde, se encabri-

tava apertado pelos seus joelhos de ferro; vencia as maximas difficuldades no exercicio da gineta, com tanta facilidade e felicidade como mettia farpas n'um touro. Vimioso fazia correr o seu cavallo, aligero como o d'um campino, que, de pampilho na mão e barrete phrygio ao vento, persegue o touro tresmalhado da manada na planura raza da leziria ribatejana.

O conde de Vimioso, o mais notavel de todos os cavalleiros tauromachicos, era eximio nas sortes *á tira* ou *á estribeira* como tambem lhe chamavam, e que elle realisava com a maior pericia nos touros levantados, isto é, nos touros que estão no primeiro estado, quando sahem da gaiola de cabeça erguida, correndo sem fixarem os vultos. Sabia estar n'uma sala, sustentar conversação espirituosa com as damas, possuia mesmo muita graça, a faceciosa graça portugueza, sem nunca descambar na lèrda chalaça. Mas, uma vez fóra das salas, só o encontravam nos picadeiros, nas estrebarias, nas feiras de gado, acamaradado com toureiros, boleeiros, e troquilhas de cavallos. Era sua natural propensão, seu insito pendor.

Contam-se, a trecheio, as trêtas e maranhas do conde de Vimioso. Teve um cavallo que umas poucas de vezes vendeu por varios prêços e umas poucas de vezes comprou por seis mil réis. Certa occasião offereceu-o ao sr. João Fletcher pelo dinheiro que tivesse na algibeira. Este acceitou a offerta, e deu-lhe seis moedas em papel, que então valiam 32 pintos.

Mandou guardal-o na cavallariça do Almeida Navarro — na rua de S. Francisco, onde agora está uma vaccaria — e, indo ahi para experimentar o solipede, este atirou-o ao meio da rua. Fletcher corre ao Campo de Sant'Anna, onde, n'essa occasião, morava a Severa, e em cuja casa era habitual encontrar o conde. Fletcher propoz-lhe, por sua vez, vender-lhe o bicho, o que o Vimioso acceitou logo, comprando-lh'o por seis mil réis. Tornou a vendel-o por trinta moedas a Eugenio de Faria, casado com a condessa da Povoa, mas

este, vendo que o animal era indomavel, mandou matal-o com um tiro. Vimioso, sabedor do caso, exclamou melancholicamente: — Lá se foi o meu morgado!

O Vimioso possuia um rocim já velho e cego, que não prestava nem para uma atafona. Apparecendo comprador mostrou-lhe a alimaria, e dizia, gabando-lhe as qualidades: — O cavallo não é uma estampa, não tem vista, mas é bom, apesar d'esse senão. — O comprador regateou no preço, até que, havendo-lhe chegado á conta, comprou o animal. Passados dias, reconhecia, com pasmo, que o cavallo era cego. Vôa a casa do conde de Vimioso, tentando desfazer o negocio sob a allegação de vicio redhibitorio. Mas o conde ponderou-lhe que o não enganara, porque sempre lhe affirmou que o cavallo *não tinha vista*. Era habilissimo n'esta ordem de transacções, a ponto d'illudir os mais astutos ciganos.

Fallando-se no conde de Vimioso deve-se fallar na Severa, porque juntos entraram na tradicção oral Trigueira, nervosa, e sobre o magro, a Severa tinha uns negros olhos mandingueiros como pura cigana que era.

Fizera parte das hordas de ciganos que bivacavam na Carreira dos Cavallos, onde se entregavam a negocios variados, empregando sempre o embuste, que é um dos mais accentuados traços psychologicos d'esse povo, cuja filiação historica é ainda hoje um problema insoluvel, posto que alguns o considerem, hypotheticamente, o continuador dos *Hyksos* ou *Pastores*, que invadiram o Egypto depois da 14.ª dynastia, e que ahi dominaram durante quinhentos annos (sendo no seu tempo que entraram os hebreus), até serem expulsos pelo rei *Ahmés I*, ou *Amosis*, indo então estabelecer-se na Syria.

Ninguem, como a Severa, dispunha de um tão primoroso vocabulario regateiral, de tão crua adjectivação polemica, de tantas rabularias garotas; ninguem,

como ella, apreciava os encantos d'uma corrida de touros, as esperas do gado, o vaguear á tôa e á tuna; ninguem tinha, como ella, os movimentos esquadrilhados, os saracotes petulantes no *fado* batido.

E quando uma ponta de embriaguez lhe afogava os olhos n'uma ternura humida, e, de cigarro ao canto da bocca, passava a dedilhar na banza um rigoroso, *por Dios!* dissipava a melancholia melhor do que a tradiccional nepenthès de Plinio. Por isso a Severa cantava, fazendo gemer a guitarra sob as unhas acaireladas:

Eu já vi n'uma tourada
Um valente cavalleiro,
Era o D. José lanceiro
Pae da rapaziada.
Não se lhe deu para nada
Que d'elle tivessem dó
A combater c'um boi só.
Diz uma velha d'alli
Ai! que elle está afflic,
Mas não pôde dizer tó. [1]

O conde de Vimioso adorava esse olhar agudo como uma espada, esses negros olhos *gitanos* ardendo em febre, as voluptuosidades exhaustivas, as caricias aphrodisiacas d'essa mulher crapulosa, cujo sangue, abundante em phosphoro e em iodo, a espicaçava de lancinantes desejos cupidineos. Mordido pelo dente incisivo da paixão, pretendeu confiscal-a em seu proveito exclusivo, e, para esse fim, chegou a fechal-a á chave n'uma casa, como já tinha encerrado o seu amor na mais recondita gaveta do coração. Mas a barregã, um bello dia, pendurou-se da janella, que era baixa, e, ao passar uma carroça de lavadeiras, deixou-se cahir sobre as trouxas da roupa, e escapuliu-se. Outra vez, ainda, tornou a fugir ao conde de Vimioso, que, em

[1] Folhetim do sr. Alberto Pimentel, publicado no *Diario de Noticias* de 12 de Junho de 1893.

vão, a procurou por toda a parte. A Severa — de anágoas amarfanhadas, meias azues, e tamanquinhas de polimento pespontadas a retroz — estava n'uma taberna do largo dos Inglezinhos, improvisando chularias á guitarra, n'esses delirios do seu cerebro esquentado pelo alcool.

Os circumstantes gargalhavam estridulamente como soalhas d'alcancareiros em romaria sertaneja. Um amigo do Vimioso passava por alli, e viu a Severa na taberna. Deitou a cabeça para dentro e cantou:

Todos aquelles que são
Da nossa sucia effectiva
Lamentam a fugitiva
Da rua do Capellão. [2]

Fôra descoberta; quiz fugir, mas, d'esta vez, não poude. No meio dos seus amores — atravez dos quaes passou escoteira — foi o conde de Vimioso quem campou. Para elle todos os thesouros dos seus nervos, para elle todas as riquezas dos seus ardores sensuaes! A Severa morreu aos 26 annos, depois d'uma ceia de borrachos assados, regados por alguns quartilhos de crasso torreano.

A morte d'esta marafona de viella foi considerada uma perda irreparavel no mundo fadistal. Choraram-n'a nas tascas, nos bordeis, nos garitos populares...

O faia guitarrista e lovelaceano derramou quentes lagrimas ao desapparecer essa rameira, que accordava as paixões que dormiam nas almas como armas em estojos fechados, ao morrer essa cantharida que queimava o sangue dos homens para estuarem na febre dos caprichos eroticos, nas convulsões espasmodicas dos abandonos amorosos, nas curtas vibrações do prazer carnal.

---

[2] Folhetim já citado.

E o seu *De-profundis* foi cantado pela poesia acida dos bardos da rua...

Assim como as flores vivem,
Minha Severa viveu;
Assim como as flores morrem,
Minha Severa morreu!

Levantae-lhe um mausoleu.
Co'um negro cypreste ao lado,
E o epitaphio que diga:
Aqui jaz quem soube o fado!

XXI

O carnaval d'outros tempos

O velho carnaval portuguez em coisa alguma se parecia com o moderno, simplesmente animado pelo espirito chanceiro... da beberronia.

Os editaes prohibindo os brinquedos carnavalescos não são modernos. Já em 1817 o Intendente Geral de Policia os prohibia; mas, ainda assim, não obstou a que os praticassem, pelo que foram presas umas quarenta pessoas durante os tres dias. [1]

O antigo entrudo era uma folia quasi indescriptivel. Logo pela manhã se viam as creadas tirando prudentemente as vidraças, levantando tapetes e esteiras das salas, despregando bambinellas, taboinhas e stores, enrolando reposteiros, preparando-se, emtim, para a lucta, que, de ordinario, começava ás duas horas da tarde. Chegavam-se para junto das janellas os cestos d'ovos de gemma e de farinha, os cartuchos de pós de gomma, as cabacinhas de cêra pintada com agua de cheiro dentro, os saccos d'alqueire de tremoços, os tubos de vidro para os soprar, os papelinhos, as la-

[1] Torre do Tombo. Intendencia Geral de Policia. *Livro de contas para as Secretarias, numero XXIII.*

ranjas, as batatas, a luva com areia destinada a cahir de chofre, espipando o emphatico chapéo alto; os pucaros de barro, e até os fogareiros, os taxos e os alguidares invalidos eram despedidos com ligeireza gymnastica. A rapaziada andava n'um roda viva. No mais acceso da contenda intervinha a enorme seringa cheia d'agua destinada a refrigerar as cabeças exaltadas dos transeuntes recalcitrantes, ou a agulheta da pequena bomba que applicava a reconfortativa hydrotherapia do *douche* aos viandantes repontadores.

Nos escusos das escadas exerciam-se sevicias graves, garotices ineditas, ataques *á mão armada;* applicava-se a velha gebada portugueza puxada com força gallaica, supprimiam-se cordões de campainhas, os degraus eram bezuntados com cebo, os fechos das portas untados com substancias tresandando a fetida perfumaria latrinaria.

Tout à la joie! como a polka de Fahrbach.

Homens graves, sisudos, remanchões, que passavam o anno abeberados em fleugmatica seriedade britannica, notavam — mal chegava esta quadra foliona — uma excitação da fibra cardiaca, como se experimentassem a acção da kola granular, viam-se salteados por dythirambica alegria. Os rapazes sentiam o sangue a referver-lhes nas veias, como acontece aos *piou-pious,* que, esvasiando as cartucheiras, avançam á conquista da gloria, quando tambores e clarins soam á carga.

O jornal *Theatros e Assembléas* fallava assim dos bailes do entrudo: «Desde a Floresta Egypcia até aos salões da Assembléa Portugueza, desde as primorosas salas do marquez de Vianna até ao Paço, o baile impera e estrepita.» No *Baile Nacional*, á Guia, polkavam as grisettas e os valentões, na *Floresta Egypcia* mazurkava a caixeirada, divertia-se a burguezia. Esta ultima diversão tinha jardim, salas de baile, salão a que chamavam *de crystal,* pavilhões dos jogos e dos balouços, montanha russa, cavallinhos como outr'ora no Ti-

voli da Flôr da Murta, jogos chinezes como no antigo Jardim Chinez, tiros de pistola e de espingarda como no antigo Jardim Mythologico, tudo, tudo desapparecido ha muito, porque, como as rosas de Malherbe, as mais bellas coisas d'este mundo teem o peor destino...

S. Carlos mantinha a primazia dos bailes publicos. Nos camarotes via-se toda a *rank and fashion*. N'essa occasião, não eram, como hoje, infestados por rebanhos de gafadas andaluzas com registo nos *carnets* do proxenetismo e da policia medica, pelo femeaço tunante que vae ostentar a intenção viciosa de grandes olhos sublinhados de negro, os collos muito esbagaxados — impuros altares do prazer —, e o desvergonhamento das carinhas baças, e apertadas no parenthesis das patilhas á hespanhola, trahindo um desejo torpe d'evidencia canalha.

Em baixo, na sala, em que ainda não dominava a vulgocracia, appareciam os que tinham o espirito bem alfaiado, e no sangue um *triple-extrait* de parisina, estavam os *leões* da leoneira do Marrare.

Os nossos bailes publicos ainda não se haviam prostituido ás desarticulações obscenas do *can-can*, ao *chahut* das Rigolboches cantharidaes, que, com a sua desenvoltura exotica do Mabille, agitam as saias palpitantes como um bando de pombas brancas, borboleteantes como uma neve de rosas pallidas, e, sob as chicotadas dos cobres da orchestra, tomam attitudes archi-reveladoras, descobrem, impudicamente, as pernas até aos rins, teem meneios d'ancas que são verdadeiras *trouvailles* do vicio, imprimem-se movimentos d'uma eloquencia muda, mas que se faz perceber melhor que os mais brilhantes oradores.

Só em 26 de dezembro de 1857 abriu o *Café Concerto*, onde o Peccado, trajando pelo ultimo figurino parisiense, levantava o pé á altura do olho, e conseguia despertar o pequenito animal sensualista, que todos teem aninhado no coração.

Descrevemos, pouco mais ou menos, o que era o

velho entrudo, cujos echos morrentes ainda chegaram aos nossos ouvidos.

Vamos contar dois casos, que amplamente provam o que acabamos de referir. Quando o Ozeroff chegou a Lisboa, para onde veio como ministro da Russia, ouviu fallar encomiasticamente do nosso carnaval. Descreveram-lh'o com opulencia de colorido; contaram-lhe que era uma festa deslumbrantissima, um espectaculo empolgante, que mettia n'um chinelo os famosos carnavaes de Veneza e do Corso romano.

Pois o Ozeroff quiz aprecial-o *de visu* e *de olfactu*, e, para isso, pediu á *mocidade dourada* do Chiado, que effectuasse um intermedio carnavalesco deante da sua casa. Ozeroff morava no predio do visconde das Picôas, Antonio Esteves Costa, tio do *Petit-Janota*, predio actualmente occupado pelo Gremio Litterario.

A volteira casquilhagem acquiesceu á sollicitação, e, no domingo gordo, estabelecido um cerco em regra, metralhou-lhe a residencia com requintado selvagismo entrudêsco, partindo-lhe todas as vidraças, sujando-lhe as salas com projectis variadamente cheirosos, damnificando-lhe as capitonagens, e quebrando-lhe espelhos.

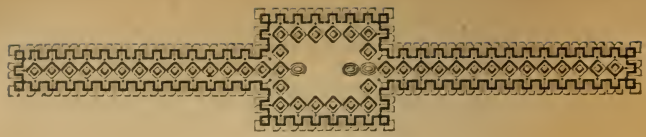
Ozeroff enfuriou-se ao zoar asperrimo do canhoneio brincão, sentiu os nervos retezarem-se como cordas de lyra, e o seu punho, tragicamente estendido, completava, d'alguma sorte, a eloquencia do seu pensamento iracundo. Estabelecera as premissas, tinha de lhe acceitar as consequencias...

Os chibantes paladins de Momo demasiaram-se na defeza dos creditos do deus, e o Ozeroff, escarmentado, nunca mais pediu a repetição do espectaculo.

O visconde d'Asseca, pae do actual — o Salvador, como todos lhe chamavam — desafiou para um combate carnavalesco a Antonio da Camara, que depois foi conde dê Carvalhal, e que então tinha o nome de *Trinta Diabos*. O visconde, que morava ao principio das Janellas Verdes, onde agora está uma fabrica de serração, fechou o portão, untou de cêbo as grades das lojas por

onde poderiam trepar, e esperou o ataque. Os assaltantes chegaram á hora aprazada, e, depois d'um tiroteio com ovos de gemma, pós de gomma, e cabacinhas de cheiro, que então se usavam, passaram á artilheria de grosso calibre. Trouxeram uma bomba de incendio, que os aguadeiros iam enchendo d'agua. Como esta, por ser limpa, não atemorisasse os sitiados, o Chico Bellas, que, de roupão de linhagem até aos pés, fôra incansavel na lucta, foi a uma tenda comprar pós de sapatos, e deitou-os na agua da bomba. Francisco Correia de Sá, tio do visconde, atravessou uma banca n'uma janella, como se fôra um escudo, e aguentou, por algum tempo, o negro jacto, até que por fim, apanhado em cheio, largou a banca, a defeza afrouxou, e a praça foi tomada. Um dos assaltantes que a levaram á escala vista, o sr. D. Luiz da Camara Leme, foi agarrado por duas senhoras, quando saltava uma janella, e lançado n'uma tina d'agua!

Não ha perigo de que os frigorificos elegantes d'agora commettam grandes desvarios, pratiquem rasgos de libertinagem. São creanças que já nasceram com as rugas prematuras da velhice, como Edgar Quinet escreveu dos romanos.



XXII

O velho Gymnasio

O Gymnasio foi, em seu periodo embryogenico, uma barraca d'arlequins, onde parasitou uma companhia vinda do circo que floresceu na rua da Procissão, circo que pertencia a José Maria de Barros. A barraca abrira em 12 d'Outubro de 1845, e tomára o nome de *Novo Gymnasio Lisbonense*. Foi elle, por assim dizer, a cellula germinativa d'onde se evolveria esse corpo perfeitamente organisado que hoje tem o nome de Theatro do Gymnasio.

No seu palco pulverulento, os pés saltitantes das dançarinas desenhavam caprichosas figuras geometricas nos passos á calabreza, na redowa, no *pá-di-dú* e na mazurka, que então veiu ao mundo. O corpo de baile, fardado de dolmans com brandebourgos prateados, fazia tilintar as esporas no floreio das danças, com o sacudimento nervoso das cirandas acompanhando chulas minhotas.

Os caixeiros da Baixa e os tafues costumavam ir para ahi, aos domingos, chirriar, fazer um barulho diabolico. O director da companhia pediu ao publico, na *Revolução de Setembro* de 6 de Dezembro de 1845, «que

se contivesse na ordem, para que assim fôsse mais lata a protecção prestada aos artistas nacionaes.»

Da companhia fizeram parte duas artistas, que, depois, pertenceram á companhia dramatica do novo Gymnasio: a Paula Maire e a Emilia Candida. Esta ultima estreiou-se na noite de 13 de novembro de 1845 com a dança mimica em 3 actos *O salteador de Vitré.*

Aquelle barracão pertencia a João José da Motta, proprietario da officina typographica estabelecida ao Rocio, na mesma loja onde hoje encontramos a pharmacia Estacio. N'essa officina, em que o Taborda foi aprendiz, imprimiam-se cautellas e cartazes para S. Carlos, Salitre e Rua dos Condes.

O Motta achou-se, porém, com o desejo incoercivel de construir alli um theatro, e, para esse fim, pediu o auxilio de Manuel Machado. Mas, porque sempre ha um *mas*, o Motta apenas dispunha da magra quantia de seiscentos mil réis. Manuel Machado entendeu-se com Vicente Corradini, e, palliadas as difficuldades sobrevindas, a barraca ruia em pó, lançando-se-lhe por cima, não as folhas da saudade e da violeta, mas os mais energicos desinfectantes: desde o acido phenico ao chloreto de cal, passando pela gamma inteira dos permanganatos.

Construiu-se o theatro com aquella diminuta importancia, e escusado será dizer, que ficou uma perfeita gaiola, de tal ordem, que nem a auctoridade permittia a sua abertura, tornando-se então necessarios os bons officios do conselheiro Silva Canellas, sem cuja intervenção talvez baldassem os esforços empregados.

O Motta requereu em 20 de Março de 1846 para dar espectaculos de declamação no novo theatro, e para lhe mudar a denominação de *Gymnasio Lisbonense* para *Theatro do Gymnasio.*

O Alvará de 8 de Maio de 1846, referendado pelo

conde de Thomar, concedeu-lhe a licença pelo tempo de seis mezes.

O Motta ainda chegou a requerer para mudar, novamente, o nome do theatro para *Theatro Nacional Lisbonense.* [1]

Em 1846 inaugurava-se aquelle templo da travessa do Secretario de Guerra, onde Taborda veiu a pontificar no altar do bom humor. O espectaculo d'abertura realisou-se com *Os fabricantes de moeda falsa*, original de Cesar Perini de Lucca, professor do Conservatorio.

Manuel Machado e Taborda, são os factores capitaes da historia d'este theatro. Taborda, que já estivera na typographia de Pedro Borges, na rua do Loureiro, passou depois para a do Motta. Tendo visto o Sargedas representar a comedia *Quem tem mazella tudo lhe dá n'ella*, de tal enthusiasmo se possuiu, que, lembrando-se de Correggio ante a Santa Cecilia, de Raphael, exclamou: «Tambem eu sou actor!» E foi *in continenti* matricular-se socio da sociedade *O Timbre*, na rua do Arco, representando ahi o *Diplomata*, e em seguida *A Mazella*.

Motta convidou-o para o Gymnasio dando-lhe 9$600 réis d'ordenado.

Taborda encetou então essa carreira, em que, como no Evangelho, são muitos os chamados, mas poucos os eleitos. A sua estreia realisava-se em 16 de maio de 1846, n'um papelito do melodrama de Lucca, e a seguir fazia o papel de creado no *Marido que se desmoralisa*, onde apenas tinha que dizer a phrase: Salta um chá de tilia! mas imprimindo-lhe uma penetrativa graça hyperbolica que lhe creou reputação.

---

[1] Officio ao Inspector dos Theatros. 3 de Junho de 1846.

A revolução de 1846 fez fraquejar a concorrencia, produzindo serios embaraços á empreza, e obrigando-a, tres mezes depois, a entregar o theatro aos actores, que convidaram Emilio Doux para entrar na sociedade. *Enfin Malkerbe vint*... Começa para o Gymnasio a epocha do *vaudeville*, até então desconhecido entre nós.

Vem a pello dizer que Doux nunca esperou que o Taborda viesse a fazer grande coisa.

Olá, fará, como diz a Rosina no *Barbeiro de Sevilha*. Taborda foi para as emprezas uma *trouvaille* de tanta monta, como seria para um hellenista topar os ladrilhos d'oiro que Cresus regalou ao Sanctuario de Delphos, ou a estatua de Phrynea, hetaira e deusa.

O Gymnasio, porém, estava enguiçado. O Motta fallecera em 1847, e um tal Tarradas, marceneiro, promoveu execução contra a viuva d'aquelle, e penhorou o theatro. Mais tarde cedeu os seus direitos á empreza, e só em 1852 é que Manuel Machado tomou posse definitiva. No entretanto Emilio Doux abandonara a direcção technica, e, com a entrada de Miró para a sociedade, passou a cultivar a opera-comica. Apparece a *Marqueza*, em que Taborda fazia de galã e cantava de tenor, o *Conselho dos dez, Qual dos dois?* com musica de Frondoni; é o tempo dos chistes da *Velhice Namorada*, *Chinello da Cantora*, *Ensaio da Norma*, *Doutor Gramma*. O theatro era administrado por uma commissão formada por Manuel Machado, director fiscal, e actores Romão e Moniz.

*
* *

Enumeremos os actores que então pertenciam a esse theatriculo.

O Romão Antonio Martins, velho *côtier* do amor, que

principiara por bailarino em S. Carlos, e que, mais tarde, foi ensaiador do Normal. Muito dado a aventuras amorosas, para o que tinha sempre uma corda no seu arco de conquistador, e uma provisão de cartinhas incendiarias. José Gerardo Moniz, triste, triste, que parecia usar crysanthemos na alma, mas, uma vez no palco, um dos actores que mais completamente possuia a *vis comica*. O maganão do Marques, grande amador do latinorio... e do sumo da uva, que lhe prestava alôr á imaginativa, o melhor cliente da antiga taberna do *Barracão*. José Maria Braz Martins, que entrou para o Gymnasio a pedido do tabellião Cardoso. Foi auctor de varias peças que subiram á scena n'este theatro e em D. Maria II, taes como: *A Mendiga*, *Gabriel e Lusbel*, com musica de Frondoni, *Vou para a California*, etc., e primava na recitação de poesias. O seu estado era o de — apaixonado chronico. Fartou-se de dedilhar no bandolim a serenata emocional de Lindor, que, executada por elle, tinha o *brio* castelhano do hymno de Riego. O Bernardo, um apreciavel actor, morto prematuramente pela phtysica, e que desempenhou soberbamente o *Cabo da Cassarola*. O Vasco, galã de notavel intelligencia. O Assumpção, barytono que veio a acabar corista de S. Carlos. O Ramos *Diabo*, que se esfalfou a caranguejar pela arte. O Paulo Martins, o Brêa, o Reis, a cujo valor artistico urgia applicar um coefficiente de correcção. Finalmente, um que rapido subiu ao Capitolio, e conheceu a gloria das apotheoses, o esplendor irradiante dos triumphos, um cujo talento se impoz á critica coetanea com a força subjugante do *imperativo cathegorico,* um cuja folha de serviços é larga e brilhantissima — o Taborda. *Un grand homme, n'en parlons plus.*

Mais tarde, no theatro novo, ainda vieram o Antonio Maria Celestino, que tanto barytonou em S. Carlos, e o Rorick — um tenor vindo do theatro D. Fernando — que tinha a voz ausente em parte incerta, mas cuja regularidade de lineamentos physionomicos poderia de-

frontar com a de Lucius Vérus, e cujo busto airoso emparelharia com o do imperador Commodo.

Passemos agora ás sacerdotisas d'esse templo da jovialidade hilariante, do espirito travesso, da graça effusiva. Emilia Candida ou Emilia *Vareta*, magrita, ladina, a tenuidade da cambraia, cintura que quasi se podia cingir com um bracelete, flexivel como um felino cheio de gymnasticas elegantes; Maria do Carmo, apenas notavel por ser bonita como uma estatua classica banhada de luar, e que depois abandonou o Gymnasio pelo Rio de Janeiro; Paula Maire, dotada com uma bella voz e uma bella irmã chamada Luiza, que fazia parte da companhia dos cavallinhos.

Paula Maire foi raptada pelo dr. Manuel Emauz, e ainda hoje vive, segundo nos parece, na rua da Rosa. Massey, chegada a alcançar notoriedade, não por seu talento, mas por sua galanteria e por seus braços esplendorosos, que seriam difficeis de atravessar com aquelles alfinetes d'oiro com que Flavia varava os das suas *ornatrix*, quando não gostava dos seus trabalhos. Actualmente avô, reside ahi para a calçada de S. João Nepomuceno. [1]

Letroublon, esplendecente nas frescuras carnaes e nas redondezas incitadoras de deusa *chic*, nascida da opala liquida do Champagne, aos suspiros langorosos das harpas eolias postas em vibração pelos beijos das lentas brizas; comediante tão saliente pela habilidade artistica e pela anchura d'animo, como pela turbulenta excentricidade bohemia e pelas suas viagens sentimentaes no *pays du Tendre*. Bastas diabruras commetteu, estribada em exemplos atticos, bastas vezes se disfarçou para as levar a cabo; mercê, porém, das sympathias que usofruia, ninguem ousou jámais levantar-lhe a mascara, como Maffio Orsini fez a Lucrecia Borgia...

---

[1] Residia em 1895.

A Maria d'Almeida, uma esquiva Galathéa, que fôra do Salitre; a pequerrucha Ludovina, d'uma doçura saponacea; a Maria Izabel; a Emilia Costa, depois casada com um tabellião; a Fortunata Levy, uma judia oriunda das margens d'algum Jordão de Cythera, ensoberbecida na magestade soberana da graça plastica, da carne triumphante, que fazia amotinar o sangue nas veias, e produzia sobresaltos cardiacos aos poetas desejosos de a esculpturarem no alabastro dos carmes, no jaspe das estrophes, no marmore da idéa... Produziu fanatismo n'aquella Lisboa atacada da hypersthesia sentimental, das delirantes sobreexcitações passionaes; na romantica Lisboa pullulante de adoradores das olheiras maceradas e das pallidezes elegiacas. A Josephina Santos, bella como as mais bellas imaginações de bronze ou de marmore dos esculptores prestigiosos, mas fria como a Titania mythologica, que vae, pela callada da noite, dançar com leveiros escarpins sobre a neve que alcatifa as florestas scandinavicas. Na arte, porém, simplesmente dava o riso petrificado dos seus dentes brancos, luzindo como perolas do mais nacarado oriente n'um escaparate vermelho de joalheiro.

O maestro Miró, em tanta maneira se deixou prender em seus laços, que a seguiu ao Brazil, e chegou a desposal-a. Foi peior que um crime, diria Talleyrand, foi uma tolice.

Na volta do Rio, em 1857, naufragaram n'uns rochedos. Conseguiram ganhar a terra, mas, quando um escaler veio buscar os naufragos, Miró havia-se affastado, e a Josephina abandonou-o, não havendo mais noticias d'elle. [1] *Pobrecito!* Para lá ficou, repetindo, talvez, o *adeus* melancholico de Manrico a Eleonora no *Trovador*. Este fracasso obstou a que ella, mais tarde, désse algum elance galante sobre o contracto matrimonial, visto considerar os juramentos conjugaes como anodynos bilhetes endereçados a La Châtre.

---

[1] *Apontamentos d'um folhetinista*. J. C. Machado.

Antonio Luiz Miró, «o poeta da rua dos Condes», como lhe chamavam na mocidade, era um compositor d'alta apojadura, uma alma estreme perdida no extase cataleptico dos sonhos.

A sua opera-comica *A Marqueza* foi a primeira que se compoz em Portugal. Paulo Midosi escreveu a letra, e a opera subiu á scena no Gymnasio em 4 d'outubro de 1848, obtendo um exito de primeira ordem.

Midosi bacharelara-se e veio para Lisboa, onde estabeleceu banca de advogado. Guardadas as devidas proporções, poder-lhe-hiam applicar o dito de Talleyrand a respeito de Thiers: — *Ce n'est pas un homme parvenu, c'est un homme arrivé*. Estava, por esse tempo, em plena voga o theatrinho do Gymnasio, para o qual principalmente escreveu e traduziu. Era certo todas as noites no *foyer* em companhia de Palha, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Amorim, D. José d'Almada. Vingavam-se *tuertos y ultrages*, largava-se o vôo ao loiro enxame das ironias, charlava-se de tudo: do tio Rodrigo, de metaphysica sentimental, dos *battements e glissés* da Bussola e da Moreno, dos penteados do Baron, da arte...

Tambem desferiu os seus modilhos entre as balsaminas do Gymnasio a Rosalina Cassano, por antonomasia *a Canaria*, antiga cantora lyrica da Rua dos Condes, que morreu corista da Trindade. Alli entrou tambem, em 1850, esse grande *rieur* do Izidoro.

Até então exercitou as funcções de traductor do theatro o escriptor Alexandre Magno de Castilho. Era camaroteiro o Maia, depois camaroteiro de S. Carlos.

*

* *

Em 1852 desapparece o velho theatro para ceder logar ao actual, cujo risco é devido a José Cinatti.

O *Barracão* fôra um Eden com maçã, serpente, e respectivos perfumes paradisiacos e capitosos effluvios carnaes; um Eden accommodado ás influencias mesologicas e ao momento historico.

Esbate-se suavemente no azul vaporisado da saudade a recordação nostalgica d'essa Lisboa, cujo estado subjectivo fazia crêr, de onde em onde, haver-se restaurado a philosophica doutrinação cyrenaica; d'essa Lisboa que lustrava suas extravagancias com esplendores d'orientalismo, que esmaltava seus desvarios convulsionantes com os arabescos phantasiosos da arte!

O velho theatro a curto trecho nos apparecia rejuvenescido, á guiza do doutor Fausto no genial canto pantheista de Goethe..., mas sem ter vendido a alma ao diabrete do Mephistopheles. No dia 16 de novembro de 1852 abria-se a nova casa, subindo á scena a farça o *Misanthropo*, de Midosi, *O tio André que vem do Brazil*, de Mendes Leal, *O Homem das botas*, de Braz Martins, e uma poesia.

Lá estava de novo como palinuro d'aquella galera, prompto a virilisar tibiezas, o Manuel Machado. Quem era elle? Que o diga Julio Machado: «Manuel Machado, hoje fiscal das plateias em S. Carlos, era o verdadeiro pae do Gymnasio, do qual Gymnasio os outros socios, incluindo Taborda, eram verdadeiros filhos; — o que quer dizer que Manuel Machado é avô d'elles.»

Manuel Machado nasceu em Torres Vedras a 19 d'outubro de 1806, e esteve sete annos na Italia, que percorreu de extremo a extremo, desde os contrafortes Alpinos até á deliciosa Parthénope, illuminada á noite pelo Vesuvio subindo em feixe para as estrellas. O inopinado representou sempre importante papel na sua vida. Proprietario, emprezario do Gymnasio até 1872, camaroteiro, chefe dos porteiros de S. Carlos no tempo das luctas homericas da plateia, sempre saudoso da epocha feliz em que as almas eram mais brancas, os ideaes mais bellos, os corações mais abertos, e em que os espiritos não se envolviam na gaze lacrimosa da

melancholia! A sua paixão dominante foi sempre o café, do qual nunca bebeu menos de seis chavenas por dia. Não ha memoria de se haver embriagado d'outra maneira. Por isso ainda hoje, [1] apezar dos seus oitenta e nove janeiros, não deixa de visitar diariamente o café Tavares, onde é freguez desde 1830. [2]

Taborda, que chegara de Paris, onde fôra protegido por D. Fernando e Garrett, ergueu de novo a sua tenda no Gymnasio, no qual actuou como *força motora*.

E' a epocha em que o Gymnasio *bat son plein*, é a epocha em que a victoria desdobra as rutilas azas sobre a cabeça de Taborda. A sua jocundidade inundava com espuma quente, brilhante e leve como as pulverisações d'oiro entornadas pelo sol. Os applausos estalavam como girandolas de foguetes, festejando as suas admiraveis typificações nas *pochades* que não obrigavam a contensão d'espirito, a gymnastica cerebral: no *Simplicio da Paixão*, da *Velhice Namorada*, no *José do Capote*, no *Cantor Cosmopolita*, nas *Reflexões d'um bailarino*, no *Trovador*, em que fazia de contractador de senhas, e imitava Beneventano, Nery-Baraldy e Parepa, cantando de barytono, tenor e soprano, no *Andador das almas*, de F. Palha, no *Fui ver mr. Hermann*, no *Marido que é victima das modas*, de Luiz de Araujo, no *Vinho Novo*:

E visto agora
Já termos do novo,
A'vante meu povo,
E' dar-lhe p'r'a frente!

No Gymnasio levaram duas revistas do anno. A primeira, em 1855, intitulada *O Fossilismo e o Progresso*,

---

[1] Em 1895.
[2] Actualmente (1898) está entrevado.

escripta pelo Roussado, um Juvenal de folhetim. A segunda, em 1859, original d'Andrade Ferreira. [1]

N'esta representava o Taborda o papel de *Portugal Velho.*

Foi durante esta segunda epocha do Gymnasio que o conde de Farrobo, cambeteando pela litteratura, traduziu alguns *vaudevilles* para ahi.

N'esta *bonbonnière* dourada se estrearam alguns dos mais cathegorisados comediantes contemporaneos, alguns dos que galgaram ao pinaculo da espiral artistica: Taborda, Braz Martins, Pinto de Campos, Anna Pereira, ainda creança, Silva Pereira em 1863, Valle, escripturado no mesmo dia de Silva Pereira, Florinda, contando apenas quatorze annos, Amelia Vieira, que fôra dançarina, Lucinda Simões em 1866, Mello em 1870, Augusto Rosa em 1872 no *Morgado de Fafe.*

Todos *os d'aquelles tempos* que attingiram este fim de seculo, onde o corrosivo pessimismo cynico de Schopenhauer logra uns arremedos de vencimento, abrirão de par em par as portas eburneas da memoria, e, passando em revista o sequito triumphal das lembranças queridas, encontrarão, indefectivelmente, a do velho theatrinho, lembrança que, para elles, será mais uma granulação d'oiro escoando-se da ampulheta do passado. Teve epochas de gloria, e teve crises, mas, na prospera ou na adversa fortuna, o riso escarninho cáe-lhe dos labios ironicos, como os borbotões iriados d'uma cascata cahiriam, com sonoridade crystallina, n'um tanque de granito.

N'estes *corsi* e *ricorsi*, para usarmos a phrase ap-

---

[1] Em epocha mais recente representaram-se ahi outras duas revistas: *A Viagem á roda da Parvonia* do Commendador Gil-Vaz (Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo) e *Lisboa por um oculo* do sr. Urbano de Castro.

plicada por Vico á marcha historica da humanidade, vemos o Gymnasio seguir inflexivel a philosophia burlona do Figaro de Beaumarchais.

Como os velhos, obrigados por uma tendencia por assim dizer physiologica, propendem para o conservantismo, tambem elle, um velho, manteve sempre intemerato o culto da sua risonha tradicção.

XXIII

Um Caricaturista em 1813

Em 1813 appareceu á venda na loja de Francisco Antonio de Paula, no Pateo da Moeda, uma estampa grosseira, pintada a côres, por meio da qual se pretendia commentar o procedimento da authoridade que fizera remover uma imagem de Santo Antonio, que se expunha em casa do pintor Luiz Pereira, ás Pedreiras d'Alcantara.

A imagem, com que o pintor colhia muito boas esmolas, foi transferida para a freguezia de S. Pedro em Alcantara; e o expositor da estampa foi mettido na cadeia de Belem.

Tratando-se d'indagar quem fôra o auctor d'aquelle *producto artistico*, soube-se que era o pintor José Victoriano, de edade de 19 annos. Pespegaram com o pobre rapaz na cadeia, mas, poucos dias depois, perdoaram-lhe o delicto.

A gravura, que está junta aos *avisos*, é uma *charge* grosseira, onde apparecem quatro soldados de Policia, o alcaide arrancando a imagem, o cabo de vigia com seu chapéu armado, e um gallego.

O pintor Luiz Pereira, porque via os seus rendimentos cerceados, tambem não quiz que a imagem ficasse na sua freguezia, e requereu a transferencia para a Real Casa de Santo Antonio da Sé. O Aviso Regio de 8 de Fevereiro de 1814 ordenou a remoção.

A imagem, as esmolas, os adornos da mesma imagem, e nove milagres de cera, foram entregues ao Thesoureiro d'aquella Real Casa e ao Procurador Geral do Patriarchado. [1]

[1] *Avisos*, etc. Maço 25.

XXIV

No Palacio do Manteigueiro

O palacio chamado do *Manteigueiro*, á esquina das ruas da Horta Secca e da Emenda, foi mandado construir nos fins do seculo XVIII por um homem que adquirira grande fortuna no Brazil, commerciando em generos de mercearia. Este homem estivera em Lisboa como creado da familia Azevedo Coutinho. Regressando á patria, o plebeu endinheirado depressa começou a sentir coceiras d'aristocrata. Foi então que pediu a Antonio de Sousa Pereira Coutinho, morgado de Villar Perdizes, em Traz-os-Montes, para lhe conceder o tratamento de primo, sob condicional de lhe legar o palacio e todos os seus importantes caudaes, o que o homem religiosamente cumpriu. Era dotado de tal mesquinhez que mandava servir o jantar dentro d'uma gaveta da sua secretária. Se, porventura, chegava algum visitante, apressava-se a fechal-a. Manqueiras de genio para que não ha orthopedistas nem ensalmadores idoneos...

Nos documentos da Intendencia Geral de Policia duas vezes encontrámos referencia a esta casa. A primeira n'um aviso do conde de Villa Verde ao Inten-

dente Manique,[1] no qual lhe diz que, encontrando-se o conde de Caparica na urgente necessidade de mudar de habitação por causa das *malinas* que grassavam n'esta, e não podendo ir para mais longe, em razão da brevidade do casamento de sua filha, se lembrava d'ir occupar as casas chamadas do *Manteigueiro*, para o que o Principe Regente authorisava a que fôssem chamados os herdeiros e testamenteiros a fim de consentirem o emprestimo[2]. A segunda vez é n'um aviso de 4 d'Outubro de 1810, em que D. Miguel Pereira Forjaz manda que as casas do *Manteigueiro*, na rua da Emenda, sejam postas á disposição do coronel Peacock afim d'ahi estabelecer um hospital militar britannico.[3]

O palacio do *Manteigueiro* tinha um luxo asiatico. Os tectos foram pintados por Pedro Alexandrino; os espelhos eram grandes, mas feitos de bocados, porque então não se sabiam fazer de uma só chapa como hoje; tanto as suas molduras como os tremós das salas foram dourados com peças d'ouro derretidas. Tinha quatro grandes salas: a branca, a vermelha, a verde e a amarella. Eram todas forradas de damasco, com ricas colgaduras e ricas portas de madeira do Brazil, e ornamentadas com opulenta mobilia pertencente ao palacio.

Quando, em 1835, se alojou n'elle a *Assembléa Lisbonense*, arrancaram tudo, estucaram os tectos, e as portas de madeira do Brazil foram vendidas a ferro-velhos! *Quantum potest ineptia!*

O morgado de Villar Perdizes, um acepipeiro, um gastronomo de primeira força, teve tres filhas — uma das quaes é a sr.ª viscondessa das Nogueiras —, e um filho, o Alexandre Villar Perdizes, a quem o só jano-

---

[1] Aviso de 7 d'Agosto de 1804.
[2] *Avisos*. L.º 2. Classe Segunda.
[3] *Avisos e Portarias*. Maço 10.

tismo satisfazia o senso esthetico e o senso teleologico, e, portanto, a finalidade subjectiva e objectiva, para empregarmos a terminologia kantista. Seus bens gualdiram-se em talcos e avellórios, em bugiarias de *toilettes*, em nugatorias tafularias, em dandysmos de repicaponto.

Poucos usariam sobrecasaca mais geometricamente talhada por alfayate do tom, poucos arvorariam chapéo alto mais caprichosamente enformado, pouquissimos dançariam mais a preceito. D'ahi, uma individualidade marcante no mundo *chic*, d'ahi uma personalidade dominante na sociedade *gommeuse*.

Uma carta publicada por Freitas Jacome no *Diabrete* de 1835 diz que Villar Perdizes, pae, fôra nomeado commandante d'um batalhão nacional pelo general Pizarro, e que fardara á sua custa uma parte do mesmo batalhão.

A *Assembléa Lisbonense* foi uma das muitas *Phylarmonicas* que se crearam após a implantação do constitucionalismo. Anteriormente a ella apenas havia duas sociedades d'essa ordem: a *Assembléa Estrangeira* que fôra fundada por quinze negociantes estrangeiros em 1819, com o fim de proporcionar reuniões diarias para os socios, leitura de Gazetas, uso de refrescos, exercicio de jogos permittidos, e bailes publicos, uma vez em cada semana, principiando em Novembro e acabando na Paschoa da Ressurreição; e a *Assembléa Portugueza*, fundada em 1819, [1] mas cujos estatutos só foram approvados em 1823, associação a que o Intendente de Policia, Simão Ferraz da Silva e Castro, se referia muito elogiosamente, porque, durante a epocha revolucionaria, se mantivera sem mostrar ao publico as scenas escandalosas que se deram em outras associações. [2]

---

[1] *Avisos e Portarias*. Maço 35.

[2] (Torre do Tombo. *Livros XVIII e XXI das Secretarias*).

Aos bailes da *Assembléa Lisbonense* compareciam as infantas e a nobreza de mais orgulhosos brazões: Fronteiras, Palmellas, Farrobos, Villa-Real, Ficalhos, Terceiras. A alguns d'elles assistiram D. Maria II, D. Fernando e a imperatriz, duqueza de Bragança. N'outro, em 1838, estiveram o general egypcio Edem-Bey e alguns litteratos e artistas que o acompanhavam.[1]

Era o plenilunio da elegancia, a maré viva do luxo. Os *Saint-Simonienses* luziam as casacas côr de bronze escuro com botões lapidados, e os penteados *á Saint-Simon*, as cabelleiras luxuriantes como as dos Polynesios. Rumorejavam os vestidos de rodas pleonasticas: em setim *broché*, azul e Danubio, em velludo Imperial, Salomão e verde-emir, em cambraia bordada a oiro e a prata, em gaze bordada a seda, em blonde com enfeites de tufos de filó. Exhibiam-se penteados femininos que eram verdadeiras obras-primas dos cabelleireiros da moda: o Audrillat, o Jacques Plane, o Julien. Em mãos d'uma pallidez d'anemia tremiam os ramos de camelias e de musgo, palpitavam os lenços arrendados, a que chamavam *das quatro partes do dia*. As plumas dos penteados, a que algumas damas juntavam duas espigas de oiro, prata ou diamantes, agitavam-se como que a um chamamento solicito da valsa, a espuma das rendas fervia com graças de vaga que se quebra, das varetas dos leques escapavam-se todas as seducções que tornam o homem escravo da belleza, cada nota frivola da orchestra parecia ter o halito quente e o sabor d'um beijo...

*

* *

O negociante inglez João Fletcher habitou o palacio do Manteigueiro durante alguns annos. D'elle falla o erudito litterato sr. Alberto Pimentel no seu interes-

---

[1] *O Correio das Damas*. 1838. Numero 1, Tomo III

sante trabalho *A Ultima Côrte do Absolutismo em Portugal.*

Um dos mais assiduos visitantes da casa de João Fletcher era João Paulo Cordeiro, o ferrenho realista, cujo enthusiasmo por D. Miguel era tão acendrado, que, por cada anno de reinado d'este principe, mettia um annel com um solitario nos dedos, de forma que, em 1832, usava quatro anneis com grossos brilhantes. Paulo Cordeiro morava no segundo andar do palacio da esquina fronteira, que hoje pertence aos herdeiros de Antonio Pinto da Fonseca, o *Monte Christo*. No primeiro andar estava o Contracto do Tabaco. Em 1832 ia todos os dias a casa do seu visinho Fletcher para saber as novidades que vinham do Porto.

Fletcher empregava um meio engenhoso para interceptar os despachos telegraphicos, que, pelos antigos telegraphos de taboinhas — systema de Chappe —, chegavam á capital. Servia se para isso de dois telegraphistas seus. Collocava um no alto de S. Pedro d'Alcantara, nas aguas-furtadas do predio do Trigueiros, á rua do Moinho de Vento, (predio fronteiro á rua da Roza, e que serviu de hospital dos cholericos), e collocava o outro nos altos do palacio do Manteigueiro, sua residencia. Paulo Cordeiro tomava conhecimento d'essas noticias — que elle ignorava como eram obtidas —, e partia d'alli para Caxias a communical-as a D. Miguel. Nem o rei, nem o conde de Basto, [1] sabiam como eram arranjadas, o que fazia o desespero de ambos. Então, D. Miguel, irritadissimo, prohibiu-o de ir a casa de João Fletcher. Certa occasião em que se receberam más noticias para os miguelistas, Paulo Cordei-

[1] O conde de Basto era muito bronco. Quando chegou á barra de Lisboa a esquadra franceza, incumbida d'exigir a soltura de Mr. Bonhomme e de Mr. Sauvinet, fabricante de cerveja em Valle de Pereiro, o ministro de D. Miguel dizia que tencionava obstar á entrada da frota, mandando atravessar correntes de ferro entre as torres de S. Julião e do Bugio ! !

ro, agastadiço, com o rosto feito uma fragua, exclamou:

— Ainda hei de mandar frigir os *malhados* para fazer azeite!

Ao que o negociante britannico Donnett, que ia muito a casa de Fletcher, replicou: — No dia em que v. sahir a barra com destino á emigração, ha de encontrar o imperador que entra triumphante.

A' porta da casa de João Paulo Cordeiro costumava estacionar Manoel José Soares, o *Pancadaria*, empregado no Commissariado e conhecido caceteiro. Usava sobrecasaca roxa, e andava munido d'um bom cacête. Frequentava os sitios das Chagas, onde realisou muitas prisões e deu bordoada bravia. Era voz publica que Paulo Cordeiro o gratificava. [1]

João Paulo Cordeiro mantinha uma grande quadrilha de caceteiros, encarregados de deslombarem os liberaes. Essa quadrilha, formada pelo pifio rebotalho da malta procaz, andava armada de cacêtes com borlas encarnadas. Como muitos populares — miguelistas retintos — traziam uns alfinetes de gravata com a effigie de D. Miguel. Os principaes caceteiros eram: o Telles, alferes de milicias; o *Senhor dos Passos d'Argel*, assim chamado por usar uma cabelleira comprida, o Jeronymo Grondona, com loja de louceiro ao Calhariz, n.º 76, bilheteiro de S. Carlos em 1821, camaroteiro do dito theatro em 1828, e que supponho ser o mesmo que apparece na lista de patriotas de 1808 offertando um cavallo para os regimentos (*Gazeta de Lisboa* n.º 51, 3.º Sup. Extraordinario), e que figura como assignante de camarote em S. Carlos na mesma epocha (*No Tempo dos Francezes*. F. da Fonseca Benevides); o José Verissimo, antigo sargento da Guarda Real de Policia, [2] o qual, compromettido na *Abrilada*, fôra desterrado

---

[1] Torre do Tombo. *Correspondencias dos Ministros dos Bairros*. Maço 17.

[2] Fôra correio de D. Carlota Joaquina.

para Gibraltar no brigue de guerra *Providencia*, sahido de Lisboa em 27 de junho de 1825 ás 9 horas da manhã, levando a seu bordo, além do Verissimo, mais quatro compromettidos na sarrafusca: o marquez de Abrantes (D. José), Sebastião Duarte da Ponte d'Andrade Negrão, capitão-mór d'Albufeira, Manuel Pinto Coelho Cotta Araujo, physico-mór do exercito, e Leonardo Joaquim Cordeiro, sotta cocheiro da Casa Real. (Torre do Tombo. *L.º XXIII das Secretarias.* [1]

Apanhava, infallivelmente, a sua bordoada quem tivesse cinco botões no collete (que significavam *viva D. Maria II)*, quem trouxesse desabotoado o ultimo botão do collete, quem usasse as côres azul e branca, quem trajasse calças à Lord Grey, que eram feitas de uma fazenda de quadrados brancos e pretos, etc.

Na noite de 23 para 24 de julho de 1833, João Fletcher, seu filho, e seu sobrinho Alfredo Howaell, estavam na Ameixoeira. D'ahi partiram em sege para Lisboa ás duas horas da manhã. Sabedor da chegada, João Paulo mandou um creado seu a casa dos Fletchers, a implorar-lhes por amor de Deus que o salvassem.

Fletcher Junior e Howaell dirigiram-se á habitação de Paulo Cordeiro, que encontraram doente, atacado do cholera.

Receiava tornar-se prêa dos gerifaltes liberaes. *Tant bien que mal*, lá lhe agarraram, cada um por seu braço, fizeram-n'o descer a escada e atravessar a rua a fim de o esconderem em sua casa. Mas, chegados á rua, defrontou-se-lhes um segeiro, que, empunhando uma pistola, pretendia dar um pistolaço em Paulo Cordeiro, ao que os dois philantropicos rapazes obstaram.

---

[1] Entre os *infantistas* implicados n'este movimento estavam dois homens, que mais tarde, foram dos mais esturrados caceteiros de D. Miguel: o João José dos Santos Sedvem, picador da Casa Real, que contava apenas 23 annos, e trajava capote e jaqueta azul, collete riscado e calças de briche, e o Manoel Vassallo, mârchante, de 34 annos, morador na quinta Velha. (*Avisos*, etc. Maço 48).

Entrado no palacio do Manteigueiro, João Paulo foi escondido entre umas antigas vellas de navios nas aguas-furtadas, onde Fletcher depositava os aprêstos das embarcações que vinham á sua consignação.

A populaça alvorotada desconfiou que Cordeiro se escondera ali, e correu, ululante, á rua da Horta Secca, reclamando, em voz aspera como mordeduras, a entrega do foragido, que, alapardado entre as lonas no sotão, sentiria o tumultuar da multidão como um marulho de vagas remugindo nos algares, experimentaria uma crispatura muscular ao esboçarem se, talvez, na sua doentia imaginação funebres paisagens de necropoles, sinistras visões de pesadelos, horridos phantasmas de sonhos do opio...

Conforme o tratado de 1810 havia em Lisboa uma Conservatoria Ingleza, de que era juiz Roque Francisco Furtado de Mello, e escrivão o Lourido. Para se dar satisfação á populaça ordenou-se uma busca ao palacio, que foi executada por aquelle juiz acompanhado do vice-consul inglez, Jeremias Meagher. Baldado empenho. Nada se tendo encontrado, o povo retirou-se em boa ordem.

Chamou-se então a Gabriel Borges Marques da Rocha, cunhado de Paulo Cordeiro, para combinar a sua fuga.

Estava ancorada no Tejo uma esqûadra ingleza, commandada por Sir William Parker, que içava o seu signal d'almirante a bordo da nau *Asia*. Este official foi consultado por João Fletcher sobre a maneira de salvar Paulo Cordeiro. Ficou assente que Mr. Ford, capitão d'infanteria de marinha, trouxesse um fardamento d'official. E foi com esse uniforme e com umas barbas postiças feitas pelo Howaell, que Paulo Cordeiro se disfarçou. A's 6 horas da tarde do dia 27 de Julho de 1833 entrava n'uma sege, acompanhado do capitão Ford; seguia-se em outra sege o João Fletcher, pae, e adiante, a cavallo, como explorador, ia João Fletcher, filho.

Sob a farda vermelha, o coração de Paulo Cordeiro bateria *à tout rompre*, como um tambor que toca a rebate... Tomaram o caminho da Junqueira, onde os aguardava um escaler da nau *Asia*, no qual embarcaram para bordo do paquete, que estava fundeado defronte do caes de José Antonio Pereira, ancoradouro habitual dos paquetes inglezes. O navio levantou ferro no dia seguinte, 28 de julho.

Quando sahia a barra, entrava a embarcação que vinha do Porto, conduzindo D. Pedro IV. Realisava-se a prophecia de Donnett.

No armazem que João Fletcher possuia ao Ginjal, onde, por bom talante do proprietario, se refugiaram muitos *malhados*, chegaram a juntar-se á meza em numero de vinte e seis. D'alli facilitava-se-lhes o fugirem na escuna de guerra ingleza *Viper*, a que chamavam *escuna mexeriqueira* por andar sempre fóra da barra, mandada pelo almirante Parker, com o fim de saber o que havia de novo. Conduzia-os á barra do Porto e ahi os largava. João Fletcher salvou a vida a muitos d'elles, alguns dos quaes chegaram a ministros. Mas... todos beberam as aguas do Lethes, que, segundo se conta, fazem perder a retentiva.

As continuas entradas e sahidas da escuna provocaram desconfianças ao governo. Tanto assim que o ministro da Justiça enviou um aviso confidencial ao Intendente de Policia, em data de 18 d'agosto de 1832, ordenando-lhe que estabelecesse uma ronda maritima para obstar a que alguns portuguezes embarcassem com destino aos rebeldes a bordo da escuna mexeriqueira ingleza, que costumava entrar no porto de Lisboa. [1]

Quanto a João Paulo Cordeiro, apanhando-se a são e salvo em Inglaterra, entendeu que era melhor sacudir

---

[1] *Avisos e portarias*. Maço 76.

dos escaninhos da memoria as obsediantes lembranças d'esses episodios novellescos da sua vida, como quem enxota um enxame de varejeiras zumbidoras d'uma alcova. E mostrou, maravilhosamente, na correnteza do tempo, que seus nervos lassos de nababo não vibravam á commovida nota da gratidão.

A casa de João Fletcher foi um centro de reunião, principalmente da colonia ingleza, em tempos de D. João VI e de D. Miguel.

Quando em 1826 chegou a Lisboa a divisão ingleza de Clinton, o Corregedor do Bairro Alto, Martinho de Brederode, participava ao Intendente quaes eram as casas que destinára para alojamento dos officiaes, e, no numero d'ellas, apparece a de João Fletcher, que hospedou um general. [1]

Sir John Milley Doyle, commandante d'uma divisão ingleza que estava em Lisboa, por varias vezes jantou lá com o seu estado-maior.

Fletcher offerecia bellas *soirées* no palacio do Manteigueiro. Era grande amador de physica recreativa, e, quando, em 15 de dezembro de 1829, deu um grande baile n'aquelle palacio, apresentou na sala vermelha um curioso apparelho, a que chamava a *Menina Invisivel.*

Consistia n'um gradeamento de madeira em quadrado, tendo dois e meio metros de comprimento por dois metros de altura. Ao centro d'elle estava suspenso — por meio de cordões presos no tecto — um grande globo de vidro com quatro trombetas de folha. Qualquer pergunta que se dirigia ás trombetas immediatamente obtinha resposta, dada pela *menina invisivel.* Esta era a sr.ª D. Constança Fletcher, filha mais velha de João Fletcher, e mãe do espirituosissimo escriptor sr. D. Thomaz de Mello.

João Fletcher mudou a sua residencia para a rua da

---

[1] *Correspondencias dos Ministros dos Bairros.* Maço 13.

Cruz dos Poyaes, onde actualmente se acha o Albergue Nocturno, e foi então que a *Assembléa Lisbonense* o substituiu no palacio do Manteigueiro.

O palacio do Manteigueiro pertenceu, mais tarde, ao conde de Condeixa, e, actualmente, é propriedade da viuva Ferramenta. Em 1855 habitou n'elle o marquez de Lille, ministro de França, que, segundo affirmavam, mantinha relações muito intimas com a bailarina Fleury. O marquez mandára proceder a grandes obras no palacio, decorara-o primorosamente, e abriu as suas salas com um baile magnifico, ao qual se seguiram outros. N'um d'esses bailes, uma dama da alta sociedade que mantinha relações não menos estreitas com o Degan, secretario da legação hespanhola, dizia ironicamente ao marquez, que lhe mostrava a casa:

— *On m'a dit que vous avez un jardin trop fleuri, trop fleuri* (Fleury)...

O marquez fingiu não perceber a allusão maliciosa, e affastou-se para dar uma volta pela sala.

D'ahi a pouco tornava a encontrar a dama — que era alguma coisa entrada em annos, — e, puxando da sua caixa de rapé, offereceu-lhe uma pitada. A dama, sem mais cerimonias metteu os dedos na tabaqueira, sem descalçar as luvas. Então, o marquez diz-lhe espirituosamente: — *Comment, madame, est-ce que vous prenez du tabac avec des gants?* (Degan).

E a aristocrata empallideceu...

XXV

Corridas e batidas

As primitivas corridas de cavallos faziam-se no Campo Grande. Este genero de *sport*, que já Aristophanes estygmatisava nas *Nuvens*, como se fôra um critico do sportismo moderno, nunca floresceu entre nós. E' planta exotica, refractaria ao solo e ao clima. Paulo Midosi contou n'uns interessantes folhetins publicados no *Diario de Noticias* de dezembro de 1881, sob o titulo *Verdores da Mocidade*, que a rapaziada janota anterior a 1840 realisava corridas de cavallos no Campo Grande. E cita entre os *sportmen*, então já meio pacatos, os nomes de Antonio da Cunha, José Maria da Silva Anacleto, Caldas e Torres. A essa mesma juventude elegante pertenciam o Augusto do Banco, grande amador de cavallos, o valentissimo Francisco de Lemos Ramalho, de Condeixa, e o marquez de Niza, um *D. Juan* aureolado de proezas phantasticas, um grande esturdio «que até morrer foi sempre rapaz», na phrase de Midosi, e a quem assacavam, entre outros casos infandos, a creação da lendaria Sociedade do Delirio, innocentissima aggremiação fundada pelos dois irmãos Juhel, pelo Pedro Eugenio Daupias (depois visconde de Daupias), e por mais alguns *bon-vivants*, com o fim ex-

clusivo de organisar passeios campestres, jantares e outros passatempos que taes. A tradicção avolumou a importancia d'essa sociedade, deturpou-lhe os intuitos, e apresentou-a como profligadora da sã moral, e como havendo exercido uma acção funesta no nosso meio! *Chansons que tout celà.* A Sociedade do Delirio, tal a descrevem, é um mytho.

Já em 1816 havia muitos estrangeiros e alguns portuguezes que se entretinham a fazer corridas cavallares no Campo Grande. Mas foram prohibidas na Quaresma, sob pena de 24 horas de prisão e 10$000 réis de multa aos transgressores. Ordenou-se, egualmente, que fosse uma partida de Cavallaria de Policia para as impedir durante aquella epocha. [1]

Ahi por 1858 as correrias no Campo Grande tornaram a ser occupação do grande tom. N'uma das corridas em que o sr. D. João de Menezes correu ao desafio com o *Cazuza*, este, que montava um cavallo do conde da Lapa, bateu d'encontro a uma arvore, ficando em estado deploravel, e sendo levado para casa do desembargador Martinho Teixeira Homem, onde o trataram carinhosamente.

Em 16 de janeiro de 1859 repetiram-se as corridas no Campo Grande, corridas em que o conde de Farrobo (Joaquim), um *turfist* da gemma, apresentou alguns cavallos que mandára vir d'Inglaterra.

D. Fernando e os infantes foram a cavallo, e as infantas de caleche. Entre as amazonas mais distinctas figuraram a condessa de Farrobo (D. Eugenia), e a filha do D. Pedro Brito do Rio.

A corrida foi organisada por uma commissão consti-

---

[1] *Avisos e portarias.* Maço 28. Em 1821 foram estabelecidas duas guardas permanentes de Policia, uma ao Norte e outra ao Sul d'este passeio. (*Avisos*, etc. Maço 40).

tuida pelos condes de Farrobo e das Galveias, D. Antonio Galveias, Frederico Ferreira Pinto, Shaw, Anselmo Damasio e D. Rodrigo d'Almeida. Era juiz da corrida o João Pereira Caldas, e *starter* o marquez de Caux. Correram cinco cavallos, e ganhou o *Cockney*, montado pelo *jockey* Henri Harrel, do conde de Farrobo. Terminada esta corrida houve outra para todos os cavalleiros, vencendo então o Ozeroff, filho.

As antigas corridas no Campo Grande fazem-nos lembrar um caso que nos foi contado pelo sr. João Fletcher, em que se mostra o que eram os meios de conducção na Lisboa de 1837. Estava n'esta capital, na qualidade de ministro da Dinamarca, o conde de Raventlow, que habitava na Junqueira.

Seu sobrinho, o conde Jorge, militar e grande amador de cavallos, trouxera alguns de tiro, que vendeu por bom preço. Mandou vir mais dois de sella, que não tiveram comprador, resolvendo então rifal-os por meio de bilhetes de dez mil réis. A rifa fez-se no Campo Grande e foi tirada ao dado, sahindo um dos cavallos ao negociante Francisco Martin, e o outro a Jorge Handock. Martin vendeu o seu ao Machado da rua do Alecrim, ainda hoje vivo, mas, por causa d'um tio d'este, foi comprado em nome d'uns rapazes chamados Vizeus, que moravam na casa onde está o hotel *Durand*, e aos quaes chamavam *os principes russos*, porque montavam sempre bellos trotadores irlandezes, ou frisões bem ginetados. Um d'estes Vizeus foi pae da benemerita viscondessa de S. Caetano, ha poucos annos fallecida na cidade de Vizeu. O sr. João Fletcher regressava com José Augusto Wanzeller do Campo Grande, e, ao tornejar a rua das Pretas para o Passeio Publico, a sege, bamboante como uma *rocking-chair*, bipartiu-se, ficando os passageiros sentados n'uma das partes, emquanto o bolieiro e os cavallos proseguiam com a outra. Tal a podridão em que estavam as ligações!

*

* *

Em fins do seculo passado os donos de seges soffriam não poucas prepotencias. O proprietario das melhores seges e dos cavallos d'aluguel que então havia, o Francisco *da Assembléa*, viu muitas vezes os seus vehiculos embargados pelo Corregedor do Bairro Alto, logo que este precisava d'elles para serviço dos seus amigos. Chegou a metter o *Assembléa* na enxovia e a carregal-o de ferros [1]. O mesmo Corregedor metteu no segredo aos segeiros Joaquim José Gomes e Jeronymo Gomes por não lhe emprestarem uma sege para um seu amigo ir á feira do Campo Grande. Era uma fórma summaria de processo.

Os cocheiros *batedores* datam d'aquelle tempo. Não é de hoje que elles ferem fogo nas calçadas para fazer jus á esportula choruda do passageiro. Tambem n'essa epocha havia o costume dos bolieiros irem de escantilhão por essas ruas, atropellando os philistinos, e pondo a fumegar o espinhaço das pobres *pilécas*, como aquellas que o Tolentino lastimava. Mas o Intendente de Policia não estava com meias medidas, pespegava com elles na cadeia do Limoeiro. A um que, em 1805, lhe foi enviado pelo conde de Novion, commandante da guarda real de Policia, applicou-lhe, nem mais nem menos, que a pena de calcêta por haver atropellado duas mulheres na rua da Gloria [2]. Verdade seja que, a curto trecho, foi solto, por se reconhecer a improcedencia da accusação do conde de Novion, que provocava conflictos d'auctoridade, e não mantinha relações muito amistosas com o Intendente, do que este se queixava ao conde de Villa Verde em officio de 1 de Janeiro de 1806, e em officios subsequentes.

---

[1] *L.º IV das contas para as Secretarias.*
[2] *L.º VIII das contas para as Secretarias.*

Tambem no tempo dos francezes os segeiros e os alquiladores não foram muito bem tratados, porque, prestando serviços com seus corricoches, carros e cavalgaduras ao exercito francez, não lhes retribuiam esses serviços, pelo que elles se queixavam em requerimento ao general em chefe. Para serviço do exercito britannico tornaram a ser embargadas as seges e as cavalgaduras em Lisboa e seu termo, logo depois da retirada do exercito francez, como se vê do officio dirigido ao general inglez Dalrymple em 27 de setembro de 1808.

A proposito d'estes embargos, que haviam sido commettidos ao Juiz do Crime do Bairro do Castello, houve um conflicto entre elle e Francisco José Gonçalves, inspector dos hospitaes militares britannicos, por este se apresentar no Rocio em sege da Casa Real, acompanhado d'um correio e de dois soldados de Policia, e, depois de desfazer os embargos já realisados, insultar o juiz citado, e prender os officiaes de justiça, accusando-os de francezes, pelo que foi levado quasi em triumpho pela populaça.

Houve um segeiro que ennodoou a classe no tempo dos francezes. Foi Adriano Serodio Valverde, administrador da casa de seges d'aluguel defronte do Jardim do Regedor, o qual dizia por toda a parte que as ordens do Principe Regente para a remonta da cavallaria eram dictadas por Napoleão, que o reino havia dez annos que estava vendido, que breve entrariam os francezes, e que então fariam felizes os jacobinos e desgraçados os que os perseguiam. Estas phrases antipatrioticas levaram-n'o á cadeia por jacobinice em 8 d'abril de 1809, assim como ao padre Fernando, muito conhecido na capital.

As seges d'aluguel que, desde 1812, tinham o numero marcado na madeira da caixa do eixo, passaram

em 1815, a tel-o nos paineis lateraes. Em 1820 voltaram a trazel o nas trazeiras. (1)

A sege de boleia tinha duas grandes rodas. Atrellavam-se-lhe dois cavallos esgalgados, um dos quaes ia ás varas, e o outro era montado pelo bolieiro. O passageiro via-se em palpos d'aranha, quando queria descer d'essas archeologicas viaturas.

Primeiramente descavalgava-se o bolieiro, depois corria as duas cortinas de couro, tendo no alto dois pequenos losangos envidraçados, em seguida abria uma sorte de alçapão que servia de guarda-lama, como ainda hoje vemos em algumas seges de enterro, tirava da caixa uma tranca, que, paulatinamente, mettia sob os varaes para descançar os cavalicoques, e, por fim, estendia a mão encorreada ao passageiro, o qual se aligeirava em descer, entediado como um doente do figado, e, por um és-não-és, espapaçado como um caspacho alemtejano.

Com as seges de boleia co-existiram, nos ultimos tempos, as traquitanas, que se differençavam d'aquellas em terem quatro rodas em vez de duas. Aquellas caranguejolas tambem tiveram o nome de *seges de bandeirinha*, em razão d'uma pequena bandeira, cujo uso se tornou obrigatorio por postura municipal.

Um bolieiro sem a basofia de fazer *escovinhas* a primor, ou de dar a sua cacetada á mão tente, era tão raro como o melro branco ou a dhalia azul. Aquelles marmanjos galeavam jaquetas de grandes bandas, de mangas muito angustas nos punhos, e tão curtas como as jaquetas dos toureiros hespanhoes, collete ainda mais curto, calções de belbutina azul com alçapão, cinta muito esticada excedendo quatro ou cinco dedos o collete, lenço sarapantão ao pescoço, e outro d'Alcobaça com as pontas pendentes da algibeira da vestia, altas botas de cava a que se prendiam umas formidaveis es-

(1) *L.os XV e XIX das contas para as Secretarias.*

poras de latão telintando com um ruido de quicalharia, e chapeu grande como um canudo de vapor, que lhe ia bem com a sua mascara angulosa de gêta fanfarrão, arrebolada pela losna tabernaria, as melenas lustrosas d'oleo e empastadas sobre a testa estreita, e a barba em collar ou á *passa piolho* como lhe chamavam. Nas mãos ossudas e vellosas como as d'um *moujick* enrolavam um chicote de postilhão, que, no instante opportuno, vibravam com movimentos canhestros de bonifrates.

Os que gastavam a frouxo como morgados ricos, os que se mettiam de gorra com os batoteiros finorios em gamboinas d'espelunca, encafuavam-se n'esses calhambeques chamados seges, e batiam para as jogatinas do Senhor da Serra e de Cintra, onde se ia ao sabbado, e d'onde se voltava na segunda-feira. Os esturdios gamenhos, os que estroinavam com amorios venaes, batiam para os alegres idyllios de Cintra — *refugium peccatorum* — nos dias azues ferretes do verão, em companhia das mais cotadas e das mais candongueiras *lorettes* da epocha, das que sabiam pôr na digressão uma turbulencia jovial e cantante como uma gaiola cheia de canarios: a Eugenia da rua Nova do Almada (que antes, ahi por 1835, morara ao Passeio Publico, no primeiro andar do predio antecessor d'aquelle onde está a Empreza Liquidadora), uma tafula que esteve no galarim, garrindo diamantes, sedas de matiz, velludos, marabús, todo o luxo saliente de 1830, uma casquilha com servilhetas catitas, e sege aturada que batia *au grand galop* por essas ruas de Lisboa, uma janota mimalheira que, depois de ter engolosinado o rebanho dos libertinos como a uma matilha de podengos, morreu miseravelmente em S. Domingos de Bemfica; [1] a Antonia e a Emilia da rua Nova do Carmo (ambas filhas d'um brigadeiro), a Emilia *Faneca*, a Adelaide *Bolieira*, a Catharina da *Touca*, a Luiza *Phenix*, a Gloria

[1] Folhetins de Paulo Midosi. *Diario de Noticias* de 1881.

do Calleya, a *Perinha de cheiro*, a Amalia Bexigosa, morta paralytica e que deixou uma filha ainda hoje viva; *As Setes Irmãs*, o *Cavallo Ardente*, a Conceição Capellista, uma Circe que principiara por capellista ás Janellas Verdes, mas que chegou, por tranquilhas, a ter boa fortuna e caleche sua, depois de haver transformado em javardos muitos bipedes civilisados e recivilisados; a *Borboleta*, irmã d'um homem illustre; a Maria dos Espartilhos, e outras da raça soberba e aventureira das amorosas, que, á guisa d'aquella cigarra do poeta de Téos, amavam as canções e não soffriam a velhice.

As seges d'alquilaria rodavam pela estrada de Cintra, balouçantes como redouças. Na Porcalhota e no Cacem desaguavam-se as esqueleticas hacaneas. Ahi, nas tabernas chinfrins, a cujas portas amigas o symbolico ramo de louro se agitava á briza, é que o folgaz bolieiro chupistava o seu copazio do tinto.

Depois, as seges lá tornavam a partir com espalhafato, n'um rompante parlapatão, tiradas pelos dois *poitrinarios* e mal avindos rocins, que, estugados pelo enorme latego, iam jogando de garupa, aos pinchos, aos torcicollos, riscando voltas bruscas na estrada, te depositarem os passageiros, nem sempre escorreitos, no pateo do Victor. Por cada batida para Cintra dava-se uma moeda, e, ás vezes, duas, se era dos batedores de *mão cheia*.

Foi a epocha do *Facareno*, do *Pinoia*, do Manoel *Bem bom*, do José Maria Cabelleireiro (com cocheira na rua de S. Roque, defronte do café Tavares), do Guilherme *Faia*, do *Timpanas*, do Malaquias (que foi bolieiro do marquez de Ponte de Lima), do Conceição, do *Mulato*, do Russo, do Joaquim *Preto*, do Mesquita, e do *Gandum*.

Foi a edade d'oiro dos batedores pimpões, refilões e desfaçados, que, n'essa obsessão de chegar depressa,

faziam orelhas de mercador ás sarabandas dos malsins, ou ripostavam-lhes, de má catadura, com roncarias, com escurrilidades d'um pico agraz no seu calão faiante. A essa geração de bolieiros de solido arcabouço e fibra atochada, succedeu a primeira geração miuda de cocheiros de praça, em que se singularisavam o Eleutherio, o *Meca* (que morreu continuo da camara dos Pares), o *Bairro Alto*, o *Pingalho*, o *Gradil* e o *Anão*.

O' passeios a Cintra! Perdestes a vossa graça de pittoresco e d'imprevisto! Tinheis a alegria buliçosa das pomareiras na varzea, cantando ao desafio com os rouxinoes nos balsedos; hoje tendes a monotonia fastienta d'um cantochão abominavelmente pigarreado por sorneiros frades bernardos. A prosa insulsa do ferro-carril matou a poesia da tipoia.

XXVI

Um episodio de comedia

O conde de Rezende, vice-rei da America, participava ao Principe Regente em 1799, que um navio pertencente a madame Joanna d'Entremeuse por duas vezes entrára no porto do Rio de Janeiro, e, por diversas vezes, na Bahia de Todos os Santos. O Intendente Geral da Policia da Côrte e Reino, Diogo Ignacio de Pina Manique, communicava ao ministro d'estado, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em officio de 21 d'Outubro de 1799, que a franceza chegára a Lisboa na galera *Confiança*, fazendo parte do comboy vindo do Rio de Janeiro, e que fôra presa, logo á chegada, pelo Ministro da Visita do Ouro e Corregedor do bairro do Rocio, Pedro Duarte da Silva. Pela *conta* que este magistrado deu, provava-se que o navio era de Mad. d'Entremeuse, sendo simulada a escriptura de venda feita no Rio, a qual não tinha outro fim senão embandeirar o navio com bandeira portugueza, e poder continuar o giro de negocios clandestinos com as nossas colonias, como já fizera em varias occasiões, pretextando arribadas, ou então, talvez, por ser encarregada d'indagações, ou de dispôr os animos d'alguns habitantes d'aquellas duas cidades, e ganhar amisade com

algumas familias para outros fins. Lá vinha já a suspeição!

E aquillo era tão provavel, proseguia elle, que até algumas d'essas familias a recommendavam a correspondentes, a amigos, e a parentes que tinham em Lisboa como se via pelas cartas apprehendidas na sua bagagem.

Avisava que o Duque de Frias, embaixador hespanhol, enviára um officio a Luiz Pinto de Sousa, onde incluia uma carta escripta pela franceza no segredo em que estava, e n'esse officio reclamava-a como pertencente a uma nação alliada á sua côrte.

O Corregedor dos Romulares, Manuel Theophilo Mesquita e Moura, tambem detivera a bordo d'um navio hespanhol, que fazia parte do mesmo comboy, a D. Gaspar Rico, que se dizia official ao serviço do seu paiz. O Intendente remettia algumas cartas escriptas pela franceza ao hespanhol, e, accrescentava, que a correspondencia entre ambos continuava, não obstante a reprimenda que fizera dar ao carcereiro da prisão. Finalmente lamentava a attitude do embaixador de Hespanha, que chegára a levar, em pessoa, o officio a casa de D. Luiz Pinto de Sousa, proferindo no dito officio *expressões prepotentes*, e affirmando que não podiam prender um official hespanhol sem primeiro lh'o participarem.

Luiz Pinto de Sousa, porém, mandou soltar o homem por ordem de domingo, 27 d'outubro, e apenas quiz receber os papeis que lhe haviam encontrado na algibeira, e que continham a correspondencia com madame d'Entremeuse.

Recusou-se a receber os que lhe apprehenderam na caixa que estava no seu quarto, e os que descobriram nos colchões, sob pretexto «de que teriam mettido alguns que não fossem seus.»

Pina Manique dirigia novo officio a D. Rodrigo de

Sousa Coutinho em 25 d'outubro de 1799. Tornava a fallar na prisão da franceza, e dizia que tambem fôra preso o capitão da galera, João de Sousa Lobo, em nome de quem estava o barco.

Que ordenara ao Corregedor do Rocio para proceder a exame nos papeis de bordo, e, que, entre elles, se achara um passaporte francez, com o fim de, dado o caso de encontrarem algum navio de guerra inglez, poderem escapar. Averiguara-se que o hespanhol Rico communicara com a franceza no alto mar, indo ao seu navio, e offertando-lhe uma bandeira republicana, realisando-se varias conferencias e conversações entre ambos, do que se podia inferir que os negocios d'um e d'outro eram os mesmos, e que tinham por fim explorar os portos do Rio e Bahia, as forças que o Principe Regente ahi mantinha, os sentimentos dos habitantes d'essas colonias, disseminar e insinuar «as infames doutrinas de que os Jacobinos se servem para revoltar os povos,» ou que, pelo menos, iam ás referidas colonias a fazer commercio clandestino, e, talvez, vender as fazendas que os francezes haviam tomado aos navios portuguezes, por sómente serem proprias para as ditas colonias, e com destino ás quaes haviam sido carregadas nos portos do reino. D'ahi concluia elle, que a franceza podia auferir muitos lucros e tirar muito oiro e diamantes.

Além de tudo isto — que já não é pouco — suspeitava que tanto Mad. d'Entremeuse como o castelhano eram emissarios do governo francez, visto que nos papeis aprehendidos a D. Gaspar se viam diversas memorias sobre especulações commerciaes, e sobre outros assumptos, as quaes embora parecessem referir-se sómente a possessões hespanholas, por terem Montevideu e outros nomes, podia muito bem ser que isto fôsse disfarce a fim de removerem toda a suspeita, mas que, em realidade, se referissem ás colonias portuguezas.

Em 12 de Novembro, mais outro officio a D. Rodrigo de Souza Coutinho o advertia de que toda a correspondencia da franceza fôra traduzida, e que, segundo sua opinião, as copias deveriam ser remettidas ao Conselho do Ultramar e os originaes ao Capitão General da Bahia. No mesmo dia, os matalotes da galera requeriam o pagamento das suas soldadas.

Durante tres annos não se ouviu falar mais de madame d'Entremeuse. Até que, em 1802, o Manique é accordado pelo visconde d'Anadia, que lhe pergunta em que pára a celebre questão da franceza. O Intendente apressou se a responder-lhe em officio de 22 d'Abril, indicando todos os avisos que recebera para proceder a essa diligencia, e a lista da carga do navio [illegible] depositada na Alfandega Grande.

Em novo officio enviado ao mesmo visco[illegible] em 19 de maio de 1802 participava-lhe haver recebido aviso, pelo qual S. A. R. mandava entregar a Mad. d'Entremeuse, ou ao seu bastante procurador, a galera *Confiança* com todos os seus pertences, precedendo a necessaria avaluação de tudo que lhe fôsse entregue, e cobrando os respectivos recibos. Mas que não podia cumprir essa ordem, porque o navio estava entregue ao Arsenal da Marinha. Finalmente em 23 de maio dizia a João d'Almeida de Mello e Castro, que recebera outro aviso de 22 do mesmo mez para cumprir a ordem de S. A., mas respondia que, depois das primeiras diligencias, tudo corria pelo Conselho do Ultramar e pelo Juizo dos Feitos da Corôa e Fazenda. No respeitante aos fretes era com a Real Junta do Commercio, e com o procurador da franceza, Leonardo José dos Santos; e pelo que tocava ao navio era com o Arsenal da Marinha.

O fecho d'esta historia, e o traço comico d'ella, encontram-se na *Policia Secreta dos Ultimos Tempos do Reinado do Senhor D. João VI.*[1] Recobrando a liberdade,

madame d'Entremeuse correu ao palacio de Queluz para se queixar ao Principe-Regente das arbitrariedades praticadas com ella. O Principe recusou-se a dar-lhe audiencia, e mandou que um dos seus camaristas escutasse a queixosa. «Quero, disse ella, que o Intendente seja obrigado a reparar os damnos que me causou com a prisão injusta e arbitraria que me fez; e espero que o Principe, desapprovando o despotismo do Intendente, dê uma prova de que ao seu coração repugnam as atrocidades da policia, e que o seu governo é justo.»

Não era uma Célimène ou uma lilial Agnès expondo, com lucidez parlamentar, os seus aggravos; era uma Furia que desgrenhava suas coleras, e verberava as prepotencias do atrabiliario Intendente, que tinha carta branca para todos os desmandos, e nos espiões e *moscas* a sua activa policia. («Trago espalhados espiões e moscas», etc. Officio de 12 de março de 1798).

Os tempos estavam bicudos, e o Manique não deixava pôr pé em ramo verde. Aquella arenga, debitada com certa desenvoltura, arrebicada conforme os processos d'uma franceza, viajante, commerciante, e, talvez, bonita — sejamos Regencia! — valeu-lhe uma segunda dóse de cadeia e de segredo. O Intendente empregou toda a sua dialectica a fim de levar o Regente ao convencimento de que madame Joanna d'Entremeuse era homem e não mulher, porque se o não fôsse, argumentava elle, não teria fallado d'aquelle theor e modo ao camarista!

Proseguindo, elle — que, com facilidade, transformava um murganho em arganaz — disse que Sua Alteza andára muito bem em se ter negado a recebel-a, porque, naturalmente, a mulher vinha com intentos sinistros contra a sua real pessoa!

---

[1] Introducção, pag. IV, nota.

O Manique, sem amainar da sua teima, saltou a pés juntos por sobre o siso-commum, e ordenou ao Corregedor do Bairro Alto para que, acompanhado do seu escrivão e d'um medico, fôsse á cadeia, e passasse a verificar se madame d'Entremeuse era realmente uma mulher!

E digam lá se isto não é um episodio de baixa comedia. O assumpto devia ter sido relaxado ao braço secular de José Daniel.

XXVII

O homem das botas — Mulheres-homens

Pinho Leal falla do celebrado *Homem das Botas* no diccionario *Portugal Antigo e Moderno*, [1] e insere o annuncio que, na manhã de 30 de novembro de 1811, appareceu nas esquinas de Lisboa, o qual é do theor seguinte:

NOTICIA AO PUBLICO

«Um official do exercito britannico, tendo apostado 500 libras esterlinas, que ha de passar a travessa do rio Tejo, na segunda-feira que vem, á uma hora depois do meio-dia, em um par de botas de cortiça, principiando o seu passeio pela Torre de Belem e d'ahi á Torre Velha. Estas botas são d'uma construcção admiravel e curiosa: foram inventadas pelo mesmo official que faz o passeio.

Lisboa. Na officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões. 1811. Com licença do Desembargo do Paço.»

Muitos attribuiram o annuncio a raposia dos santarenos, para vêr se, distrahindo a attenção publica, gual-

[1] Vol. IV, pag. 362.

dripavam o Santo Milagre, recolhido na Sé afim d'escapar á rapina dos francezes.

No livro XIII das Secretarias, existente no archivo da Torre do Tombo, encontra-se alguma cousa a este respeito.

Um officio do Intendente de Policia, datado de 3 de dezembro, diz que esta capital se tinha posto *em expectação* por meio d'um annuncio impresso, que promettia para o dia 2 de dezembro, á 1 hora da tarde, o passeio d'um official inglez que atravessaria o Tejo; mas que nada se tinha verificado, visto o corregedor de Belem lhe participar que mais de vinte mil pessoas se juntaram ao pé da Torre de S. Vicente, e que nenhum homem apparecera *com tal projecto*.

O fim do dia fizera conhecer o engano ao povo, recolhendo todos a suas casas, sem haver resultas.

O Intendente, para saber a historia mais de raiz, mandou proceder a averiguações, e por ellas se verificou que a impressão do annuncio fôra feita na officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões, que fôra encommendada por Francisco Manuel, ao Passeio, e a este por um official inglez, que apresentava o manuscripto licenciado pela meza do Desembargo do Paço. Não adquiriu, porém, noticia exacta do nome do official, do qual apenas lhe constava residir para os lados do Campo de Santa Clara. Que o caso fôra desagradavel, e mais o seria ainda se lhe continuassem a dar importancia em novos papeis publicos, porque constava ao Intendente que varias pessoas — entre ellas o padre José Agostinho de Macedo — intentavam escrever e imprimir observações ácerca do mesmo caso.

Depois de mostrar quanto seria conveniente, que o Desembargo do Paço negasse auctorisação aos manuscriptos, que se occupassem do assumpto, passava a fazer varias considerações a respeito dos annuncios,

ou fôssem volantes, ou introduzidos nos papeis periodicos, terminando por aconselhar que, antes de impressos, deveriam ser apresentados na Intendencia, a qual concederia ou negaria a licença, segundo visse conterem cousas em que podesse envolver-se, directa ou indirectamente, a tranquillidade dos habitantes, tendessem a alienar a opinião publica, ou compromettessem a seriedade da nação.

O caso produzira tão grande argel, que ainda em 7 de setembro de 1812 o Intendente — alludindo aos annuncios e ás malezas que d'elles promanavam, por não estarem sujeitos a prévio exame da policia — tornava a citar *o exquisito passeio do official militar britannico com botas de cortiça.*

*

* *

Ainda ha poucos annos, o apparecimento d'uma *mulher-homem* fez certo arruido no Porto. Referimo-nos a uma raparigaça, que se disfarçava em trajos de homem, mas que, caido o rebuço, chegou a casar, morrendo mais tarde no incendio do theatro Baquet. Pois no tempo dos francezes houve mais d'um caso d'esse jaez; appareceu mais d'uma mulher disfarçada. Uma, foi a franceza Emilia Roux, que, vestida d'homem, assistiu á batalha do Vimeiro. Remettida ao deposito de Cascaes, o seu nome figura na lista dos francezes, que ahi continuavam a portar-se mal. Outras duas foram as irmãs Anna Perpetua Jourdain e Maria Antonia Jourdain, filhas de Diogo Jourdain e de Catharina Dubeux, residentes em Lisboa havia muitos annos. Por denuncia ao Juiz do Crime do bairro d'Andaluz, este, em 1809, passou busca a uma casa da calçada de Sant'Anna, 30, onde morava a franceza Domingas Ritta Ebrard, rameira que fazia praça de lisonjas, e ahi encontrou Anna Jourdain, a qual, sem se acanhar a medos, declarou no acto da prisão que tivera a gloria d'acom-

panhar o general Junot na batalha do Vimeiro e n'outras acções, já como soldado de cavallo, já como infante, e que tivera a honra de ir a bordo dos transportes inglezes para tratar com sujeitos d'alta estofa do exercito francez. [1]

Durante a occupação franceza viveu em parceria com os brixótes, aos quaes se mostrava tão pouco esquiva, que fugiu a sua mãe para seguir a um official francez, de quem se tornou concubinaria, e com quem embarcou a bordo d'um transporte inglez. Mas o navio naufragou nas costas do Algarve, foi soccorrido por uma fragata, e os passageiros conseguiram ser salvos, contando-se Anna Jourdain, que voltou para Lisboa.

Esteve alguns mezes na Casa Pia, a requerimento dos paes, que não podiam soffrear a sua desenvoltura. Mais tarde foi viver para a calçada de Sant'Anna, onde foi presa por denuncia de que espalhava vozes em favor dos francezes, e annunciava o seu breve regresso. Mantinha activa correspondencia com João Francisco Achard, preso no Castello de S. Jorge, e condemnado a degredo perpetuo para as Pedras d'Angoche por haver falsificado umas letras.

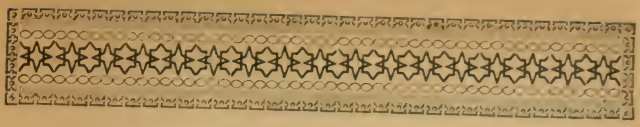
Anna Jourdain foi mandada para a Cordoaria, e expulsa do reino por accordão da Relação de 18 de Março de 1809. De facto, embarcou para Bordeus no navio *Governor Gimal*. Mas em 19 de Setembro de 1814 chegava a Lisboa a escuna *Dois Amigos*, procedente de Rouen, e n'ella vinham como passageiros as duas manas Anna Perpetua Jourdain e Maria Antonia Jourdain.

Ambas trajavam fatos de homem, para isso auctorisadas pelo passaporte obtido da Direcção Geral da Policia de Paris, com o visto da Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Como tal facto collidia com as leis do reino, porque era defezo pelo Livro V das Ordenações,

[1] Intendencia Geral de Policia. *Papeis Diversos*. Maço 1.

as mulheres foram levadas á presença do Intendente. Maria Antonia pretendia continuar a usar assim, para o que impetrava licença da Policia de Lisboa, como fizera á de Bordeus, que lh'a concedeu, licença depois confirmada pelo ministro da Policia Geral de França, visto «serem as suas fórmas externas mais semelhantes ás d'um homem, do que proprias do sexo feminino», com o que a nossa Intendencia de Policia concordava. Tambem Maria Jourdain allegava que, além dos insultos a que estaria exposta com a mudança para o trajo do sexo feminino, a que pertencia, tal mudança seria muito prejudicial aos negocios de que tratava como homem, sendo geralmente conhecida. O Intendente resolveu então não haver inconveniente algum em dispensar as Ordenações do reino, expedindo-se licença, como em França, para continuar, sem nenhum empacho, no uso dos trajos de homem, «de outra sorte, dizia o officio, tendo, como tem, grossa barba na cara, ou será tida, e com razão, por homem vestido de mulher, ou andará exposta a continuas irrisões.»

Quanto a Anna Jourdain, essa abandonou emfim o vestuario masculino para ir viver com sua mãe, porque seu pae já tinha morrido. A policia, porèm, ordenou que fosse novamente expulsa de Portugal no praso de oito dias.



XXVIII

A artilheria dos francezes

Quando, no dia 1 de junho de 1814, chegaram a Lisboa os despojos de guerra, que, em partilha, haviam cabido ao exercito portuguez na batalha de Victoria, o povo da capital correu a recebel-os entre acclamações endereçadas a esse punhado de bravos que, em terras de Hespanha, honravam brilhantemente o nome lusitano.

As peças d'artilheria, as carretas e outros petrechos de guerra francezes entraram triumphalmente no Arsenal do Exercito.

E os *piou-pious* que nos alcantis do Bussaco se arrojavam, sem deslize, ao mais acceso da lucta, entre o crepitar da mosqueteria e o relampaguear dos canhões, os recrutas que, cobrindo de gloria a bandeira nacional, recebiam os elogios de Wellington e de Beresford, eram os soldados que acabavam de colher os louros da victoria, as corôas do triumpho.

No entretanto, a Legião Portugueza, commandada pelo marquez d'Alorna, fazia rutilar as suas bayonetas de fino aço na batalha de Wagram, e levava até Moscow, nas laminas das espadas de Gomes Freire e do coronel Pego, a fama da heroicidade portugueza.

A'cerca da chegada a Lisboa das peças d'artilheria tomadas aos francezes depararam-se-nos os documentos seguintes:

«Devendo quarta-feira proxima conduzir-se do Arsenal Real da Marinha para o do Exercito cincoenta Peças d'Artilheria com os seus carros competentes, que foram tomadas pelo nosso Exercito na Batalha de Victoria, e não havendo no Deposito d'Artilheria de Lisboa mais que 63 parelhas, vindo a ser necessarias para esta conducção mais 130; Ordena Sua Alteza Real que V. S.ª faça concorrer para este serviço as parelhas d'aluguer que forem precisas, ou se peçam as de particulares que se necessitarem, as quaes se devem achar no mesmo Arsenal da Marinha ás 11 horas d'aquelle dia; entendendo-se V. S.ª com o general José Antonio da Rosa para tudo o mais que diz respeito a este objecto. O que participo a V. S.ª para sua intelligencia e execução.

Deus guarde a V. S.ª. Palacio do Governo em 28 de maio de 1814.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Sr. João de Mattos e Vasconcellos Barboza de Magalhães.»

Está incluso este aviso:

«COPIA»

«Em cumprimento das reaes ordens que recebo n'este momento, participado pelo aviso da copia inclusa em data de hontem, proceda vossa mercê á diligencia effectiva de que já hoje o incumbi para que se apromptem as 130 parelhas que no dia 1.º de junho se fazem necessarias para o serviço que o dito aviso declara. Segundo o que a vossa mercê communiquei esse resulta da intelligencia que tinha com o tenente general José Antonio da Rosa, que praticou a esse fim

commigo n'esta intendencia. As parelhas devem achar-se no mencionado dia reunidas pelas 6 horas da manhã no Campo de Santa Clara; estará ali quem por parte do arsenal real do exercito as receba e destine, e deverão levar sómente freios e bolieiros que as guiem, porquanto pelo mesmo arsenal real serão arreadas do modo proprio a fazerem o serviço para que se necessitam. Confiando do zeloso cuidado de vossa mercê, manifestado constantemente em todas as diligencias do real serviço, que esta será regularmente desempenhada, espero receber de vossa mercê no sobredito dia a participação de que se apromptaram as referidas parelhas n'esta conformidade, e, se alguns obstaculos occorrerem, a prompta communicação d'elles para se darem logo as providencias que forem conducentes ao fim de removel-os immediatamente.

Deus guarde, etc.

Em 29 de maio de 1814. Belfort.» [1]

[1] (*Avisos e Portarias*, Maço 25.)

XXIX

Um episodio da vida de Garrett

Francisco Gomes d'Amorim nas suas *Memorias Biographicas de Garrett* (vol. I, pgs. 304 a 306) transcreve varios documentos que se referem á chegada e á expulsão de Garrett, e diz que o aviso em que se dava esta ordem ao Corregedor não foi encontrado na Torre do Tombo.

Fômos mais felizes que o fallecido escriptor Gomes d'Amorim, porque achámos todos os documentos referentes a esta expulsão de Garrett. Folheando os papeis guardados na pasta n.º 84 das Correspondencias dos Ministros dos Bairros (Limoeiro) depararam-se-nos os documentos que passamos a transcrever:

«O Escrivão do vosso cargo, ou no impedimento d'elle um escrivão de Armas do Bairro, intime sem perda de tempo João Baptista Leitão Garrett, preso na Cadea da Cidade á ordem da Intendencia, que, em consequencia de ordem da mesma Intendencia que acabo de receber, deve sahir immediatamente para fóra do Reino; e que se quer partir no Paquete, que se lhe conferirá Passaporte, quando não que vá por terra: advertindo-o que o Paquete sahe ámanhã pela manhã: do que lavrará Certidão com a resposta do intimado,

que me será já já entregue para informar na Intendencia Geral de Policia.

Lisboa 25 d'Agosto de 1823.

Ottolini.»

Segue-se a certidão da intimação e a resposta a esta, dada por Garrett, ambas lavradas no *verso*:

«Em consequencia da intimação que me é feita pelo escrivão das Armas, Antonio Ferreira Temudo, acceito ir no paquete.

Lisboa 25 d'Agosto de 1823.

João Baptista da Silva Leitão Garrett.»

«Intimei ao Supplicado João Baptista da Silva Leitão Garrett que me disse ser o proprio por todo o contheudo na dita ordem retro, e logo n'esse mesmo acto me deu a resposta supra o que certifico.

Lisboa 25 d'Agosto de 1823.

O Escr.am das Armas do Bairro do Limoeiro

Antonio Ferreira Themudo.»

Em um pedaço de papel está escripto o seguinte:

«Cadea da Cidade fls. 107, João Baptista Leitão Garrette = Bacharel formado em Leis.

Passe 25 de Agosto de 1823.»

Por baixo tem escripto a lapis:

O Juiz do Crime do Limoeiro que o faça intimar para sahir immediatamente para fora do Reino, e que se quer partir em Paquete que se lhe conferirá Passaporte quando não por terra.»

E escripto a tinta tem: 25.

Topámos mais o documento seguinte:

«Em consequencia do Aviso de V. S.ª tenho a honra de informar que fica a bordo do Paquete *Duque de Kent* João Baptista Leitão Garrett como consta do recibo incluso.

Deus Guarde a V. S.ª

Lisboa, 27 d'Agosto de 1823.

Ill.mo Sr. Simão Ferraz da Silva e Castro.

O Juiz do Crime do Bairro do Limoeiro
Francisco de Paula de Aguiar Ottolini.»

«Eduardo Lawrence, Commandante do Paquete Britannico Duque de Kent.

Declaro ter recebido a bordo do Paquete *Duque de Kent*, debaixo do meu commando, o sr. João Baptista da Silva Leitão Garrett remettido por ordem da Intendencia Geral da Policia, entregue pelos officiaes do Bairro do Limoeiro.

Bordo do dito Paquete.

Agosto 26 de 1823.

Edw.d Lawrence Comm.t Duke of Kent 2.d Packet.

Tagus, 26 August 1823».

*

D. Luiza Candida Midosi d'Almeida Garrett requereu, em maio de 1826, ao governo presidido pela infanta D. Izabel Maria, para que seu marido podesse regressar ao reino. Em 26 de maio, o ministro conde de Porto Santo perguntava ao Intendente de Policia, Brum da Silveira, se havia algum motivo que embaraçasse que J. B. da Silva Garrett, official do ministerio do reino, regressasse ao paiz, d'onde fôra mandado sahir por ordem da Intendencia.

Este documento tem a nota seguinte: — «Informe-se com o extracto da ultima informação dada ao Ministerio e que depois d'essa data nada mais consta contra o supplicante.» [1]

Em 3 de Junho permittiu-se que Garrett voltasse a Portugal, sendo, comtudo, obrigado a assignar Termo na Intendencia de Policia «de conformar com a ordem legitimamente estabelecida a sua conducta e os seus principios, e ficando debaixo da vigilante inspecção da policia, para proceder irremessivelmente contra elle, logo que, affastando-se dos seus deveres, se tornasse indigno da Regia Beneficencia a que se acolhia, e merecedor de severa justiça que deverá punir qualquer reincidencia em seus excessos »

[1] *Avisos*, etc. Maço 53.

XXX

Um episodio da mocidade d'Antonio da Cunha

Antonio da Cunha teve sempre grande elegancia intellectual, e grande elegancia de *toilette*,

> Toujours en habit arrangé,
> Possedant l'art de la toilette
> Et redoutant le négligé.

Lançando-se, de coração alegre, na grande arena do janotismo, entrou depois na imprensa — onde preferia o virtuosismo do estylo folhetinistico á phraseologia papuda do *leading-article* —, terçou armas na tribuna parlamentar, e, finalmente, foi ainda brilhar na diplomacia, mercê das qualidades apuradas do seu espirito.

Nosso ministro em Stockolmo, conquistou as sympathias do rei Oscar e da alta sociedade scandinavica.

A casa em que habitou, á esquina do Jardim do Rei e da rua Norrlands, é apontada ao viajante como aquella em que viveu um dos homens mais queridos do povo d'essa capital. [1]

---

[1] *Diario de Noticias*, 1896.

Não nos fazemos cargo de biographar Antonio da Cunha. O nosso fito é, simplesmente, contar um episodio curioso da sua mocidade.

Antonio da Cunha Soutto-Maior Gomes Ribeiro, que contava uns dezeseis ou dezesete annos de edade, e era netto do Chanceller-Mór Antonio Gomes Ribeiro, Dezembargador do Paço e antigo Juiz da Inconfidencia, foi preso na rua do Collegio dos Nobres em 1831 por usar um lenço branco com riscas azues ao pescoço. Realisou a captura o cadete Caetano Telles da Silva, do 4 de infanteria.

O captor accusava Antonio da Cunha de ser desaffecto á Augusta Pessoa do Rei, e affirmava que, havendo-o encontrado no largo do Rato, o quizera prender, mas que o accusado se escapulira. Dias depois, passando com uma guarda do seu commando por casa de Antonio da Cunha, este, que estava á janella, o desafiára a que fosse lá buscal-o.

Em consequencia d'estes factos, encontrando novamente o Cunha na rua indicada, e no dia 24 de Julho, prendera-o e conduzira-o ao quartel da 1.ª companhia de cavallaria de Policia.

Afinal averiguou-se que um e outro tinham continuas rixas por motivos amorosos, averiguação que determinou a soltura d'Antonio da Cunha. [1]

O Juiz do Crime d'Andaluz ainda abriu summario ácerca do caso, pelo qual se provava que Antonio da Cunha era um perfeito dissipador, e que embora tivesse um tutor, que fôra nomeado pelo avô, em testamento, não se importava com elle para nada. Terminava dizendo que seria bom pôr côbro aos seus desvarios. [2]

---

[1] *Correspondencias dos Ministros dos Bairros.* Maço 26.
[2] Idem, idem.

Posto que os annos alegres lhe tivessem ha muito, como diz a canção,

Fait le saut par la fenêtre.

Nunca Antonio da Cunha poude envelhecer, porque lhe palpitava a eterna mocidade na alma. Sua philosophia risonha sentia-se incompativel com o schopenhauerismo irreductivel de que enferma o final do seculo.

Partindo aos oitenta e quatro annos para essa jornada eterna onde se vae descobrir a incognita do tormentoso problema do Hamlet, foi sempre um cavalheiro à antiga, mas foi tambem um sonhador... E quando, nos derradeiros tempos, elle sondasse o fundo do coração, para vêr se encontrava nas recordações do passado os echos da sua mocidade alegre como o choro dos esponsaes no *Lohengrin*, os echos das suas glorias d'elegante adamantino e dos seus triumphos de luctador intremulo, talvez desejasse, como Henri Heine, um caixão vastissimo onde coubessem o seu corpo e todos os seus sonhos...

XXXI

Uma replica de Garrett

Entre as execuções em fórma realisadas no parlamento, notabilisou-se a d'Antonio da Cunha feita por Garrett. Buscando sempre modelar-se pelo grande Cicero, Garrett jámais quebrava a verticalidade da sua linha tribunicia, por mais pertinaz que se tornasse a refrega, assim como se relata que o diserto orador romano nunca olvidava a fimbria e as pregas do manto senatorio, quando se erguia da cadeira curul, e, subindo ao rostro do *forum*, levantava o braço e soltava a voz potente, retumbando no amphitheatro, emquanto o auditorio estremecia d'ideal encanto ante as suas phrases facetadas, cahindo dos labios candentes como as flores d'um corymbo. Foi na sessão de 25 de julho de 1852 que se accendeu a requesta entre os dois mais elevados representantes do bom gosto dandystico em côrtes.

Antonio da Cunha accusou, com desgarro e empafia, a Garrett de ser balio de Malta, e de se occupar com essas frivolidades de preferencia a coisas sérias. Garrett prompto exercitou a represalia. Embora já doente, apresentou-se no dia seguinte na camara, vestido com a correcção que sempre usou, principalmente nos dias

em que tinha a palavra, correcção que fazia lembrar a elegancia com que Alcibiades se ornamentava para ir ao banquete de Platão. Vinha flamantemente engalanado de casaca verde bronze com botões dourados, admiravel collete de piqué com grandes bandas, calça cor de flôr d'alecrim, peitilho e punhos de camisa encanudados, gravata de côres berrantes, e luvas côr de canario, tudo respirando a frescura immaculada d'um feixe de rosas immarcessiveis de Jerichó. [1]

Rebrilhando com vivo esmalte na envergadura faiscante do traje, sacca lentamente da caixa de rapé, e applica uma batibarba a Antonio da Cunha, terminando por dizer que n'elle, Garrett, principiava o que acabava em muitos.

E' de notar que Antonio da Cunha tinha a mania de descender de nobre estirpe, e que sua vida, não isenta de pechas, prestava flanco á critica superciliosa. Essa altiloqua objurgatoria, na qual, como em todos os seus improvisos *à brève haleine*, se ouvia ressoar os cothurnos de bronze da musa inspirativa, e havia a aprimorada selecção lexicologica, a relimada fórma idiomatica, o nervoso arranque peninsular, o impeto sanguineo d'uma estoqueadura n'um assalto d'armas por Grisier, estopetava a cabelleira d'Antonio da Cunha, emquanto seus labios se repuxavam nas commissuras com o *rictus* do desespero.

Se a palavra fulminante de José Estevão — temperando nas puras fontes da Eloquencia a dureza do seu metal — recordava uma carga tumultuosa da milicia portugueza contra as hostes imperiaes na batalha do Bussaco, a oratoria concional de Garrett, alando-se aos intermundios da poesia, lembrava um ataque em fórma dos couraceiros acaudilhados por Ney contra as bayonetas dos terços vermelhos do *duque de ferro* na batalha de Waterloo.

---

[1] *Sob os Cyprestes* por Bulhão Pato, e *Memorias Biogr. de Garrett* por F. G. d'Amorim, vol. III, pag. 335 a 340.

XXXII

Garrochões e bandarilhas

Muito haveria que dizer ácerca das touradas em Portugal, que teem tido como amadores *enragés* alguns dos nossos reis e dos nossos principes. Assim, D. Sancho II era toureiro, e D. Duarte corria touros a cavallo em pello e sem arreios, e até ensinava, na sua obra, um golpe para alancear os touros. D. Affonso V apreciava immenso os combates taurinos, e os que, no seu reinado, se realisaram em S. Christovão e na Rua Nova deixaram fama. D. João II tinha-os egualmente em grande predilecção. D. Sebastião era um insigne toureador, tanto que, n'uma corrida em Almada, fez melhores sortes que o marquez de Torres Novas, o que deu grande contentamento á rainha [1] No seu tempo correram-se touros no Terreiro do Paço [2]

Ha mais referencias a corridas durante este reinado nas *Memorias para a Historia del Rei D. Sebastião,* de Diogo Barbosa Machado, e na *Historia Sebastica* de Fr. Manoel dos Santos.

---

[1] Bibliotheca Nacional. *Collecção Pombalina*, n.º 490, fl. 92.

[2] Torre do Tombo. *Livro V de Leg. de D. Sebastião e D. Henrique*, fl. 210.

Quando o rei Felippe II de Hespanha veiu a Portugal, houve festas e touradas em Lisboa, picando o alguazil da Côrte, Pedro Vergel, a quem Lope de Vega chamava *el mejor mozo de España.*[1] Superfluo seria dizer que os divertimentos taurinos constituiam e constituem o supremo divertimento castelhano. *Pan y toros!* Eis o grito que ainda se ouve dos Pyreneos aos Cantabricos e á Sierra Nevada. Por isso foi em vão que a bulla de Pio V fulminou com a pena d'excommunhão a todos os que assistissem a esse espectaculo sangrento.

O principe D. Pedro, filho de D. João IV, foi notavel amador tauromachico, D. Affonso VI toureou no pateo d'Odivellas, e D. Pedro II pegava bois á unha, batia o pé aos cornupetos com a insolencia d'um desafio.

D. Miguel era o typo perfeito do *aficionado.* Como o rei de Hespanha seu contemporaneo, Fernando VII, dispensou grande protecção a este genero de divertimentos e aos seus cultores.[2] A praça que fez levantar na Quinta Velha, ou da Bemposta (junto á Tapada e confrontando com a antiga travessa do Pintor), era toda de cantaria grosseira, tendo pouco mais do que a altura d'um homem, com uns esconderijos para refugio dos lidadores, e uma grande janella de sacada para a Familia Real assistir á lucta.

---

[1] *Illustracion Española y Americana.* N.º XXXI de 1897.

Bibliotheca Nacional. *Carta que se mandou a hum amigo ácerca das festas del Rey Phelippe II em Lisboa a 20 de outubro de 1619...* Descreve os festejos e touradas, ditos de Phelippe II e de outros, etc. até á partida da côrte para Castella. Coll. a fl. 58. (Hist) Secc. de Mss. Cod. *(B-9-37)* (*589*).

[2] Um dos companheiros predilectos de D. Miguel era o Sedovem, cobrador dos talhos d'Alcantara e cavalleiro tauromachico, um pimpão, um facinora, que andava munido de carta de seguro para commetter todas as arbitrariedades. (*Corr. dos Ministros dos Bairros.* Maço 96.)

*

* *

As tardes de touros no tempo de D. João V eram cheias de bulicio e de ruidos, como se conclue da simples leitura do *Pinto Renascido*, que descreve as touradas em que vinham touros de fogo, sahiam os gigantes, as dansas, as deusas em carros puchados por mulas, em que os *baetas* apanhavam bolêo bravio e em que até appareciam panellas com pombos para se atirarem, levando cada um seu mote debaixo da aza :

Fugindo venho a meu mal,
Esconda-me, por quem é,
Debaixo do guarda-pé,
Que o donaire é um pombal.

Eu escapei d'escopeta,
Livrei de quem mais me enlaça;
Sentirei fugir da caça,
E vir a dar em baeta.

Temos ainda outro importante testemunho contemporaneo. E' a *Arte de Tourear dedicada ao Apólo do Terreiro do Paço,*[1] em que o auctor, depois de dar varias indicações para o toureio a rojão e á espada, acaba por pedir uma nova Postura ao Senado, pela qual fossem punidos os bulhentos e outros. Assim devia soffrer castigo todo o que fizesse algazarra e atirasse com cascas de melancia aos *baetas*; todo o que ourinasse (!) em camarote por baixo do qual estivessem homens de cabelleira; toda a que visse a festa de camarote por secia e fosse para casa, ficando sem ceia; todo o que alugasse sege a mulher-dama para ir aos touros, e elle fosse *á pata;* toda a regateira que rogasse pragas ao *netto;* etc.

---

[1] *Papeis Varios da Academia Real das Sciencias.* N.º 462, vol. 66, folheto n.º 10.

Parece que as regateiras e outras pessoas costumavam soltar muito a lingua n'estas funçanatas.[1]

N'este mesmo reinado deram-se corridas de touros em diversos sitios nas proximidades de Lisboa.

Nas de Pedrouços tomaram parte o marquez de Tavora, o duque de Cadaval, seu sobrinho o marquez d'Alegrete, Manoel de Mattos, monteiro mór de Coruche, D. Antonio d'Almeida e Fernando José da Gama Lobo. As de Belem, em que entravam cães de fila, eram concorridas das senhoras da côrte. As da Junqueira (1738 1741) foram dadas pelo duque de Cadaval[2].

No reinado de D. José tambem as corridas taurinas estiveram em muito apreço.

Em Queluz realisaram-se algumas sob a direcção do marquez de Marialva, tomando parte n'ellas *o Antonico* e outros picadores da Casa Real, segundo refere o marquez de Rezende no *Panorama*. Nas corridas de Santarem picou o famoso cavalleiro José Roquette, que tambem toureou no Terreiro do Paço[3].

Em Salvaterra davam-se touradas reaes (em que chegaram a haver combates de touros com javalis), ca-

---

[1] Bibliotheca Nacional de Lisboa. *Curiosa Relaçam em que consta das danças, e carros triunfantes, e mais aprestes, que hão de assistir ás divertidas tardes de touros. Decimas ás regateiras, Lisboa. 17..., Versos. in 4.º Secc. de Hist. Ser. II, n.º 6.801 encarnado.*

Nova Relaçam das queixas que faz com justa rasão, o Apollo do Terreiro do Paço contra todos os casquilhos, fandangos, jarretas,... e finalmente de toda a mafra de patrulha baixa, e alta que foi aos touros, pelo máo tratamento que nesta fúção lhe derão... Catalumna (Lisboa) en la Impr. de Thomaz Lopes de Haro. 1752 in 4.º Versos. Secc. de Hist. Ser. II n.º 6.801 encarnado.

[2] *Gazeta de Lisboa.* 1737 a 1741.

[3] Bibliotheca Nacional de Lisboa. *Relaçam do primeiro dia de touros a 2 de Julho, em que foy homicida o senhor fulano José Roquete que Deos guarde para nos dar gosto. Escrita a hum amigo cá dos nossos, por mim em minha casa. 1747 in 4.º; Sylva. (Estevão Pereira Penharanda, aliás Bento Antonio, o Bobo.)* Secc. de Litter. Ser. III. N.º 1395 azul.

çadas aos javardos, que iam de Pancas em gaiolas, tiro aos pombos, e caça aos falcões e gerifaltes. A Familia Real era conduzida para alli em bergantins [1].

Em 1754 deram-se combates de touros no Rio de Janeiro, e em 1761 na Real Praça de Belem, picando Carlos Antonio Ferreira, alferes de cavallos, Miguel Moreira, capitão da Ordenança da Côrte, Carlos Antonio Xavier e Antonio José Xavier [2].

No reinado de D. Maria I as touradas não tiveram grande importancia. Verdade é que se realisaram algumas no Terreiro do Paço, em 1777, festejando a sua acclamação, e em 1795 celebrando o nascimento da princeza da Beira.

A esta ultima vieram picar os hespanhoes Bertholdo Ximenes e o celebre Pedro Romero, o competidor de Pepe-Hillo, que veio ganhar dois contos de réis. Foram o marquez de Marialva, D. Diogo, e o conde d'Obidos, que fizeram a medição das bancadas nos palanques para as fidalgas [3].

Por occasião de casamento ou baptisado de pessoa real havia sempre combates de touros, que, no dizer de Latino Coelho, eram n'aquelles tempos a expressão mais grata e popular do regosijo nacional [4].

Como já dissemos, bastantes corridas de touros se realisaram no Terreiro do Paço, onde eram previamente annunciadas por meio d'um mastro que ahi se erguia, muitos dias antes das funcções, e onde depois se affixava o edital com os detalhes da festa [5].

No Rocio fizeram-se touradas até 1755. N'uma re-

---

[1] *Gazeta de Lisboa*. 1753.
[2] *Supplemento das Noticias de Lisboa*. XL e XXXIX.
[3] *Livro V das Secretarias*. Pag. 15.
[4] *Historia Politica e Militar de Portugal*, vol I.
[5] *Gazeta de Lisboa*. 1752 e 1753.

lação existente nos Manuscriptos da Secção Pombalina da Bibliotheca Nacional conta-se d'uma tarde de touros, e, referindo-se aos dois ultimos, diz-se:

Um e outro era manso e era caseiro,
Podiam ser amantes d'um mosteiro;
Não vi touros jámais tão bem soffridos,
Bofé que os desejei para maridos.

A corrida repetiu-se n'uma sexta feira, e n'ella morreu um forcado chamado *o Caróla*, que a todos deixara assombrados nas festas de Madrid [1].

Nos antigos combates de touros empregou-se primeiro o venabulo de caça ou a lança, e, depois, o rojão e a espada. A lança transformou-se no garrochão e na garrocha, e esta na farpa do cavalleiro e na bandarilha do capinha. O garrochão servia para matar o touro, a garrocha para farpeal-o.

O toureio a pé era considerado deshonroso, era o castigo infligido ao cavalleiro ou rojoneador que se deixava desfeitear pelo touro. Por isso este lidador não devia desconhecer aquella sorte de lide, visto que se lhe tornava necessaria para se desaffrontar do enxovalho recebido.

O poema *Os Toiros*, apresentando as regras da arte, diz:

Outro preceito impõem. Se o Combatente
Perder cilha, chapéo, perder cavallo,
Posto a pé, dispa a espada; então valente
Chame o Toiro incivil, vá castigallo. [2]

---

[1] *Relação dos primeiros touros que se fizerão no Rocio de Lisboa, presentes Suas Magestades e a mais Casa Real. A qual fez Dom Rodrigo de Castro a hua freira de Santa Clara com quem corria, chamada Maria da Vezitação.* Tom. III, fl. 32 v. a 38. Cod. N.º 128.

[2] *Os Toiros*, poema heroe-comico por Antonio Joaquim de Carvalho. 1825. Lisboa.

*

*

Encontra-se noticia da existencia d'algumas praças de touros no seculo passado e principios do actual: a de Valverde (antigo Passeio Publico), a do Campo Pequeno, a de Belem, a da Estrella, a do Campo de Sant'Anna, além da do Salitre.

José Baretti, italiano de Turim, que visitou Portugal em 1760, publicou umas cartas curiosissimas, em que fala da praça do Campo Pequeno.[1] Descreve uma tourada a que alli assistiu, e conta que, depois da morte do oitavo ou nono touro, houvera uma algazarra atroadora, uma balburdia medonha, em que os espectadores se lançavam na arena, e que, infallivelmente, haveria enormes desgraças a lamentar, se o rei não tivesse acenado com o leque para aquietar os animos, e a rainha e as princezas se não tivessem debruçado do camarote, fazendo signaes para que o publico se acalmasse.

Soube-se depois que o tumulto fôra provocado por uns gatunos que gritaram: *Terramoto! Terramoto!* a fim de se aproveitarem do terror e da confusão consequente que tal grito produzia n'aquelle tempo.

Achámos um documento relativo a este motim. E' a portaria de 6 d'Agosto de 1760, assignada por Francisco Xavier de Mendonça Furtado e dirigida a Gaspar Ferreira Aranha.[2] Diz que a Sua Magestade se fizera muito estranha a desordem que no domingo proximo

---

[1] Algumas d'essas cartas foram traduzidas pelo distincto investigador sr. Brito Rebello, e publicadas no *Occidente* de 1881. Ha outra traducção do sr. Alberto Telles, publicada na mesma Revista em 1896.

[2] Intendencia Geral de Policia. *Livro IV d'Avisos*, Pag. 2.

passado houvera na Praça do Campo Pequeno, causada pelo pouco cuidado na construcção dos palanques, razão por que estiveram em perigo muitos dos seus vassallos. Mandava que o tenente-coronel Carlos Mardel e o capitão Caetano Jeronymo examinassem, na presença de todo o Senado da Camara, os palanques e camarotes da referida Praça, fazendo demolir os que não estivessem seguros, e que os empreiteiros que os haviam fabricado e os mestres que os deram por bons fôssem todos presos debaixo de chave no Limoeiro, onde se lhes abriria assento á ordem de S. M.

Temos ainda dois folhetos que se referem a esta praça. Um intitula-se *Primeira Assembléa que fizeram os interessados em o festivo combate de touros que se ha-de fazer na Praça do Campo Pequeno, Domingo 13 do corrente mez de Julho de 1760. Dada á luz por J. J. de J. R. e S.* in-4.º de 8 pag. O outro é o *Romance joco-serio. A Antonio Valente que nas duas tardes em que toureou no Campo Pequeno fez maravilhas. (Setembro 1741)* in-fol. 1 pag. [1]

Como prova da existencia da Praça de Belem temos este documento:

«Para o conde Almirante.»

«S. M. é servido que V. Ex.ª na primeira e terceira tarde de touros que se hão de fazer na praça de Belem, a vá alimpar com os soldados da Guarda na forma praticada em semelhantes occasiões. Deus guarde a V. Ex.ª Paço em 23 de Setembro de 1761.

Francisco Xavier de Mendonça Furtado.»[2]

---

[1] Bibl. Nac. de Lisboa. *Secc. de Litteratura.* Ser. III, n.º 1.384 azul.

[2] Intendencia, etc. *Livro IV d'Avisos,* fl.ª 158 v.

A portaria de 13 de Maio de 1763 refere se á Praça da Estrella, quando diz que as religiosas do mosteiro de Sacavem, precisando de dinheiro para acabar a capella do convento, pediam lhes fôsse concedido dar seis festividades de touros em qualquer dos sitios da Estrella ou de Campo d'Ourique. Receberam auctorisação, ficando o Senado obrigado a superintender na construcção dos palanques.[1]

Podemos citar mais o folheto que se occupa d'esta praça de touros e que se intitula: *Nova Relação e verdadeira noticia exposta ao publico, das magnificas e vistosas festas de touros, que se hão de celebrar no sitio do Casal da Estrella com a mais luzida, e grandiosa pompa este presente anno de 1763... em obsequio do senhor D. José Principe da Beira... sendo author d'estas festividades Francisco de Mattos Ferreira Souto.* Lisboa, Offic. de Ignacio Nogueira Xisto, 1763, in-4.º[2]

No seculo XVIII existiu praça de touros no Campo de Sant'Anna. Já vimos uma *noticia* descrevendo uma tourada que ahi se realisaria, a ultima das seis que o Senado concedera n'aquelle anno. Entravam como contendores Angelo Borges de Carvalho Castello Branco, couteiro Regio das coutadas extra-muros, Antonio José d'Araujo Gramato e José Soares Maduro. Fazia um intervallo o *Côro de Benavente.* N'essa tarde deviam morrer vinte touros, haveria dansas de mascaras hollandezas, um gigante e dois macacos.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha um folheto que trata d'esta praça. E' a *Relaçam preta d'uma festividade branca ou (mais claro) retracto em papel branco per um pincel d'azeviche e delineação do applauso dos*

---

[1] Intendencia, etc. *Livro III d'Avisos.* Pag. 90 v.

[2] Bibl. Nacional. *Secc. de Litteratura.* Ser. II. N.º 5.232 encarnado.

seis dias de touros, que estão proximos a cair, ou propincos a executarem-se na Praça de S. Anna d'esta Corte de Lisboa. Lisboa. Offic. de Caetano Ferreira da Costa. 1767. in-4.º de 8 pag. em verso. [1]

Depois d'esta existiu outra no Campo de Sant'Anna, e no mesmo local onde esteve a que ultimamente demoliram. Chamavam então a este sitio *o alto da Caganita.* [2] Em Março de 1808, Caetano Benci, director d'uma companhia de bailarinos de corda, requereu a Mr. Hermann, queixando-se do procedimento de Francisco José de Carvalho, a quem sublocara a praça do Campo de Sant'Anna, e pedindo que o sublocante o indemnisasse dos prejuizos e lhe restituisse a chave. Já depois d'expulsos os francezes, o mesmo Benci pediu á Intendencia para trabalhar com a sua companhia na citada praça. Mas o aviso de 6 d'Outubro de 1808 negou lhe a licença. [3]

A moderna praça do Campo de Sant' Anna tem a seguinte historia.

José Maria Pimentel Bettencourt, que já tivera a praça de Buenos Ayres, [4] e a do Poço dos Negros (em 1808), pediu em 1824 para edificar outra n'uns terrenos situados por detraz da egreja de S. Mamede, a qual receberia o nome de *Real Praça do Senhor Infante.* Mas os acontecimentos politicos da epocha impediram-n'o de levar a effeito o seu designio. Em 8 de Janeiro de 1828 requereu ao Senado para este lhe aforar o terreno do Campo de Sant'Anna, onde já estivera uma praça de touros. O Senado deferiu, mandou proceder á medição do terreno e ao exame do risco da praça e tribuna real, mas exigiu o beneplacito regio. As plantas e alçados baixaram da Secreta-

---

[1] Secç. de Litteratura. Ser. II n. 4 722 encarnado.
[2] *Annaes Tauromachicos,* n.º 1. 1870
[3] *Livro IX das Secretarias.*
[4] A praça de Buenos-Ayres já existia em 1808.

ria do Reino á Intendencia, e, em Julho de 1829 ainda não havia resolução alguma, do que Bettencourt se lamentava. [1]

Aquella tentativa abortou. Antonio Joaquim dos Santos, administrador da Casa Pia, pediu então para construir a praça, o que foi auctorisado por decreto de 30 de Julho de 1830. O Senado da Camara fez proceder á medição do terreno, e arbitrou o fôro, mas exigiu tambem o *direito dominical de ter alli um camarote.* A resolução de consulta de 21 de Março de 1831 decidiu n'estes termos: — «Como parece ao Senado, fazendo aquelle abatimento no fôro que merece a Casa Pia, e escusado, quanto ao camarote, por deverem pagar todas as pessoas que concorrerem ao espectaculo que prepara.» [2]

Os mestres d'obras queriam quarenta contos de réis pela construcção, mas a Casa Pia teve licença para fazel-a por sua conta, e importou, apenas, em 22.455$931 réis. [3]

Foi inaugurada por D. Miguel e sua irmã, a infanta D. Maria d'Assumpção, em 3 de Julho de 1831, 3.º anniversario da entrada do exercito realista do general Povoas no Porto.

A praça do Campo de Sant'Anna cahiu sob o camartello demolidor em 1889, e ainda ha pouco (Fevereiro de 1897) o ministerio do Reino officiava ao das Obras Publicas a fim de que a Casa Pia fôsse desonerada do pagamento de 40$000 réis de fôro, que ella dava á Camara Municipal pelo terreno, que está hoje na posse do Estado.

Quanto á praça do Salitre não podemos fixar, ao

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 130.
[2] Intendencia, etc. *Documentos da Casa Pia.*
[3] Intendencia, etc. *Documentos da Casa Pia.*

certo, a data da sua construcção, mas podemos dizer que é d'entre 1777 e 1780, porque um aviso de 6 d'Outubro d'este anno diz que João Gomes Varella [1] não devia consentir jogos alguns dos prohibidos, nem outro divertimento mais que o dos Touros, para que lhe fôra concedida licença pela Rainha. No anno immediato apparece Pedro Antonio Favery querendo dar divertimento de sortes na praça do Salitre, o que não lhe consentiram, porque só tinha permissão para touros. [2] E, no mesmo anno, o Pina Manique ameaçou o Varella de que o castigaria, se annunciasse espectaculos para os quaes não tinha licença. [3]

No theatro contiguo subiu á scena em 1787, no beneficio do dansarino Perini [4], um entremez de José Daniel intitulado *A Arte de Tourear*.

Em 1798 tomou parte nos *brincos de touros* (como tambem lhe chamavam) o cavalleiro João Antonio Maria Gambetta, assaz conhecido. E o Favery, que então se dizia «mestre de florete e dos combates do real theatro de S. M », dava corridas com premios, e onde havia combates de touros com cães de fila.

---

[1] Foi socio fundador da Opera do Bairro Alto, e mandou edificar a praça do Salitre e o theatro do mesmo nome. O theatro do Salitre não era um primor de construcção, como se vê do officio do Intendente de 30 de Setembro de 1792. «Tem uma unica porta (o theatro), e com um pequeno logar que dá serventia para a platea e para os camarotes. A escada não permitte que vão duas pessoas emparelhadas. Os corredores são taes, que se se encontrar n'elles uma pessoa com outra, uma d'ellas ha de encostar-se á parede e deixar passar a outra, que ainda assim mesmo o faz com oppressão... É um theatro sem alicerces, formado sobre paus de prumo, mettidos na terra, e susceptiveis de se arruinarem mais depressa...» *Livro III das Secretarias.*

[2] *Livro I das Secretarias.*

[3] *Avisos e Portarias.* Maço 1.

[4] Perini pertenceu á companhia de baile, que, de 1788 a 1789, trabalhou no theatro do Salitre debaixo da direcção d'Antonio Marraffi, o famigerado inventor d'um penteado que tomou o nome de *marrafas.*

A praça do Salitre passou em 1788 para Antonio Gomes Varella, que, em 1803, apparece dono do theatro. Antonio Gomes Varella enforcou-se na tarde de 12 de Novembro de 1823 [1].

Succedeu-lhe na propriedade da praça seu filho João Gomes Varella, picador de D. Miguel, que em 1829 dizia haver succedido aos seus maiores no dominio d'um prazo de livre nomeação, em que elles haviam levantado a praça do Salitre [2]. Por morte d'elle pertenceu a sua mulher, D. Josepha Varella, filha d'Antonio Serrate [3].

Ainda era ella a proprietaria em 1832, quando pedia para dar corridas de novilhos á moda hespanhola.

Na praça do Salitre davam-se touros de morte. Sabemos que, em 1826, em cada corrida de doze bichos, quatro eram mortos. A carne vendia-se em beneficio da Casa Pia. N'este anno tourearam ahi os hespanhoes José Rodrigues, matador d'espada e seu filho Pedro Rodrigues [4].

A Casa Real fornecia gado para as cortezias. Um officio da Casa Pia ao marquez d'Alvito, estribeiro mór, pedia dois cavallos para cortezias, uma azemola para o caixote dos rojões, e duas parelhas de muares para arrastarem os bois depois de mortos [5].

As corridas deviam proporcionar soffriveis lucros ao emprezario. Basta vêr que para a tarde de 4 d'Agosto de 1822 se venderam 2.394 bilhetes d'embolação a 40 réis, 62 camarotes por 240$000 réis, 1.172 bilhetes de sombra a 480 réis, e 2.441 de sol a 240 réis, e

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 21.

[2] *Avisos*, etc. Maço 63.

[3] Livro VIII da Intendencia, pg. 18. Coll. vinda do Ministerio do Reino.

[4] *Documentos da Casa Pia*. Maço 8.

[5] *Officio de 4 d'Agosto de 1828. Documentos da Casa Pia.*

mais quatro bois por 76$800 réis. Um mappa de receita e despeza calculava o lucro provavel para a Casa Pia, durante o anno de 1822, na quantia de 2.400$000 réis [1].

O decreto de 9 de Setembro de 1821 tornou privativas d'este estabelecimento de caridade as corridas de touros em Lisboa. Mas, algumas vezes, aconteceu não receber os direitos que lhe pertenciam [2].

A praça do Salitre desappareceu com o inicio das obras para a abertura da Avenida da Liberdade, em 1879.

*

* *

José Maria Pimentel Bettencourt mandou edificar a praça do Poço dos Negros (á esquina do becco do Carrasco) em 1818 [3].

Destinava-se a companhias d'arlequins, mas tambem serviu para corridas de novilhos.

Existiram mais, pela sua ordem chronologica, os seguintes circos para funambulos e volatins: o de Buenos-Ayres, o do Abarracamento de Peniche, o da rua do Vigario, o da rua da Procissão, e o de Madrid, no largo d'Annunciada.

O circo de Madrid abriu as portas em 15 de janeiro de 1846, e teve o seu momento de celebridade com a companhia da Avrillon. A Polletti, com alvas espaduas calandradas, a soberbia d'estatua sobre o pedestal, e a fria correcção d'um gêsso, o pequenito Leon trabalhando sobre quatro *poneys* em pello, o cavallo *Phenix*

---

[1] *Documentos da Casa Pia.* Maço 2.

[2] *Livro das Secretarias.* Pg 44.

[3] Os proprietarios e inquilinos do Poço Novo protestaram contra a edificação da praça no terreno contiguo ao becco do Carrasco. (*Avisos*, etc. Maço 33.)

amestrado por Mr. Laribeau, e os prodigios de Mr. Cocchi, constituiram o chamariz. O Rattel era um palhaço d'immensa pilheria, e Madame Cocchi uma formosissima mulher, a quem os janotas se fartavam d'arrastar a aza.

Mr. Paul Laribeau ganhou uma fortuna, que metteu no banco de Lisboa, fortuna que ficou reduzida a menos de metade, porque veio *a Maria da Fonte* e pagaram lhe em notas de 4$800 réis, que[1] apenas valiam então quatro pintos (1$920 réis).

Em 1860 estabelece-se o circo de Price, na rua do Salitre, 31, junto á travessa das Vaccas, e esta creação metteu na sombra todas as velhas reminiscencias gymnastico-acrobaticas. Inaugurou-se na noite de domingo, 11 de novembro d'aquelle anno.

Na companhia vinha, pela primeira vez, a augusta trindade da galhofa: Whytoine, Secchi, e Alfano. Whytoine era dotado d'uma indole tristonha. Recordava aquelle Debureau, o celebre *clown* francez, que, tendo ido consultar um medico para o curar da sua hypocondria, este, sem o conhecer, disse-lhe:

— Quer-se curar? Vá vêr Debureau!

— Ai! respondia o palhaço, Debureau sou eu! —

Depois tivemos as esplendorosas pantomimas, em que o prato de resistencia eram os combates de Garibaldi e o seu triumpho ao som do hymno:

Viva la Sicilia,
Viva la Toscana.
La lingua italiana,
E la libertà!...

---

[1] O terreno em que estava o circo era um quintal onde existira a taberna do Cambalhota, afamada pela bella pescada que vendia. A esta taberna chegavam a ir Herculano e Garrett. O terreno pertencia ao Pinto Cambalhota, e, parte d'elle, foi vendido por sete contos de réis ao Nunes algibebe, para edificação do seu predio. O restante é occupado pelos predios da condessa d'Almedina e da viuva Leal.

Veio o Leotard, rival do Blondin, veio a companhia do *buffo* Arderius, veio a Zamacois...

Thomaz Price foi, por espaço de 15 annos, uma figura popularissima de Lisboa.

Era de estatura meã, anafado, cara larga e massiça, olhos pequenitos, tornados ainda mais pequenos á força de os piscar e encolher as palpebras, uma cabelleirinha acompanhando a calva luzidia, e derreava um tudo-nada a cabeça para o lado esquerdo como Alexandre o Grande. Nunca se ria, fallava devagar, tinha no semblante uma bonhomia comica, uma ratice unica, e declarára-se em estado de guerra permanente com as doutrinas fuliginosas dos pessimistas, e com a tristeza acida dos mysanthropos. Ninguem como elle fazia estas tres coisas: apostar, avaliar um cavallo pelas orelhas e encher um copo de cerveja. Conta-se que o Voltaire precisava d'uma pitada e d'uma chavena de café para lhe espertar a veia, o Price necessitava d'uma só coisa — cervejar.

Thomaz Price foi fulminado por uma congestão, quando estava em Madrid em 1876.

Alas! poor Yorick! O bistre e o pó d'arroz te sejam leves!

*

* *

A diversão das touradas nem sempre foi recebida com boa sombra por parte dos poderes publicos. O marquez de Pombal detestava-a, prohibiu que se corressem touros desembolados, e, por fim, que se dessem combates de touros.

A Regencia do Reino, durante a ausencia de D. João VI, tambem não mostrou melhores disposições. Primeiro consentiu as corridas, com a condição de se não matarem touros, e d'estes serem, apenas, farpea-

dos. Depois prohibiu-as.[1] Borges Carneiro apresentou uma proposta para a extincção das touradas, que foi discutida em Côrtes na sessão de 4 de agosto de 1821. Travou-se debate em que tomaram parte diversos deputados, entre elles Manoel Fernandes Thomaz que se pronunciou a favor das corridas. E a proposta foi regeitada por 43 votos contra 30.[2] Passos Manoel prohibiu as por decreto de 19 de Setembro de 1836, que foi revogado pelo decreto de 30 de Junho de 1837.

A corrida de touros é uma diversão eminentemente caracteristica, é o genuino divertimento nacional. Já não possuimos os jogos d'agilidade e de força como no seculo XVI, em que havia *a lucta, o jogo da bola ou da pella, o jogo do dardo, o jogo do malhão, o jogo dos mancáves, o jogo da choca,* e outros que vemos citados nos Livros das Chancellarias, e que serviam para *trenar* os homens, para lhes insufflar as energias viris da combatividade. Dos exercicios athleticos com que se avigorava a fibra nacional, a tourada foi o unico que nos ficou.

A Inglaterra tem o hippismo, e perpetúa o culto nobre e pagão dos exercicios musculares; a America do Norte tem os certamens do *box*, em que os campeões ganham, com simples cavatinas de murro, uma fortuna e uma gloria de tenor. Nós temos o nosso toureio, que se differença do hespanhol não só pela lide do cavalleiro, mas porque em Portugal é um jogo de destreza, um torneio, emquanto que em Hespanha é um duello de morte.

---

[1] *Avisos e portarias.* Maço 9. *Livros XIV e XV das Secretarias.*
[2] *Diario do Governo n.º 184.* 1821.

XXXIII

Por S. Carlos

(NOTAS A ESMO)

O grande maestro Marcos Antonio Portugal, mestre de capella e compositor de musica, estava amancebado com a italiana Rosa Fiorini, com quem elle não podia conjugar legalmente o verbo amar, porque já tinha passado sob essas forcas caudinas chamadas — o casamento.

Apezar d'isto, acompanhava-a, de braço dado, aos theatros e passeios, e habitava quasi sempre com ella.

N'uma noite de certo domingo em que subia á scena de S. Carlos uma *oratoria* do amante, a Fiorini apresentou-se no salão nobre «com o seu mancebo pelo braço», segundo diz o aviso do Intendente de Policia ao conde de Villa Verde,

Tanto um como outro já haviam soffrido reprehensão por este escandalo publico. Mas reincidiram.

Além de tudo isto, a italiana tocava a méta da desenvoltura, porque se apresentava com traje provocante, indecoroso: de braços nús, peitos á mostra, pantalonas

côr de carne e saias de cambraia transparente. O que escandalisava os habitantes da capital e trazia comsigo consequencias desagradaveis.

Em Paris — d'onde já nos vinham as modas — uma dama apresentou-se no antigo *Jardim Boutin*, no Tivoli, com uma calças de seda côr de carne, muito á fivelêta, e um justilho tão chanfrado que deixava vêr os seios arfando como duas pombas captivas sob uma gaze pintada.

Madame de Saint Huberty, a celebre cantora, appareceu n'uma opera com a tunica presa por debaixo d'um seio descoberto e com as pernas completamente nuas! A Fiorini estava, pois, dentro da moda franceza.

No aviso ao conde de Villa Verde, o Manique affirmava que a sua missão era evitar escandalos e a relaxação dos costumes. Portanto mandou prender Rosa Fiorini, e fez-lhe notificar que, visto a sua qualidade de estrangeira, tinha de sahir para fóra do reino. Depois enviou a para bordo d'um navio sueco prestes a fazer-se de véla com rumo a Livorno. O Manique, revestido d'aquelle seu caracteristico auctoritarismo, terminava dizendo que, com este golpe, esperava dar um exemplo ás mais italianas empregadas nos theatros, para tratarem com moderação e não se prostituirem.

O descaramento d'esta italiana teve precedentes em Lisboa.

Assim, em 31 de maio de 1803 dizia o Intendente de Policia, em conta que mandava ao ministro d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que o italiano José Sinni assignára um Termo, mediante o qual se obrigava a nunca mais consentir que sua mulher, outra italiana, voltasse ao Passeio Publico com a *toilette* laconica com que ahi se apresentára, isto é, quasi nua, conforme asseverava o Intendente.

O ministro mandou proceder afim de «cohibir esta prostituição escandalosa e destructora da boa moral».

O conde de Novion, commandante da Policia, tambem relatou o caso a D. Rodrigo de Sousa. Por seu lado o Manique enviava ao ministro a copia das ordens que expedira aos Corregedores dos Bairros e ao citado conde de Novion, com o intuito de, disseminando aquellas ordens, vêr se conseguia se «os paes de familias accordavam do lethargo em que estavam de consentirem as suas familias a apparecerem em publico e nos theatros em trajes tão indecentes, mettendo-os em ridiculo por este modo».

Assim se expressava o Pina Manique.

No mesmo anno e mez (Março de 1804) em que se dava o caso da italiana de S. Carlos, o Pina Manique punha embargos ás phantasias da moda, expedindo a celebre circular com a qual tentou obrigar as modistas a não confeiçoarem os trajes femininos com a concisão laconica que os figurinos indicavam, e que fazia com que muitas damas se apresentassem em publico quasi nuas.[1]

Por aqui se vê que não eram sómente as duas italianas que usavam essas modas d'um bonito aphrodisiaco. Mas o ventrudo Manique — ventrudo como uma commoda Luiz XV — açodava-se a impedir esta nova casta de damaria, aforçurava-se em collocar a folha de vinha policial sobre encantos que seriam a alegria visual de muitos... e o paraizo d'alguns.

O sanhúdo Intendente enganou-se com a comminação que estabeleceu para as modistas recalcitrantes. As alfayatas continuaram a cortar vestidos da maneira que entenderam, e as damas a usal-os da forma que quizeram, isto é, *luciendo todo lo que Dios les dió*, como se canta na zarzuela. E as mulheres submettiam-

---

[1] *Summario de Varia Historia*. R. Guimarães.

se mais facilmente aos decretos da moda do que aos avisos comminatorios do rebarbativo Manique, porque eram mulheres que vinham do seculo de Boufflers, de Voisenon e de Crébillon — o seculo das elegancias depravadas.

E, depois, quão agradavel não devia ser ao *sexo de barbas* o poder apreciar em plena rua a nudez de braços onde o caio punha um branco pasmado de cal, a pallidez baça dos hombros delicadamente torneados, a complexa e rara harmonia das linhas do pescoço fundindo-se sobre melodiosas espaduas que cantavam a terna symphonia da sua branquidão d'assucar candi, os collos macios brotando como flores vivas nos decotes bocejantes, as curvas firmes dos peitos aptos a moldarem taças d'oiro... nas quaes o continente valeria mil vezes menos que o contheudo, a graça joven de femininas elegancias carnaes que transmudaria cada donzel, cada peralvilho almiscarado n'um pagão habitado por uma alma pantheista... E as indiscrições irritantes das saias curtas deixando a descoberto trechos maravilhosos de pernas, que se afilavam, sem o minimo nó muscular, até aos pés pequenos como joias encerradas em inquietos escrinios de seda branca... E, nos theatros, que bellas sensações não despertaria o tranquillo impudor do rasgado *decolleté*, onde os brilhantes, sobre a pelle mate, fariam o effeito de gotas d'agua e de sol cahidas sobre azas de borboletas...

E os movimentos bruscos dos torsos, junto aos parapeitos dos camarotes, determinando—por insufficiencia dos espartilhos e amplo cavado dos decotes — um imprevisto desabrochamento de tepidas flôres de nacar e rubi como exoticas florescencias d'um paiz tropical e phantastico...

Nos começos do seculo o *travesti* fez furor entre as francezas que queriam affectar modos androgynos, e a mania d'usar calções (como usava a Fiorini) genera-

lisou-se entre as excentricas... que tinham alguma coisa boa para mostrar.

Em Portugal tambem appareceram mulheres que se disfarçavam de homens. Já n'outro capitulo referimos o caso de tres francezas que se *travestiam* com fatos de homem, duas das quaes acompanharam o exercito de Junot, e assistiram á batalha do Vimeiro.

Folheando a correspondencia dos Ministros dos Bairros de Lisboa deparou-se-nos o caso d'uma gallega, Manuela Ovelha, que em 1824 trocara os vestidos de mulher pelos fatos de homem, e ganhava a vida como moço de fretes na Mouraria.[1]

Em França appareceu um exemplar curiosissimo do genero. Foi a celebrada Ida Saint Elme (Evelina Jonghe), grande dama primeiro, depois semi-mundana, actriz da Comedia Franceza, e, por fim, guerreira intrepida. Vestia e montava a cavallo como um homem. Tomou parte nas principaes campanhas da Revolução e do Imperio: atirava á pistola como Junot e jogava a espada como Saint-Georges e Lafaugère; amou Moreau, Napoleão e Ney; atacada da furia litteraria escreveu as suas Memorias.

*

* *

O emprezario de S. Carlos em 1801 era o Dr. Joaquim José de Souza Baiana, morador na rua do Alecrim, batoteiro de primeira classe, e homem de má fé, segundo dizia o Crescentini.[2] Tinha por creada uma franceza casada com Paschoal Silon, sujeito desordeiro e de maus costumes. Fôra o mesmo Baiana quem os induzira a casarem se, sob promessa de dar um conto de réis de dote á mulher.

---

[1] *Correspondencias dos Ministros dos Bairros.* Maço 103.
[2] Livro VII das Contas para as Secretarias.

Por causa d'um barulho que houve na plateia de S. Carlos, onde o Silon puxou de duas pistolas, foi este expulso do reino. Silon e sua mulher embarcaram no barco *Santo Christo*, que sahiu de Faro para Cadiz. O general Lannes, embaixador francez, reclamou depois contra a expulsão. [1]

*

* *

Em 1804 existia no terreno que formava o largo entre o Thesouro Velho, o theatro de S. Carlos e as cocheiras das carruagens reaes um picadeiro pertencente ao picador João Valentim Falner, para o que o mesmo não obtivera a respectiva licença. Construiu uma barraca que embaraçava a servidão das reaes cocheiras e das outras pessoas que alli concorriam, lançou entulhos que iam prejudicar o theatro, o qual podia assim ser innundado pelas chuvas do inverno, e, não contente com isso, entretinha-se a insultar os visinhos, no numero dos quaes se contavam o empresario do theatro, Francisco Antonio Lodi, e os seus agentes.

Mandado o architecto José da Costa para vistorisar o local, reconheceu a completa razão que assistia ao Lodi.

O Intendente opinou que se devia demolir a barraca e prohibir que se picassem cavallos no mencionado logar, obrigando tambem o Falner a assignar um Termo de não se intrometter com o Lodi e de tratar bem os seus visinhos. [2]

Parece-nos que o nome de largo do Picadeiro vem de ter existido ahi o picadeiro do Falner.

---

[1] Livro VI das contas para as Secretarias.
[2] *Livro VII das Secretarias*, pag. 310.

*

* *

Com a familia da festejada cantora Catalani deu-se um caso interessante que suppômos merecer a honra da citação n'esta chronica um pouco *à la diable*.

Agostinho Catalani, pae da cantarina, queixou-se, ás 9 horas da noite de domingo, 28 de dezembro de 1805, que fôra insultado em sua propria casa por tres sucios: José Antonio Caminha, Lucio José Bolonha e Manuel Izidro da Paz, os quaes, depois de haverem applicado algumas bofetadas no queixoso, ainda por cima o quizeram atirar pela escada.

O motivo, segundo elle dizia, fôra o desejar manter a honra de sua casa e não os consentir n'ella.

Todavia, a auctoridade não deu andamento á queixa, porque imaginou que o Catalani estava borracho. Na manhã seguinte, porém, o homem voltou, chorando bagadas como punhos, e queixando-se amargamente, porque não desejava perder o bom conceito que formavam de sua mulher e de sua filha, tanto na Italia como em varios paizes europeus onde tinham estado.

No officio que a Intendencia enviava ao ministro Antonio d'Araujo e Azevedo ponderava-se, entre outras coisas, que o recorrente dera provas de conservar sua mulher e sua filha sem nota alguma no seu procedimento, *o que é assaz raro entre gentes que se occupam em theatros*, concluia o Intendente.

Por seu lado, os tres accusados tambem haviam assignado um Termo em que se queixavam do Catalani. [1]

Ignoramos como finalisou a questão.

*

* *

A seguir publicamos tres documentos que se refe-

---

[1] *Livro VIII das Secretarias*, pag. 86.

rem á administração de S. Carlos durante a occupação franceza.

O primeiro é uma carta de Junot:

«Le Gouverneur de Paris, Premier aide de camp de Sa Magesté l'Empereur et Roi, Géneral en Chef.»

«A' Mr. Mascarenhas, Conservateur des droits de la nation Française.

Lisbonne, le 4 Janvier 1808.

Monsieur. Je vous charge de vérifier les droits des acteurs de l'Opera contre Mr. Calvas, administrateur de ce théatre. Vous voudrez bien consulter les Ecriptures faites entre les acteurs et l'administrateur, et comme il est indispensable de pourvoir incessament à la subsistance de ces malhereux acteurs, vous voudrez bien prendre une prompte décision, en employant dans ce jugement la connaissance que vous avez de la justice, et l'impartialité qui vous caractérise. J'ai l'honneur de vous saluer.

Junot.» [1]

«Le general en chef de l'armée de Portugal.»

«Nomme le Sieur Lodi, directeur du theatre de Saint Charles, pour la saison du Carême, et le charge spécialement de tout ce qui sera relatif à l'exécution de l'Oratoria; il sera chargé de la dépense et de la recette, sauf á compter de clerc á maitre, avec le gouvernement; et il aura sur tous les acteurs et actrices l'auctorité de police nécessaire pour assurer l'éxécution de ses ordres.

Lisbonne, le 4 mars 1808.

Junot.» [2]

«Nós, duque de Abrantes, general em chefe do exercito de Portugal.

---

[1] Intendencia, *Papeis diversos*. Maço 10.
[2] Min. do Reino. *L.º* 57, fls. 4 v.

Decretamos o seguinte;

Artigo 1.º O sr. Lodi é nomeado director do theatro da Opera de S. Carlos, é auctorisado a realisar n'essa qualidade todos os actos e contractos necessarios para a continuação da Opera.

Art. 2.º O sr. Lodi formulará uma conta exacta da receita e da despeza do dito theatro.

Art. 3.º O excedente da despeza sobre a receita ser-lhe-ha supprido pelo governo, todos os mezes.

Art. 4.º O sr. Lodi remetterá ao secretario d'Estado do interior e das finanças a exposição summaria da despeza de cada mez e, antes de mais nada, o estado das obrigações contrahidas pelo exercito.

Dado no Palacio do quartel general em Lisboa, aos 20 de abril de 1808.

O duque d'Abrantes.»

(Trad).

*

* *

Conta o sr. Francisco da Fonseca Benevides, na sua interessantissima obra *No Tempo dos Francezes*, que o bailarino Fago soffrera offensa em seus direitos de choreographo de S. Carlos e d'amante da bailarina Julia Petit, porque Junot, um *croqueur de coeurs*, que tambem aspirava ás boas graças da dançarina, mandara patear o Fago, e, por fim, rasgara lhe a escriptura.

Apoz a retirada dos francezes o bailarino recorreu aos tribunaes contra a validade da rescisão do contracto, e o Intendente de Policia julgou procedente a reclamação.

Na papelada da Intendencia alguma cousa se encontra a tal respeito. Vicente Fago era natural de Napoles e primeiro bailarino serio de S. Carlos. Escripturaram-n'o durante a occupação franceza, mas o caso é que, a breve trecho e em consequencia das pateadas com que o mimoseavam, o general Junot mandou cas-

sar-lhe a escriptura, que foi enviada ao escrivão do Bairro Alto.

Fago allegava que tudo isto era filho d'uma intriga tecida em obsequio ao bailarino francez Vestris, mas o inspector do theatro sustentava que era apenas uma consequencia da inhabilidade do mesmo artista. Inclinamo-nos a crêr que este não se atrevia a confessar a verdadeira causa da sua expulsão do theatro.

Comtudo, não se deu por convencido, e intentou acção perante a Conservatoria Italiana, baseando a no facto do administrador do theatro lhe haver suspendido a escriptura sem motivo serio.

Depois da retirada de Junot o bailarino pediu a sua reintegração e o seu ordenado de seis mezes. Eis o que mencionam os livros da antiga Policia.

Mas, nos maços dos *Avisos e Portarias*, encontramos mais alguma coisa.[1] Vicente Fago ainda se conservava em Lisboa em 1810, como se vê no requerimento que dirigiu ao Principe Regente, no qual historiava a longa demanda que vinha sustentando desde 1808, e se queixava amargamente de Francisco Lodi e do procurador do theatro de S. Carlos, denominado *Capitão d'Arroyos*. Dizia que fôra devido ás intrigas do bailarino Vestris que elle, seu irmão e sua irmã, estavam reduzidos á indigencia. Por fim lastimava-se de que, havendo sido novamente escripturados, a empreza de S. Carlos não desse cumprimento ao contracto, o que os collocava na triste situação d'intentarem nova demanda.

Junot frequentava assiduamente o palco, podendo assim observar de perto a vida phantastica e vertiginosa das caixas de theatro, e reconhecer, *de visu et de tactu*, as analogias que existem entre a choreographia e a esculptura, que é a apotheose da forma... Ao seu olho astuto não lhe escaparia, de certo, este quadro

---

[1] *Avisos e Portarias*. Maço 9.

d'uma esthetica inconsciente, mas original, d'uma corrupção delicada como as telas *em volupia maior* dos modernos pintores sensacionistas.

Feminista em alto grau, não deixaria de notar a finura quente das epidermes velludosas como papel d'arroz, braços côr d'amido que podiam ser a mais agradavel das gravatas masculinas, ancas d'uma elegancia ondulosa de lyrios, o ar sympathico dos perfis curvados; as linhas aduncas de alguma diva da pirueta que collocasse o pé sobre um escabello para reatar mais solidamente as fitas do escarpim, a elasticidade dos movimentos felinos nos passos complicados, o rythmo das saias de musselina vaporosa bordando variações finas e frivolas sobre a cadencia arrastante da orchestra, todas as perversas lindezas, todos os morbidos effeitos plasticos d'um rebanho de femeas *en maillot* branco que surdiam d'entre flores de papelão como Ondinas de sonho emergindo d'entre nenuphares.

O versatil Junot apparece-nos aqui fazendo o ridiculo papel d'um ciumento intriguista de bastidores, d'um réles chichisbéo de camarins, como Victorien Sardou, na *Madame Sans-Gêne*, nos apresenta o grande imperador fazendo o vergonhoso papel d'um mexeriqueiro d'escada abaixo.

*
* *

Um aviso de 22 d'Outubro de 1810 diz:

«O principe Regente Nosso Senhor é servido que V. S.ª permitta que se abra o theatro de S. Carlos na noite do dia de hoje, em obsequio ao marquez de La Romana.»

E' dirigido ao Intendente.

O marquez de La Romana, o marquez de Compigny, seu quartel-mestre general, officiaes d'estado-

maior, dois brigadeiros, major-general e seus officiaes, dois tenentes-coroneis, alguns subalternos e vinte carabineiros reaes, haviam chegado a Lisboa poucos dias antes [1].

*
* *

Em 1 de Junho de 1811 concedeu se duas loterias á empreza de S. Carlos, visto que se consideravam indispensaveis para o theatro poder trabalhar «em obsequio dos officiaes e mais vassallos de Sua Magestade Britannica» [2].

*
* *

Em 1812 foi expulso de Portugal o romano Alexandre Angeletti. Mas em 1816 voltou a [illegible]ino, e, sendo descoberto, foi preso e obrigado a as[illegible]r um Termo, em que se obrigava a sahir novamen[illegible] paiz. O homem cumpriu a intimação e sahiu [illegible] Gibraltar no navio *Bom Bordo*.

O motivo que levou a expulsar este homem foi porque trazia papeis e livros suspeitos.

Uma nota, inclusa no aviso que ordenava a expulsão, enumera as fazendas pedidas por João Guilherme Radecliff a Angeletti, para este as mandar vir de França, destinadas a uso do theatro de S. Carlos. Mas recommendava-lhe que no fundo das caixas deviam vir os livros prohibidos que constavam da mesma nota.

Apparecem juntamente algumas cartas do livreiro Reicend, onde vem uma relação de 200 *Martinhadas*, 200 *Prophecias do Bandarra*, e 200 *capitulos dos Fran-*

---

[1] *Avisos e portarias*. Maço 10.
[2] *Avisos e Portarias*. Maço 13.

ciscanos, e outros livros prohibidos; cartas e facturas de livros obscenos remettidos de Paris, etc. [1]

*

* *

Todos sabem que os primeiros bailes de mascaras publicos que se realisaram em Lisboa foram dados no antigo theatro do Bairro Alto, a S. Roque, em 1823, [2] e que os primeiros bailes de mascaras em S. Carlos foram dados no Carnaval de 1836. Mas o que nem todos sabem é que a primeira tentativa para isso foi feita em 1809 pela companhia dos actores e bailarinos do theatro de S. Carlos, a qual requereu licença para, em uma noite de cada mez e nos oito dias do Carnaval, dar bailes publicos, em que se admittisse toda a gente, *assim como se pratica em outros paizes*, dizia ella no requerimento.

O Intendente de Policia indefferiu, porque, ponderava elle, unida a plateia com o palco, reduzindo-se a uma só sala, e admittida toda a qualidade de pessoas, sem distincção e sem conhecimento da sua moralidade, parecia quasi impossivel que esta illimitada liberdade não produzisse algumas funestas consequencias. E terminava dizendo: — Os costumes nacionaes repugnam a esta especie de divertimentos.

No entretanto havia já noventa e tres annos! que Paris possuia o baile publico da Opera, creado sob a Regencia. Interdicto durante a Revolução, restabelecido no principio do primeiro imperio, as suas festas ruidosas attingiram o apogeu sob a Restauração e a monarchia de Julho. Sua fama persistiu em plena epo-

---

[1] *Avisos e Portarias*. Maço 30.

[2] A permissão para estes bailes foi concedida por portaria de 5 de Fevereiro de 1823, assignada por José da Silva Carvalho. (*Avisos*, etc. Maço 43.)

cha romantica, quando a Poesia se disfarçava com o dominó preto e o anteface de seda para correr o baile, onde as esbeltas contemporaneas de George Sand gostavam que lhes faltassem ao respeito. Nos bailes da velha Opera vinham repercutir todos os echos morredíços do delirante Carnaval parisiense, de que o lapis faceto de Gavarni traçou, por assim dizer, a historia graphica.

Um furacão de demencia passava sobre todas essas cabeças esquentadas pelos prazeres intensos e pelo Champagne loiro. Alex. Dumas, Filho, ardendo na febre dos vinte annos, chegou, n'uma noite desgrenhada da Opera, a coroar a sua bella cabeça leonina com o capacete empennachado do Chicard e a fazer *vis-à-vis* ao celebre cancanista. [1]

Atravez do tempo e atravez das revoluções o baile da Opera manteve os seus ritos immutaveis e o seu prestigio imperecivel.

Em 1809, porém, a nossa teimosa Intendencia de Policia arreceiava-se d'esta nova francezia dos bailes de mascaras, que ella suppunha, talvez, vir eivada do espirito demolidor do azougado Figaro, o mais brilhante e o mais terrivel dos gaiatos de Paris,

Au demeurant, le meilleur fils du monde.

---

[1] Alexandre Dumas, filho, não foi só um cancanista, foi tambem um adevinho perspicaz, um crente na arte de Desbarolles. Conta-se que n'um dos famosos bailes de Arsène Houssayé, Dumas filho, que prophetisara outr'ora o futuro gloriosamente magico da condessa de Thèbas pediu a mão ao duque de Persigny (que passeava nas salas dando o braço a Blanche d'Antigny, de parisiense memoria) e predisse-lhe o futuro desastroso de duas das suas filhas. O antigo ministro do Imperio, apesar das attenções da meigniceira Blanche, mostrou-se apprehensivo durante o resto da noite. Mas a prophecia do eminente escriptor cumpriu-se. Porque uma d'aquellas damas chegou a sentar-se no banco dos réus e outra suicidou-se em 1898 em Nice, n'essa bella cidade em que tilintam os mil guizos da alegria, frente ao limpido violeta do Mediterraneo...

*

* *

As pateadas e as bulhas em S. Carlos são muito antigas. Teem cabellos brancos. Já na noite de 2 de novembro de 1802 o francez Luiz Lacence, recem-chegado de França, provocou desordens na plateia de S. Carlos, atacando os guardas (porteiros) da plateia e «proferindo liberdades contra a auctoridade da Justiça», participa o Intendente. O que levou o inspector do theatro, que então era o Juiz do Crime do Bairro da Ribeira, a prender o delinquente e a proceder a summario.

Na noite de 24 houve desordem á porta de S. Carlos, no largo do Picadeiro, entre o mesmo Lacence, o marechal de campo Gomes Freire d'Andrade, o conde de Sabugal e seu irmão.

Ignoramos se esta desordem foi consequencia da primeira. Lacence foi recolhido á cadeia da côrte e os outros tres á torre de Belem. No dia immediato Gomes Freire estava solto.

Em 1803 já nos apparece uma pateada em fórma. Na noite de 31 d'agosto foram presos na plateia os espectadores José Januario d'Amorim Vianna, Paulo Mallet, cravador de pedras, e um filho de Diogo José Mahan. Estavam perturbando a boa ordem com apupadas que davam e inquietando os espectadores. Taes eram as expressões empregadas pelo Manique no seu officio ao visconde de Balsemão. A prisão dos dois ultimos não se manteve, porque o embaixador de França general Lannes, reclamou contra ella, visto os dois detidos serem subditos francêzes.

Tambem a pedido do mesmo diplomata se não procedeu contra outros bulhentos da plateia de S. Carlos como eram Bento de Roure, um caixeiro da casa ingleza de Geraldo de Gulde, o marido de *Madame* Laborde e o seu caixeiro.

Quantum mutatus ab illo! Em S. Carlos já não se

ouvem as grandes pateadas, nem as estrondosas ovações. Os *dilettanti*, aprumados nas redingotes solemnes como os bonecos que gyram nos escaparates das alfayaterias, jámais quebram a perpendicularidade da sua linha para se desengonçarem nas convulsões nervosas dos applausos, na alegria electrisante dos rubros enthusiasmos.

*

* *

Hercules Fascioti, como director da sociedade italiana emprezaria de S. Carlos, pretendia despedir do serviço do theatro a 1.ª bailarina Thereza Coralli e o 1.º bailarino Carlos Girard, que já estivera preso no Limoeiro com o bailarino Estevão Falcoz, sendo ambos intimados a sahir do reino, pena que lhes foi perdoada. [1]

Para esse fim dirigiu um requerimento a El Rei, no qual dizia que estava cansado das intrigas, desgostos e inquietações que ella, Coralli, lhe suscitava, e que, tornando-se insupportavel pelo enorme prejuizo e apuro em que a empreza se via, desejava despedir do seu serviço a dita bailarina e o seu adherente, o 1.º bailarino, no que apenas observava uma clausula da escriptura. Por esta, cuja copia está junta, vê-se que a Coralli, *virtuosa de baile*, ganhava quatro mil cruzados em metal e um beneficio, pela epocha toda. Uma das condicções impostas era que não poderia fazer uso dos seus talentos (textual) em qualquer outro theatro, concerto, ou divertimento, tanto publico como particular, sem licença do director. [2]

Coralli reclamou, em Março de 1820, as mezadas que lhe deviam E Eugenia Falcoz pediu, em Outubro

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 37.
[2] *Avisos*, etc. Maço 37.

do dito anno, para não ser excluida da sociedade que dirigia S. Carlos, e que esta lhe désse conta do que lhe pertencia, bem como do que pertencia a seu marido. [1]

*
* *

Antonio Simão Mayer, [2] emprezario de S. Carlos em 1821, dirigiu em 20 de Dezembro de 1820 um requerimento do Governo Supremo do Reino, allegando que a antiga empreza não queria entregar o theatro para que elle não podesse fazer os ensaios, e, portanto, para que o não podesse abrir no faustoso dia 6 de janeiro, começo da nova epocha. Os antigos emprezarios foram, por seu turno, fallar com o Inspector do theatro, e declararam que só o entregariam á meia noite de 6 de Janeiro, e que quebrariam todo o machinismo do mesmo theatro a fim d'obstar ao intento do supplicante, a não ser que este lhes désse duzentas moedas.

Foi então que o Inspector ameaçou um dos emprezarios, o Mari, de que o mandava para o Limoeiro.

Mayer referia tudo isto n'outro requerimento ao Intendente, em que lhe pedia para que o Inspector fôsse auctorisado a tomar as medidas necessarias para elle, Mayer, proceder aos ensaios. O Intendente de Policia mandou que o Inspector informasse, e este que os directores da empreza respondessem em 24 horas.

A Junta Provisional do Governo Supremo do Reino pôz tudo nos seus eixos, porque, por aviso de 23 de Dezembro, assignado por Manoel Fernandes Thomaz,

---

[1] *Idem*, etc. Maço 38.

[2] Antonio Simão Mayer era hamburguez, commerciante, e veio para Lisboa em 25 d'Agosto de 1814, procedente de Bayona. Morou na hospedaria do Latour, aos Romulares, e, depois, na R. das Portas de Santa Catharina, 15. (*Avisos*, etc. Maço 37).

ordenou que o Intendente désse as precisas ordens para que logo se apromptasse o theatro de S. Carlos como era necessario, de modo que um emprezario não embaraçasse o outro.[1]

*

* *

O emprezario Mayer requereu para que, em tres noites differentes do Carnaval de 1821, lhe fôsse permittido fazer o divertimento de Danças e Mascaras, conforme um prospecto que mandava. O aviso em que o participam ao Intendente tem escripto a lapis: — «Suba informação para a Regencia dizendo que á vista do prospecto incluso, e considerando o alvoroço do povo com as idéas de liberdade e estado melindroso do espirito publico, receio conceder a licença que se pretende e por isso espero a decisão de V. M., assim como participo que hoje se representa no mesmo theatro em Dança o successo em que figura o J. do Povo, o que já estava ensaiado e annunciado ao publico quando chegou ao meu conhecimento, entendendo o Emprezario que por ser objecto lisonjeiro não tinha inconveniente.»

O officio em que esta informação era communicada á Regencia determinou o Aviso de 26 de Fevereiro, no qual se ordenava que o Intendente mandasse vir o emprezario á sua presença e lhe prohibisse a apresentação da tal Dança, «porque não era conveniente que apparecesse no theatro a representação de pessoas publicas existentes, e muito menos quando manifestam apparente contradicção de sentimentos sobre a causa Publica, em que desde aquelle momento todos unanimemente estavam empenhados.» Egualmente ordenava a Regencia que o Intendente negasse licença para as Danças e Mascaras no tempo do Carnaval, o que tinha

[1] *Avisos*, etc. Maço 38.

muito de contrario ás leis do Reino, que prohibiam as mascaradas.

Este aviso foi mandado ao Corregedor dos Romulares, Inspector de S. Carlos, em 27 de Fevereiro.[1]

*
* *

Entre os *avisos* de Junho de 1821 está um papel, sem duvida copia das ordens que foram expedidas ao emprezario do theatro, na occasião em que estava para chegar D. João VI. Diz o seguinte:

S. CARLOS

Peça a dança para o dia em que S. Magestade chegar, e que desembarace o Barracão em que S. Magestade costuma apear-se.

E deve estar prompto camarote para o Corpo Diplomatico.

E desfazer o camarote da Regencia, ficando para o Senado o que é da Regencia.

Avisado no dia 21 de Junho de 1821 vocalmente e n'este mesmo dia se preveniu por escripto o Inspector do Theatro.[2]

*
* *

Em consequencia d'um aviso que o ministerio do reino dirigiu á Intendencia em 16 de junho de 1821, esta ordenou que, á custa do seu cofre, se fizessem as necessarias despezas para se ornar a tribuna real de S. Carlos e as casas ahi destinadas ao serviço d'el-rei.

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 39.
[2] *Idem, idem.*

D. João VI. O Intendente incumbiu pessoa idonea d'elaborar o respectivo orçamento, o qual foi calculado em 3:261$980 réis. Em nada, assegurava o Intendente, ficaria defraudado o cofre, por isso que tal quantia, com ligeira differença, se poupava n'um anno pela diminuição de alguns jornaes excessivos que se pagavam aos varredores e Ribeirinhos na repartição da limpeza da cidade.

O orçamento dizia que a cortina da frente e as respectivas bambolinas seriam de setim côr de palha ou de perola, forrado de tafetá e franjado d'ouro; as almofadas das cadeiras seriam de setim rosa; o parapeito de velludo côr de rosa; o tapete de panno verde de bilhar; o reposteiro de velludo verde forrado de tafetá, debruado de galão d'ouro e com as armas bordadas a ouro; e que a tribuna teria dez cadeiras de mogno. O corredor teria tapete verde e armação de papagaio, quatro lustres e um reposteiro encarnado e agaloado de retroz.

A chamada casa de retiro teria tapetes verdes, reposteiro encarnado, forro de Ruão, armação de tafetá rosa com franja da mesma côr, duas mezas d'ante-camara, duas cadeiras de retiro, bacias de lavar de louça da India. A casa de refresco teria um lustre soffrivel, vinte e quatro cadeiras de mogno, tres mezas de mogno e tapete verde. [1]

A prata é que representava a verba mais importante. Comprehendia duas serpentinas, doze aranhas de tres pernas, quatro castiçaes, dois jarros e duas bacias, seis castiçaes pequenos, quatro salvas, dois pratos e duas thesouras de vellas.

Estas obras da tribuna deram origem a um conflicto. Remexendo a Correspondencia dos Ministros dos Bairros encontrámos o motivo d'elle. Como vimos, no or-

---

[1] No orçamento da Intendencia de Policia havia uma verba consagrada aos refrescos que se serviam quando el rei ia ao theatro. *Avisos*, etc. Maço 42.

çamento havia quatro lustres destinados ao corredor, para os quaes já existiam quatro ganchos pregados no tecto.[1] O inspector de S. Carlos entendeu que era melhor substituir os lustres por placas collocadas nas paredes, e mandou arrancar os ganchos. O emprezario, Antonio Simão Mayer, apenas soube do caso, obrigou o armador a repôl os no seu logar, e, encontrando o inspector no theatro, exprobou-lhe o seu procedimento. Houve discussão grave entre ambos, chegando um irmão do inspector a ameaçar o Mayer com um bastão.

O emprezario fez á Intendencia uma larga exposição dos seus aggravos, e pedia a substituição do inspector do theatro. Por sua parte, esta auctoridade tambem dava uma participação minuciosa da occorrencia, e dizia ter ouvido que o Mayer fazia fincapé na collocação dos lustres por ter pessoa conhecida que lh'os vendia em conta, assim como boas sedas de França, vindas por contrabando, e ainda porque não queria perder as honras que se arrogava de — *Encarregado dos arranjos do theatro de S. Carlos.*

O Corregedor da Rua Nova foi incumbido d'abrir devassa, em que depozeram onze testemunhas, entre ellas o Dezembargador da Relação do Porto, Ferraz de Vasconcellos, o fiel do theatro, o Vicente Zambelli, machinista do theatro, e um empregado na casa das contas de S. Carlos. A auctoridade syndicante opinou que o emprezario merecia castigo.[2]

Como estamos com as mãos na massa, diremos duas palavras a respeito dos empregados de S. Carlos ao tempo da empreza Mayer. Nos documentos da Policia, referentes á Casa Pia, vimos que em 1821 era guar-

---

[1] Corredor que dava serventia do Barracão para a real tribuna. (*Idem*, Maço 40.)

[2] Mayer pedira, em requerimento de 20 de Junho, a substituição do Inspector, a fim de que elle, emprezario, não fosse a todo o momento tratado de canalha, e de que o Inspector desempenhasse as suas funcções e não as de dono do theatro. (*Avisos*, etc. Maço 40.)

da-roupa Mr. Louvaux, machinista Vicente Zambelli, aderecista Francisco Fontani, ponto Antonio Tilote, boleeiro Antonio Duarte,[1] camaroteiro Miguel Bartocine, bilheteiro Jeronymo Grondona, mestre alfayate Frederico Borato Argantino, porteiro José Antonio Ribeiro, poeta Felippe Hilbrath, e cabelleireiro Raymundo José.

Pelas contas vê-se que o alfayate ganhava 30$000 réis mensaes, o poeta ganhava 28$660 réis o ponto 21$500 réis, o aderecista 18$000 réis, o machinista 16$660 réis, o guarda roupa 14$400 réis, e o cabelleireiro 9$600 réis.

*
* *

Por aviso datado do palacio de Queluz, aos 18 de Novembro de 1821, se determinou que o Intendente fizesse um calculo dos meios subsidiarios applicaveis á manutenção dos theatros italianos em Lisboa e Porto, para que, em tempo opportuno, se podessem fazer os arranjamentos accommodados a cada empreza «sendo preferivel o arbitrio de se entregarem a uma sociedade de Portuguezes instruidos e affiançados, que podessem conduzil-os a aprazimento d'uma Nação illustrada e polida».[2]

*
* *

Em 17 de Dezembro do mesmo anno mandou-se que o Inspector do theatro informasse, sem perda de

---

[1] Os theatros tinham séges para conduzir as actrizes. N'um plano que uma sociedade d'actores apresentou ao Intendente para explorar o theatro do Salitre (em 1824), e em cuja companhia de baile ja figuravam os Serrates, ha um artigo preceituando que as Damas teriam sege nos dias de recita, e n'aquelles d'ensaio em que a chuva lhes não permittisse irem a pé. (*Correspondencias*, etc. Maço 22.) O boleeiro da sege da Rua dos Condes foi preso n'uma noite de 1829 por ir pela rua Aurea cantando o hymno constitucional. (*Correspondencias*, etc. Maço 130).

[2] *Avisos e Portarias*, Maço 40.

tempo, se em S. Carlos existia o tablado, que se fez para a funcção de Baile, que se dera no mesmo theatro.[1]

*
* *

João Baptista Felgueiras escrevia, em 21 de Janeiro de 1822, ao Intendente, Manoel Marinho Falcão de Castro, a respeito do convite que este dirigira aos Deputados para irem a S. Carlos na noite de 22. Dizia-lhe que elles haviam resolvido que a empreza dispozesse dos doze camarotes que lhes eram destinados, porque não convinha onerar o thesouro com indemnisações, nem a empreza com um encargo tão pesado, qual o de ceder os ditos camarotes em todos os dias de gala na Côrte.

No entretanto, a portaria de 28 de Fevereiro mandava remetter ao Intendente uma conta da importancia dos camarotes, que haviam sido occupados em S. Carlos, nos dias festivos, pelos Deputados das Côrtes Geraes e Corpo Diplomatico Estrangeiro. Essa importancia foi mandada pagar por portaria de 13 d'Abril.[2]

Em 7 de Fevereiro ordenava-se que o Intendente informasse o requerimento de Mayer, no qual pedia que os 3 contos de réis que a Regencia lhe mandara entregar para o espectaculo de recepção de S. Magestade não fôssem comprehendidos no subsidio.[3]

*
* *

Na noite de 2 de fevereiro de 1822 deu-se sério tu-

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 40
[2] *Idem*.
[3] *Idem*. Maço 41.

multo em S. Carlos. O Corregedor do Crime dos Romulares, auctoridade que presidia ao espectaculo, foi desacatado, injuriado e aggredido.

O homem adoeceu, e quem o substituiu foi o juiz do Crime do Limoeiro. O seu collega do Bairro Alto inquiriu os porteiros e outras pessoas a fim d'abrir devassa para saber quem eram os auctores da proeza. Supponho que não chegou a descobril-os.

*
* *

Nas condições que o Governo impunha aos emprezarios na epocha de 1822 a 1823 figuram as duas seguintes:

«O Theatro será illuminado com cêra, tendo em cada placa as velas correspondentes, vidros nas cassoletas da bocca, e illuminação competente nos Bastidores.»

«O Emprezario é responsavel á auctoridade publica pela conservação do edificio, e madeira que receber, e Policia interna do Theatro; não podendo consentir jogo prohibido n'aquelle edificio, nem qualquer outro facto illicito que possa evitar.» [1]

*
* *

Caetano Pellizar dirigiu uma representação em francez ao ministro do reino, em 27 d'Abril de 1822, para lhe ser permittido apresentar uma companhia franceza no theatro de S. Carlos, que alternasse com a italiana, e que representasse a tragedia, a comedia, o drama, a opera seria e buffa e o *vaudeville*.

E dizia mais: — «C'est lorsque la belle Luzitanie

[1] *Avisos*, etc. Maço 41.

jouit d'une Constitution libérale, c'est sous le ministère du Mecène du Portugal que les Muses de la France doivent espérer de contracter une sainte alliance avec les Muses du Tage.»

O ministro despachou que se desse ao supplicante todo o favor e acolhimento, que fôsse compativel com as circumstancias.

Mas, em 12 de Maio, Pellizar expunha ao Intendente que, havendo conferenciado com o emprezario do theatro, concluira que tal sociedade era impossivel, e que d'ella nenhum resultado advinha para o publico e para as companhias. E pedia permissão para dirigir o pequeno theatro de S. Roque durante tres annos.

Offerecia-se para apresentar uma companhia d'actores francezes, que representaria todos os dias e que variaria os espectaculos de maneira que o publico ouviria as melhores obras da scena comica e tragica, ás quaes accrescentaria a opera e o melodrama.

Junto a este requerimento está um documento que diz: — «Tenho arrendado o meu Theatro do Bairro Alto ao sr. Caetano Pellizar pelo tempo de um anno, e póde o dito Sr. requerer a Sua Magestade as competentes Licenças. Lisboa 17 de Maio de 1822. Dionysio José Monteiro de Mendonça [1].»

Pellizar (que tambem apparece escripto Pellizari) foi representar para o theatro do Salitre. Mas faltou aos seus pagamentos, e, em Dezembro, desappareceu. Mr. Saint-Eugène, novo director da companhia, pediu e obteve licença para representar no theatro do Bairro Alto [2].

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 41. Dionisio José Monteiro de Mendonça era escrivão do Corregedor do Bairro-Alto, e grande absolutista.

[2] *Avisos*, etc. Maço 42. Doze annos antes de vir esta companhia

*
* *

Os empregados portuguezes de S. Carlos, caloteados pelo Mayer, requereram em Abril de 1822 para que, dos novecentos mil réis que haviam sido entregues ao Inspector para satisfazer parte dos ordenados em divida, não recebessem só os estrangeiros, mas tambem os nacionaes [1].

Um grupo d'artistas requereu para se solemnisar o anniversario d'el-rei D. João VI, em 13 de Maio, com uma cantata e uma dança. O requerimento tem assignaturas de Ercolina Bressa, Estevão Falcoz, Eugenie Falcoz, Charles Girard, Thereze Coralli e J. Coralli [2].

Em 30 de Março, João Coralli, Estevão Falcoz, e Carlo Bresci fizeram uma proposta para tomar a empreza de S. Carlos. Obrigavam se a estabelecer uma eschola publica de dança, para que, de futuro, se não mandassem vir dançarinos do estrangeiro. Exigiam, porém, que fôsse elevado de dez mil a quinze mil o numero de bilhetes da loteria que lhes era concedida, e que lhes permittissem dar algumas tardes de toiros.

As Côrtes Geraes, reconhecendo que convinha continuar o theatro, decidiram auctorisar o Governo a acceitar as condições propostas ou outras que mais convenientes lhe parecessem.

---

franceza, esteve em Lisboa um comediante britannico, Samuel Firher, que tentou estabelecer um theatro inglez. A portaria de 17 d'Abril de 1812 concedeu-lhe permissão para representar dramas inglezes na Rua dos Condes ou no Salitre. Mas não sabemos se a aproveitou.

[1] *Avisos*, etc. Maço 41.

[2] *Idem*.

Mas, em portaria de 6 de Maio, aquella proposta foi regeitada, e acceita a de João Baptista Hilbrath.

Este indicou para fiador e depositario dos auxilios e assignaturas a João Antonio Lopes Pastor, negociante de credito e com estabelecimento. O novo emprezario obrigou-se a entregar á auctoridade publica uma conta corrente do balanço mensal do theatro [1].

*
* *

O Mayer ainda em Junho de 1822 exigia que lhe pagassem 78$100 réis, resto do que lhe haviam ficado a dever do camarote que o Governo occupara em 1821. [2]

*
* *

Querendo os emprezarios d'esta casa d'espectaculos festejar o dia 24 d'Agosto, anniversario da revolução de 1820, com um espectaculo que «preenchesse as vistas do emprezario e socia, [3] e satisfizesse as vistas do publico», viram-se n'essa impossibilidade por não terem ainda pago a renda do theatro ao barão de Sobral.

Pediram então ao Intendente que ordenasse ao fiador, para que este pagasse, das assignaturas em seu poder, a renda mensal, ou para que determinasse que o Inspector tirasse dos rendimentos do theatro, no fim de cada mez, a quota correspondente á renda de réis 2:200$000, por que annualmente se ajustára.

Em vista d'isto o ministerio do Reino expediu a portaria de 3 d'Agosto de 1822 ordenando ao Intendente

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 41.
[2] Idem.
[3] Margarida Bruni.

«que fizesse tomar efficazmente as precauções convenientes para que n'aquelle theatro se offerecesse ao Publico, no referido dia, um espectaculo decente e proprio da sua recordação. [1]

O Hilbrath supplicou para celebrar, na noite de 2 d'Outubro, a memoria e grata recordação do 1.º do referido mez (Juramento da Constituição de 1822) com um baile no theatro de S. Carlos, conforme um plano que elle remettia. [2]

O ministerio do Reino deu a permissão pedida.

* * *

A 15 de Maio de 1823 o governo concedeu á commissão administrativa do theatro lyrico o subsidio de quatro corridas de toiros, além dos outros rendimentos subsidiarios. Sendo dispensada da administração em 9 de junho, requereu para que o producto da arrematação das corridas e os mais rendimentos ficassem depositados até á liquidação das contas. Em 16 de Setembro queixava-se, de novo, dizendo achar-se privada dos rendimentos, incluindo o das corridas, a ultima das quaes ia dar se no dia 20.

Da companhia que trabalhou durante a empreza Mayer houve duas dançarinas, Cecilia e Adelaide

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 42.

[2] Quando se realisou o juramento da Constituição, em 1822, ordenou-se que o cortejo, que acompanhava D. João VI ao palacio das Côrtes, seguisse da Bemposta pelas ruas de S. Lazaro e da Mouraria, etc. Mas, tendo-se notado que o coche Real não podia passar pelo arco do Soccorro, mudou-se o itinerario, passando a ser pelas Fontainhas, Anjos e Mouraria, cujo arco fôra previamente medido para se saber se o referido coche cabia por elle. (*Avisos*, etc. Maço 42).

Chabert, que chegaram a uma triste situação por lhes não pagarem. [1]

*

* *

Em fins de 1823 appareceram umas poucas de propostas para tomar o theatro lyrico. A do Hilbrath e da Bruni apresentava diversas condições, conforme o governo concedesse ou não o subsidio. Se não concedesse, contentavam-se que lhes dessem o privilegio exclusivo d'introducção dos azeites, importando, cada anno, vinte mil almudes d'azeite hespanhol, livre de direitos; ou, então, que lhes dessem o privilegio exclusivo de ter o jogo de banca nas salas do theatro e doze casas de sortes distribuidas pelas cidades do reino.

A proposta de Eugenio Del-Negro pedia trinta e seis contos de reis de subsidio, e, não podendo dar-se, pedia o privilegio exclusivo d'introducção de dois navios por anno, carregados de fazenda que não fôsse prohibida, mas que o proponente introduziria livre de direitos.

A de José Manoel Barão pedia a empreza por nove annos, mas reclamava o estabelecimento dos jogos de bilhar e de banca em S. Carlos. [2] A d'Estevão Barberis, negociante sardo, desejava-a por cinco annos, concedendo-se-lhe o privilegio d'introducção das aguas-ardentes de França, livres de direitos.

A dos antigos administradores do theatro (Gorjão, Souza Lobo, etc.) era muito complexa, porque implicava a creação d'uma eschola do theatro portuguez e do theatro italiano, e a construcção d'um bom edificio para o theatro portuguez.

Finalmente a proposta d'Antonio Marrare dizia que

[1] *Arisos*, etc. Maço 44.

[2] José Manuel Barão pretendia estabelecer no theatro de S. Carlos, em 1824, uma casa de jogo denominada *Salão dos Estrangeiros*.

se compromettia a apresentar companhias «compostas de pessoas acreditadas, e capazes de desempenhar o seu ministerio, como convinha ao decoro da capital e á Grandeza do Espectaculo.» Foi esta a que se acceitou. [1] Mais adeante citarêmos algumas das suas condições.

* * *

A' meia noite de 19 de Julho de 1824 travou-se serio conflicto n'um corredor de S. Carlos entre o medico francez dr. Ardouin e Rodrigo Pinto Pizarro, tenente-coronel addido ao estado-maior do exercito do Brazil. Este desafiou aquelle para fóra do theatro, levou-o para um canto da travessa da Parreirinha, e ahi lhe pediu o nome das testemunhas para duello e a hora do encontro.

Ardouin dirigiu, no dia immediato, uma exposição ao embaixador francez, barão Hyde de Neuville, na qual refere estes factos, e diz que, voltando costas, Pizarro lhe vibrara seis punhaladas, e que, em seguida, fugira, levando o chapéo trocado pelo d'elle. Pedia providencias, e juntava certidão de tres medicos que o tinham observado, um dos quaes era o dr. Nilo. [2]

* * *

O aviso de 4 de março de 1825 (já na empreza Marrare) mandou suspender a apresentação d'uma dança annunciada, e que a substituissem por qualquer outro entretenimento musical. No mesmo sentido se ordenou aos outros theatros para não darem representações

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 44.
[2] *Idem*. Maço 48

equivocas, e que, de qualquer modo, excitassem o reparo ou o escandalo.

Este aviso, que era dirigido ao barão de Renduffe, tem a lapis esta nota: — «Quanto á 1.ª parte já a tenho prohibido por ordem verbal de Sua Magestade, e quanto á segunda mandou-se saber.» [1]

Um grupo de cantores e bailarinos expoz ao encarregado de negocios da Sardenha, em 19 de junho de 1825, a triste situação em que estavam pelos emprezarios haverem faltado á fé dos contractos, e não terem meios para regressarem ao seu paiz. Eram elles: Giacomo Piglia, compositor de baile, Rosalia Boggia, Francesca Cherubini, Paolina Cattaneo, Caterina Pereno, prima-donna, e Madalena Pereno, seconda-donna. O encarregado de negocios de França interveio a favor de J. B. Gros, primeiro dançarino. E o encarregado de negocios da Austria tambem fez valer os seus bons officios a favor d'um grupo d'artistas que se lhe dirigira, e em cujo numero se contava o Gaspar Martinelli. [2]

D. João VI concedeu á empreza Marrare os artigos que, do Arsenal do Exercito, haviam sido emprestados á anterior empreza. [3]

Um aviso do conde de Barbacena, datado de 6 de agosto de 1825, dizia ao barão de Renduffe que haviam sido expedidas as ordens para a construcção da barraca por este requisitada para a mudança da guarda do theatro de S. Carlos. [4] Passou para o largo do Picadeiro, e suppomos que era no local onde ultimamente esteve a estação da guarda municipal.

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 50.
[2] *Idem, idem.*
[3] *Idem.* Maço 51.
[4] *Idem.* Maços 51 e 53.

Antonio Marrare expoz ao governo os inconvenientes da dilatada suspensão dos espectaculos, motivada pela morte do monarcha. Foi então que o governo «conformando-se com a pratica das nações civilisadas, e pela força da razão em que ella se funda», mandou que, passado 15 de maio, se abrissem os theatros. Mas só em 30 de junho auctorisou as corridas de toiros, assim como os equilibrios e volteios.

Houve, porém, suspensão d'espectaculos em 26 de maio, porque n'esse dia se realisava a procissão que sahia da Sé para S. Domingos, em desaggravo do Santissimo Sacramento, que fôra desacatado nos ultimos tempos. [1]

Coisa curiosa. Antonio Marrare pediu para importar, por sua conta, quinze mil moios de trigo estrangeiro rijo e molle, como compensação da segunda parte do subsidio do theatro, que ainda lhe não fôra pago. A portaria de 21 de junho de 1826, assignada pelo barão de Sobral, Hermano, determinava que tal importação não podia ter logar, e que o Conselheiro Intendente propozesse algum outro meio mais conciliavel com o interesse geral.

Marrare apresentou novas condições para a futura empreza de S. Carlos, assim como um plano para a illuminação da cidade, sendo mandado admittir ao concurso com os outros licitantes por portaria de 24 de novembro de 1826. [2]

Tambem metteu requerimento á Infanta Regente para que esta determinasse a maneira pela qual o theatro lyrico devia celebrar o anniversario da outhorga da Carta, em 1827. Mas o bispo de Vizeu, Fran-

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 53.
[2] *Idem*. Maço 54.

cisco, respondeu que não achava inconveniente na concessão da licença. Sómente lhe parecia improprio que se abrisse a real tribuna, sendo constante, como era, o estado de molestia de Sua Alteza. [1]

O camaroteiro de S. Carlos, n'esse tempo, era Victorino Grondona, filho do Jeronymo Grondona, que tambem já fôra camaroteiro, e que depois voltou a sel-o no reinado de D. Miguel. Victorino e seu irmão Sebastião Grondona moravam na rua das Gáveas, e empregaram-se depois no commercio. [2]

*

* *

Luiz Scassa, que estivera empregado no theatro de S. Carlos, figura como emprezario do theatro de S. João do Porto, em 1827. Os negocios theatraes corriam-lhe mal, e resolveu pedir auctorisação para dar doze corridas de touros, sendo uma a favor da Casa Pia e as restantes da empreza, que se achava em circumstancias precarias. A Regente accedeu ao pedido. [3]

*

* *

D. João VI, gravemente enfermo, nomeara a regencia do reino, que ficou composta dos conselheiros d'estado, dos ministros da corôa, e da infanta D. Izabel Maria.

Quatro dias depois, a 10 de março de 1826, fallecia esse monarcha, a quem Oliveira Martins chama velhaco e o sr. Antonio de Serpa chama homem de bom senso. *(Portugal Moderno).*

---

[1] *Avisos*, etc. Maço 56.
[2] *Correspondencias*, etc. Maço 121.
[3] *Avisos*, etc. Maço 57 e L.º XXIV das *Secretarias*.

Recebida a noticia no Brazil, D. Pedro assumiu os poderes, na sua qualidade de herdeiro da corôa portugueza, confirmou a regencia, outhorgou a Carta Constitucional, que, dois annos depois, seria deitada para o cesto dos papeis inuteis, e abdicou a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria.

Logo que a Carta chegou a Lisboa foi publicada e jurada, e dissolvida a regencia, assumindo as redeas do governo, como unica regente, a infanta D. Isabel Maria. Por esta occasião houve grandes festejos na capital. Mas as manifestações ruidosas repetiram se durante algum tempo.

Uma d'estas manifestações realisou-se no salão de S. Carlos. Na noite de 31 de julho de 1826 entrou alli a musica do regimento 18 tocando o hymno constitucional. Era acompanhada por immenso povo que dava vivas. Quando retiravam pediram á sentinella da Policia, que estava á porta do salão, que tirasse a barretina. Como não obedecesse arrancaram-lhe a arma e a barretina, que depois foram entregues no botequim do theatro. Atacaram mais outra sentinella, mas esta não se deixou desarmar. Os auctores da façanha foram um alferes d'artifices, um Thomaz, padeiro a Santa Martha, e um cadete.[1]

O cadete foi denunciado no tempo de D. Miguel. Era da Brigada Real de Marinha, e ferira com um estoque a sentinella.[2]

Temos ainda noticia d'outra manifestação ruidosa. Eram 10 horas da noite de 4 de setembro de 1826 quando um grupo das suas duzentas pessoas, que vinham cantando, desembocou dos lados do Rocio e parou defronte da embaixada hespanhola. Faziam grande motim, gritavam e contendiam com os transeuntes.

---

[1] *Correspondencias dos Ministros dos Bairros de Lisboa*. Maço 137.

[2] *Partes Diarias da Policia*. Maço 3.

Cantavam em côro o hymno de Riego com as seguintes quadras:

Soldados portuguezes,
Cartuxo no canhão,
Constituição ou morte,
Morte ou Constituição!

Valentes hespanhoes,
Valentes por nação,
Só tendes um rei mau
Que não quer Constituição! [1]

Demoraram-se um quarto d'hora, até que seguiram pela rua de S. José, sempre cantando.[2]

*

* *

Em 17 de junho de 1826, a Intendencia officiava ao Juiz do Crime de Santa Izabel que haviam sido presas e recolhidas á cadeia do Limoeiro algumas pessoas, que se entretinham a dar gritos subversivos nos theatros, incluindo o de S. Carlos.

No numero d'ellas contavam-se o Caetano, boticario ao Poço dos Negros, o Borges, com casa de pasto na travessa de S. Nicolau, Henrique Midosi, e Lucas José Dias, o *Lucas do sello*, porteiro da repartição do sello. Todas essas pessoas allegaram a sua innocencia, sustentando, em requerimentos, que não eram inimigos da ordem politica reinante, e que eram cidadãos pacificos.

O Lucas do sello asseverava que não ia a S. Carlos desde que a nova empreza tomara posse.[3]

---

[1] Esta manifestação deu logar a uma portaria, que mandava abrir devassa a fim de se conhecerem os seus auctores, os quaes, d'est'arte tinham offendido a Familia Real de Hespanha. (*Avisos*, etc. Maço 54).

[2] *Correspondencias*, etc. Maço 148.

[3] *Correspondencias*, etc. Maço 87.

Coitado! Este pobre homem andou de Herodes para Pilatos. Em 1824 esteve preso como suspeito de liberalista, e em tempo de D. Miguel tornou a cahir na suspeição da policia.

Em 13 de julho, o Corregedor do bairro da Ribeira participava que haviam sido presos outros individuos por soltarem vozes tumultuarias e indiscretas nos principaes theatros da capital, e por tratarem de menoscabo os annuncios alli publicados para se commedirem e respeitarem como deviam as leis e ordens da policia.

Esses individuos eram o Bernardino Martins da Silva, filho do negociante Caetano Martins da Silva, o mercador João Egino Chaves, e o Leite Basto, ferrageiro no Pote das Almas. [1]

A hydra da reacção principiava a erguer a cabeça. Davam-se pronunciamentos militares em Traz-os-Montes, no Alemtejo e no Algarve. Em Lisboa, os pregões mentirosos das ruas accendiam o rastilho dos boatos prejudiciaes ao governo dominante, atiçavam a imaginação fogosa dos novelleiros. [2]

O Ottolini, juiz do Crime de Santa Izabel, dizia, em resposta a uma portaria de José Antonio Guerreiro, que a origem dos boatos desagradaveis ao governo era o falso pregão dos cegos e rapazes que vendiam os periodicos; mas que era impossivel descobrir o fóco dos papeis incendiarios que se tinham propagado. Suppoz-se que um dos que espalhavam as más noticias politicas era o padre Balthazar Estevão, capellão de S. Paulo. Abriu-se devassa, mas nada se apurou, embora uma testemunha depozesse que o padre assegurava que estava proximo a chegar o infante D. Miguel, e que os constitucionaes haviam de ser enforcados. [3]

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 115.

[2] A venda de jornaes, papeis de noticias, almanaks e folhinhas, pertencia á Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, para o que tinha privilegio. (*Avisos*, etc. Maço 39.)

[3] *Correspondencias*, etc. Maço 115.

*

* *

Nas luctas travadas em S. Carlos entre os partidistas da Sicard e os da Pietralia, em 1827, distinguiu-se Bernardino Ruffo, partidario da ultima cantora. Quem era este homem? N'uma lista de *malhados* que o Semblano, Corregedor do Rocio, formulou em 1831, lista a que dava o nome de *bibiographia*, figura Bernardino Ruffo Alves d'Amorim, empregado na Alfandega, e filho de Antonio Ruffo Alves d'Amorim, empregado no Erario.

O Corregedor, com a sua *imparcialidade* do costume, dizia que ambos os Ruffos eram de pessima conducta moral e politica, e em opposição ao governo monarchico, dados ao liberalismo.

No seu furor accusatorio o Semblano fazia nova lista de suspeitos em 1832, mas, d'esta vez, d'empregados do hospital de S. José. Tem coisas interessantes. Lá apparece o Carlos Morato Roma, contador e redactor do *Portuguez*, que fôra preso na *archotada* e pertencia á familia dos Romas «que teem empestado Lisboa d'opiniões revolucionarias».

Lá apparecem o dr. José Pedro Dias, medico protector dos *malhados;* o José Dias de Carvalho Ameno, «que teve a honra de ser chamado para embalsamar Manuel Fernandes Thomaz, que jurara na devassa contra El-Rei, e frequentava as reuniões da Despensa» ; o João Baptista, irmão maior, espião do Roma, aquelle que no dia em que D. Miguel visitou o hospital (20 de março de 1831) dissera «que tivessem cautella que andava alli o toiro» ; o cirurgião Abranches Bizarro, poeta d'obras constitucionaes; e o enfermeiro José Vicente, conhecido atheu.[1]

O Semblano ia assim correndo, em passeio perqui-

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 133.

sitivo, as varias repartições publicas. Em 1829 entretivera-se com os empregados da Alfandega Grande, e, na lista de suspeitos que remetteu ao Intendente, veem: Joaquim Germano Vasques, pedreiro-livre, exaltado, em cuja casa, ao Loreto, havia reuniões onde compareciam os Soares, officiaes d'engenheiros; o guarda Ayres José d'Almeida, que persuadia a todos de que não ouvissem missa; e o feitor Ferreira d'Aguiar, pedreiro-livre, insultador, que no tempo da constituição de 1820 mandou levantar uma vara alta no sitio em que se queimaram os justiçados de 1817, e na ponta um triangulo com luzes «para promover a memoria d'aquelles martyres».[1]

Quem não estivesse nas boas graças miguelinas gramava uma tareia dos caceteiros, quando não ia parar a ferros d'El-rei. Nem mesmo escapou o inoffensivo capellão do barão de Quintella, embora fosse preso por se confundir com outro ecclesiastico.[2] A propria marqueza de Alvito, viuva, foi presa por constitucional á uma hora da madrugada de 6 de julho de 1832 na sua habitação em Campolide, e mandada recolher, em companhia d'uma creada e d'uma afilhada, ao convento de Sant'Anna. A viscondessa de Magé e seus filhos, moradores na rua Formosa, defronte da fabrica de chapeus do Raton, eram vigiados como adoradores de D. Pedro.[3]

Fechemos o loquête d'este parenthesis triste, corramos o ferrolho sobre esta longa divagação, e voltemos a Bernardino Ruffo. Era este o grande janota que commandava os *pietralistas* em S. Carlos e que andava em sege de batida, *á fond de train*, pelas ruas de Lisboa, como, de resto, era moda entre os elegantes esturdios da epocha. Referiremos apenas um caso. A auctoridade citada participava que no domingo, 27 de Novembro de 1831, houvera um desafio ou corrida á desfilada de

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço, 130.
[2] *Idem*, Maço, 16.
[3] *Idem*, Maço, 18.

Bellas para Lisboa. Um dos maiores extravagantes do tempo, o Cunha,[1] neto do Chanceller-mór Antonio Gomes Ribeiro, reuniu n'um jantar n'aquella localidade alguns amigos e algumas raparigas galantes. Findo o repasto sahiram para Lisboa, vindo na frente a cavallo, como batedor, o sobredito Cunha. O cadete de cavallaria 4, D. Francisco de Lemos, acompanhado da Eugenia, a mais famosa das peccadoras d'então — uma belleza profissional, como se diria no jargão da modernice — sahiram adeante n'uma sege «com receio da corrimaça.»

As seges que bateram este *record*, como diriamos em moderna linguagem sportiva, foram aquella em que vinham o Gerves cambista e o Jacome Pereira, empregado no Terreiro, auctores do desafio; a sege do Lartiga visitador e do Santos continuo do Tabaco; a sege do Fidié tenente d'artilheria e do Camarate, filho; e a sege do Guerra, escrivão do bairro de S. José. Tomaram o caminho de Campolide e d'ahi ao theatro do Salitre. Foi tal a correria que os transeuntes fugiam espavoridos! Ao passarem em S. Sebastião da Pedreira derrubaram e escangalharam a guarita da guarda.

Alguns cavalleiros, que em Bellas fizeram *sucia* ao jantar, ficaram atrazados na corrida.

Verdade é que o Semblano affirmava que o Cunha era o primeiro extravagante que tinha Lisboa.

A policia, que n'esse ditoso tempo se mettia a indagar de coisas particularissimas, asseverava que era useiro e vezeiro nas patuscadas com mulheres faceis e nas batidas de sege. N'essa dança (textual) figuravam a decantada Eugenia e a Antonia, moradoras na rua Nova do Carmo, a Izabel, casada e dançarina do Salitre, em cuja casa se davam jantares opiparos, e uma hespanholita, dançarina da Rua dos Condes.[2]

---

[1] Era Antonio da Cunha Sotto-Maior, que foi, depois, um dos principaes elegantes lisboetas.

[2] *Correspondencias*, etc. Maço 132.

E, já agora, lá vae mais uma indiscrição. Quem arranjava o dinheiro, com usura excessiva, para estas diversões era o Latance, que suppomos ser o mesmo Latanzi, outr'ora Mercurio do velho marquez d'Abrantes, passador de contrabando e corretor de bijouterias francezas, que em 1824 tinha entrada franca no Paço de Queluz onde ia vender manufacturas ás Infantas, ás quaes elle offereceu tres bellas taças de porcelana para caldo. *(Policia Secreta dos ultimos tempos do reinado do sr. D. João VI).*

*

* *

Durante o espectaculo de 25 de junho de 1828, ia estalando um serio conflicto na plateia de S. Carlos.

Quando finalisou o primeiro acto da opera, o publico pediu o hymno portuguez, que, immediatamente foi executado. Então todos se levantaram e descobriram, excepto uns officiaes da marinha ingleza que estavam na superior. O publico indignado, gritou-lhes que se descobrissem, mas, elles, moita carrasco!

O Corregedor que presidia ao espectaculo pediu ao official commandante da guarda da policia para lhes dizer que se conformassem com o que viam praticar, ou, no caso contrario, que sahissem. A este tempo já alguns officiaes e soldados de Voluntarios Realistas tinham saltado para a superior, e disputavam com os britannicos. O official da guarda fez avisar estes por um sargento, que elles fingiram não perceber. No entretanto sahiram da plateia para, d'ahi a pouco tempo, tornarem a entrar em maior numero. Ainda se estava tocando o hymno. Alguns Voluntarios Realistas tornaram a passar para a superior a fim d'obrigarem os inglezes o tirar os bonets.

N'esse momento esteve a pique de rebentar o conflicto. Foi então que o Intendente, que estava em S. Carlos, perguntou se alli se encontraria alguem que soubesse inglez e podesse parlamentar com os ingle-

zes. Offereceu-se para isso um individuo chamado Ornellas. Os officiaes, que não se mostravam dispostos a descarapuçarem se ao som do hymno do sr. D. Miguel, resolveram-se a sahir, o que fez aquietar os espectadores.

O Corregedor descreve assim o acontecimento, mas a parte da policia conta-o de maneira diversa. Diz que ao tocar-se o hymno portuguez uns inglezes tiraram os bonets e outros não. Os Voluntarios Realistas gritaram e correram para os inglezes, obrigando-os a descobrirem-se. Quando estes sahiram da plateia foram seguidos pelos Voluntarios, e então, nos corredores, travou-se «um conflicto d'ameaças e questões». Acudindo o inspector do theatro e o major do exercito Perné, tudo socegou. Mas reentrando os inglezes na plateia e tocando se novamente o hymno, elles obstinaram-se em ficar sentados, motivo por que foram obrigados a sahir do theatro.[1]

Os officiaes inglezes tiveram ordem do commandante da esquadra para não irem mais ao theatro. E em 23 de Junho foi ordenado o encerramento de S. Carlos «por ser assim conveniente á tranquillidade publica d'esta capital».[2]

*

* *

O primeiro anniversario natalicio de D. Miguel, rei, foi celebrado com estrondo em 26 d'outubro de 1828. O Corregedor do Bairro-Alto, cumprindo ordens superiores, officiou á emprezaria de S. Carlos, Margarida Bruni, para que desse um espectaculo brilhante no faustosissimo dia dos annos d'el-rei. Devia subir á scena uma opera nova. Mas os cantores, que haviam

---

[1] *Partes Diarias de Policia.* Maço 1.
[2] *Avisso e Portarias.* Maço 38,

pertencido á empreza Antonio Marrare, recusaram-se pertinazmente a cantar. Eram elles: Josephina Glossops De Meri, prima donna, Antonio Piacentini, primeiro tenor, João Oracio Cartagenova, primeiro baixo serio, Thereza Zapucci, segunda dama, Gaspar Martinelli, segundo tenor, e Xavier Mercadante, compositor.

A mais teimosa era a De Meri, mas, com a intervenção do marido d'esta, tudo se conciliou.

O agente da Bruni, o Luiz Scassa, ponto do theatro, communicou então ao Corregedor que, no respeitante ao espectaculo ordenado, não havia duvida. Os novos contractos assignaram-se, e o pagamento aos cinco cantores ficou garantido por 1.506$662 réis, que a Bruni depositou nas mãos dos negociantes O'Neill e Rochini. O fiador da emprezaria era o hespanhol João Mac Crohon Aguillar e Companhia, com casa de commercio, giro de banco e cambio na rua Nova do Carmo, 16, e no largo de S. Julião, 7 F.

Ultimado este negocio, o Corregedor do Bairro Alto mandou, por ordem superior, affixar uns editaes nas immediações do theatro de S. Carlos, em que o Intendente recommendava socego ao publico nas casas d'espectaculo, e que não era permittido, não só o exigir aquillo que os cartazes não promettiam, «como os applausos e pateadas inconsideradas».

Depois continuava: «E convencido maiormente de que o alto objecto a que se destina o festejo publico nos theatros em a noite de 26 do corrente ha de pôr termo a todas e quaesquer alterações sobre este objecto, até mesmo para que se não recordem scenas praticadas no tempo revolucionario, e que a imaginação dos bons portuguezes faz esforços para esquecer». Termina dizendo que lhe seria muito penoso applicar o castigo «em occasião em que todos deviam transbordar em prazer e alegria [1].»

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 14.

O conselheiro Accacio, imaginado por Eça de Queiroz, não seria mais conceituoso, não o diria melhor no seu estylo turgido, *ronflant*.

A *Gazeta de Lisboa* (n.º 255) referia que o anniversario do novo rei fôra celebrado com grande esplendor.

Logo pela madrugada estrallejaram os foguetes, muito á portugueza, e salvaram os navios de guerra e as fortalezas.

Pela manhã houve parada da guarnição da capital na Tapada d'Alcantara, onde estrondearam os vivas «a que a generosa condescendencia do monarcha correspondeu.» Depois, D. Miguel deu beijamão no palacio d'Ajuda, e, á noite, realisaram-se as grandes illuminações, das quaes as mais notaveis foram as do Campo de Sant'Anna.

Não havia memoria de se terem gasto tantos milhares de foguetes em festa alguma celebrada pelos lisbonenses, assegurava a *Gazeta* (n.º 259).

Nos theatros, e sobretudo no de S. Carlos, foi assombroso o applauso, continua a circumspecta folha. Os vivas, os hymnos e os versos rebentavam como aladas flores. Os clamores irrompiam violentos como uma tromba marinha. Foi esta a primeira vez que D. Miguel, depois do seu regresso, se dignou ir á Opera, e isto basta para se formar idéa do quadro que apresentaria o Real Theatro de S. Carlos á sua entrada na real tribuna. E é com este trecho campanudo que a folha official termina a descripção da festividade.

Durante o dominio de D. Miguel o theatro de S. Carlos teve um papel muito apagado entre as diversões lisbonenses. De resto, é sabido que D. Miguel, com o seu temperamento de *sportman*, apreciava mediocremente a arte theatral e dedicava toda a sua affeição á arte tauromachica, como acontecera a D. Sebastião, D. Affonso VI e D. Pedro II, apaixonados adoradores do toureio. Até o melhor theatro portuguez d'então, o da Rua dos Condes, estava em 1828 n'uma

decadencia compungitiva, os seus comicos empenhados, e alguns reduzidos á miseria e á mendicidade [1]!

O anniversario natalicio do Usurpador ainda mereceu alguns festejos em 1831. Houve um patusco chamado Anacleto, que deu representação em sua casa, a S. Miguel d'Alfama, para celebrar o facto. Constou d'um «Elogio ao Nosso Augusto Soberano El-Rei o Senhor D. Miguel» e d'uma farça [2].

Nos theatros publicos recitaram-se «poeticas composições analogas a tão solemne dia, desabafando todos os espectadores os leaes sentimentos de que se achavam animados quando se descobriu a Real Effigie do Melhor dos Reis», diz a *Gazeta*.

Em 1832 os theatros estavam fechados, mas o conde de Basto permittiu que o theatro do Salitre abrisse as suas portas no fausto dia 26 d'Outubro.

*

* *

Voltando ainda aos emprezarios de S. Carlos, Marrare e Bruni, tomámos nota d'uma reclamação que aquelle fez a esta. Nas contas de S. Carlos existentes entre os papeis da Casa Pia, que se guardam no archivo da Torre do Tombo, apparece uma conta que o Marrare formulou das despezas feitas com a opera *Hypermnestra* ou *Ipermestra*, despezas que elle desejava que a sua successora na empreza satisfizesse. Lá se vê que um capote para o Martinelli custou 1$600 réis, um bandó para o Cartagenova 800 réis, um manto para o mesmo 7$200 réis, um vestido para a Zapucci 1$920 réis, e um barrete para o Piacentini 2$000 réis.

Que pobreza franciscana! Só muitos annos depois viria um conde de Farrobo — o homem de mais fino gosto que tem apparecido n'este rincão da Europa —

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 25.
[2] *Idem*, etc. Maço 120.

para mostrar aos luzos como se deviam pôr operas em scena.

O Marrare substituira o Hilberath (ou Hilbrath) e a Bruni na empreza de S. Carlos em consequencia da pessima administração d'estes emprezarios. Depois foi a Bruni quem, por seu turno, succedeu ao Marrare. N'um aviso que o marquez de Palmella enviou ao barão de Renduffe em 26 de novembro de 1824 dizia lhe que Sua Magestade dava por findo o contracto com o Hilberath e a Bruni logo que terminasse a escriptura dos musicos que tinham vindo de Italia, isto é, no fim do anno theatral. Ordenava-lhe tambem que procedesse immediatamente ao contracto com o Marrare.

Todavia, este só foi assignado em 26 de abril de 1825, e tinha oito condições, das quaes as mais interessantes são a 3.ª, a 4.ª e a 7.ª A 3.ª diz que elle se obriga a conservar, durante o tempo da empreza, duas companhias d'actores, sendo uma para operas sérias e outra para burlettas, e egualmente uma companhia de baile, todas compostas de pessoas acreditadas e capazes de desempenhar o seu ministerio, como convem ao decoro da capital e á grandeza do espectaculo. A 4.ª diz que elle se compromette a dar, no decurso do anno, duzentas recitas, inclusivè as oratorias na quaresma; e nos dias de grande gala e regosijo publico uma peça nova, seja opera ou dança, conforme as circumstancias o permittirem. A 7.ª diz que Sua Magestade concede vinte e quatro contos de réis; mas, em attenção a este augmento de mais quatro contos de réis annuaes, o emprezario porá á disposição de Sua Magestade dois camarotes unidos da ordem nobre na bocca do theatro para uso do mesmo Senhor ou da Sua Real Familia.

Serviu de fiador o barão de Quintella, que assignou termo de fiança, e que foi nomeado director da empreza. [1]

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 25.

O decreto datado do palacio de Mafra, aos 24 d'Outubro de 1825, ordenava que o subsidio fôsse satisfeito pelo cofre do Real Erario, e que o emprezario podia dispôr do camarote de bocca, que D. João VI fizera reservar para seu Real Serviço. [1]

Quando, no tempo de D. Miguel, se assignou o contracto da Bruni, estabeleceram-se vinte contos de réis de subsidio, e El-Rei dispensou os dois camarotes de bocca, que não quiz para seu uso. [2]

Em 15 de Dezembro de 1828 foi annullado o contracto com a Bruni. [3] E por ordem de D. Miguel, datada de 17 de Setembro de 1831, foi passado passaporte a madame Bruni e ao creado que a devia acompanhar ao seu destino [4]

Luiz Scassa recebeu passaporte para Londres. [5]

*

* *

Em 1828, a auctoridade mandou recolher todo o armamento que existia nos theatros. No do Salitre foi declarado pelo seu dono, João Gomes Varella, que a comica Florinda Benevenuto de Toledo já havia feito entrega das armas no Arsenal do Exercito, do que apresentava recibo; no do Bairro Alto foi declarado pelo seu proprietario, Dyonisio José Monteiro de Mendonça, que nunca tivera armamento no theatro, porque, quando precisava d'elle, o pedia ao Batalhão ou ao Espingardeiro. [6] Quem conduziu á Fundição as armas

---

[1] *Avisos e Portarias*. Maço 51.
[2] *Avisos*, etc. Maço 60.
[3] *Idem*. Maço 61.
[4] *Idem*. Maço 72.
[5] *Idem*. Maço 79.
[6] *Correspondencias*, etc. Maço 14.

encontradas nos theatros de S. Carlos e da Rua dos Condes foi o Alcaide do Rocio. [1]

*
* *

Em 1829 esteve em Lisboa uma companhia gymnastica e acrobatica dirigida por D. José de Steffani, que se intitulava *Professor privilegiado e pensionado por S. M. El Rei da Prussia na arte e eschola gymnastica*. Steffani requereu para dar espectaculos no theatro de S. Carlos, porque, havendo alugado a praça do Salitre, não se podia utilisar d'ella emquanto lá houvesse corridas de touros. O requerimento está assignado por D. Giuseppe De-Steffani. [2]

O Intendente de Policia, em resposta ao Semblano, então exercendo as funcções de inspector de S. Carlos, dizia: — «Parecendo-me indecoroso que tal companhia trabalhe no Real Theatro de S. Carlos sou de parecer que se faça presente este requerimento a El-rei Nosso Senhor.» — Uma nota no requerimento diz que o supplicante depositara quatro onças d'oiro pelo aluguel do theatro por uma noite, e que ajustara por cincoenta mil réis cada uma noite, sendo o visconde de Porto-Covo quem lhe mandara a licença.

O Semblano tornou a officiar dizendo que estava concedida licença para *uma sociedade d'aventureiros* dar academias de musica n'aquelle theatro, e que bem se podia combinar a forma d'alternar os espectaculos d'um com outro divertimento.

Passados dias, o Intendente Belfort communicava, por meio de carta ao Semblano, que apresentara ao rei todos os papeis que lhe haviam mandado. Que D. Miguel ordenara que deferissem o pedido dos pelotiqueiros, e que accrescentara: — «Eu já os vi trabalhar

---

[1] *Partes Diarias de Policia*. Maço 1.
[2] *Correspondencias*, etc. Maço 129.

em Vienna, e um dia d'estes hei de mandal-os trabalhar na Quinta — e tambem agora não ha divertimento algum, e é bom dar alguma distracção ao povo». [1]

De facto, o Steffani deu alguns espectaculos em S. Carlos, durante os mezes de julho e agosto de 1829.

Um dos trabalhos mais curiosos que apresentou foi a chamada *Ceia Tartara*. Mas a empreza Steffani teve pouca felicidade n'este theatro. Uma noite, o director torceu um pé no salto do trampolim; e na noite de 5 d'agosto, estando o arlequim Bartholomeu (solteiro, de nação romano e de idade de 32 annos) a trabalhar nas bambolinas, perdeu o equilibrio, e, não podendo agarrar-se ás cordas, cahiu, ficando logo morto, porque abriu o craneo e quebrou os braços. [2]

A companhia mudou para o theatro do Salitre. Em 29 de setembro deu um espectaculo celebrando o dia do nome de D. Miguel. Em 11 de outubro deu outro, no qual, segundo um programma que vimos, entrava a Clorinda, *filha maior do director* e dançarina sobre a corda bamba, que executaria o gracioso bailado da *Velha Gallega*, terminando por capear um touro ao estylo andaluz. O espectaculo começava ás quatro horas da tarde.

Em 26 de outubro, anniversario natalicio de D. Miguel, o Steffani foi tomar parte no espectaculo de gala na Rua dos Condes, onde, juntamente com a *Familia Aquilina*, executou o bailado *O Festejo da Pastorinha no centro da sua familia*, bailado em que se espalharam pombos e passarinhos levando versos allegoricos á festa, e que terminava com um *Tableau*, diz a *Gazeta*.

Finalmente, ainda vamos encontrar o Steffani na Rua dos Condes, em 7 de Novembro, dançando um *pá-di-du* com Luiza San-Martin no beneficio de Luiz José Baiardo, socio e ponto do theatro.

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 129.
[2] *Idem*, etc. Maço 51.

*

* *

Antonio da Cunha Sotto-Maior conservava-se sempre estranho ás luctas entre os grupos do theatro lyrico. Mas em 1838 appareceu a dançarina Pontiroli, a quem Antonio da Cunha cortejou assiduamente, mas por quem foi sempre repellido. Este facto deu em resultado uma estrondosa pateada, que elle promoveu, pondo o corpo de baile em ascuas, e obrigando-o a retirar — caso sem precedentes — perante as pedradas dos *dilettanti* no segredo da conspiração. [1]

Esta dançarina foi, mais tarde, para o Brazil com o actor Dias, que lá morreu, deixando toda a sua fortuna á Pontiroli.

*

* *

Foi na noite de 28 d'Abril de 1841 que representaram em S. Carlos, pela primeira vez, a opera *O Cerco de Diu*, musica original do maestro Manuel Innocencio dos Santos. Andava então accesa a campanha entre *barilistas* e *boccabadistas*. Quando a Boccabadati e o maestro agradeciam em scena os applausos, um esquentado *barilista* atirou-lhes com uma coroa feita d'alhos. A Boccabadati, sem se perturbar, levantou a coroa e disse para o Innocencio, em voz audivel por parte da plateia: — Não se assuste, este presente é para mim. — Na noite immediata, a opera teve estrepitosos applausos, havendo coroas, pombos, poesias, etc.

Em 1838, o emprezario de S. Carlos resolveu ir dar algumas recitas no Porto. Faziam parte da companhia a Fabbrica e o celebre Coletti, que, antes d'encetar a carreira lyrica, tivera uma loja de guitarras em Italia.

---

[1] Devemos esta informação a uma testemunha presencial.

A Fabbrica amava e era amada pelo Fidié. Este combinou com o seu amigo marquez de Niza, com o Antonio Palha, o Salema e outros, dar o *coup de Jarnac* na empreza, e, com esse fim, elevaram a pateada ás alturas d'uma religião.

Uma noite preparou-se um dos maiores motins que o theatro de S. Carlos tem presenceado.

O grupo do marquez de Niza teve artes de metter no theatro a tripulação da fragata *Diana*, préviamente disfarçada em algibebes e adelos, e de collocar em plena platéa a bigorna do Daniel, ferreiro na rua da Figueira. A meio do espectaculo rebenta uma pateada infernal applicada pelas botas d'agua dos marinheiros, malhava-se estrepitosamente na bigorna, e das alturas das torrinhas viam-se apontados fóra dos peitoris enormes bancos—porque ao tempo não havia cadeiras nos camarotes, e quem as queria mandava-as ir de casa—emquanto vozes cavernosas, mas convictas, gritavam: Guarda debaixo! o que produziu um reboliço formidavel. Como na Eneida, o furor parecia prestar armas aos combatentes. D. Carlos Mascarenhas, com uma companhia da guarda municipal formada no salão, não ousava entrar para *limpar a sala,* e o capitão Barrote, de braços napoleonicamente cruzados, contemplava da galeria o campo da lucta. [1]

A empreza dava-se a perros para suffocar a rebellião, atè que, por fim, abriu fallencia, tomando então conta do theatro o conde de Farrobo, que era o fiador.

*
* *

Foi na empreza Farrobo que se deram as contendas entre *barilistas* e *boccabadistas*. A Barili detestava o Salema, capitão da guarda nacional e proprietario do

[1] Foi-nos referido por uma testemunha ocular.

pateo do Salema. Era um *boccabadista* intransigente. Tinha por costume entrar sempre quando a Barili cantava, e, como trazia botas altas e esporas, fazia enorme ruido, o que devéras irritava a cantora, a qual se desforçava chamando-lhe, irrisoriamente, *sargento di milicia*, e chegando a affirmar ao Vicente Corradini que, uma vez, perdia a cabeça e atirava com um candieiro da ribalta ao Salema. Uma noite garganteava ella em scena, quando Salema entrou na platéa fazendo ouvir as suas pesadas botas, como a Estatua do Commendador fazia soar seus talões de marmore no festim de D. João. A Barili deteve-se no meio da cavatina, e, apontando para o Salema, dirige-lhe a seguinte amabilidade: Sargento di milicia, sargento di m... O' nefario crime! Um *frisson* de indignação percorreu a espinha dorsal de cada um dos *boccabadistas*, que, voz em grita, pediam para alli a cabeça da offensora. A curto trecho se estabeleceu um cerco em regra ao theatro, afim de conseguir que a Barili cahisse sob o gladio vingador. Baldado empenho. Esta já estava a salvo, porque fugira por um alçapão que Vicente Corradini lhe abriu, e refugiára-se no palacio do conde de Farrobo, conservando-se oito dias sem apparecer em S. Carlos. [1]

Antonio Palha, irmão de Francisco Palha, e pae do actual lavrador José Palha Blanco, perdera n'essa refrega uma carteira recheiada de notas, cuja perda, *por causa d'aquella megera*, elle no dia seguinte lamentava, quando lhe foi restituida pelo honrado Manuel Machado, fiscal dos porteiros, que a encontrára na platéa entre os despojos do combate.

*

* *

A mesma graciosa titular — alma d'Eva, tendo por

[1] Este caso sensacional foi-nos contado por Manuel Machado.

vezes a terna melancholia d'um *quatuor* de Brahms — que já em 1838 se rendera á formosura fascinante de Coletti, não foi tambem insensivel á belleza e distincção de Tamberlick.

Amores rapidos como uma *fuga* de *Gluck*, mas nem por isso menos fundos...

Os maldizentes, esses infinitamente pequenos da humanidade, aproveitavam o ensejo para instillar o seu veneno mortifero como as injecções hypodermicas do *curare*, applicadas por uma seringa infinitessimal de Lancelot.

A empreza chegou a quebrar a escriptura com Tamberlick; o marquez de Niza, porém, com as suas continuas pateadas, obrigou a a reconduzil-o. Recebia aqui doze mil francos, e foi em seguida para Madrid receber noventa mil. Quando em 1878 voltou a Lisboa para vêr se reencontrava os *bravos* da sua mocidade, em que mais d'uma bella lhe déra o seu amor, encontrou tão sómente a gélida indifferença. Abraçado a um amigo, que ainda vive, dizia elle:

— Ah! meu caro M., o que fui e o que sou...

Havendo ganho milhões com a sua garganta de prata, tudo dispendeu nos amores, nas tonterias e *calaveradas*.

Vicente Corradini, que por esses tempos exerceu papel saliente em S. Carlos, já como emprezario, já como director, por cá ficou, morrendo no terceiro andar da casa onde se encontra a tabacaria Dias, do Chiado [1], e legando a fortuna a sua mulher, a dançarina Beppina, tambem já fallecida, e cujo testamento teve uma nota picante como um grão de mostarda — deixou oito vintens por dia ao seu *king-charles*.

---

[1] Agora armazem de Ramiro Leão.

*

* *

A cantora mais festejada na epoca de 1843-1846 foi a Rossi Caccia. Casara com o esculptor Caccia.

A *Norma* constituiu uma das suas coroas. Logo na noite da estreia lhe dedicaram uma ode, á moda do tempo, que começava assim:

Rossi divina,
Deusa do canto.
Quando te ourimos
Dás-nos encanto.

E terminava:

Que dure o encanto
Permitta Jove,
Pois que del cias
Ella nos move.

A Rossi Caccia tomou parte no baile-sarau dado em 29 de Março de 1845 no *hotel Peninsular*, que estava estabelecido no palacio Ferreira Pinto, ao largo das Duas Egrejas. Além da Rossi-Caccia cantaram o Tamberlick e o Sarmattei. Esta festa deu se em beneficio dos emigrados de Torres Novas e d'Almeida. Garrett dedicou áquella cantora uma poesia, que alli foi distribuida.

Rossi-Caccia despediu-se do publico lisbonense por meio d'uma carta tocante, publicada na *Revolução de Setembro* de 27 de Maio de 1845.

*

* *

Em 1843 cantou-se o *Stabat Mater* de Rossini pela Boldrini e a Perelli. Uma noite, esta ultima apanhou pateada de tal ordem, que obrigou o governador civil a fallar ao publico, e D. Carlos Mascarenhas a ir com um troço de municipaes á porta do camarim para a

guardarem das iras dos pateantes. Mas o marquez de Niza preparou, na noite immediata, outra pateada á Boldrini, como desforra, e com o fim de captar a sympathia da cantora Perelli, que era bonita.

Afinal o *Stabat Mater* foi retirado.

A Perelli esteve para ser raptada pelo marquez de Niza, que havia peitado o bolieiro, mas foi avisada e salvou-se da arriosca.

*

* *

Os dançarinos Mabille estiveram aqui em 1845. Foram elles que trouxeram a *polka*.[1] A Mabille era ingleza, e, antes do seu casamento com mr. Mabille, chamava-se mrs. Maywood. N'uma noite de fevereiro, depois do espectaculo em que bailaram um applaudido *pas-de deux*, Madame Augusta Mabille fugiu com um artista do theatro. O marido, conscio de que a mulher abusava da sua ligeireza de dançarina, requereu, por intermedio do consul francez, a separação de pessoas. Mas, *al fin y al cabo*, tudo se arranjou, e continuaram a polkar juntos em S. Carlos.

*

* *

A cantora Jenny Olivier, escripturada em 1844, era baroneza de Montebello em França. Seu marido envol-

---

[1] *O Real Theatro de S. Carlos*. F. da Fonseca Benevides.

A polka deu uma nova *nuance* aos caprichos da moda. Usou-se uma fazenda para calças chamada *polkina*, appareceram as quinzenas *á polka*, as bengalas *á polka*, e os homens do povo usaram umas jaquetas *á polka*, que tinham um S desenhado por botões brancos nas mangas. Até houve um jornal *A Polka*, cujo primeiro numero dizia que tomara esse nome, porque elle cahira em graça e se dava a tudo que era moda. A polka deu tudo isto, como a tomada de Constantina deu uma dança equestre, o bombardeamento de Mogador as gravatas á Joinville, a revolução de 1848 as luvas á Lamartine, e a Maria da Fonte os chapéus á Patuléa.

vera-se na politica durante a revolução de julho, e arruinara-se. Quando enviuvou, viu-se constrangida a seguir a carreira lyrica para manter os filhos.

Na epocha em que a Olivier esteve em S. Carlos, a empreza tinha tambem o theatro de S. João, do Porto. Por tal motivo os cantores eram obrigados a cantar egualmente n'esta cidade. A Olivier, porém, não desejava partir... talvez por se ter agarrado ao marquez de Niza como Valentina se agarra ao Raul nos *Huguenotes*. E vae então, o marquez cortou o nó gordio... sem ter, como Alexandre, de desembainhar a espada.

A Olivier morava na hospedaria da rua Nova do Carmo, estabelecida na mesma casa onde está o hotel *Europe*. A empreza, desconfiando que alguma coisa se tramava de concerto com o marquez, mandou collocar uma sentinella á porta da rua a fim de impedir a fuga da cantora.

O Niza, o seu amigo Thiago Horta (que foi ministro das obras publicas) e Manuel Machado (que foi emprezario do Gymnasio) conseguiram levar-lhe um fardamento d'aspirante de marinha para se disfarçar e poder voar para *la libertà, la libertà*, como se canta na *Carmen*. O Machado levou uma cabelleira loira escondida debaixo do casaco.

N'aquelle *travesti*, bengala na mão, charuto petulantemente entalado entre os labios, poude, d'est'arte, illudir a vigilancia do Cerbero, e, pisando airosa rua Nova do Carmo abaixo, chegou á rua do Principe, onde a aguardava a sege do afamado batedor *Mulato*. *Fouette, cocher!* E partiram para Cintra a fim de continuarem a arrulhar, mas, agora, á sombra dos platanos.

E' geralmente sabido que o marquez de Niza praticou varias proezas d'esta ordem. A sua audacia decotada e extra-ligeira assemelhava se áquella *Perrette* de La Fontaine:

Légère et court vêtue, elle allait à grands pas,
Ayant mis ce jour là pour être plus agile,
Cotillon simple et souliers plats.

Uma das mulheres que elle raptou foi a filha de Mr. Menay ou Mesnaie, que em 1855 exhibia uma phoca ou tigre marinho na rua Nova do Carmo,

Essa catita moça foi gualdripada n'uma sege, cujo auriga era o conde de Vimioso. Mas o que pouquissimos sabem é que a filha de Mr. Menay ainda está em Lisboa. Os seus cabellos embranqueceram, o brilho dos seus olhos de pervinca embaciou, e a Menay passa os ultimos annos da existencia ao balcão d'uma loja. Teve o mesmo destino da companheira de Murger, que não morreu phtysica, como era sua obrigação de *grisette* e de romantica, mas que viveu muito burguezmente n'um armazem de *bric à brac*, que foi visitado por Alexandre Dumas e pela actriz Réjane, segundo affirmava ha pouco tempo um jornalista parisiense no *Gil Blas*. [1]

Ao sopro gelado da critica investigadora vão-se desfazendo as lendas, despoetisando as tradições. Tambem não ha muito ainda que Charles Toubin (*Souvenirs d'un Septuagénaire*) dizia que a mulata Jeanne Duval, tão adorada de Baudelaire, o enganava vilmente com um barbeiro, e que a sublime Elvira, de Lamartine, era simplesmente Madame Charles, casada com um physico profissional, outr'ora aeronauta nas horas vagas. Um outro escabichador apurou que Graziella, a flôr melancholica de Sorrento, em honra da qual o poeta pulsou as cordas d'oiro da sua lyra, não passava de ser uma operaria de fabrica napolitana, uma Carmen menos perfida que a da opera de Bizet; e que a Marion que Musset pintou no *Rolla*, fragil e loira como todas as suas heroinas, era uma infeliz que o poeta encontrara n'um lupanar, e de quem fôra amante em melhores tempos.

A Menay não teve a dita de cahir nos braços d'um vate que a idealisasse, polindo estancias em seu louvor, que enfileirasse rimas sonoras para lhe sublimar

---

[1] Em Novembro de 1897.

as graças, ou que apertasse a sua gentil figurinha no ferreo espartilho do soneto. Para ella só houve a prosa rasa e grosseira da vida.

*

* *

As ephemerides do anno de 1849 assignalam um facto notavel na vida lisbonense. Foi a illuminação a gaz no theatro de S. Carlos.

A companhia do gaz adquirira o privilegio da illuminação publica e particular por decreto de 3 de maio de 1846, e alvará de 13 do dito mez e anno. A illuminação publica, que por decreto de 19 de abril de 1834 fôra incumbida á camara municipal, passou á companhia por decreto de 10 de março de 1847. Um dos primeiros estabelecimentos que illuminaram a gaz foi o Marrare do Chiado. Mas só em 1849 é que se illuminou por esse modo o Rocio e o theatro de S. Carlos. Lopes de Mendonça festejava a nova illuminação do theatro no folhetim da *Revolução de Setembro* de 27 de outubro de 1849, e dizia:

«Esperamos com alvoroço a apparição do gaz. E' uma grande revolução que se vae fazer nos usos e costumes do theatro.

O gaz significa uma transformação elegante: é a desapparição do chaile, o desterro do lencinho pudicamente inclinado sobre a face, o descobridor implacavel dos segredos da *toilette*, o inimigo do *cold-cream*, do branco de baleia, do vermelhão, e de tantos outros cosmeticos, que alimentam as bellezas decadentes, e as formosuras ameaçadas d'abdicação forçada. Abençoada companhia do gaz, que não descança de propagar essa luz maravilhosa, e de matar illusões importunas e falsificações flagrantes.»

Hoje somos muito mais difficeis de contentar. Acha-

mos icterica a propria luz Auer, que, jorrando das lojas, se espalha em claridades louras pelos mosaicos sujos do Chiado; quasi achamos insufficiente a luz electrica, estendendo-se em toalhas azuladas, de tons crepusculares e estranhos, ou em ondulações côr de rosa fanada sobre os betumes monotonos da Avenida.

*

* *

A Gresti despertou enthusiasmo durante a epocha de 1849-1850. Uma noite, cantando a *Linda*, os officiaes das fragatas russas que estavam no Tejo presentearam n'a com uma pulseira de brilhantes; e, no dia immediato, offereceram um jantar á companhia.

Era a Gresti que o Taborda parodiava no *Ensaio da Norma*.

Em 1849 tambem fizeram furor as dançarinas Moreno e King, sobre tudo no bailado *A Paquita*. A ingleza King foi muito festejada no seu beneficio. Houve, comtudo, uma nota discordante — alguem lhe atirou com... uma couve flôr.

*

* *

Em 1851, Lisboa andava de cabeça no ar por causa da Stoltz e da Novello. Foi um delirio! Nos botequins como na imprensa, nas ruas como nas salas, nos estancos como nos toucadores, discutia-se o merito das duas cantoras. As damas da sociedade não foram as menos enthusiastas n'esta contenda, em que se empenhavam os partidistas das duas divas. Chegaram-se a crear intimas relações d'amizade e a estabelecer insanaveis incompatibilidades pessoaes pelas influencias do

contralto e do soprano. A tinta preta com que os jornalistas escreviam as suas criticas musicaes chegou a tornar-se vermelha... d'enthusiasmo.

Um poeta satyrico escreveu o poema burlesco *A Novellada* e a parodia *O Chinello da Cantora*, que se representou no Gymnasio, e na qual o Taborda parodiava a Stoltz e o actor Moniz parodiava a Novello. O sr. Antonio de Serpa e Latino Coelho esgrimiram brilhantemente na *Semana* e no *Pharol*, defendendo cada qual a cantora que lhe cahira em graça.

E este recontro litterario constituiu um dos episodios mais interessantes do segundo periodo do romantismo em Portugal.

A Stoltz recebeu uma esplendida corôa, tendo nas fitas, bordados, os nomes de muitas damas da primeira sociedade. A Novello recebeu um album com pinturas e desenhos calligraphicos de Godinho, e com mais de duzentas assignaturas de senhoras e de trezentas d'admiradores.

Os partidistas das duas divas applaudiam ou pateavam, n'uma alta tessitura de enthusiasmo, segundo cantava a dama que respectivamente defendiam ou a que combatiam. Stoltz, porém, não escondia o seu despeito. Certa noite, quando parte do publico applaudia a Novello, a Stoltz soltou uma gargalhada e cuspiu para o lado.

Julio Cesar Machado dizia ha annos, n'um dos seus folhetins do *Diario de Noticias*, qual a razão porque uns preferiram a Stoltz e outros a Novello: — «Não queriam uns senão a Stoltz e as suas posições academicas, admirando-a quando cantava, quando recitava, quando se calava, quando entrava em scena, quando sahia para os bastidores, quando sobraçava a chlamyde... Outros admiravam na Novello o soprano, e no soprano o amor, o gorgeio mavioso das aves, Venus rescendente d'aromas... Este ao soprano chamava pomba. Aquelle ao contralto chamava-lhe aguia.»

Rosina Stoltz foi princeza duas vezes, porque casou

com dois principes, do ultimo dos quaes tambem enviuvou.[1]

Conta Mr. de Boigne no seu livro *Petits Mémoires Secrets de l'Opéra* que foi devido á Stoltz que o maestro Donizetti endoideceu. No quinto acto da opera *Dom Sebastião* havia uma barcarolla, *Pescadores da margem*. N'um ensaio da peça, Baroilhet, que cantava a segunda estrophe, provocou uma tempestade de applausos do auditorio. A Stoltz, sua *partenaire*, encavacou com a graça, e, como toda poderosa que era, fez supprimir a segunda estrophe. Donizetti sahiu furioso do ensaio, as pernas vacillavam-lhe, e, se os seus amigos o não amparam, de certo cahiria no chão.

O maestro acabava de ser atacado pela primeira d'essas vertigens, que nunca mais o abandonaram senão para cederem logar á loucura. Póde-se, pois, affirmar que a Stoltz apressou, sem querer, o fim prematuro do auctor da *Lucia*. E' caso para mais uma vez repetir—*cherchez la femme*.

* * *

Na epocha de 1853-1854, a Castellan produziu enthusiasmo. Dois annos depois defrontava-se com a Alboni n'este mesmo palco.

Que tempo!... Recordar o pristino brilhantismo de S. Carlos, era evocar o tempo aureo em que o Farrobo occupava o coronal da elegancia, era relembrar essa pleiade irrequieta, que espalhava o escandalo e a celebridade no meio d'uma sociedade comatosa apoz as grandes luctas, era fazer reviver pela imaginativa, como n'uma projecção de lanterna magica, a sala illu-

---

[1] A Stoltz conta agora 83 annos d'edade, e vive nos arrabaldes de Paris. Foi princeza de Lusignano e de Godoi, e ainda usa o titulo de condessa de Ketschendorf.

minada, a platéa dando uma britannica impressão negra e branca, empavezada de camelias, os camarotes onde os leques palpitavam como borboletas abrindo e fechando o pequeno caderno delicado das suas azas: n'uma friza as Fronteiras, n'outra as Wanzelleres, n'outra as Kruzes, n'outra ainda o irrequieto José Vaz de Carvalho; na superior o José Carlós *poeta*, o Antonio da Cunha, D. João e D. Antonio de Menezes, Sant'Anna e Vasconcellos, D. João d'Azevedo, D. José Coutinho, o Talone, o Fradesso da Silveira, apaixonado admirador da Sannazarro, o Lima da Cardiga...

Tempo em que as pateadas formidolosas da *jeunesse dorée* obrigavam a quebrar os bancos da platéa, a fallar o inspector da friza da administração e a entrar na sala o D. Carlos Mascarenhas acolytado pelos janizaros da municipal. Que tempo!...

José Vaz de Carvalho, pae da grande escriptora sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, chegou, uma noite, d'uma friza de S. Carlos, a desafiar a platéa inteira, por causa d'uma dançarina [1]. José Vaz morreu prematuramente, e, semelhante a Judas Machabeu, cahiu envolto nos proprios triumphos.

Aquella geração d'elegantes estouvados, em torno da qual se congregavam os amores como em torno d'um magnete se accumula a limalha de ferro, parece que ia para S. Carlos ensaiar as artes athleticas ao compasso da batuta do maestro, como na antiguidade classica o grande Cicero ensaiava a arte oratoria ao compasso harmonioso das ondas do Pireo.

Que nos resta agora d'essa sociedade cortezã sem doblez, tão zelante do bom renome, sociedade que imprimia á vida elegante do tempo o alegre movimento d'uma bacchanal perfumada, que cumpria a preceito os decretos da Moda, caprichosa deusa que tem por sceptro um leque?

---

[1] *Os Excentricos do meu tempo*. L. A. Palmeirim.

Na antiga Via Appia, pela qual redemoinhava até á porta Capenna toda a hellenisada elegancia romana, desde o magistrado envolto no *paludamento* até á cortezã guiando os fogosos corceis dos seus carros de prata cinzelada, via-se gravada n'um tumulo a palavra *Nihil*, emquanto outro inscrevia a palavra *Umbra*. Tambem poderiamos dizer que, o que nos resta da sociedade d'aquelles tempos, é *Sombra* ou... *Nada*.

* * *

As luctas lyricas por causa da Alboni e da Castellan foram notaveis, posto que não tanto como as provocadas pela Stoltz e pela Novello.

Anaide Castellan tinha presença agradavel, insinuante, e possuia uma finissima educação. A Alboni era uma rapariga formosa, gorda, *une forte femme aux puissantes mamelles*, como a Liberdade dos jambos d'Augusto Barbier.

A pugna lyrica deu logar a uma pequena exploração commercial. Nas lojas do Chiado vendiam-se lenços tendo uns o retrato da Alboni e o rondó da *Cenerentola* [1], e outros o retrato da Castellan e a cavatina do *Trovador*. Além d'isto, e como justo commentario ás bulhas do theatro lyrico, appareceu um pamphleto theatral intitulado *Rilhafolles em S. Carlos*.

O beneficio da Alboni foi ruidosissimo. N'essa noite, os seus admiradores, á frente dos quaes iam José Palha e o alto Pézerat, acompanharam-n'a a casa, promovendo-lhe uma enthusiastica manifestação. Alcatifaram-lhe o passeio com as casacas, que ella pisou quando

[1] A *Cenerentola* pertencia á primeira maneira de Rossini. Foi na *Zelmira* que elle principiou a desenhar a sua transformação d'estylo. Em pag. 101 referimo-nos a esta opera, que, por lapso de revisão, sahiu *Zulmira*.

sahiu da carruagem. A Alboni veiu depois a uma janella (no 1.º andar do predio que torneja da rua de S. Roque para o largo da Trindade) para agradecer esta manifestação carinhosa. Mas no momento em que agitava o lenço branco — o conhecido lenço branco de todas as cantoras — este cahiu-lhe á rua. Os seus partidarios apanharam-n'o, e, reunindo se depois no *Marrare de polimento,* procederam á incineração d'esse pedacito de cambraia, cujas cinzas foram distribuidas por todos elles, e bebidas, com a maxima etiqueta formalista, em copos de Champagne.

A Alboni foi bastante obsequiada. Muitos dos seus fanaticos admiradores offereceram-lhe uma ceia no Club Lisbonense, ao Carmo, ceia que foi presidida pelo marquez de Vianna, e manipulada pelo famoso João da Matta.

A Castellan tambem foi muito festejada na sua festa artistica. Cada camarote de S. Carlos tinha exteriormente um busto da cantora tendo uma corôa com o distico: *Os portuguezes a Madame Castellan.* Durante a noite recebeu quarenta e seis corôas. Foi conduzida a casa na carruagem da duqueza de Palmella, que, na noite de 24 de Abril de 1855, lhe offereceu um baile no palacio do Calhariz.

A esse baile compareceram: a infanta D. Anna, as viscondessas de Tavarêde e Charruada, a bella e espirituosa D. Amalia Cantagallo, a viscondessa da Luz, etc. Faziam relêvo as *toilettes* da Casal Ribeiro, e da D. Maria Kruz.

Durante a noite, a Castellan conservou-se sempre á direita da duqueza de Palmella.

No beneficio da Castellan houve uma nota discordante. Alguem atirou para a plateia uns versos offensivos da cantora. Partiram, sem duvida, dos *albonistas,* que não estavam com meias medidas, com reticencias, as discretas reticencias, que á maneira do latim, *bravent l'honnêteté.*

Os versos diziam assim:

OS BUSTOS

O trabalho dos humanos
A perfeição não comporta;
Não se parecem com ella,
Não têm a cabeça torta.

O busto da grande artista
E' uma obra peregrina;
E' verdade que não canta,
Mas tambem não desafina.

Havia outros que diziam:

Entre os caixeiros da Baixa
Nota-se grande bulicio;
Preparam-se festas d'escacha
Para certo beneficio.

Ajuntaram-se em congresso
Quarenta Castellanistas,
Um pede monos de gesso,
Outro quer fogo de vistas.

Mas de tantas pêças estas,
Um só bem o caso pôz:
«Se em vez de lh'arranjar festas
Nós lhe arranjassemos voz?»

Passados quatro dias, em 27 d'Abril, os *albonistas* pespegaram uma tremenda pateada á Castellan. O Lima, administrador do bairro, fez prender tres pateantes. O jornal *O Peneireiro* gazetilhava assim o caso:

O Lima não é macio;
Quem romper a pateada
Contra a Castellan fanada,
Que é crime de lesa Lima,
Caem-lhe os guitas em cima.

Em 7 de fevereiro de 1855 houvera concerto no paço das Necessidades, no qual El-Rei D. Fernando e

a Alboni cantaram um duetto, a Ozeroff e D. Fernando outro duetto, Bartolini e Miraglia algumas arias, e tocou o rabequista Sá de Noronha, auctor do *Arco de Sant'Anna*. El Rei presenteou a Alboni com uma pulseira de perolas e brilhantes do valor de seiscentos mil réis.

Tambem houve uma *soirée* no Paço, em que tomaram parte a Alboni, a Castellan, o Bartolini, o celebre rabequista Sivori, e o pianista Daddi. A Castellan foi cantar n'uma festividade religiosa na egreja da Encarnação, sendo acompanhada pelo conde de Farrobo e outros socios da Academia Phylarmonica.

A Alboni tinha por costume comer muito, sobretudo o bello macarrão á italiana. Mas nos dias em que cantava submettia-se ao regimen dietetico da canja de gallinha.

Pelo menos era assim que ella praticava em Lisboa, conforme nos contou Manuel Machado, que então desempenhava o logar de fiscal dos porteiros de S. Carlos, e que deveu alguns obsequios á grande cantora.

A respeito da Alboni conta-se a anedocta seguinte. Quando esteve em Genova, cremos que no principio da sua carreira, deu ahi um concerto. Como então era de uso na Italia, a beneficiada estava á porta da sala, junto a uma salva de prata, onde os concorrentes deitavam as suas offertas. Choviam moedas d'oiro, as senhoras lançaram algumas joias, e Silvio Pellico, o prisioneiro philosopho, deitou um soneto. Entrou um embuçado alto que deitou alguns escudos d'oiro, ajuntando um annel do mesmo metal para testemunhar a sua sympathia pela bella musica.

O mysterioso personagem era Carlos Alberto, rei do Piemonte e da Sardenha. Este renunciou depois as duas corôas, mas aquella conservou religiosamente o annel do concerto de Genova.

A Alboni morreu em Paris, e foi sepultada no cemiterio do *Père-Lachaise*. Perto do seu tumulo levantou-se agora (1897) o tumulo da Miolan Carvalho, devido

ao cinzel d'Antonin Mercié, que figurou a cantora na oração suprema da Gretchen no *Fausto*.

As prendas que a Alboni recebeu durante a sua carreira artistica existem no museu Carnavalet, em Paris. Ahi apparecem muitos objectos que lhe offereceram em Lisboa: poesias impressas em papel, em madeira e em seda; uma riquissima fita malva com franja d'oiro, tendo este distico: *Pensez souvent aux Portugais;* uma fita carmesim, que talvez pertencesse a uma corôa, com a inscripção: *Offerte á madame Alboni par mr. Esteves Costa;* um lenço de setim azul com dedicatoria impressa a oiro na typographia do Theatro, etc. (*Diario de Noticias*, 10 de julho de 1897.)

Se quizessemos estabelecer approximações, diriamos que a campanha entre *Albonistas* e *Castellanistas* teve, modernamente, um *simile* na guerra travada entre *Pasquistas* e *Reskistas*, a ultima guerra que os fastos de S. Carlos registam. A Castellan, como a De-Reské, teve a protecção do *haut gratin*, a popularidade elegante. A Alboni, como a Pasqua, teve a admiração incondicional do grande publico anonymo, d'aquelle que, lá das alturas do *gallinheiro*, decreta o Capitolio ou a Rocha Tarpeia aos cantores e aos comediantes.

* *

Saint-Léon, o mais notavel de todos os bailarinos que teem vindo a S. Carlos, casára com a bailarina Cerrito, de quem depois se separou. N'elle admirava-se, principalmente, a nitidez dos seus *entrechats*, e a propriedade das suas posições nos differentes estylos: heroico, como no *Duende*, meio caracter, como no *Saltarello*, e comico, como na *Polkomania*.

Lisereux e Fleury eram duas flôres animadas, que, no vôo das saias brancas como espuma de cerveja, nos turbilhões insensatos dos bailados, no virtuosismo das piruetas, rasgavam gentilmente a bruma luminosa do

gaz da ribalta e das gambiarras. Constituiam os pontos de convergencia das linhas visuaes, que partiam de todos os binoculos gulosamente assestados. Lequine agradava mais nas danças de meio caracter; Lelie Navarre attrahia as attenções no *Scotch Reel;* Marmet interessava pela linha ondulosa da sua elegancia e pela franqueza de movimentos.

O apparecimento das duas primeiras determinou a formação de dois partidos, que se degladiaram na platéa de S. Carlos. O partido da Fleury tinha á sua frente D. João de Menezes, a mais brilhante figura do dandysmo da epocha, o mais perfeito typo do valor aristocratico e elegante, a mais genuina personificação do antigo fidalgo, que o verso camoneano synthetisou em quatro palavras:

Liberal, cavalleiro e namorado!

O partido da Lisereux compunha-se de Gomes Fontoura, Rodrigo Paganino, doutor Avellar, Gonçalves (talentoso quartanista da Escola Medica, fallecido prematuramente) que capitaneava um grupo d'estudantes de medicina, e ainda alguns outros enthusiastas, todos elles mortos já.

Mas a primeira bailarina supplantava a segunda. Fleury! Este nome curto, doce, euphonico, sôa como os accordes perdidos d'uma flauta de crystal ou como as notas tremulas d'um clarim de prata, tem o aroma enervante d'um *bonbon* fundente ou d'um sopro de leque aristocratico. Tinha obrigação de pertencer a uma rapariga alegre como uma levandisca, leve como um sonho de bambino, galharda como essas cidadãs da Revolução que atiravam a sua touca por cima da guilhotina com a mesma facilidade com que a atiravam por cima dos moinhos.

Lisereux veio a casar com um segundo bailarino da companhia do Saint-Léon. Fleury, a quem o amor ficava tão bem como o *maillot* de seda, mereceu sempre as homenagens galantes do seu eximio mestre... o

que a não impedia de dar o seu passeio furtivo a Cythera.

Saint-Léon era um violinista notabilissimo, e dispunha d'um talento choreographico de primeira ordem. Foi elle quem deu todas as indicações a Léo Delibes para o grande bailado *Coppélia*, considerado uma obra prima no genero.

Este famigerado bailarino compoz em Lisboa, em dois dias, a sua dança *Polkomania*. Estava-se proximo do carnaval, e o emprezario pedira-lhe um bailado proprio para a epocha. Saint Léon ensaiava, um dia, no palco, e, como de costume, sentára-se n'uma cadeira com as costas voltadas para a sala, e encostado ao seu bengalão. De repente dá uma pancada com o bengalão, e tudo parou: corpo de baile e orchestra, que era dirigida pelo Freitas rabequista. Saint-Léon ouvira vagamente os sons d'uma banda militar, que ia passando pelo Chiado. Apanhou os compassos que lhe chegavam aos ouvidos, e sobre elles escreveu immediatamente a sua *Polkomania*, que fez epocha.

Saint-Léon ainda tornou a S. Carlos, fazendo-se acompanhar da bailarina hespanhola Palmyra Andrew, que depois casou com um conde francez, um dos fundadores do Credito Movel que esteve estabelecido no palacio Ferreira Pinto, ao Loreto. Quem substituiu o Saint-Léon foi o Montplaisir, o qual pouco trabalhou aqui, porque uma doença grave o fez recolher a um quarto particular do hospital de S. José, valendo-lhe por essa occasião o animo generosissimo do sr. D. João de Menezes. A Palmyra voltára novamente com o Montplaisir, mas pouquissimo brilhou, porque lhe faltava o seu eminente professor d'outros tempos.

*

* *

A gentilissima Bernardi fez as delicias dos olhos dos *dilettanti* em 1858. O seu beneficio em S. Carlos (o seu primeiro beneficio de prima-donna) teve as honras do

extraordinario. A commissão promotora da festa compunha se de Silva Tullio, José Horta e Freitas Jacome.

A Bernardi teve poesias de Castilho, Xavier Cordeiro, Julio de Castilho, Mendes Leal e João d'Aboim. Mendes Leal dizia-lhe nos seus versos:

Est-ce un ange du ciel, par le ciel envoyé,
Ou la belle Venus? C'est Bernardi la belle,
Que comme elle ravît, et qui perte comme elle
L'image de l'amour aux bras de la beauté!

No numero das mais formosas damas que pisaram o palco de S. Carlos contam-se ainda: a Sannazarro, a Lotti, a Cellini, a Ferrucci, cuja belleza peregrina e cujos braços, que se poderiam collar á Venus de Milo, não impediram que fôsse pateada no *D. João*, e a Cortesi, cujos olhos magnificos tambem não obstaram a que soffresse a mesma desfeita no *Baile de Mascaras*.

*

* *

Em 1858 as dançarinas Bellini e Pitteri deram azo a uma nova guerra do alecrim e da mangerona. O marido da Tedesco tinha um fraco pela Pitteri. A Bellini, sem ser bonita, era elegante e agil. Parecia ter collado aos calcanhares as azas com que a Taglioni erguia vôo até aos céos... das bambolinas. Praticava verdadeiros *tours de force* dançantes, percorria todo o palco nas pontas dos pés, os seus passos eram graciosos e bem acabados. Tornava-se notavel no *ballonè*.

A Pitteri teve um beneficio estrondoso, com versos de Mendes Leal e de Bulhão Pato. Os de Mendes Leal diziam:

Regardez! Regardez! C'est elle!
Au feu brûlant de sa prunelle
La gloire allume son flambeau,
Lorsqu'elle passe, fraîche éclose,
Le teint vermeil comme une rose,
Le pied léger comme un oiseau!

Impellido, quiçá, pelo mesmo amor, que, nas epochas archaicas, se consagrava á dança, em que era considerada um culto e uma ceremonia, Marciano d'Azevedo, cujo pseudonymo era *Aprigio Fafes*, constituiu-se apaixonado admirador da Bellini, e não poucas lanças quebrou em sua defeza na estacada do folhetim do jornal satyrico *O Asmodeu*, o mesmo que tanto fez suar o topete ao commissario regio do theatro lyrico, D. Pedro de Menezes Brito do Rio.

Quando ella regressou a Italia, elle, com o coração em festa, seguiu a, e lá morreu.

Foi n'este anno que, em consequencia da pateada que deram á opera *Pelayo*, prohibiram a entrada na plateia, durante oito dias, ao sr. D. João de Menezes, ao Pézerat, filho do engenheiro Pézerat, ao Dias *Trinta Patacos*, e ao Campos Valdez. Podiam, no entretanto, entrar nos corredores e camarotes. Por fim houve uma transacção entre a empreza e os pateantes, e a opera não tornou á scena.

*

* *

A Tedesco! O enthusiasmo por esta cantora tocou os lindes do delirio, foi um enthusiasmo a grande orchestra. Campos Valdez, Freitas Jacome e o maestro Lami contavam se no numero dos seus mais fanaticos adoradores. Os nossos mais inspirados poetas trouxeram a sua homenagem de rimas ao altar da deusa, quando ella realisou a festa artistica em 1859. Mendes Leal saudava-lhe o sublime talento artistico:

Eil-a a Fidès inspirada,
A Eleonora apaixonada,
A patriotica Helena!
A sala immensa é pequena
A' turba que absorta a admira;
E a musa, a quem ella inspira,
Esquece, sómente ao vêl a,
Os seus cantos pelos d'ella,
Encostando o braço á lyra.

Castilho dizia-lhe nos seus versos:

A mulher que é soberana
Põe ufana
Uma c'roa e está feliz;
Tu já calcas sob as plantas
C'roas tantas...
Que de as vêr já te sorris.

A Tedesco voltou a Lisboa, e quando fez o seu beneficio, em 1860, chegaram se a vender bilhetes de plateia a libra esterlina, e o banqueiro hespanhol Salamanca offereceu trinta libras por um camarote.

A Tedesco tinha um caracter muito auctoritario. Dizia que no theatro em que estivesse quem mandava era ella.

*
* *

Marcellina Lotti teve o que os francezes chamam *um successo d'estima*. Captivou as sympathias de todos. Alta, formas esbeltas, rosto d'uma suavidade angelical, olhar doce, acariciador, pescoço de raça, eram os principaes caracteristicos da sua belleza.

Era uma figura que faria sonhar nas bellas descriptas pelos mais epidermicos romancistas, nas mulheres de qualidade preciosa e graça aristocratica eternisadas pelo pastellista La Tour, na magestade soberana das Lamballe e das Polignac, nos cabellos empoados realçando physionomias onde os lunares postiços destacavam sobre o Iris de Florença como moscas cahidas em leite, nos *corsages* á Delphina ponteagudos por deante e por detraz para darem amplidão aos donaires, nas dolencias requebradas do minuete e da pavana, nas zumbaias cortezanescas reflectidas pelos espelhos de Versailles e do Trianon.

Se a Lotti vivera no grande seculo, o abbade Bernis moldurava-a n'uma mellica poesia *pompadour*, o petimêtre Dorat envolvia-a no setim perola d'um ma-

drigal, o vinhetista Eisen desenhava a com amor, Constou moldava-lhe a magestade n'essa materia dura, fria e nobre—o marmore.

Os *lottistas* acompanharam a Lotti a sua casa na noite do seu beneficio. A diva, envolta no *bournous* branco e de capuz na cabeça, veio á janella e agradeceu, acenando com o classico lencinho branco das cantoras applaudidas, esse lencinho precioso que, nos momentos hypercriticos da despedida, ellas agitam como quem envia um saudoso adeus.

A generosidade da Lotti e a de seu marido deixaram fama entre os antigos empregados do theatro.

*

* *

Adelaide Borghi Mamo, as irmãs Marchisios, feias de cara e bonitas de voz, a Rey-Balla, que teve um apaixonado admirador no marquez de Castello-Melhor, passaram como meteoros fugazes por S. Carlos.

Mongini marca uma das epochas mais brilhantes d'este theatro. Era elegante, sympathico, bem posto.

Morou no segundo andar do predio que faz esquina para a rua Nova da Trindade e largo das Duas Egrejas, por cima da actual ourivesaria Leitão.

Na noite do seu ultimo beneficio em Lisboa, o Ferreirinha da Regua offereceu lhe doze garrafas de vinho do Porto que tinha cincoenta annos de engarrafado.

Mongini deu uma d'ellas ao sr. Candido Augusto da Silva, antigo guarda-roupa de S. Carlos, que ainda conserva intacta essa recordação do seu bom amigo.

Por occasião do fallecimento de Mongini escreveu Julio Machado: — «Quando encontrava uma voz de cantora, que fosse ao mesmo tempo uma alma d'artista, a grande Borghi sobre todas no *Othello*, e depois a Rey Balla nos *Huguenottes*, estabelecia-se em lucta, brilhava mais que nunca pela ancia do talento, pela

flor de sensibilidade, pelos prodigios vocaes... Era um tenor d'excepção. Dotara-o a natureza para a figuração do theatro com as tres cordas do grande coração do Dante, a poesia, a politica e o amor — cantava com egual superioridade o *Trovador*, o *Guilherme Tell*, e a *bell'alma* da *Lucia* [1].»

A vida de Mongini teve um desenlace triste e inopinado como o que termina, sobre uma nota terrorista, o *D. João* de Mozart, depois do *coquetage* de Zerlina — morreu repentinamente d'uma lesão cardiaca, de que já se queixava em Lisboa.

E do glorioso tenor apenas ficou a fama perduravel do seu canto, e um trissylabo gravado sobre a pedra tumular...

*

* *

A Volpini que, com a Rey-Balla, o Mongini e o Junca, brilhava nos *Huguenotes*, foi uma deliciosa Margarida do *Fausto*, uma Margarida merecedora de ser amada, mais do que pelo Fausto... pelo dilettantismo da superior. Foi a Margarida do poema, a heroina que surge na musica de Gounod como uma apparição aerea nas vaporisações do luar germanico, a virginal loira phantasiada por Goethe e pintada por Delacroix, a fragil creatura que vinha do paiz das balladas e dos sonhos côr de rosa,

Une vierge en or fin de légende allemande.

A Volpini era casada, e teve aqui uma filha — a Rosina.

*

* *

O S. Carlos das tradições e das memorias contou

[1] *Diario de Noticias*. 21 Maio, 1874.

um harpista notabilissimo — Galeazzo Fontana. Surprehendente nos solos, era na *Lucia* que mais primorosamente desempenhava a sua arte, com uma execução portentosa, um sentimento penetrante, uma delicadeza inexcedivel.

Sonhador, enlevando-se no culto do ideal, physionomia marcada pelo estygmata da tristeza, cabeça formosa onde parecia rutilar, sobreposto como n'uma thiara, o triplice diadema do talento artistico, do trabalho e da honradez, d'elle escreveu Julio Cesar Machado: «Havia na execução de Galeazzo Fontana uma intensidade de dor, uma inquietação ardente e febril, que fazia lembrar a tristeza de Lara, de René ou de Eurico, na poesia: como que a expressão de uma alma ferida.»

Embora esperto, foi infeliz nos negocios, porque, bem como na diplomacia, no amor e na guerra, no commercio a primeira qualidade é ser feliz: ser habil é pura e simplesmente um merecimento.

Em 1875, Fontana cahia exangue aos pés da sombria deusa, que se chama a Venus Libitina...

*
* *

O desenrolar dos annos, mudou tudo em S. Carlos. Com o advento da mediocracia substituiram-se as ovações calidas, purpureas, pelos applausos frios, desbotados. Os cantores, por melhores gargantas que tenham, já não podem dispensar o auxilio d'esse personagem grotesco, que põe nariz postiço para se emboscar por detraz das columnas das gazetas — o réclamo.

Où sont les neiges d'antan?

O antigo S. Carlos, onde os cantores vinham receber como que a investidura d'uma fama universal, entrou nos dominios poeticos da tradição e da lenda. A maioria dos velhos amadores, dos que faziam e desfaziam reputações lyricas, ha muito que dialoga com os

guzanos dos cemiterios. E os praxistas do velho ritual do dilettantismo que ainda ficaram, e podem resistir ao arrastamento ambiente, á influencia daninha da moderna banalidade indigena, admiram, boquiabertos, a invasão tumultuaria do caixeirismo e do *snobismo* triumphantes, como os mussulmanos olham, compungitivamente, para os infieis que ousam conspurcar com seus sapatos reféces o sagrado mosaico das mesquitas.

XXXIV

Algumas figuras populares

Em fins do seculo XVIII houve dois sujeitorios muito conhecidos nas ruas de Lisboa: o João *Burro*, e o *Almeirão Fresquinho*.

Ambos entraram n'uma tourada como curiosos, e ambos fizeram uma figura desgraçadissima. *Os Toiros*, poema heroe-comico de Antonio Joaquim de Carvalho cuja primeira edição data de 1796, falla d'esses dois typos populares.

João *Burro* era um mendigo que entretinha o povo, imitando as vozes de muitos animaes. O *Almeirão Fresquinho* era um hervanario pobre, velho e côxo, que apregoava pelas ruas, em tom de cantilena: *Ora o almeirão fresquinho!*

*

* *

O Anão dos assobios era um homem grosso, baixissimo, um caçapo. Usava sobrecasaca de briche e chapeu redondo. Em 1830 já tinha para mais de quarenta annos. Mettia os dedos na bocca e tirava uns assobios agudissimos, pelo que podemos consideral o o predecessor dos maniflautistas modernos. Morreu no hospi-

tal de S. José, e o seu esqueleto está guardado no museu d'anatomia pathologica da Escola Medica.

*
* *

O Peixe Frito, um pobre diabo que esmolava á porta da egreja de S. José (na rua de S. José), e que vagueava pelos sitios do Salitre e de Valle de Pereiro, viveu no tempo de D. Miguel. Apanhava gebadas da garotagem, a qual o fazia andar n'um corrupio. O maior insulto que lhe podiam dirigir era o chamarem-lhe o *Peixe Frito*. Punha-se de má catadura, severisava o aspeito, e gritava: — Fóra malhado! Pedreiro livre! Jacobino! — Eram favas contadas.

Uma vez, José Maria Christiano perguntou-lhe qual a razão porque se indignava tanto, quando lhe chamavam o *Peixe Frito*. Pegou de parafusar com a idéa, tira que tira, e acabou por responder que tambem não sabia.

Pela mesma epocha andava por ahi uma pobre pedinte, que dava por paus e por pedras, quando lhe chamavam *a velha do passarinho do atirador*.

*
* *

Em tempo da regencia do principe D. João (depois D. João VI) houve um official de marinha appellidado o *Pilatos*, muito conhecido como um chanceiro com o séstro das *partidas* graciosas, como um galhofeiro amador dos calembures e triquestroques, como um original cheio de ligeirices, maganices e verduras de rapaz traquinas — um bijù de trocista.

O Pilatos fazia serviço no Paço, ao que parece, ou, pelo menos, tinha uma tal ou qual familiaridade com o Regente.

Certo dia, chegou a palacio, e entregou um memorial ao principe.

Este passou immediatamente a lêl-o, na espectativa d'encontrar algum pedido vulgar, mas tal foi seu espanto que exclamou: — *O' Pilatos*, pois tu desejas isto?!

E o *Pilatos* fazia ouvidos de mercador.

— *Ó Pilatos*, pois tu realmente desejas isto? repetiu D. João.

— Vossa Alteza bem vê...

— E tua mulher, torna o principe, tambem assigna o memorial?

— Vossa Alteza bem vê que a assignatura lá está...

O principe riu a bom rir com o pedido originalissimo, mas entendeu de bom aviso não o sanccionar com a sua auctorisação. *O Pilatos* impetrava permissão do Regente para ser... castrado!

N'aquella epocha era uso vir a tumba da Misericordia, noite fechada, afim de recolher os mortos, cujas familias não possuiam meios de custear os funeraes. Uma vez, quando a tumba descia á cidade baixa, *o Pilatos* fez-se encontradiço com ella, e pediu aos gatos-pingados que, a troco de uma de doze (240 réis), o deixassem occupar o logar d'um morto, porque desejava pregar uma pirraça ás collarejas da praça da Figueira, por onde a sinistra traquitana passava.

Favorecido pela escuridão, porque as ruas eram pessimamente illuminadas a azeite, e persuadindo os

que aquillo era coisa de nónada, brincadeira sem consequencias, lá conseguiu deitar-se na tumba, com pleno assenso dos conductores. Hirto, de mãos sobre o peito e dedos enclavinhados, ficou como se estivera morto. O calhambeque desceu ao Rocio, e d'ahi seguiu rua do Amparo em fóra. Então, as vendedeiras da praça estendiam os logares de venda até ao meio da rua, como acontecia na Ribeira-Velha.

A' maneira que ia passando perto d'ellas, o *Pilatos* lançava, a cada triquete, um grito agudo de dentro da tumba, ou cascalhava uns frouxos de tosse esgana. As vendedeiras, atemorisadas, não se mantiveram a pé quedo, e deitaram successivamente a correr, abriram os diques á represa das exclamações terroristas, suppondo que ia alli uma alma do outro mundo!

O caso produziu grande alvoroto entre a regatia do mercado, e o bom do *Pilatos* poz-se a escápe, e riu a bom rir do susto que mettera ás collarejas.

O *Pilatos* tornou-se suspeito em 1828, não só por se fingir realista e affecto ao throno, conforme dizia o Corregedor do Crime do Bairro d'Andaluz, mas por ser de comportamento escandaloso. [1]

* * *

O *Papa-Fina*, typo de 1826, trajava calças de ganga e casaca. Tinha uma phrase com que rematava tudo: — *Sem amor não se póde viver*. Esteve preso por ter offerecido um ramo de flôres á Infanta D. Izabel Maria, então Regente, dizendo-lhe ao fazer a offerta: — *Sem amor não se póde viver*.

---

[1] *Correspondencias*, etc. Maço 24.

*

* *

O pasteleiro do Rato foi uma notabilidade d'este local em 1840 e tantos. A' sua reposteria succedeu a da rua da Rosa, muito conhecida por umas cortininhas que tinha na porta, e, depois, o pasteleiro de Belem.[1] Ainda no sitio do Rato viveu, por alguns annos, um velho, que fôra copeiro do marquez de Vianna, e que fabricava primorosamente o dôce d'ovos.

*

* *

Raphael Abrantes Machado, o *Coxo de S. Sebastião da Pedreira*, farpeador de touros na praça do Salitre, tambem foi typo popular em tempos de D. Miguel. Apparece muito nas *noticias* ou programmas das touradas da epocha.

*

* *

Vieira d'Azevedo, o *morgado das Cebolas*. Tinha esta alcunha, porque, havendo ido picar n'uma corrida de touros (na sua qualidade d'amador tauromachico), sahiu-lhe a porca mal capada. Perdeu os estribos, e o cavallo chegou a perder o selim. Os amigos, enthusiasmados, atiraram-lhe com cebolas. D'ahi lhe ficou o *sobriquet*. Na sua mocidade foi um namorador de truz. Julio Machado esboçou-o na *Lisboa de Hontem*. O *morgado das Cebolas* cumpria, observantissimamente, o culto do *flirt*, o que nós chamaremos — a licção que as mulheres tomam com floretes *mouchetés* antes d'irem a terreno para esgrimir com floretes sem botões.

Morreu pobremente em 1872 ou 1873. Ultimamente

---

[1] Já em 1817 havia um pasteleiro na rua da Rosa. (*Avisos*, etc. Maço 32.)

era procurador, e, no conceito de pessoa que o conhecia de perto, muito honrado.

*

* *

O côxo do Terreiro do Paço, que estacionava á porta da Aula do Commercio, era um receptador de roubos muito conhecido até da propria policia. Perpetravam-se frequentes roubos, principalmente de lenços, porque a isso se prestavam muito as algibeiras que se usavam por fóra das abas das sobrecasacas. Depois é que vieram as algibeiras *furtadas*, o que difficultou esses exercicios recreativos das unhas farpantes dos bandurrilhas baldeiros.

*

* *

O Luiz das Neves [1] era um d'esses moços de recados ou, antes, um d'esses corretores dos amores faceis que andavam pelas portas do Marrare de Polimento e do Marrare do Arco do Bandeira. Fôra moço de meza no caffé da Arcada, antes d'existir o caffé Martinho. Tinha uma irmã que manteve um alcouce no Arco do Bandeira.

Luiz das Neves e o *Pinoia* foram accusados d'exercer esse officio ignobil em 1829. O primeiro angariava clientes na loja de bebidas do Nicola, e o segundo no Marrare. [2]

*

* *

O *Francisquinho dá cá...* foi distribuidor do *Gratis* e do *Periodico dos Pobres de Lisboa*. Todos os gaiatos e caixeiros de lojas contendiam com elle. O pobre homem dava uma sorte tremenda. *Le pauvre homme!*

---

[1] A elle se refere Luiz Palmeirim nos *Excentricos do meu tempo*.
[2] *Correspondencias*, etc. Maço 139.

*
* *

José Militão. Ahi temos um excentrico, ou antes, um maniaco. Frequentava amendadamente a casa do conde de Redinha. Andava sempre com muitas condecorações por debaixo da sobrecasaca, que de vez em quando desabotoava, afim de mostrar os crachás, *os ovos fritos*. Era mui querido dos fidalgos *vieille roche*.

*
* *

O capitão Prego era um exquisitorio, enfronhado n'uma casaca azul com botões amarellos, um pateta cuja maluqueira lhe dava para andar constantemente de bilhinha na mão, e para se fazer seguir d'uma cadella de grandes têtas, que elle teimava e reteimava estar sempre no estado de prenhez. Um completo *maduro!*

*
* *

N'esta revista *à vol d'oiseau* não destôa a figura typica do preto *Assembléa*. Quem é que o não conhecia ha cincoenta annos? Marchava, aprumado, á frente das bandas regimentaes, quer fossem para formatura em parada, quer fossem render a guarda do Terreiro do Paço. Ia manejando um pau, que tinha um crivo de regador espetado n'uma das extremidades. Com esse pau executava todas as evoluções que um tambor-mór executa com o bastão.

O Assembléa não se importava d'apanhar bofetões a troco d'uma moeda de dez réis. Punha-se firme, as pernas escachadas como as d'um A, intumescia as bochechas, e, toma! chuchava o seu sopapo, como quem recebe um *chócho* dado por labios vermelhos como ce-

rejas bicaes e cantantes como um tentilhão entre as balsas.

*

* *

O cambista Manuel Luiz, por alcunha o *Pão quente*, principiára em 1832, por uma pequena taberna na rua do Amparo, onde vendia pães quentes. D'ahi lhe veiu o appellido Estabeleceu-se depois com loja de cambios e cautellas no Rocio. Elle e o Campião gozavam da fama de primeiros cambistas.

A voz roufenha dos cautelleiros ouvia-se, até altas horas, cantando o estribilho:

Quem as quer do Pão quente,
Que faz feliz muita gente.

E as notas veladas d'essa voz subiam até aos echos da Baixa, que as repetiam em surdina.

O *São quente* costumava ficar sempre com um camarote de 1.ª ordem aos actores que realisavam beneficio. Falleceu em 1857, deixando uma filha casada, que ainda vive.

Poucos dias depois do seu passamento expirava o celebre José Osti, uma notabilidade pyrotechnica, fundador do Jardim Mythologico, ao Calvario, da Floresta Egypcia, ao Collegio dos Nobres, no jardim da casa hoje pertencente á familia Vaz Monteiro, e primeiro fabricante, em Portugal, dos chamados lumes promptos ou phosphoros de cera, a invenção de Preshel.

*

* *

José das Aranhas, o rei dos taberneiros, tinha o estabelecimento no caes do Tojo.

Era um typo que o pincel genial de Rembrandt — esse pincel em que parecia palpitar uma alma, como a que suppunham encerrada no violino de Cremona, do conto de Hoffmann — escolheria para modelo do seu quadro de costumes. Baixo, reforçado, physionomia resplandecente de satisfação e de saude, o seu barrete na cabeça, um pouco inclinado sobre a nuca, mãos nas algibeiras durante as horas do descanço, sujo como aquelles gnomos inventados por Goya, servia os freguezes sempre em mangas de camisa arregaçadas.

Esse taberneiro, cujo renome enchia Lisboa, era um original.

No seu estabelecimento não havia cadeiras nem bancos, apenas as pipas enfileiradas, graves e bojudas, contendo no ventre o precioso licor.

Não se admittiam os *emprasadores*, era beber, pagar e andar. Coisa notavel! Nos dias de maior concorrencia como: Entrudo, Paschoa, S. Martinho, Santos, Natal, era exactamente quando elle fechava o estabelecimento, e gastava o dia passeando magestoso deante da porta. Ninguem seria capaz de lhe apanhar meio quartilho do seu bello Cartaxo.

Os amadores iam procurar o José das Aranhas á sua tabernoria, immersa n'uma penumbra crepuscular, com os vidros embaciados, o balcão sebento, e os tectos decorados pelos mais preciosos tecidos, feitos por... centenas d'aranhas.

*

* *

Um vendedor de cautellas muito celebre era o *Uma Joia*. Andava de ferragoulo ou gabinardo de panno de varas castanho, barrete preto e de pés ao léo. Singularisava-se pelo pregão: *Quem quer uma joia! Quem quer uma joia!*

Economico, a raiar com a miseria, conseguiu arranjar seu pé de meia, com que não só mandou fundir um sino para a egreja da sua terra, na provincia do Minho, mas tomou parte n'uma peregrinação a Roma no tempo do papa Pio IX.

Gozou fama de ricaço, de ter muita chelpa ao canto da arca, mas era maior o arruido que as nozes.

*

* *

O *Gaspar da viola* foi o mais conhecido dos derradeiros typos das ruas lisbonenses, foi o ultimo abencerrage, o ultimo representante da vagabundagem trovista.

Magro, de cara angulosa e fria, bocca descahida no vertice dos labios, barba um tudo-nada crescida, cabello intonso, de fraque velho, chapeu molle, butes cahoticos, bengala grossa — um cipó a que se arrimava, — e a viola do officio a tiracollo, tal era o cantarino Gaspar — uma figura merecedora do buril satyrico de Callot, um typo digno de ser passado ao fio do lapis philosophico de Gavarni, contornado pelo *crayon* dicaz de Grandville na *Caricature*, ou daguerreotypado pela penna azougada de Paulo de Kock n'algum dos seus livros reinadios, galhofeiros.

Viveu ao Deus dará, aos empuxões da sorte varia.

Acompanhava-se d'uma pobre mulher e d'uma pequenita, filha d'elle, com as quaes andava, ordinariamente, a ferro e fogo. Calcurreava por essas ruas fóra — pintasilgo sem azas —, curtindo as sólheiras estivaes e as invernias agrestes. Passava, erguia em redor, para as janellas, os olhos tristes e o sorriso pallido, deixando entrever a dentuça ferruginosa, e, a seguir, atacava as notas plangentes d'algum trecho da *Norma*, da *Lucia*, do *Trovador*, da *Traviata*. E lá se

nos despertavam lembranças d'operas, em que, segundo a praxe, o barytono é enganado pelo tenor, que nos apparece de largo collarinho de rendas alvejantes, corpete de velludilho, capa de volta, e a *sinistra* descançando na cruz do estoque . .

Outras vezes dedilhava aquellas toadas alegres, que constituiam o seu prato de resistencia... musical:

Não ti esqueças de mim que ti adoro...

ou

Sulipanta
La Sulipanta,
Mariquinhas hoje apanhou,
Seu pae,
Seu pae,
A' janella a encontrou...

quando não vinha de lá alguma quadrinha com resaibo popular:

A's ondas di o teu cabello
Atirei me eu a afogar,
Ai! Para que o mundo saiba
Que não ha só ondas no mar.

A's vezes — raras — deitava cá para fóra uma cantiga provinciana, d'aquellas cantigas que se ouvem nos descantes das romarias, emquanto bois ruminam a *palha-milha*, os cangirões do *verde* correm de mão em mão, as palmadas das bailarinas estalam como matracas, e os assobios de requintas e flautins penetram nos ouvidos como agulhas de bico muito aguçado.

O *Gaspar*, quando cantarolava, fazia esgares, esticava a pescoceira inchada pelos *rinforzando* epilepticos, o semblante tomava-lhe uma expressão de sentimentalidade patusca, e nos olhos, postos em alvo, parecia fluctuar o vago do sonho, uma visão longiqua, como se fôra em olhos de ruminante. Ora abemolava a voz, ora a arrastava lacrimosa, quebrada na laryn-

ge, ora destampava nas *fiorituri* phantasticas, nas roladas de notas... falsas, nas volatas, nos trilos, em todos esses kikirikis, esses artificios glotticos que constituem a musica de difficuldades. Começava em falsête, e, mal nos precatavamos, subia á montanha russa d'uma transição a pique, para cahir, inopinadamente, na voz soturna, grave, de basso profundo.

Quando no auditorio se encontravam meninas finas, o bom do Gaspar aproveitava a occasião, e, perante aquellas louras ou azevichadas tranças, pespegava uma parlenda moralista na filha, aconselhando-a a imitar as boas maneiras, o *proposito* d'aquellas meninas. Passar sem a prégação?... Isso estava-se nas tintas...

Nos intervallos da cantoria entrava na primeira tasca que encontrava para chuchurrear o seu copazio de vinho ou o seu calice de *cambrainha*.

O abuso do alcool deu-lhe cabo dos pulmões, e o pobre Gaspar morreu em 1882 no hospital de S. José.

Foram-se os deuses... e os cantadores da rua! Esses menestreis, vagabundos como os *aedos* da antiga Grecia, sobredouravam-se d'uns restos da tradição bohemia, adoidada, meridional dos quatro costados. Mas as cantigas populares, rescendentes aos aromas campesinos, o *fado*, em que ha a cadencia embaladora das melopêas arabes, vão cedendo logar ás canções espurias, inspiradas n'ess'outras canções *boulevardeiras* de que Xanrof é o poeta official, e Judic e Ivette Guilbert são as cantoras diplomadas: Judic que é a canção da Primavera azul e dos beijos embriagadores, a canção que molha os labios coralinos no Champagne loiro; e Ivette Guilbert — a boneca de grandes luvas negras — qne é a canção dolente, elegiaca, a canção dos Invernos musgosos e dos suspiros melancholicos, a canção que humedece os labios descorados no absin-

tho das lagrimas, a canção que vae pedir suas hallucinações á morphina e ao haschich, ao chloral e ao opio...

*

* *

O José das Pinguinhas, um borrachão de se lhe tirar o chapéo, foi um typo que chegou até nós. *In illo tempore* batoteou á grande no *monte*, no *pacau*, no *ganiso*, no *liques*.

Ha annos, n'uma occasião em que a policia deu rusga ás casas de jogo, publicou-se um folheto em verso, *Albano ou a perseguição das batotas*, devido á penna de A. Caprestani (pseudonymo que encobria o verdadeiro nome d'um espirituoso escriptor), folheto que rematava assim:

E a prophetica voz do José das Pinguinhas
Diz «ai de Jerusalem», digo das batotinhas.

Tornando-se lamécha, o nosso amigo dos mangericões foi *amant de coeur* da filha da Luiza do Frade, a Henriqueta, uma rapariga linda como um cravo, acirrante nos seus adornos meretricios, uma peccadora que andava na berra, como diz o povo, uma pequerrucha que enfileirava ao lado das Sete Irmãs da rua dos Douradores, da Margarida de Vizeu, da Luiza Phenix, da Belga, e da Amalia Bexigosa, saloia de Mafra que se tornou uma senhoraça retrincada. Raptou-a ao espirituoso D. T. de M., que então a protegia.

Comme la plume au vent
Femme est volage!

O José das Pinguinhas foi uma individualidade marcante no Penim, no Barracão, no Baldanza, no Peixe Assado, no Magina, no Pessoa do largo de Santa Justa,

no José Romão, no Taboas, no João do Grão, no armazem das iscas da rua do Arsenal, em todas as bodegas famosas. Engulipou em todas as tascas, beberricou em todas as baiucas: das Covas de Salamanca á Cova Funda, do Quintão ao José das Aranhas, do Pinto Cambalhota á Padeira da praça d'Alegria, da Tia Roza ao Santareno, do Cesteiro da travessa da Palha á *Ginginha* do largo de S. Domingos, do caffé do Refilão ao botequim do Contente.

Foi Amphytrião em regalorios dythirambicos, em brodios de chanfana e carrascão, a horas mortas, quando a lua ia alta, e os *escrivães da penna grande* entravam em suas funcções laboriosas...

Andou n'uma roda viva da Perna de Pau para a quinta do Papagaio, do Arieiro para o José dos Caracoes.

Apreciava esses quadros maneirinhos das hortas nos arredores saloios de Lisboa, esses quadritos entallados na moldura dos suburbios, quadritos em *verde maior,* onde a agua regadia corre em borbotões por quelhas e corrêgos, a aragem vem cheia dos aromas da hortelã, do tomilho, da pimpinella, os grillos, confundindo-se com as amoras, alegram os silvados com os seus cricris, os gallos cucuritam ao sol, e a grande roda preguiçosa dos alcatruzes chia na nora, emquanto as moças arremangadas preparam a alface no alguidar vidrado, e fregem as pescadinhas marmotas, o carapau gordo, a sardinha côr da prata fusca, as postas de savel e de peixe espada.

O noctivago que, fóra de horas, recolhia aos penates, adregava topar o *José das Pinguinhas,* d'olhos piscos, cheirando a raposinho e a piteira, dando guinadas, fazendo tem-tem, movimentos centripetos, ora falando á esconsa, ora bolsando ronquidos onamatopaicos, exclamações muito pobres d'euphonia, mas muito ricas em *rr.*

*
* *

O mudo d'Alcantara, outra figura que levou sumiço, era um latagão de torso poderoso, arcaboiço bovino, pernilongo, carão talhado como uma carranca decorativa, dentes grandes e amarellos como um jogo de dominó de botequim, mandibulas de gorilha, pulso d'uma canna, manapulas avantajadas. Possuia a força athletica d'um gigante do biceps. Apontava uma boa verba de valentias no seu activo de luctador.

Musculoso, apparatoso, bestial, fazia lembrar um heroe da *Illiada*, um grandalhão dos tempos barbaros.

Acceitou varios desafios com gymnastas luctadores que estiveram aqui, no circo do Price e no antigo Colyseu dos Recreios. Quando entrava n'estes prelios em publico punha-se a gosto — pantalonas anchissimas e *blouse* de zuarte. Alojava os enormes pés de machacaz n'uns sapatões, que fariam o desespero do Dr. Garré — o inventor da *scarpologia*.

Agora, inutilisado, arrasta os ultimos dias de vida no Asylo dos Invalidos do Trabalho.

*
* *

A preta *Cartuxa*, famigerada intervalleira nas touradas do Campo de Sant'Anna, referteira levada da pelle do diabo, uma *péga* que desembestava o venabulo da insolencia bordalenga com o rompante pimpão d'um chulo, uma catraia que deitava a barra adeante a todas as safadonas cochinas da rua do Capellão, uma megera que, com um vergueiro nas unhas, tinha alma para cascar, alto e malo, em toda a roda fadista da Mouraria.

Quando na vespera da corrida percorria as ruas, im-

perialmente descarada, refestelando-se na tepidez molle dos almadráques da tipoia, que era seguida pelas charamelas annunciadoras, muitos olhos se iam na cabeça anthropophagica da estabanada *Cartuxa*, muitas picuinhas se jogavam aos seus peitos convexos como dois escudos, ás suas faces luzidias como um cobre polido de fresco, á sua beiçana almagrada como um *beefsteak* crú, ao seu remirar d'esconso, ao riso cynico que lhe distendia os labios n'um arco purpureo, á sua carapinha d'ebano, que nada devia á chymica culposa dos perfumistas, aos pivêtes almiscarados dos droguistas, nem á arte capillar da Camilla e do Godefroy.

*

* *

Ainda nos ficam no tinteiro outros *macacões* de bom gosto. Afóra os typos enumerados outros houve, que appareceram boiando á tona d'esta agua-estofa da vida lisboeta como as alforrecas boiam, brandas, gelatinosas, á flor do mar. Mas por aqui nos fechamos.

FIM

INDICE

PAG.

PALAVRAS EXPLICATIVAS

I — D. João de Menezes 1
II — José Vaz de Carvalho 13
III — A musa do fado 19
IV — Duarte de Sá 25
V — Uma cortezã celebre 30
VI — A Letroublon 39
VII — O avô dos janotas 46
VIII — A Zamacois 50
IX — Dois jornalistas 53
X — O «cavalheiro» da Gama Machado 60
XI — O barão de Catanea 68
XII — O actor Santos 72
XIII — A sociedade de 1840 79
XIV — As festas do Farrobo 85
XV — Os bailes dos marquezes de Vianna 118
XVI — As festas do conde de Carvalhal 129
XVII — Os bailes dos condes de Penafiel 136
XVIII — Na Côrte de D. Pedro V 143
XIX — As touradas de fidalgos 149
XX — O Vimioso e a Severa 155
XXI — O carnaval d'outros tempos 161
XXII — O velho Gymnasio 166
XXIII — Um Caricaturista em 1813 178
XXIV — No palacio do Manteigueiro 180
XXV — Corridas e batidas 191
XXVI — Um episodio de comedia 200
XXVII — O homem das botas. — Mulheres homens 206
XXVIII — A artilheria dos francezes 211
XXIX — Um episodio da vida de Garrett 214
XXX — Um episodio da mocidade d'Antonio da Cunha 218
XXXI — Uma replica de Garrett 221
XXXII — Garrochões e bandarilhas 223
XXXIII — Por S. Carlos (notas a esmo) 240
XXXIV — Algumas figuras populares 315

Um engano de revisão fez com que em pag. 232, linha 23, sahisse 1808 em vez de 1818.

DP
756
G8
v.1

Guedes Pinto de Carvalho,
José
Lisboa d'outros tempos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 08 14 002 7